

MARIA LUCIANA BRANDÃO SILVA

UMA PEDAGOGIA DA EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO
BORDADA NAS TROCAS

Associação de Mulheres do Bairro Bethânia
Ipatinga, MG

BELO HORIZONTE - MG

2010

Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação
Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial
para obtenção do título de doutor em Educação

Área de Concentração:

Orientadora: Dr^a. Inês Assunção de Castro Teixeira.

FAE - UFMG

Inês Teixeira - FAE/UFMG - Orientadora

Marília Pinto Carvalho – USP – Membro Externo à UFMG

Magda Neves – PUC-MG – Departamento de Sociologia – Membro Externo à UFMG

Marlise Miriam de Matos Almeida – FAFICH-UFMG – Departamento de Ciências

Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti - FAE-UFMG - Membro Interno à UFMG

Maria Elizabeth Marques – PU-MG – Departamento de Sociologia -

Marlucy Paraíso – FAE-UFMG

Belo Horizonte, 24 de maio de 2010

*Às Mulheres de Ipatinga que me permitiram
reconstituir as suas histórias construídas,
forjadas, bordadas nas experiências vividas.*

AGRADECIMENTOS

- ✓ À professora Inês Teixeira que aceitou orientar minha pesquisa, acolhendo-me no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Minha gratidão pela paciência, compreensão e irrestrita solidariedade no processo de apropriação e produção de conhecimentos referentes a esta pesquisa.

- ✓ À professora Nilma Gomes, parecerista e avaliadora da banca de qualificação a minha gratidão pelas importantes sugestões e questões acerca da pesquisa em processo de gestação e em seu desenvolvimento.

- ✓ Às professoras Marília Pinto Carvalho e Marlise Miriam de Matos Almeida, por aceitarem participar do processo de apreciação e avaliação deste trabalho tanto no momento de qualificação com suas importantes contribuições, como no processo final de avaliação.

- ✓ Às professoras Magda Neves, Marlucy Paraíso, Maria Amélia Gomes de Castro Giovanetti e Maria Elizabeth Marques por participarem do processo final de avaliação desse trabalho acadêmico.

- ✓ À Maria Ribeiro dos Santos pela disponibilidade, paciência e dedicação na correção e preparação do formato final dessa produção.

- ✓ À Rose e Daniele, secretárias do Programa de Pós-Graduação, pela atenção e simpatia sempre presentes nas minhas várias solicitações e dúvidas.

- ✓ Ao UNILESTEMG que, na figura do reitor Genésio Zeferino Silva, me apoiou concedendo-me licença nos últimos meses que antecedeu a defesa. Em especial, minha gratidão a Pró-reitora Ana Marta Inez Sousa que, com tanta sensibilidade acolheu meu pedido de afastamento para a conclusão dessa produção.
- ✓ Aos amigos e coordenadores e professores, Mauro Machado, Tereza Cristina e Maria Aparecida Assis pelo esforço em me auxiliar principalmente, nesses últimos meses para que eu tivesse todas as condições necessárias na produção final do trabalho.
- ✓ A todos os professores e professoras, amigos/as e companheiro/as do UNILESTEMG, que não quero citá-los para não cometer o crime de esquecer o nome de um/a sequer. Solidários/as e companheiros/as na torcida dessa empreitada, o meu fraterno abraço.
- ✓ Ao meu querido amigo Luiz Antonio Silva companheiro de tantas horas, solidário, atento e sensível às minhas questões, indagações, que sempre se fez presente e tanto me ajudou, especialmente e nesse percurso de quatro anos.
- ✓ Ao apoio constante e permanente de Renato Lacerda, Gilce Quintão, Marlene Araújo, Marilene Tuler, Márcia Amorim, Consolação Brito, Lúcia cambraia, Jonny Porto, Hiltomar Jr, Rosimar Silva e Angélica Campelli pela solidariedade, por sempre me socorrerem com seu auxílio amigo quanto aos livros, documentos e tantos outros materiais necessários ao desenvolvimento da pesquisa e à produção escrita.
- ✓ À Lúcia Garcia, amiga, que se fez *assistente de pesquisa* e com tanta disponibilidade me auxiliou de forma decisiva na formatação da produção escrita..
- ✓ Às mulheres, *informantes privilegiadas*, que tanto me auxiliaram na reconstituição da bonita trajetória dessas mulheres de Ipatinga, ao longo das

décadas e que ao fazê-lo, evidenciaram quão bonitas são também suas histórias e participações nesse percurso.

- ✓ Às Mulheres da Associação do Bairro Bethânia que me permitiram, mesmo que por alguns meses, fazer parte da dinâmica e dos momentos dos encontros nas reuniões semanais do grupo e ir mais e mais fundo na investigação realizada, descobrindo que as trocas, os afetos e a permanente formação humana devem sempre se sobrepôr às questões do nosso tempo, que negam o encontro, a partilha, a doação.
- ✓ Aos parentes e amigos que, mais próximos, participaram de todo o processo de pesquisa por esses anos a fio, sempre interessados e mantendo uma constante torcida, não sem uma palavra de apoio.
- ✓ À amiga Inês Teixeira, mestra e companheira querida, que esteve comigo em todos os momentos, pelo seu zelo, suas constantes exigências e cobranças, pelo seu apoio irrestrito nessa difícil travessia do doutorado. As palavras serão sempre poucas para demonstrar todo o meu carinho e apreço. Muito aprendi com você. Aqui também a aprendizagem vivida nessa experiência demonstrou que as trocas e as descobertas ultrapassam o conhecimento acadêmico e se tornam um aprendizado de vida.
- ✓ À Zenilda, minha/ nossa companheira Z, que nos adotou como sua família e, que ao longo de todos esses anos, me permitiu sair e viajar para Belo Horizonte e mesmo, não me preocupar com as questões rotineiras e cotidianas das atividades domésticas, por ter a certeza de que a casa e os filhos estavam muito bem guardados.
- ✓ Finalmente a vocês, Sergio, Michelle e Pedro Henrique. Nada poderia ser realizado ao longo desses anos, se não fosse o amor, o carinho e o apoio incondicional de vocês, que sabem melhor do que ninguém, o que é ter alguém ausente, mesmo estando presente. Amo vocês.

“Eu falo do grupo dessa forma, falando da minha vida”

Fala de uma das integrantes dos Grupos de Mulheres de Ipatinga

*“Trata-se no fundo de misturas. Misturam-se as almas nas coisas,
misturam-se as coisas nas almas”*

Marcel Mauss

RESUMO

O estudo reconstitui parte da história dos grupos de mulheres do município de Ipatinga/Minas Gerais, entre a segunda metade da década de 70 (século XX) e os dias atuais. Focaliza, em especial, a Associação de Mulheres do Bairro Bethânia (AMBB), existente há mais de 30 anos, que se reúne semanalmente para a realização de atividades artesanais, sendo o bordado uma de suas marcas identitárias. A investigação buscou compreender a rotina de funcionamento, as formas de participação, as tensões e dificuldades, as relações e os viveres do grupo e das mulheres que o integravam entre 2007 e 2009. Partindo do pressuposto teórico de que a experiência (trans)forma, por ser algo da ordem do vivido e do significado, algo em que o sujeito está envolvido e implicado, o estudo privilegiou a análise das experiências vividas por essas mulheres em sua convivência na AMBB. Entre outras de suas descobertas destaca-se o fato de aqueles momentos de encontro são experiências carregadas de significados, de aprendizados, de sentimentos e afetos, embora variem a amplitude e intensidade dos mesmos entre umas mulheres e outras. O conteúdo e a forma dos processos educativos vivenciados por aquelas mulheres extrapolam os saberes das atividades artesanais desenvolvidas, ampliando-se para as relações que elas estabelecem entre si e com os outros, no grupo e fora dele, forjando novas concepções sobre suas vidas em casa e fora dela, possibilidades vividas de modo não homogêneo pelo conjunto daquelas mulheres. A pesquisa revelou, sobretudo, que na Associação das Mulheres do Bairro Bethânia, por entre fios e panos, as mulheres vão tecendo uma pedagogia do encontro e da troca entre mulheres, inscrita em seus momentos juntas, nos quais está presente a dádiva: do compartilhar o que se sabe e aprender o que não se sabe. Ali estão elas desenhando, costurando, laborando nos encontros, os bordados de suas vidas e histórias de mulheres. Essa pedagogia ali está em várias figurações que possibilitavam não somente o aprendizado das atividades com as mãos, mas os saberes da reinvenção de novas relações e sociabilidades, de novos pensamentos e visões sobre si mesmas, sobre suas vidas em casa, sobre seus viveres no mundo. A pesquisa se desenvolveu nos marcos dos estudos qualitativos, mediante a realização de observação de campo, especialmente as reuniões e atividades da Associação; de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas com as mulheres do grupo e através de levantamento documental complementar.

PALAVRAS-CHAVE: Experiência e processos educativos; Grupos de mulheres, Bordado entre mulheres; Pedagogia do encontro.

ABSTRACT

The study reconstructs part of the history of women's groups in the city Ipatinga/Minas Gerais, between the second half of the 70s (century XX) and the present days. It focuses, in particular, the Association of Women Bethania's Village (AMBB), in existence for over 30 years, which meets weekly for achievement of craft activities, with embroidery of their brand identity. The study aimed to understand the routine of operation, the forms of participation, tensions and difficulties, the relationship and live of the group of women who belonged between 2007 and 2009. Based on the theoretical assumption that experience (trans) form, it experienced something of the order and meaning, something in which the subject is engaged and involved, the study focused on the analysis of the experiences of these women in their coexistence in AMBB. Among other highlights of their findings is the fact that those meetings are charged of experiences and meaning, learning, feelings and emotions, although they change in scope and intensity of them between each one of those women and others. The content and form of educational processes experienced by those women go beyond the knowledge of the craft activities developed, extending for the relations they establish among themselves and with others in the group and outside it, forging new conceptions of their lives at home and outside, chances lived in a non-homogeneous by all those women. The research showed in particular that the Association of the Women of Bethania's Village, between yarn and cloth, women weave pedagogy of the encounter and exchange among women enrolled in their moments together, in whom this is the gift: to share what know and learn what it is not known. There they are drawing, sewing, laboring in the meetings, and the embroidery of their lives and stories of women. The pedagogy that is there in various figurations that enabled not only the learning activities with their hands, but the knowledge of the reinvention of new relations and sociability, new thoughts and views about themselves, about their lives at home, about their lives in the world . The research was developed within the framework of qualitative studies, by conducting observations, especially the meetings and activities of the Association; structured interviews and semi-structured interviews with women in the group and through archival supplement.

KEYWORDS: Experience and education processes; Women's groups, embroidery between women; Pedagogy of the meeting.

RESUMEN

El estudio reconstituye parte de la historia de dos grupos de mujeres del municipio de Ipatinga/Minas Gerais, entre la segunda mitad de la década de 70 (siglo XX) y los días actuales. Focaliza, en especial, la Asociación de Mujeres del Barrio Bethânia (AMBB), existente hace más de 30 años, que se reúne semanalmente para la realización de actividades artesanales, siendo el bordado una de sus marcas identificadoras. La investigación buscó comprender la rutina de funcionamiento, las formas de participación, las tensiones y dificultades, las relaciones y los viveres del grupo y de las mujeres que lo integraban entre 2007 y 2009. Partiendo del presupuesto teórico de que la experiencia cambia, por ser algo del orden de lo vivido y del significado, algo en que el sujeto está involucrado y implicado, el estudio privilegió el análisis de las experiencias vividas por esas mujeres en su convivencia en AMBB. Entre otras de sus descubiertas se destaca el hecho de que aquellos momentos de encuentro son experiencias cargadas de significados, de aprendizajes, de sentimientos y afectos, aunque varíen la amplitud y intensidad de los mismos entre unas u otras. El contenido y la forma de los procesos educativos vividos por aquellas mujeres extrapolan los saberes de las actividades artesanales desarrolladas, ampliándose para las relaciones que ellas establecen entre sí y con los otros, en el grupo y fuera de él, forjando nuevas concepciones acerca de sus vidas en casa y fuera de ella, posibilidades vividas de modo no homogéneo por el conjunto de aquellas mujeres. La pesquisa reveló, sobretudo, que en la Asociación de Mujeres del Bairro Bethânia, por entre hilos y pañuelos, se van tejiendo una pedagogía del encuentro y de cambio entre ellas, inscrita en sus momentos juntas, en los cuales está presente la dádiva: del compartir lo que se sabe y aprender lo que no se sabe. Allí están ellas dibujando, cosiendo, laborando en los encuentros, los bordados de sus vidas e historias de mujeres. La pedagogía allí está en varias figuraciones que posibilitaban no sólo el aprendizaje de las actividades con las manos, pero los saberes de la reinención de nuevas relaciones y sociabilidades, de nuevos pensamientos y visiones acerca de sí mismas, de sus vidas en casa, de sus viveres en el mundo. La pesquisa se desarrolló en los marcos de los estudios cualitativos, mediante la realización de observación de campo, especialmente las reuniones y actividades de la Asociación; de entrevistas estructuradas y seme-estructuradas con las mujeres del grupo y a través de levantamiento documental complementar.

PALABRAS-CLAVE: Experiencia y procesos educativos; Grupos de mujeres, Bordado entre mujeres; Pedagogía del encuentro.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACESITA	Aços Especiais Itabira
ABHO	Associação Brasileira de História Oral
ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação
ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ANPUH	Associação Nacional de História
AMBB	Associação de Mulheres do Bairro Bethânia
APAE	Associação de Pais e Amigos de Excepcionais
ASSAMDICI	Associação de Apoio à Mulher, Dignidade e Cidadania
BID	Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNH	Banco Nacional da Habitação
CEDES	Centro de Estudos Educação & Sociedade
CEF	Caixa Econômica Federal
CEB'S	Comunidades Eclesiais de Base
CEMIG	Companhia Energética de Minas Gerais
CENIBRA	Celulose Nipo-Brasileira S/A
CONCLAT	Conferência Nacional das classes Trabalhadoras
CGT	Confederação Geral dos Trabalhadores
CPC	Conselho Pastoral Comunitário
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DEDEC	Departamento de Desenvolvimento Comunitário
GASP	Grupo de Apoio aos Soropositivos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS	Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
MOBRAL NEM	Movimento Brasileiro de Alfabetização Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher e Gênero
NEIM NEMGE	<u>Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher</u> Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero
NEPEM	Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades
PIC	Programa de Iniciação Científica
PETROBRÁS	Petróleo Brasileiro S/A
PMI	Prefeitura Municipal de Ipatinga
PMT	Prefeitura Municipal de Timóteo
PT	Partido dos Trabalhadores
SBS	Sociedade Brasileira de Sociologia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMPI	Universidade de Campinas
UNILESTEMG	Universidade do Leste de Minas Gerais
USIMINAS	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S/A
USP	Universidade de São Paulo
RAIS	Relação Anual de Informações Sociais
RMVA	Região Metropolitana do Vale do Aço

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 2 - PUXANDO O FIO: O PROBLEMA, REFERENCIAIS TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS	26
2.1 Problema e pressupostos da investigação	26
2.2 Experiências e processos educativos: algumas considerações teóricas	30
2.3 Localizando a investigação: a História das Mulheres	39
2.4 Caminhos metodológicos	59
CAPÍTULO 3: MULHERES DE IPATINGA: CLUBES, GRUPOS, MOVIMENTOS	69
3.1 Ipatinga: o cenário	69
70	
3.2 Grupos de Mulheres: gênese e crescimento	77
3.3 A institucionalização: Conselho e Movimento de Mulheres	96
3.4 Os Grupos no Movimento: diferentes histórias e um fio condutor	109
CAPÍTULO 4: A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DO BAIRRO BETHÂNIA: UMA HISTÓRIA DE MULHERES	115
4.1 Bethânia: um bairro com um nome de mulher	115
4.2 Das ruínas da sede da velha fazenda à construção do bairro	119
4.3 Da <i>cabaninha de madeira</i> ao salão paroquial: uma história bordada a várias mãos	127
4.4 As protagonistas no presente: mulheres da AMBB	132
CAPÍTULO 5: ENLACES DO ENCONTRO E DAS TROCAS: A ROTINA, OS RITUAIS, O BORDADO	151
5.1 A rotina, os rituais e as atividades semanais	151
5.2 As interações no grupo: ditos, não ditos, trocas	158
5.3 Fios e bordados das relações: diferenças, silêncios e tensões	158

CAPÍTULO 6: UMA PEDAGOGIA DA EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO DE	196
MULHERES	
6.1 As figurações do encontro	196
6.2 Entrelinhas, pontos e vidas: o bordado	201
6.3 Na experiência do encontro os processos educativos	211
CONSIDERAÇÕES FINAIS	235
REFERÊNCIAS	239
ANEXOS	

1 - INTRODUÇÃO

Esta pesquisa origina-se dos primeiros contatos com representantes dos Grupos de Mulheres de Ipatinga ocorridos entre os anos de 2004 e 2005, quando orientei o trabalho intitulado “Música, representações e construção de identidades femininas: experiências no Movimento de Mulheres de Ipatinga MG¹.” Nesse período, aproximei-me durante uma reunião mensal da Prefeitura Municipal de Ipatinga (PMI) das representantes do grupo e das assistentes sociais. Posteriormente, realizei entrevistas com quatro delas.²

Durante a realização do referido trabalho, apesar de seu pequeno porte, chamaram-me a atenção, os relatos recorrentes da importância atribuída, por algumas mulheres, às experiências coletivas compartilhadas entre elas. Ao se pronunciarem, elas se reportavam às mudanças consideradas significativas em suas vidas, decorrentes da participação delas nos grupos de mulheres que freqüentavam. É o que revela uma das mulheres participantes do Movimento:³

Quando eu comecei no movimento, eu nem sabia o que era, nem sabia o que era grupo de mulheres. Eu tinha uma vida isolada. Hoje eu trago isso para o Movimento. [...] Eu falo do Movimento dessa forma, falando da minha vida e o que me levou para ele. (Informação verbal)⁴

Nas entrevistas realizadas com as mulheres, em diferentes momentos, afirmaram, por exemplo, que as relações estabelecidas entre elas e seus companheiros, seus filhos, outras colegas, parentes, enfim, pessoas de seu convívio mais próximo tiveram mudanças a partir dos encontros. Revelaram, ainda, experimentarem um processo de (re)significação de concepções e valores, alguns até então considerados por elas como verdades únicas, inquestionáveis, portanto, imutáveis.

¹ Refiro-me ao trabalho que orientei como professora da graduação, de uma aluna bolsista do Programa de Iniciação Científica (PIC) do Centro Universitário de Minas Gerais – UNILESTE/MG no período citado. A pesquisa investigou as representações presentes na Música Popular Brasileira e o grau de correspondência de um grupo de mulheres pertencentes ao Movimento de Mulheres de Ipatinga/MG.

² O município de Ipatinga situa-se ao leste do estado de Minas Gerais na região conhecida como Vale do Aço, por abrigar várias siderúrgicas. Trata-se de uma cidade de porte médio, com aproximadamente 212.452 habitantes (dados do IBGE 2000), sendo 18.367 mulheres, e 14.085 homens. O Movimento de Mulheres de Ipatinga a partir de 2005, se tornou uma entidade pública.

³ Das quatro entrevistas realizadas, duas foram acompanhadas de perto por mim. Todos os nomes das mulheres envolvidas tanto no trabalho realizado nesse período de 2004 e 2005 como na pesquisa empírica do doutorado desenvolvida entre os anos de 2006 a 2009 são fictícios. Esse procedimento adotado, comunicado às entrevistadas, teve por objetivo deixá-las à vontade durante as entrevistas realizadas.

⁴ Dado obtido mediante entrevista com Vânia em 07/10/2004

Pude ainda perceber, que, à medida que elas se posicionavam, que esse processo não se fez de um momento para o outro nem tampouco sem conflitos. Ao contrário, esse processo constitui, para elas, um desafio permanente a ser vencido como mostra Vânia:

“Aí ele falou assim. Esse dia ele chegou muito bêbado, eu estava indo para o grupo de mães. Em plena terça feira ele estava bêbado. Era folga dele. “Você vai escolher, porque eu estou vendo que você tá muito atrevidinha, saindo à noite. Eu casei para ter mulher dentro de casa, para me esperar na hora que eu chego, para passar minha camisa e me entregar passadinha na hora que eu vou sair. Foi para isso que eu casei, para ter uma esposa e tem que ser desse jeito. Se não for assim, eu não quero” (Vânia. Entrevista em 07/10/2004)

Em conversas informais com algumas mulheres ouvi também observações e comentários relacionados às experiências vividas nos grupos aos quais pertenciam. Nesses momentos informais, logo as falas não eram gravadas, pude perceber a intensidade de sentimentos decorrentes de suas percepções, em suas fisionomias e no modo de falar. Portanto, compreender a visão diferenciada e mais abrangente do mundo e delas, embora isso por si só represente um ganho inquestionável, pareceu-me significar o início de mudanças mais amplas e profundas que se anunciavam para algumas participantes, como pode ser percebido no relato a seguir:

“[...] tem gente que chega no grupo e não sabe nem pegar na agulha, não sabe nada, ponto cruz ou crochê, acha tudo difícil. Acha que não vai conseguir, mas a gente incentiva. Quem sabe ensina para quem não sabe. É um trabalho solidário, um ensinando o outro, sem ter medo da concorrência, porque tem espaço para todas. A gente fala assim para elas: “Você um dia chegou, agora você vai ser monitora.” Com isso, elas vão fazendo coisas bonitas, descobrindo suas habilidades, começam a gostar do seu trabalho e pensam assim: “Se eu consigo fazer uma coisa tão bonita assim, eu também sou bonita.” Assim elas vão recuperando a autoestima e o amor-próprio, ajudando umas às outras e a si mesmas.” (Cida. Entrevista em 25/10/2004)

Todavia, os relatos gravados ou não reforçavam minha indagação sobre o conteúdo das aprendizagens resultantes das experiências vividas por aquelas mulheres e a abrangência dos processos educativos anunciados. Estariam apenas algumas das participantes dos grupos vivendo um processo de mudanças ou esse processo ocorria com outras, que não estavam ali presentes? A mudança era decorrente da sua

⁵ Para evitar a repetição de informações sobre as entrevistas nas notas de rodapé, como é a norma estabelecida pela ABNT, aqui e nos demais dados coletados via informação verbal (entrevistas, por exemplo), apresentarei os depoimentos, usando letra itálica e aspas, juntamente com os dados da entrevistada.

participação nos grupos? E, para aquelas que percebiam em si mesmas modificações, em que sentido elas poderiam estar interferindo em outros momentos, aspectos e dimensões da suas vidas?

Ressalto, porém, que as interrogações não se restringiam ao conteúdo das aprendizagens provenientes das atividades artesanais que muitas aprenderam naqueles grupos ao longo dos anos. Interessou-me, particularmente, as relações intersubjetivas estabelecidas entre as participantes nesses momentos dos encontros e das atividades coletivas pois, para algumas, a convivência no grupo parece não ter se limitado a saber fazer, mas talvez, a saber melhor viver e se perceber como pessoas, ou melhor, principalmente, como mulheres.

Dito de outro modo, as mudanças apontadas pelas evocações de algumas das integrantes dos grupos de mulheres nesse contato inicial intensificaram minhas indagações, mesmo considerando os diferentes estágios de envolvimento e de participação de cada uma. E, então, para analisar esse suposto processo de mudanças anunciado por algumas integrantes dos diferentes grupos, procurei aproximar-me das mulheres para conhecer suas histórias que, a partir de 2005, também passaram a constituir o *Movimento de Mulheres de Ipatinga*, pois este era o cenário em que essas histórias e as mudanças ocorreram inicialmente.

Com essas interrogações, ingressei no doutorado, no primeiro semestre de 2006, com o objetivo de investigar o significado das experiências coletivas compartilhadas pelas integrantes daqueles grupos; os desdobramentos dessas experiências em relação à realidade ao seu redor, às suas atividades cotidianas, a si mesmas e às suas subjetividades.

Desse modo, nesta pesquisa, tenho por suposto de que as situações e momentos vividos por aquelas mulheres em seus encontros as influenciam em suas concepções e comportamentos. Outra ideia era a de que esses momentos vividos e apropriados, segundo as subjetividades e histórias de vida individuais, propiciaram àquelas mulheres um redimensionamento na forma de conceber as realidades à sua volta e a si mesmas, proporcionando-lhes maior consciência de suas ações, permitindo-lhes, ainda, se perceberem autoras de suas próprias histórias.

A pesquisa diz respeito, portanto, às experiências coletivas vividas e narradas por integrantes dos grupos de mulheres de Ipatinga (MG) tendo por preocupação central verificar como essas experiências se constituíram em processos educativos, desencadeados mediante as diferentes formas e níveis de participação das mulheres nos grupos. Para tanto, analisei as vivências e experiências individuais e coletivas em um desses grupos, a Associação de Mulheres do Bairro Bethânia, bem como seus desdobramentos sobre a vida das participantes, em suas subjetividades e histórias.

Embora aquelas mulheres integrantes dos diferentes grupos existentes no município de Ipatinga não tenham a visibilidade que merecem como autoras de suas próprias histórias construídas coletivamente, elas ganham centralidade, por usá-las como forma de sair da exclusividade do espaço privado e ocupar, sem alardes ou grandes feitos, o seu lugar nas diferentes dimensões da esfera pública.

Assim, para atender meus objetivos, recorri à categoria experiência, utilizada nas perspectivas de Edward Thompson (1981), de W. Benjamin (1994) e J. Larrosa (2004) quanto a seu sentido e conteúdo. Embora vivendo em épocas e contextos diferentes, esses autores, de forma explícita ou implícita, se aproximam entre si, quanto ao entendimento do que atribuem à experiência como expressão do vivido, do encontro, do diálogo, da construção de processos identitários e de subjetivação, além dos aspectos objetivos que as experiências envolvem.

Entendida como processo de (auto)formação e transformação, a experiência pressupõe uma forma específica de ser e estar no mundo, uma postura de abertura e receptividade diante dos acontecimentos vividos. Tomando como premissa idéias apontadas pelos autores supracitados destaco o valor que os momentos *do e para* o encontro representam para as participantes de um dos diversos grupos de mulheres existentes em Ipatinga.

Nessa perspectiva, explorei o significado que as experiências compartilhadas assumem para as participantes das atividades do grupo denominado Associação das Mulheres do Bairro Bethânia no dia a dia de seu funcionamento. Assim, procurei verificar como elas se veem e como elas percebem esse espaço de experiências e trocas

vividas coletivamente. Busquei entender, ainda, o papel do grupo na vida de cada uma das participantes e, ao mesmo tempo, como vivenciam essa experiência, sua inserção, suas marcas, a relação que estabelecem com as demais participantes em suas atividades, práticas e protagonismos no grupo.

Nesse sentido, tomei a experiência sob a perspectiva da vivência de situações significativas que se desdobram em duas dimensões do vivido: Uma dimensão objetiva e outra simbólica. A primeira é vivida por suas participantes, materializa-se no aprendizado de novas técnicas artesanais, na gestão e comercialização do próprio empreendimento. A segunda, a dimensão simbólica, envolve as subjetividades presentes nas concepções, sentimentos e percepções como parte constituinte de cada uma. Essas dimensões do vivido compartilhadas coletivamente em tempos e momentos específicos do grupo, assumem características diversas e singulares na forma como são apropriadas.

Nessa medida, o aprendizado do ofício, a convivência com outras, a escuta, o partilhar da fala e da própria história são ocasiões em que as experiências são educativas em seu sentido mais amplo. Em outros termos, essas aprendizagens mais amplas que envolvem as dimensões objetivas e simbólicas, nomeadas de processos educativos. Consideradas de formas diferenciadas e ao serem apropriadas diversamente por umas e outras mulheres do grupo, as experiências possibilitam, de modo específico, a vivência de processos educativos que, em seus desdobramentos, resultam, dependendo de quem as vivencia, em novas formas delas se compreenderem e ao mundo ao seu redor.

Sendo assim, entendendo a educação numa perspectiva mais ampla envolvendo processos educativos associados à experiência. Para tal, apoiei-me nos postulados presentes em Brandão (1980), Freire (1995), Arroyo (1995, 1998). Esses autores compartilham a idéia de que a educação e os processos educativos são, por sua natureza, exercícios permanentes e contínuos, presentes nas relações que se estabelecem nas práticas sociais e por isso, existem em diversos e múltiplos espaços, além dos escolares.

Com referência às mulheres em estudo, pude observar em várias, os processos educativos inscritos nas experiências coletivas, vivenciadas em seus encontros semanais na Associação das Mulheres do Bairro Bethânia. De uma ou outra forma, com maior ou menor intensidade, mais amplamente ou menos, foi possível ver em andamento entre

elas, um processo de mudanças em relação às formas de conceber a realidade e a si mesmas, fruto das experiências coletivas vividas.

Destaco assim, como aspecto relevante presente na constituição desses processos educativos, a sua dimensão coletiva e individual. Embora as experiências compartilhadas no grupo se manifestem e possam ser percebidas no plano coletivo, elas guardam, ao mesmo tempo, significado coletivo e individual. Entre outras razões, porque a forma como são percebidas e apropriadas por cada participante é também singular.

Como já afirmado, esses processos educativos implicados nas experiências proporcionam a quem os vivencia possibilidades de (auto)formação e transformação com implicações em suas identidades individual e coletiva. Assim, o conhecimento do conteúdo das experiências vividas no interior do grupo investigado permitiu-me identificar os processos educativos e melhor compreender como se apresentam entre suas participantes.

Em resumo, o ingresso nas atividades do grupo por aquelas que dele participam, com frequência e, nele, experienciam momentos de encontro e troca são experiências educativas que se desdobram no cotidiano de suas vidas. Essas experiências e processos educativos são discutidos nesta tese. Assim sendo, após esta introdução, são apresentados os capítulos.

No Capítulo 2. **PUXANDO O FIO: O PROBLEMA, REFERENCIAIS TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS** apresento os principais aspectos referentes às produções historiográficas e as posições teóricas relativas à História das Mulheres e às questões de Gênero. Esses estudos constituíram o ponto de partida para a análise das histórias das mulheres de Ipatinga, narradas aqui. Essas histórias nortearam as opções teórico-conceituais tornando-se referências às discussões posteriores, relativas à análise da pesquisa de campo realizada no grupo investigado. Embora não tenha sido objetivo priorizar os aspectos relativos às relações de gênero, essas se fizeram presentes nos diferentes momentos em que as Mulheres do Bethânia estavam juntas.

Tais relações não circunscritas à relação entre homens e mulheres, as ultrapassam e se fazem presentes em suas falas e seus comportamentos, o impregnados de valores, concepções, padrões e normas que definem entre outras questões, os seus papéis femininos, como atributos naturais e não construções socioculturais. Ainda nesse capítulo, apresento as categorias experiência e processos educativos que sustentam a discussão relativa às aprendizagens imbricados nas experiências do encontro vivenciadas pelas mulheres em questão.

O Capítulo 3 **MULHERES DE IPATINGA: CLUBES, GRUPOS, MOVIMENTOS** trata do cenário histórico-geográfico onde se desenvolvem as histórias das mulheres e o pano de fundo onde se origina: O município de Ipatinga e o início de sua história. Em seguida é apresentada a história das mulheres de Ipatinga a partir de sua constituição institucional: os primeiros grupos de mães surgidos no final dos anos 1970 e início dos anos 1980. Do desdobramento e expansão dos grupos ao longo das décadas surge no ano de 2005, o Movimento de Mulheres de Ipatinga, entidade, que, formalmente, passou a congregar os trinta e sete Grupos de Mulheres existentes, cadastrados na Secretaria de Assistência Social da prefeitura do município.

Vale lembrar aqui, que, a abordagem da história daquelas mulheres, em seus respectivos grupos toma por referência o contexto sócio-histórico e cultural vivido nesse período: a partir do final dos anos 1970 e início dos anos dos anos 1980. Nessa época surgiram os primeiros Clubes de Mães no município. Portanto, focalizo ainda, neste capítulo, a atuação da Igreja e do Poder Público Municipal, uma vez que representaram significativo papel na constituição e configuração dos grupos de mulheres, deixando algumas marcas no perfil e nas características de algumas delas.

Apresento, ainda, a constituição do Conselho Municipal de Mulheres de Ipatinga, eleito em 2004 e do Movimento de Mulheres de Ipatinga existente desde 2005. Ambas as entidades resultaram da dinâmica e das configurações que assumiram as experiências vivenciadas pelos grupos espalhados por vários bairros do município. Cabe ressaltar que, ao longo desses anos, cada grupo, ao se constituir como tal, foi delineando o seu perfil. Entretanto, específicos em algumas características, os grupos apresentam de forma geral, aspectos comuns permeando suas histórias e experiências vividas construídas por suas integrantes. Dessa maneira, sem querer incorrer no risco de

rotulá-los, algumas características dos grupos, foram perceptíveis em alguns deles. Desse modo, entre essas dimensões destacadas podem ser encontrados grupos que se tornaram mais conhecidos por aspectos distintos, como motivação religiosa ou mesmo seu caráter assistencial. Outros ainda, priorizaram a geração de renda, sem que aspectos como a preocupação com o desenvolvimento da consciência política, deixassem de estar presentes.

Nos Capítulos 4, 5 e 6, são realizadas as análises da pesquisa empírica na Associação de Mulheres do Bairro Bethânia, primeira no município e reconhecida não apenas entre outros grupos de mulheres, mas também por outros segmentos e setores da sociedade em decorrência dos anos de sua existência. Neles as análises tomam por referência, os dados encontrados nos documentos, as narrativas das mulheres entrevistadas e os registros do caderno de campo.

Inicialmente, no Capítulo 4 **A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES DO BAIRRO BETHÂNIA: UMA HISTÓRIA DE MULHERES** foi explorado o material documental conjugando-o à pesquisa de campo realizada no período compreendido entre março e junho de 2008. Nesse primeiro contato de três meses da pesquisa empírica realizada por meio da presença nas reuniões e das entrevistas com algumas participantes, evidenciou-se uma relação mais próxima com as integrantes do grupo. Busquei inicialmente a reconstituição dessa história, mediante os documentos escritos e iconográficos existentes.

Em seguida, apresento as Mulheres do Bethânia, tomando como ponto de partida o bairro e, posteriormente, elas: quem são o que fazem, como vivem? A história dessa entidade é reconstituída com a proposta de responder essa questão, inicialmente, traçando o perfil socioeconômico do bairro. Assim, o capítulo inicia-se com uma rápida fotografia do bairro que dá nome à Associação. Em seguida, é realizado um breve histórico da Associação situando-a no bairro e no contexto histórico mais amplo em que se desenvolveram essas histórias.

Logo após é traçado o perfil do grupo, apresentando as mulheres individualmente, para depois, discorrer sobre as características coletivas do grupo.

Já no cap. 5 **ENLACES DO ENCONTRO E DAS TROCAS: A ROTINA, OS RITUAIS, O BORDADO** é analisada a rotina e a dinâmica do grupo e o processo das relações interpessoais estabelecidas a partir das situações vividas nas reuniões semanais. Assim, pode ser observado momentos de descontração, lazer, e, também, de conflitos, contradições e ambiguidades vividas. Destacamos as alternativas encontradas por elas para as situações desafiadoras como respostas aos impasses que se evidenciaram.

Finalmente no Capítulo 6, intitulado **UMA PEDAGOGIA DA EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO DE MULHERES** buscou-se na análise, responder algumas questões que deram origem à pesquisa: os processos educativos originados das diferentes experiências coletivas vividas pelas mulheres da associação; a relação e o papel desses processos na constituição coletiva do grupo; os desdobramentos desses processos na constituição individual de cada uma, além das interações estabelecidas entre elas e as marcas desse processo.

Os processos educativos vividos nessas experiências coletivas pelas integrantes do grupo, bem como as questões relativas à produção de subjetividades e processos identitários são a tônica principal da discussão, enriquecida por outros aspectos que foram se evidenciando no decorrer do processo de investigação.

Esses processos presentes no cotidiano, muitas vezes, não são percebidos em suas potencialidades, por quem os vive. Captar e identificar como eles foram e têm sido incorporados pelas Mulheres do Bethânia e como essa apropriação interfere nas, na constituição subjetiva e condutas pessoais foram alguns dos desafios enfrentados na condução da pesquisa. As experiências coletivas exigem das participantes redimensionamentos de suas percepções, por serem atividades que demandam outros encontros, convivências e relações distintos daqueles exclusivamente vividos no espaço doméstico, muito bem conhecido por cada uma.

Nessas experiências proporcionadas pelo encontro mediadas pelas trocas tornou-se inevitável a existência de diferentes posicionamentos e atuações, mesmo que pouco perceptíveis por elas próprias. Nessa perspectiva, procurei analisar a intensidade dessas relações, marcadas principalmente pelo princípio da Dádiva; da doação, da entrega e da

reciprocidade e seus desdobramentos no que diz respeito à autopercepção daquelas mulheres e da realidade ao seu entorno, diante das situações que foram sendo experienciadas.

Por fim, no último capítulo, estão as considerações sobre a pesquisa realizada, mesmo considerando o seu aspecto de inconclusão. Nos passos trilhados e caminhos percorridos destaca-se as descobertas, os avanços e as limitações que se tornaram evidentes em seus aspectos mais importantes, relativos às experiências coletivas e aos aprendizados deles resultantes.

CAPÍTULO 2 - PUXANDO O FIO: O PROBLEMA, REFERENCIAIS TEÓRICOS E CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo apresento e contextualizo o problema investigado e os referenciais teóricos que sustentam a sua formulação. São expostos, também, os caminhos metodológicos mediante os quais a pesquisa foi realizada para mais adiante, desenvolver e analisar o material empírico recolhido, sistematizando as descobertas e reflexões que constituem este estudo.

2.1 Problema e pressupostos da investigação

Por que as atividades e experiências desses grupos de mulheres são importantes questões a serem investigadas? Elas estariam vivendo processos de mudanças, dadas as suas experiências nos grupos que frequentam? Em que sentido essas mudanças afetam e influenciam as formas delas se perceberem e agirem em outras esferas de suas vidas? Quem são estas mulheres, sujeitos desta pesquisa? Com essas indagações iniciei esta pesquisa sobre o envolvimento e participação de algumas mulheres de Ipatinga que se reúnem semanalmente, em suas comunidades, para a realização de atividades diversas, os denominados Grupos de Mulheres.

Para analisar essas questões, parti do suposto de que as experiências por aquelas mulheres em seus encontros periódicos, influenciam suas auto-imagens, suas concepções e condutas nos diversos contextos e universos de suas vidas cotidianas. Parti ainda do pressuposto de que, naquelas horas em que juntas compartilham vidas e experiências que são incorporadas às suas subjetividades mediante processos educativos nos quais vão criando novas sociabilidades e (re)significando suas histórias individuais e coletivas.

Nesta direção, considero que as trocas e encontros entre elas contêm elementos que as levam a interrogar suas formas de ser e de viver, possibilitando-lhes mudanças na visão de si mesmas que, conseqüentemente, redimensionam suas vidas e histórias. Desse modo, suas convivências e vivências no grupo, certas ações, reflexões e análises, vão ampliando sua condição de autoras e escritoras de suas próprias histórias podendo vir a

se compreenderem como tal. Busquei, portanto, analisar em que circunstâncias as experiências vivenciadas nos encontros com o grupo se convertem em processos educativos e, além disso, compreender o conteúdo e a abrangência dessas aprendizagens ali adquiridas nas relações intersubjetivas, nas atividades e trocas que elas realizam em conjunto. Finalmente, procurei entender como esse processo interfere em suas concepções, valores e na forma como se percebem.

São essas mulheres de Ipatinga, portanto, protagonistas de suas histórias que ganham centralidade e visibilidade nesta pesquisa. Entretanto, podemos chamá-las de protagonistas?⁶ Acredito que sim, principalmente por serem elas e suas ações o tema principal deste estudo. Deve-se destacar, ainda, que as experiências dessas mulheres se inserem em um contexto histórico e espacialmente situado: a cidade de Ipatinga no final dos anos 70 do século XX aos primeiros anos do século XXI, quando ocorrem significativas mudanças sociopolíticas na sociedade brasileira⁷.

Nesse cenário, elas não estiveram à frente de organizações e movimentos em defesa da redemocratização e da liberdade de expressão. Sequer atuaram em defesa da luta pela anistia ou participaram, como outros atores sociais, de comícios pelas *Diretas já* e de manifestações contra a carestia. Também, em sua maioria, não tiveram a visibilidade pública existente nos movimentos sociais ocorridos no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, em que inúmeras outras mulheres estiveram presentes, identificadas por seu engajamento político, por suas ações de contestação e de resistência a uma ordem estabelecida que elas queriam ver modificada. Saffiot e Ferrante referem-se a essas mulheres que se tornaram, naquele período, personagens centrais, pois deixaram de ser

simples coadjuvantes e passam a atuar como atores centrais de lutas que trazem a marca da contestação, da resistência a situações de violência, do

⁶ Segundo o dicionário Houaiss, esse termo possui vários significados sendo o primeiro deles relacionado à história do teatro grego clássico e ao seu personagem mais importante, em torno do qual se constrói toda a trama. Ainda sobre os significados atribuídos a palavra, temos em seguida “principal personagem de uma peça de teatro, de um livro, de um filme, uma telenovela etc.” Há, ainda, em sentido figurado, a definição em relação ao “indivíduo que tem papel de destaque num acontecimento.”

⁷ Refiro-me ao período de crise do período militar, ocorrida a partir do final dos anos 1970 e de um processo de ampla mobilização da sociedade civil através de seus vários segmentos, que se organizam e lutam pela volta da democracia, da liberdade de expressão, pela eleição direta para presidente da República, contra a crise econômica, entre outros aspectos, com desdobramentos vários e importantes que inauguram um novo período da história brasileira.

aflorescimento da consciência de carências, da formulação de reivindicações (não apenas femininas) medidas pela afirmação de um direito, pela busca de uma cidadania plena (SAFFIOT e FERRANTE, 1985, p. 265).

Contudo, ressalta-se que em suas histórias e ações, os grupos de mulheres de Ipatinga pesquisados, se distinguem por um outro tipo de atuação, diferente daquelas mulheres diretamente implicadas nas lutas pela redemocratização do país. Neles estão mulheres que, acostumadas à exclusividade do espaço doméstico, foram aos poucos saindo dessa esfera e começaram a participar, algumas timidamente, outras de forma mais extrovertida, das reuniões de grupos que foram gradativamente aparecendo nesse contexto histórico em seus bairros. Desse modo, desvencilhando-se de amarras internas venceram com suas atitudes, receios, angústias e medos e saíram para conversar, compartilhar, trocar, aprender e ensinar.

Por isso, as considero protagonistas. Elas mostraram um outro tipo de prática e coragem: aquela que supera temores, ansiedades, visões depreciativas sobre si mesmas, sentimentos que ainda existem e persistem envolvendo grande parcela de mulheres. Nesse sentido parece-me importante enfatizar a atitude que elas têm assumido em sua vida pessoal e no grupo, tomando, paulatinamente, consciência da importância de suas ações, reconstituindo sentimentos e eliminando preconceitos. Assim, vão se distanciando de comportamentos antes reproduzidos, porque repetidos sem serem indagados ou reavaliados por elas. Enfim, vão fugindo à repetição de condutas voltadas exclusivamente para o exercício de suas tarefas de mães, filhas, esposas e donas de casa. São protagonistas no mesmo sentido atribuído por Fischer e Ziebell⁸:

Protagonizar significa ocupar lugar central, sair dos bastidores. Partimos da premissa de que a sistematização e a apropriação crítica, pelas mulheres, dos saberes desenvolvidos por elas durante a vida, reforça seu protagonismo individual e coletivo (FISCHER e ZIEBELL, 2005, p.55-56).

É desse tipo de protagonismo diferenciado que trato aqui. Em outras palavras, analiso as Mulheres do Bethânia que, considerando sua realidade e condições sociohistóricas, deram conta de se realizar. Para isso, não se acomodaram, mas

⁸ Trata-se de pesquisa realizada na região de Porto Alegre - Rio Grande do Sul com dois grupos de cooperativas de mulheres, investigando o papel dos saberes da experiência de mulheres dessas cooperativas nas relações produtivas e sociais. Um dos objetivos, da pesquisa foi relacionar esses saberes com o programa político-educativo INTEGRAR, desenvolvido por uma confederação sindical de trabalhadores, que teve importante papel na constituição dos mesmos.

caminharam como puderam e no ritmo que conseguiram, deixando, nesse percurso, as marcas de suas histórias. Seus passos trilhados até aqui representam muito para elas tendo em vista suas histórias de vida, pois a seu modo e de forma gradativa rompem barreiras, às vezes internas, às vezes externas, experimentam conviver com outras mulheres em seus grupos. Esse protagonismo também é, apontado por Torres, ao trabalhar com um grupo de mulheres bordadeiras:

Neste processo, pode-se observar que as bordadeiras revelam-se atoras e protagonistas de seu próprio desenvolvimento: observam; estudam; planejam seqüências; e definem novos passos. Ao mesmo tempo, mostram que o desenvolvimento pessoal é parte de seus próprios projetos de vida e do projeto do próprio grupo como instituição (TORRES, 2008, p.5).

Desse modo, na sociabilidade daquelas mulheres de Ipatinga nos momentos das reuniões e dos encontros no grupo, elas vão experimentando, nas trocas que realizam, situações que são a matéria-prima dos processos educativos ali construídos. Através do bordado e das atividades manuais que executam, elas se encontram e, nesse encontro, vão entrelaçando as próprias vidas como linhas que vão sendo utilizadas nessa grande costura da vida, produzida pela convivência que esses encontros proporcionam. Não só aprendem e ensinam saberes relativos ao bordado e aos trabalhos manuais, como também aprendem e ensinam outros saberes, da ordem do vivido.

Assim sendo, nos encontros periódicos, elas aprendem e ensinam e, nesse processo, vão construindo uma pedagogia das experiências costuradas coletivamente, de maneiras múltiplas e diferenciadas, como seus próprios bordados: às vezes, alinhavados sem muito cuidado; às vezes com certa morosidade para que cada ponto aprendido seja apreendido em sua totalidade; outras, com maior atenção e zelo dado o valor percebido. De qualquer modo, em todos os pontos que vão sendo traçados naquela convivência coletiva periódica, elas têm a oportunidade de juntas construir e absorverem individual e coletivamente um bonito trabalho que o colorido da vida de cada uma proporciona.

Assim, a matéria-prima toda ela, está presente não apenas nos panos e linhos, nos étamines e nas linhas, mas principalmente, nelas mesmas, naquilo que carregam consigo: valores e afetos, sensibilidades e subjetividades. E, assim, mantêm permanente diálogo com a concretude das situações que o contexto lhes proporciona. Podem desse

modo, a partir dessas diferentes combinações, produzir /realizar, com os traços que se evidenciam em seus gestos, olhares e palavras, a costura que nela quiserem e puderem realizar. Desse modo, as identidades dessas mulheres, vão sendo forjadas num processo do fazer, (re)fazer, costurar, (des)costurar e (re)costurar caso o ponto não tenha sido bem dado ou bem apreendido e, nesse processo, elas vão trocando, aprendendo e se educando nos bordados dos panos e de suas vidas.

Portanto, a despeito dos processos de alienação que permeiam as relações e práticas sociais na contemporaneidade, impossibilitando ou negando a existência e o valor das experiências nos cenários da vida social, as mulheres aqui investigadas vivem processos educativos, instauram uma pedagogia da experiência inscrita nas práticas sociais que realizam em seus encontros.

Adentrar nesta experiência, deslindar seus fios, conteúdos e formas, buscando seu sentido e importância nas vidas e histórias individuais e coletivas destas mulheres é a problemática que busco investigar, a questão central que pretendo desenvolver neste trabalho.

2.2 Experiência e processos educativos: algumas considerações teóricas

Indissociável da cultura, a experiência é um componente da vida social inscrita na ação e intervenção humanas. Nesse sentido, o lugar dos sujeitos na história ganha centralidade, associado à relevância dos fenômenos socioculturais. Portanto, a análise das experiências, no caso, das mulheres de Ipatinga, permitirá compreender melhor as ações coletivas e/ou individuais dos sujeitos históricos.

A noção de experiência neste trabalho se baseia nas proposições defendidas por Thompson (1981), Benjamin (1994) e Larrosa (2004) em relação ao sentido e conteúdo que ela assume. Embora vivendo em épocas e contextos diferentes, e apesar de seus diferentes aportes, sobretudo no caso de Thompson, tais autores, de forma explícita ou implícita, se aproximam entre si, quanto à compreensão desse conceito, em relação a alguns dos aspectos, elementos e processos que o constituem.

Sendo assim, Thompson (1981), ao se remeter à experiência irá associá-la à cultura, entendendo-a como componente da realidade e, ao mesmo tempo, resultado da ação e intervenção humanas. Assim, o autor ressalta a importância dos sujeitos na história, destacando a relevância dos fenômenos sociais e culturais, distanciando de outros tipos de análise. Através das experiências tem-se a compreensão da resposta emocional e mental, tanto do sujeito, quanto do grupo social, e, ainda, de muitos acontecimentos inter-relacionados que definem e redefinem suas práticas e pensamentos, conforme o autor.

Com efeito, a experiência é fundamental para a formulação dos postulados de Thompson sobre o *fazer-se da classe operária*. Entendendo-a como algo central, o autor a analisa como algo que ocorre efetivamente nas relações humanas, não vendo-a como uma estrutura, nem mesmo como uma categoria, mas com “um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência.” (THOMPSON, 2004, p. 09).⁹

A abordagem do autor sobre a classe operária inglesa em seu *fazer-se* dinâmico, concreto e histórico expressa a sua análise da história, considerando a experiência dos sujeitos/agentes sociais em suas relações de cooperação e/ou conflitos ocorridos nas mais variadas esferas da vida social, num permanente devir, num forjar-se de classe. Thompson salienta que esse tipo de abordagem ficou presa às armadilhas da teoria pela teoria. Nesse caso, a absolutização da teoria contribui para a obstrução e impedimento da visualização da experiência concreta, vivida por mulheres e homens no cotidiano histórico de desestruturação e reestruturação dos sujeitos individuais e coletivos mediante processos sócio-históricos concretos.

Ainda conforme o autor, o termo experiência humana diz respeito às pessoas que experimentam situações e relações produtivas determinadas como necessidades, interesses e como antagonismos. Em seguida, tratam e trabalham essa experiência em sua consciência e cultura das mais complexas maneiras, agindo sobre uma situação determinada (THOMPSON, 1981).

⁹ As questões aqui abordadas sobre a experiência em Thompson, além de referenciada nas leituras indicadas no final da tese, estão na análise realizada por Silva (1999).

Passando a Benjamin, a discussão sobre a experiência está presente em sua obra, nas décadas iniciais do século XX. O autor denuncia a descaracterização, o enfraquecimento e a gradual desvalorização das experiências vividas, resultantes das particularidades sócio-históricas das sociedades capitalistas industriais. O processo de crescente fragmentação das relações interpessoais dos sujeitos históricos, em virtude das rápidas mudanças em suas condições de vida, entre outros de seus aspectos, é ressaltado pelo autor ao se referir à experiência.

Ao imprimir uma nova configuração às sociedades, a expansão do capitalismo, influenciará de forma decisiva, os comportamentos, valores e relações interpessoais que se destacam pelo distanciamento entre as pessoas, tornando, cada vez menos praticável, o convívio social em sua dimensão qualitativa. Essas mudanças, mesmo que de forma gradativa e diferenciada, alteram as experiências sociais vividas, descaracterizando-as e destituindo-as do papel e significado que anteriormente possuíam para as pessoas. (BENJAMIN, 1994).

Desse modo, ao envolver-se cada vez mais num certo tipo e rítmica da dinâmica social, esse indivíduo se distancia, também, de si mesmo, perde o sentido da vida em sociedade, afastando-se das oportunidades e possibilidades da convivência e, com ela, das experiências expressas também nas narrativas, como decorrentes de situações vívidas. Para além de uma visão pessimista quanto às relações humanas e o futuro das sociedades capitalistas, Benjamin assume uma postura política, elabora uma crítica político-cultural à sociedade de classes e às consequências nocivas que o capitalismo imprimia à vida social diante das mudanças quanto ao ritmo de vida e o consequente isolamento entre os sujeitos.

Por fim, suas formulações relativas à cultura burguesa de seu tempo assumem o caráter de uma advertência, até mesmo àqueles que, embora críticos e opositores do sistema e de sua dinâmica, pudessem não perceber seu poder avassalador e sua força destruidora. Apesar de suas posições críticas, Benjamin, tal como Thompson, repelia o determinismo rígido quanto aos desdobramentos do processo histórico e a resignação que dele resultava, uma vez que tal posição impedia que os sujeitos se sentissem artífices de suas próprias condutas e autores de uma história em aberto.

Assim como Benjamin, e nele se inspirando, Jorge Larrosa (2004) retoma as questões relativas à experiência, chamando a atenção para a ausência do conteúdo e do significado que o termo experiência tem assumido no contexto das sociedades pós-industriais. Nessas sociedades, diferentes viveres têm sido relegados a segundo plano, em decorrência da velocidade e fluidez como são vividas as relações, as situações e os acontecimentos, diante da escassez de tempo para a refletividade humana, do excesso de trabalho, da fragmentação das situações e fragmentação do próprio indivíduo. Nessas circunstâncias, o indivíduo objetificado, é assim impedido de se perceber em sua totalidade, nos processos vividos por ele. Segundo o autor,

a experiência, a possibilidade de que algo nos passe ou nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2004, p. 160).

Embora se trate de formulações elaboradas em distintas épocas, tanto Benjamin como Larrosa assinalam que situações e circunstâncias decorrentes das relações sociais que merecem atenção têm sido tomadas como fatos corriqueiros, sem que sejam devidamente vividos, apropriados, refletidos e significados. Assim passados, como algo que se passa e não aquilo que *nos* passa, que *lhes* passa, os conhecimentos que deveriam decorrer das experiências tornam-se meras informações transmitidas e incorporadas ao cotidiano.

Não há, neste sentido, espaço e tempo necessários para que as informações possam ser transformadas em saberes, isto é, possam ser vivenciadas, (re)significadas e, assim, constituindo-se experiências. Nessa perspectiva, Larrosa considera que somente o que se vive ou o vivido como sinônimo do acontecido nas situações em que os sujeitos se encontram não pode ser considerado como experiência. Para que o seja, é necessário que o que se vive seja aquilo que vai atravessando os sujeitos, neles se inscrevendo sendo algo muito mais significativo e intenso do que apenas aquilo que se passa com eles, diante deles, próximos deles ou em seu entorno.

Assim sendo, as dificuldades para a existência e garantia de maior aproximação e interações entre as pessoas no convívio cotidiano tornam-se perceptíveis quando as exigências impostas pelos compromissos diversos, nas atividades diárias tornam cada vez mais exíguo o tempo e mais acelerado o ritmo de vida das pessoas. Essa situação provoca, de forma gradativa mas permanente, uma restrição do convívio social e das relações interpessoais. Essas, entre outras mudanças nas práticas sociais e sociabilidades presentes nas sociedades complexas contemporâneas, contribuem para que a deterioração das relações sociais se torne de tal modo aguda que passa a ser percebida como uma crise, que é social em suas múltiplas dimensões: coletiva e individual, social e existencial.

Tais questões resultam, de modo geral e ao lado de outros fatores e circunstâncias, na ausência da experiência entendida como o vivido em sua forma plena, refletido e (res)significado, dotado de sentido, nas mais diversas circunstâncias em que se constituem as práticas sociais. A privação desse tipo de experiência resulta ainda, na ausência de conhecimento (entendido de forma abrangente) conhecimento esse que se apresenta inicialmente, de forma difusa e é adquirido no processo da vivência de situações que se manifestam de forma espontânea durante a vida, mediante relações que se estabelecem entre as pessoas, sujeitos históricos, atores sociais.

Nesse aspecto, a crescente atomização desses sujeitos que não mais dispõem de tempo para as relações interpessoais, referenciadas pelo tempo do encontro e do diálogo, antes mais presentes e comuns na vida cotidiana constitui, sem dúvida, um dentre os vários problemas vividos de forma aguda pelos sujeitos nas sociedades atuais. Dessa forma, o individualismo, a ausência do tempo e disposição empregados nessas relações na atualidade, as empobrecem.

O sentir, apropriar-se, refletir tornam-se possíveis e presentes, por sua vez, quando associados a uma postura de abertura do sujeito diante do vivido e quando os resultados e desdobramentos dessa abertura possam surgir. Larrosa lembra, ainda, que sendo a experiência aquilo que *nos* passa, *nos* toca ou *nos* acontece, ela nos forma e nos transforma. Nesse sentido, somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação, por se deixar tocar e ser atravessado por ela, por assumir uma atitude de abertura para o novo e para o que possa vir. Tomando como premissa estas

formulações teóricas procuro desenvolver idéia de que nos grupos de mulheres e na Associação de Mulheres do Bairro Bethânia – AMBB - em especial, podem se constituir como uma experiência.

Tendo em vista as contradições, complexidade e heterogeneidade presentes nos processos sociais, pode-se encontrar no contexto mesmo do desgaste e do declínio da experiência, a que Benjamin e Larrosa se referem, situações que se opõem a esta tendência e paradigma do contemporâneo. Nessa direção, entendendo que a realidade social é múltipla, diversa, paradoxal, nela coexistindo tempos históricos diversos, procuro explorar o significado das situações e fazeres compartilhados por aquelas mulheres e como se dão as experiências individuais e coletivas.

Como elas percebem esse tempo/espço de trocas nos quais parecem se envolver inteiramente, como mulheres? Entendo que a experiência só é possível e passível para quem se permite sentir, provar e assumir o que com ela pode trocar, compartilhar, aprender e ensinar decorrente das situações vividas na relação sujeito-experiência em sua totalidade, em oposição à mera observação dos acontecimentos e à execução mecânica das atividades.

A experiência apresenta-se, ainda, na possibilidade de apropriação e (re)significação do vivido tanto no plano individual como no coletivo. Nesse processo estão implicadas novas aprendizagens envolvendo os sujeitos que compartilham situações comuns, como é o caso das mulheres pesquisadas.

Quanto aos processos educativos, estão presentes de forma ampla maneira e variada na vida social e histórias individuais, extrapolando os espaços escolares. Nessa perspectiva, discutiremos primeiramente o significado e a amplitude que a educação e os processos educativos assumem neste trabalho. Ambos não estão referenciados apenas aos tempos e situações ligados à escola, mas aplicam-se a outras dimensões da vida, anteriores, paralelas e/ou posteriores aos percursos realizados no ambiente escolar. As aprendizagens, por sua vez, não são apenas técnicas, visto que se configuram em diversos conteúdos e formas, tão infinitos quanto são as capacidades humanas do aprender.

Por isso, os processos de aprendizagem, neste estudo nomeados processos educativos, são observados nas experiências individuais e coletivas vividas pelas mulheres de Ipatinga. Tais processos só poderão se efetivar e constituírem-se como tal para aqueles e aquelas que apresentarem disposição para mudanças perante novas experiências. Somente assim, poderão ser *tocadas, atravessadas e (trans)formadas*.

Vários teóricos compartilham esse entendimento de que a educação e os processos educativos são, por sua natureza, exercícios inerentes às práticas sociais e, portanto, extrapolam a escolarização. Brandão (1980;1982); Gohn (1992, 1995, 2005); Arroyo (1995), Freire (1995;1996); Frigotto (1998) são os teóricos com quem dialogo a este respeito neste estudo, embora outros se dediquem ao assunto. Baseando nesses autores, entende-se o significado desses processos e sua constituição no grupo das mulheres investigadas. Conforme tais pressupostos teóricos, o fundamento das aprendizagens produzidas se encontra nas práticas sociais desenvolvidas entre os sujeitos no grupo e, por isso, a realidade compartilhada coletivamente desempenha papel fundamental nesse processo.

Explicando melhor, os sujeitos atores e nesse caso específico, as Mulheres de Ipatinga estão imersas na sua realidade, ao mesmo tempo, sobre ela atuam podendo transformá-la ou reproduzi-la, segundo suas ações e/ou omissões em suas práticas sociais e sociabilidades. Trata-se, aqui, de uma realidade objetiva, palpável, historicamente situada e de sujeitos que nela atuam, trazendo consigo seus condicionamentos e determinações históricas, frutos de suas condições concretas de existência. De acordo com esse entendimento, o ponto de partida e chegada é a realidade em suas múltiplas e heterogêneas manifestações, uma realidade que não é somente dada, mas permanentemente construída e reconstruída, nas tensões entre continuidade e rupturas.

As formas de aprendizagem se manifestam de maneiras diversas, mas não lineares, pois não há uma fixidez, de um lado quem ensina e, de outro, quem aprende. Nas práticas e convivência social podem existir ou não relações assimétricas, nas quais um sabe mais e outro menos, pois o ato de ensinar e de aprender faz parte de uma mesma cadeia, de um mesmo elo.

Por seu caráter dialético, os processos educativos fundamentam-se mais pelas diferenças e pelos contrastes que a heterogeneidade de contribuições e interpretações do real proporciona do que pelas semelhanças, uniformidades e homogeneidades. Por seu caráter dinâmico, esses processos referem-se a aprender a aprender, aprender a pensar e sentir de formas diferenciadas daquelas até então realizadas, que foram sendo, ao longo da existência, transmitidas e conformadas de diferentes modos.

Deve-se pontuar, ainda, que tais processos educativos das práticas sociais e, de forma específica, no grupo daquelas mulheres que convivem, se relacionam, trocam saberes e compartilham experiências, podem não se apresentar com a mesma intensidade e do mesmo modo para o conjunto delas. No entanto, esses processos estão presentes e são construídos constituindo o que denominamos uma pedagogia da experiência¹⁰, mais especificamente, uma pedagogia da experiência do encontro.

Compondo essa pedagogia das experiências, estão as habilidades e saberes que vão sendo construídos e desenvolvidos na convivência e dizem respeito aos conhecimentos técnico-profissionais sobre a arte de fazer e de bordar¹¹. Sobre essa aprendizagem específica, Tércia Torres assinala:

É neste processo educativo que elas ampliam e promovem suas habilidades técnicas. Uma corrigem as outras. Uma incentivam as outras quando percebem que o bordado está bom ou ruim. As novidades são sempre bem vindas para elas. Buscam novos referenciais (revistas de bordados), novos riscos de bordado, novos moldes. Apela para a capacidade criativa e inovadora que possuem. Podemos dizer que no processo educativo promovido pelas bordadeiras no âmbito da competência de caráter técnico os verbos interagir, propor, aprender, atualizar, criar, ousar e cooperar são os que mais sintetizam o que elas praticam quando bordam (TORRES, 2008, p.5).

Conforme tais estudos, os processos educativos podem ser percebidos em sua dimensão mais objetiva, como, por exemplo, em relação aos saberes provenientes do

¹⁰ A expressão pedagogia da experiência é também utilizada por Diaz e Alonso, 2005. Nessa produção, os autores analisam as experiências vividas por grupos de mulheres por eles pesquisados na Argentina.

¹¹ Além dos autores citados que entendem a educação e os processos educativos de forma mais abrangente estão Silvana Buffa, 2006 e Torres 2008. Elas trabalharam, de forma específica, com grupos de mulheres e de mulheres bordadeiras respectivamente. Também as autoras discutem os processos educativos que emergem das práticas sociais entre as mulheres em seus encontros. Em relação a elas, de forma mais pontual, Torres denomina competências às aquisições oriundas dos processos educativos observados em um grupo de cinco bordadeiras que moram na periferia de Campinas/São Paulo, e se reúnem para realizar os seus trabalhos artesanais. A autora classifica essas competências como sendo de caráter profissional e/ou técnico; de caráter pessoal e/ou de educação para a vida e de caráter comunitário e/ou de educação para a cidadania.

ofício e, nesse caso em pauta, no saber bordar. Também podem estar para além desses saberes e habilidades, pois há os de outra natureza, relativos aos sentimentos, valores e concepções. Trata-se de saberes que decorrem das experiências vividas coletivamente que se manifestam de modos diversos: através das palavras, dos gestos, da forma de ser e de se relacionar nas diferentes esferas e contextos sociais.

Nessa medida, os aprendizados decorrem da convivência, presente nas interações e trocas de seus encontros: no estar juntas, na fratria que vivenciam entre si. Contudo, tanto decorrem de situações agradáveis e prazerosas como podem se manifestar também em outras situações incômodas e desagradáveis, por vezes, associadas ao desafio da relação de alteridade, à heterogeneidade e aos conflitos existentes no grupo.

Esses aprendizados também não se realizam de igual maneira, com a mesma intensidade e significado para umas e outras mulheres. Eles se diferenciam, se alargam ou se restringem, dependendo de vários fatores, e, entre eles, o envolvimento e participação de cada uma delas com o grupo, com a AMBB, mais especificamente.

Essa pedagogia do encontro, da convivência, da troca – que envolve não somente entendimentos e aproximações, mas também distanciamentos e tensões, além de contribuir para a formação pessoal, para a própria vida, é também um aprendizado que pode se manifestar de forma coletiva e cooperativa na construção de uma identidade, que é coletiva. (BUFFA, 2006; TORRES, 2008). A esse respeito, a experiência investigada por Torres sobre processos educativos vivenciados por um grupo de mulheres é novamente esclarecedora:

Neste processo, pode-se observar que as bordadeiras revelam-se atoras e protagonistas de seu próprio desenvolvimento [...] Na maior parte das vezes elas compreendem a experiência como uma fonte de criação de saberes e saberes-fazer. Outras vezes elas a compreendem como um desafio que se impõem a si próprias para observarem, estudarem, planejarem e avaliarem seus próximos passos. Com isso demonstram que têm consciência e coerência de propósitos e que estão preocupadas com seu desenvolvimento. [...] a competência que possuem para se desenvolver, progredir, crescer ou para se educar para a vida, tal qual concebido por elas, é um capital inestimável de riqueza. Penso que a partir dessa competência conseguem mobilizar saberes, saberes-fazer e saberes-ser que não se esgotam, pelo contrário, crescem e alargam-se constantemente, acompanhando o diálogo que fazem com o que viveram e/ou estão vivendo. (TORRES, 2008, p.7)

Seguindo adiante, deve-se explicitar que a problemática investigada nesse estudo e o aporte desenvolvido estão associados à chamada História Nova, História Cultural e à História das Mulheres, sobre o que seguem algumas considerações. Qual seja, essa investigação se insere nesses domínios, preocupações e perspectivas teórico-analíticas em termos gerais.

2.3 Localizando a investigação: a História das Mulheres

Constituir a história dos Grupos de Mulheres da região do Vale do Aço e, mais especificamente, de Ipatinga, ainda que parcial e modestamente, é uma proposta pretensiosa. Afinal, trata-se de uma história vivida por protagonistas de forma múltipla, rica e complexa, colocando exigências para a historiografia e que não poderá ser elaborada de única vez nem será obra de uma única autora. Assim sendo, o que proponho aqui é oferecer apenas uma contribuição a esse respeito, propósito maior desse estudo.

Posto isso, a pesquisa se insere na perspectiva historiográfica da história cultural sem a ela se restringir. Isso porque a produção relativa às mulheres, às suas histórias, experiências e às relações que nelas se expressam assume um caráter transdisciplinar, além de transitar, entre uma e outra matriz teórica, enfoques, abordagens e focos de atenção. No caso deste estudo, preocupei-me, como dito anteriormente, em compreender os processos educativos vividos pelas mulheres em seus protagonismos coletivos, em busca do que Graciela Alonso e Raúl Diaz (2002) denominam *uma pedagogia das experiências das mulheres*.

A propósito, as investigações realizadas em diferentes áreas e com distintas perspectivas teóricas muito têm contribuído para que os estudos sobre as mulheres se ampliem. A expansão gradativa e qualitativa das pesquisas evidencia a complexidade dessa temática. Fato é que as pesquisas têm abordado a atuação feminina nos diversos tempos e espaços, buscando superar a oposição simplista entre *masculino versus feminino*, que só reforça os estereótipos sobre as relações de gênero existentes nas sociedades. (RACHEL SOHIET 1997)

Por outro lado, a produção relativa às mulheres, embora recente se comparada à história conhecida como universal, tem merecido a atenção de vários historiadores, cientistas sociais e educadores, estudiosos do assunto. Entretanto, tomada como objeto e sujeito de investigação sócio-histórica, a temática da mulher não se situa apenas nas pesquisas mais recentes.

No campo da pesquisa historiográfica, com a expansão da Escola dos Annales¹² desenvolveram-se as pesquisas sobre as mulheres com significativa produção a partir dos anos 1970 do século XX. Tais estudos resultaram do desdobramento desse movimento historiográfico com início no final dos anos 20 do século passado. O surgimento e expansão da Nova História ou História Nova, conhecida também como a terceira geração do Movimento dos Annales, foi responsável pela introdução de novas abordagens teórico-metodológicas. Desse modo, as fontes passaram a ser indagadas sob diferentes enfoques, possibilitando análises e interpretações distanciadas da rigidez com que os documentos históricos, até então, eram trabalhados.

Associada a uma *história total* diante das ambições dos historiadores/as na época - torná-la a história de toda a atividade humana - a Nova História é definida muito mais pelo que não é. Opõe-se radicalmente ao paradigma da História Tradicional, conhecida como História Rankeana¹³ (BURKE, 1992). Embora tenha sua origem na França, a oposição à História Tradicional se manifestou ainda, por todo o mundo em diferentes momentos, como lembra Burke (1992, p. 26-39).

¹² Deve ser ressaltada a importância, no final da década de 20 do séc.XX na França, do Movimento dos Annales, que tem início como um movimento de historiadores com forte oposição à história tradicional Rankeana. A proposta do movimento, de utilização de novos temas e métodos de pesquisa também utilizados nas demais Ciências Sociais resultou, entre várias realizações e mudanças, no alargamento dos objetos e no aperfeiçoamento das pesquisas produzidas até então. Expandindo-se posteriormente para outros países e continentes, o Movimento dos Annales representou, como lembra Peter Burke (1992), *a Revolução Francesa da historiografia*, diante do redimensionamento dado às formas de conceber a pesquisa histórica e de pensar a realidade social. O desdobramento desse movimento décadas mais tarde dará origem à Nova História, que, entre suas ramificações ou campos de pesquisa, tem na História Social, (Castro, 1997), História Social da Cultura ou História Cultural e nela, a História das Mulheres, um dentre os vários campos temáticos de pesquisa.

¹³ Esse nome é atribuído a uma concepção de produção historiográfica que se aproxima do perfil que caracteriza as produções do historiador Leopold Von Ranke. Entre as características desse tipo de concepção, está o predomínio de uma história política, factual e erudita, que tem como alicerce a história nacional. Sua preocupação centra-se na busca da verdade, na precisão do conhecimento produzido e no trabalho com os documentos diplomáticos. Do historiador espera-se a isenção e imparcialidade, numa atitude de distanciamento do objeto, resultando em conhecimento histórico objetivo, reflexo fiel dos fatos do passado, isento de qualquer distorção subjetiva. Entre as escolas históricas com concepções semelhantes à Rankeana, estão o metódico (França) e a Whigs (Inglaterra), conforme Reis (1996) e Fontana (1998).

Nessa perspectiva, a diversidade das manifestações presentes nas relações humanas, traduzidas em diferentes linguagens como expressões da realidade social, apresenta, além das fontes escritas exploradas até então, outras fontes existentes, como por exemplo, a iconografia, as produções artísticas e os objetos diversos. Daí, aflorarem as possibilidades de investigação de novos temas.

A Nova História trouxe, pois, consigo a possibilidade de novas dimensões¹⁴ de estudo, que, por sua vez, abrigaram diferentes domínios e abordagens.¹⁵ A História das Mulheres constitui-se como um dos domínios presentes no campo em que se situa a História Cultural. De outra parte, sabe-se que tais divisões nem sempre estão isoladas na pesquisa historiográfica, uma vez que existem misturas entre domínios, dimensões e abordagens em vários estudos. Exemplo disso está na associação da História das Mulheres em seu período inicial, à História Social e, posteriormente, à História Social da Cultura. Já para alguns historiadores/as, que mantêm o diálogo com outras ciências (como a Antropologia), a História das Mulheres é relacionada ainda à História Cultural. Sobre essa questão, Burke assinala:

Neste ponto a história social e a cultura parecem estar se dissolvendo uma na outra. Alguns profissionais definem-se como “novos” historiadores culturais, outros como historiadores “socioculturais”. Seja como for, o impacto do relativismo cultural sobre o escrito histórico parece inevitável. (BURKE, 2004, p. 24).

Por outro lado, é inegável que o campo da História possui especialidades e especificidades. Ressalto, ainda, que, apesar da existência de flexibilidade para o diálogo e interação entre os diferentes domínios, abordagens e dimensões da história, podem haver incorreções ao serem feitos, indiscriminadamente, certas superposições de abordagens e matrizes teóricas (BARROS, 2004).

¹⁴ A dimensão corresponde a um tipo de enfoque ou um modo de ver em primeiro plano na observação de uma sociedade historicamente localizada. Entre as várias dimensões temáticas ou áreas da História Nova, podem ser citadas a História social, da Cultura Material, Geo-História, História Demográfica, Econômica, Política, Cultural, Antropológica, das Mentalidades, do Imaginário. (CAMPOS, 2004:10-19).

¹⁵ O termo abordagem é o mesmo empregado por Barros (2004: p.20), que afirma que uma abordagem implica em *um modo de fazer a história* a partir dos materiais com os quais deve trabalhar o historiador (fonte, métodos e campos de observação). Trata-se de um domínio que corresponde a uma escolha mais específica orientada em relação a determinados sujeitos ou objetos para os quais será dirigida a atenção.

Observa-se, ainda, que nas últimas décadas, pesquisas e produções historiográficas no campo da História Cultural têm se distanciado cada vez mais, das análises históricas das sociedades sob uma perspectiva macroestrutural, priorizando os estudos dos micro-espacos e das relações sociais nele presentes. Também a proximidade da Antropologia tem se evidenciado como rico campo de pesquisas no qual mitos, rituais e imagens, por exemplo, podem se transformar em fontes históricas.

Em se tratando dos Grupos de Mulheres de Ipatinga e a construção de sua história, recorri a trabalhos inseridos no campo da História das Mulheres neles buscando alguns princípios que permitissem a abordagem do cotidiano, das vivências comuns, da inter-relação entre microcontexto e o macrocontexto, fugindo às explicações universais que generalizam e homogenizam as experiências coletivas. Esses são, entre vários outros, alguns balizamentos da perspectiva historiográfica da História das Mulheres, que orientam este estudo. Assim sendo, apoiei-me em aportes teóricos da obra de Michele Perrot (1990, 2001, 2005, 2007, 2007b) em especial.

Vale lembrar que os estudos e publicações dessa autora são considerados uma importante contribuição para o aprofundamento dos estudos sobre a História das Mulheres ampliando o campo de pesquisa e reflexão a este respeito. Michele Perrot tem conseguido tornar pública uma significativa parte da história das mulheres, que por longo tempo, foi considerada irrelevante ou mesmo, apresentada a partir do olhar e escrita masculinos. Seu trabalho é desenvolvido por meio de diferentes métodos de pesquisa que vão da exploração dos arquivos privados, passando pela cultura material - através do estudo de objetos particulares e aparentemente sem história - até a tomada de testemunhos com a realização de entrevistas.

Diante das possibilidades oriundas da utilização de novas abordagens e metodologias, a autora tem explorado fontes e métodos os mais diversos em suas obras, fazendo vir à tona uma história que, segundo ela, ainda está muito submersa. Sob esse prisma, os arquivos privados, ou seja, os postais, diários, álbuns e as autobiografias tornaram-se, entre outros documentos associados à História das Mulheres, fontes de análise por excelência, uma vez que, durante séculos, a elas foi reservada a exclusividade dos espaços privados. As reiteradas opções investigativas relativas ao cotidiano, ao corpo, a casa, podem ser mais bem compreendidas quando associadas à

vida cotidiana e à esfera da vida privada na quais essas histórias das mulheres se desenvolveram, conforme pontua Perrot (2001, 2005).

Tais estudos e abordagens por sua vez, têm revelado as possibilidades de investigação sobre as mulheres em contextos históricos que ultrapassam a França. A prioridade dada à vida das pessoas comuns – mulheres, que em seu dia a dia, constroem, reforçam e/ou transformam os valores e comportamentos presentes nas sociedades - salientada nas obras de Perrot tem sido também uma abordagem utilizada por outros pesquisadores/as demonstrando, ainda, a riqueza de uma *história vinda de baixo*¹⁶.

Consta, ainda, nesta literatura, pesquisas e produções realizadas tomando como referência, os microespaços e questões próximas ao universo feminino (entendido aqui, como múltiplo e heterogêneo) que vão desde os papéis tradicionalmente ocupados pelas mulheres até as temáticas mais amplas como a educação, o mundo do trabalho e outros espaços públicos, onde a presença feminina ganha também visibilidade.

Assim destes aportes teóricos, da História das Mulheres, utilizei nesta tese, alguns elementos da perspectiva das relações de gênero por auxiliarem na análise das questões em discussão, das vivências coletivas das mulheres pesquisadas e de suas histórias. Contudo, recorri a estes estudos de forma mais restrita, somente quando permitiam algum novo aporte à compreensão do problema em pauta.

Dito de outro modo, a História das Mulheres serviu-me como uma referência teórico-historiográfica, sendo o campo e a perspectiva na qual este estudo se localiza, prioritariamente. Dada a importância desse referencial, mesmo que de forma breve, apresento alguns aspectos que marcaram o processo de constituição e do percurso da História das Mulheres como espaço de luta social, acadêmica e principalmente política¹⁷, além de algumas questões relativas aos estudos de gênero.

¹⁶ Essa expressão muito utilizada na produção historiográfica mais recente foi anteriormente explorada por historiadores marxistas que se utilizando do materialismo histórico tomam como referência a perspectiva das classes populares. Embora muito explorada pela História Social, essa abordagem alternativa a uma *história da elite*, mediante a qual as experiências históricas dos homens e mulheres das camadas populares são exploradas, tem sua origem na obra e pensamento de Edward Paul Thompson (Jim Sharpe, 1992; Hobsbawm, 1998).

¹⁷ Além de Michele Perrot sobre a constituição e trajetória da História das Mulheres, destaco ainda, as produções de Soihet (1997), de Del Priori(1998, 2000), de Amorim(2003), de Costa (2003), de Pedro (2005), de Soihet e Pedro(2008) por constituírem importantes referências de estudos nesta direção.

Segundo estudiosos/as¹⁸ do assunto, a História das Mulheres surge nos principais centros de estudos da Europa e nos EUA inserida na vertente da História Social no fim dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX. Nesse período, o Movimento Feminista ganha visibilidade e repercussão em diversos países, influenciando, de forma decisiva, a produção historiográfica sobre as mulheres. Esse movimento assume forte caráter político e representa uma das formas pelas quais as reivindicações contra as discriminações e desigualdades provenientes da diferença sexual se desenvolvem também na academia nesse momento.

Nessa perspectiva, o surgimento da História das Mulheres, como campo de estudos, guarda uma relação de reciprocidade com o Movimento Feminista, tendo, por prioridade, garantir a visibilidade das mulheres até então negadas na história. Paralelamente a essa dimensão eminentemente política, que aproxima o Movimento Feminista à História das Mulheres, outras questões de ordem acadêmico-científicas, gestadas na década de 1960 tomam força e contribuem para que esse aporte histórico ganhe legitimidade. Nesse sentido, cito o questionamento aos velhos paradigmas historiográficos, referenciados no positivismo e no marxismo ortodoxo, procurando-se entre outros de seus aspectos, a aproximação entre a história e outras ciências e a utilização de novas fontes e abordagens de pesquisa.

Destaco, ainda, que a constituição e a trajetória da História das Mulheres associam-se a dois aspectos que sempre estiveram presentes, porém, muitas vezes, pouco realçados, embora demarquem seu estatuto teórico-conceitual. O primeiro diz respeito ao caráter plural, diversificado e heterogêneo que envolve a palavra mulher e que forçosamente impede a sua compreensão no singular. O segundo afasta a idéia simplista de uma produção sobre História das Mulheres vista como linear, sem conflitos, confrontos e ambiguidades. Ao contrário, evidencia os diferentes caminhos trilhados por seus autores e autoras (SOIHET, 1997; SCOTT, 1999).

A História das Mulheres como campo de estudos e pesquisas, tem se caracterizado, também, por diferentes fases nas quais se observam disputas, tensões e

¹⁸ Entre essas produções, estão as já citadas de Michele Perrot, Mary Del Priori, Soihet e Pedro.

(re)significações, resultantes da dinâmica relativa ao contexto histórico vivido pelos atores sociais e das proposições assumidas por seus pesquisadores/as.

No início de seu percurso, ainda na década de 1970, a produção relativa a esse campo temático e vertente historiográfica caracterizou-se pela preocupação com o acúmulo de informações sobre as mulheres no passado, reforçando o discurso da igualdade, da identidade coletiva e do movimento das mulheres. Dessa forma, sua consolidação não se fez sem passar pela visão estruturalista, ao homogeneizar o estudo e a apresentação da categoria mulheres (SCOTT 1990, 1999). Sem dúvida, essa característica inicial colocou em evidência as limitações teóricas e as contradições que emergiram da produção historiográfica inicial, uma vez que ela se anuncia em oposição a uma visão homogeneizadora e generalizante da história, que ela mesma acaba produzindo.

Entretanto, essa produção, mesmo que homogeneizadora cumpriu seu papel naquele contexto histórico específico, vivido pelas mulheres, por fortalecer não apenas o Movimento Feminista, mas por dar-lhes destaque na história e a visibilidade até então inexistentes. Neste sentido, as mulheres foram sendo tiradas da invisibilidade e foram denunciados os processos de subordinação e de negação de seus direitos.

Um outro elemento aparece na produção historiográfica da História das Mulheres, evidenciando alguns de seus limites na época. Esse diz respeito à ênfase dada à história de determinadas mulheres, privilegiando as ações das grandes mulheres. Nesse tipo de produção, tornaram-se comuns as histórias sobre as mulheres que, individualmente, se destacaram por seus feitos, numa tendência de valorização das grandes personagens e dos acontecimentos ímpares na história, presentes e referendados até então, no paradigma tradicional da historiografia. (SOIHET, 1997; PRIORI, 1998, 2000). Essa foi uma armadilha da qual a História das Mulheres não conseguiu evitar, percorrendo o mesmo caminho da produção historiográfica anteriormente criticada pelos pesquisadores que não concordavam com esse tradicional viés positivista, como relata Del Priori:

A verdade é que diferentemente de outras ciências humanas como a Sociologia, a História não tinha conseguido concretizar as necessárias rupturas epistemológicas a fim de realizar uma redefinição e um alargamento

de noções tradicionais na ciência histórica [...] Duas razões eram evocadas para explicar os problemas acumulados pela História das Mulheres: a falta de reflexão sobre a especificidade do objeto e a aplicação de categorias de pensamento que não eram egressas da História das Mulheres, mas da história “tradicional” (DEL PRIORI, 2000, p.223).

Todavia, o enfoque dado às histórias de grandes mulheres não foi o único, mas um entre os vários enfoques explorados no terreno da historiografia. Embora criticado esse destaque dado à ação e à luta das mulheres ao longo da história respondia às expectativas e posições assumidas por algumas feministas que se organizaram nesse período, nos movimentos em busca de direitos civis e cidadania (SOIHET, 1997b). Há ainda que se considerar que, apesar da perspectiva tradicional positivista largamente explorada na produção das biografias sobre as realizações das mulheres notáveis, esse tipo de enfoque atendeu às demandas dessas mulheres que queriam destacar as potencialidades e as ações femininas na construção de sua história.

Longe de ser banida da produção historiográfica, a História das Mulheres se desenvolveu a partir das abordagens da História Social, e posteriormente, da História Cultural passando, com o decorrer dos anos, por um processo de amadurecimento teórico e redimensionamento. Assim, ao valorizar as ações de mulheres que tiveram um papel importante na história, ao mesmo tempo distanciavam-se dos enfoques historiográficos tradicionais, utilizando novas abordagens e novas fontes propostas pela Nova História. Desse modo, resgataram-se formas variadas de atuações femininas reveladas no cotidiano e nos espaços públicos até então pouco explorados, diante do caráter *oficial* e misógino da produção historiográfica que negava o papel das mulheres nessa história.

Nesse percurso da produção historiografia sobre a História das Mulheres, os embates teóricos no fim dos anos 1970, propiciaram o amadurecimento intelectual e o avanço na trajetória dessa historiografia. A superação gradativa dos vícios herdados da historiografia tradicional, baseada nas narrativas biográficas, bem como a superação do discurso sobre a dicotomia homem *versus* mulher e sobre a vitimação feminina são exemplos que ilustram os avanços ocorridos. Na década de 1980, por sua vez, a emergência das discussões sobre a questão da diferença extrapola a questão sexual e

torna evidentes as divisões tanto no interior do Movimento Feminista, como entre os/as historiadores/as indicando a ausência de um consenso em torno dessa questão.

Também, no próprio meio acadêmico, outros importantes desdobramentos ocorreram, a começar pelo entendimento da categoria mulheres, que assume conotações várias, evidenciando a existência de diferentes concepções sobre a mesma questão entre as próprias pesquisadoras. Nesse aspecto, associada à categoria mulheres, a introdução de outras dimensões de análise como pobres, lésbicas e negras relacionadas às diferenças sociais e de raça ilustra alguns desdobramentos que as discussões em torno da História das Mulheres assumiram. O enfoque dado à diferença, se apresenta, então, como um dos aspectos de superação dos limites iniciais ao utilizarem os mesmos pressupostos da historiografia tradicional, que reduzia essa história à visão de um sujeito universal, no caso, uma mulher universal.

A dimensão política, que inicialmente surge como uma das principais características na produção sobre a História das Mulheres, perde também gradativamente a sua importância nesse momento, assumindo um enfoque estritamente teórico-acadêmico, na virada dos anos 1970. Se, por um lado, para alguns pesquisadores/as esse distanciamento gradativo da dimensão política representou um ganho para a produção historiográfica, diante da ampliação e aprofundamento de sua problemática, por outro suscitou controvérsias e polêmicas diante da denúncia de seu caráter (des)politizador (SCOTT, 1990, 1999).

Assim, enquanto para algumas autoras a separação entre História das Mulheres e Movimento Feminista representou um processo de despolitização em curso, para outras, como Del Priori (2000) tornou-se necessária essa divisão diante da expansão e complexidade que ambas assumiram. Em virtude do caráter diverso e múltiplo que tanto o feminismo e sua história como a História das Mulheres apresentavam, tornou-se necessária, conforme a autora, a produção em separado por constituírem-se dois objetos distintos. (DEL PRIORI, 2000).

Voltando às questões relativas às diferenças, num movimento permanente que acompanha a própria dinâmica social, outros temas como o trabalho, a política, a educação, o poder vêm desde então, sendo incorporados às discussões e produções

relativas à História das Mulheres. Do mesmo modo, os estudos sobre o cotidiano das classes populares, as estratégias de sobrevivência e de resistência desenvolvidas pelas mulheres nas experiências vividas ao longo de suas trajetórias de vida, bem como as questões ligadas à sexualidade, aos valores e à subjetividade são incluídas às pesquisas e estudos sob abordagens diversas, destacando-se, aquelas realizadas pelos pesquisadores/as brasileiros¹⁹. Nesse campo, a menção a alguns trabalhos publicados evidencia a renovação e diversidade teórica no que diz respeito à História das Mulheres²⁰ no Brasil.

Outro aspecto que merece destaque na consolidação desse campo de estudos, diz respeito ao caráter suplementar a ele atribuído por alguns historiadores/as anos após o seu surgimento, entendendo-o como um apêndice da História Geral (SCOTT, 1990, 1994, 1999; SOIHET, 1997; DEL PRIORI, 1998, 2000). Esse fato evidencia que o caráter marginal dado à História das Mulheres e sua associação à história como suplementar a ela, expõe a forte conotação política que sempre esteve presente, desde a constituição desse campo historiográfico (SCOTT, 1990, 1999). Há que destacar, ainda, a permanência do caráter político que essa perspectiva história trouxe consigo desde a sua constituição.

Nessa medida, se por um lado a evidência do caráter político denunciava a pouca valorização dada a esse campo de estudos na academia, por outro, explicitava os limites e as lacunas que se apresentavam, por meio dos impasses que surgem.

Diante do exposto, pergunto: em que medida a produção historiográfica, até então produzida sobre as mulheres, pôde contribuir para alterar a escrita da história? Ou ainda, nas palavras de Del Priori:

em que medida essa produção pôde contribuir para revolucionar a ciência histórica de dentro para fora, inscrevendo aí uma diferença sexual que fosse além das funções e papéis codificados pelas sociedades masculinas?(2000, p.223)

¹⁹Ainda sobre as diversas abordagens que se fazem presentes na História das Mulheres, ver Soihet (1997) Del Priori (2000), Pedro (2005). Essas autoras realizam um interessante mapeamento em torno dos temas e produções historiográficas sobre as mulheres.

²⁰ Para ilustrar e citando apenas alguns trabalhos sobre as mulheres, destaco alguns nomes representativos na produção historiográfica como a de Adila Dias (1984); Ligia Bellini (1987); Leila Algranti (1993); Mary Del Priori (2000); Maria Izilda de Matos e Rachel Soihet (2003).

Algumas questões que vão se apresentando nos percursos da História das Mulheres indicavam a necessidade de superar lacunas e limitações. Desse modo, mais que indagar as razões pelas quais a História das Mulheres permanecia na condição periférica e suplementar na produção historiográfica tornava-se necessário buscar alternativas para a superação de tal problema. Um dos caminhos trilhados foi o afastamento dos mesmos métodos de análise estruturados por antigos paradigmas e visões macro-estruturais sobre a dinâmica que envolve a sociedade, em busca de outros.

Nesta questão, a utilização de novas formas de abordar, conceber e analisar as temáticas e problemas investigados se tornou parte das estratégias de realização da pesquisa pelos historiadores/as, assim como a utilização de outros tipos de fontes e de formas de abordagem, que forjaram outros problemas a serem investigados e como fazê-lo, conforme Del Priori salienta:

A solução foi mudar a abordagem. Tornava-se urgente abraçar o campo histórico como um todo, sem restringi-lo ao território do feminino. Era preciso interrogar as fontes documentais sobre as mulheres de outra maneira. Doravante a divisão sexual dos papéis é que seria sublinhada. [...] Ora, asseverava-se importante destrinchar a história de outra maneira buscando nas atitudes e sensibilidades coletivas, nos fatos e práticas cotidianas os espaços onde se abrigava a relação homem-mulher. Esse olhar diferente obrigava inicialmente, a identificar a mulher em cada lugar observável, e eles não eram poucos (2000, p. 225).

Por sua vez, historiadoras a exemplo de Couto (2002), consideram o surgimento da categoria gênero como resposta a esses impasses criados em torno da História das Mulheres. Em sua opinião a História das Mulheres não poderia, por si só, promover as mudanças necessárias na escrita. Não bastava escrever uma História das Mulheres em paralelo à história já existente, entendida como uma história feita pelos homens e para eles.

Nesse percurso da História das Mulheres tornava-se, portanto, indispensável introduzir a produção e discussões existentes, o caráter relacional do gênero resultado de uma permanente construção histórico-social e cultural. Nesse sentido, a presença masculina tornou-se obrigatória no estudo, seja como fonte, seja como ator, seja ainda, como autor. Embora esta seja apenas uma das razões para a incorporação da categoria

gênero à História das Mulheres, (SCOTT, 1992) ela representou, sem dúvida, um grande avanço à produção para que pudesse sair dos impasses criados no seu percurso.

Nos últimos anos, em várias produções, a História das Mulheres tem assumido novas proposições, o que é possível constatar em sua aproximação e interface com outras ciências. Nesse percurso diferentes contornos vão sendo delineados, muito influenciados pela dinâmica dos contextos histórico-sociais em que essa perspectiva historiográfica vai se constituindo. Muitas dessas obras têm se caracterizado por priorizar as análises dos micro-espços, sem que haja uma hierarquização *a priori*, que eleja algo como mais importante, que destaque uma das dimensões, seja ela econômica, política, seja sociocultural, face a outras possibilidades (FENELÓN, 1984).

No Brasil, mais especificamente, se a História das Mulheres se constituiu na virada dos anos 1970 e 1980, em um contexto histórico desfavorável, marcado pelos governos militares, por outro, esse mesmo contexto foi rico nas formas alternativas que a sociedade civil e nela, os grupos sociais nos quais os grupos de mulheres encontraram para organizar-se e entrar em cena como sujeitos de direitos. Mais que lutas e reivindicações por questões imediatas, como saúde e educação, essas manifestações protagonizadas também pelas mulheres contribuíram, por seu turno, para a expansão da produção acadêmica, lançando novas questões. Por exemplo, o redirecionamento e redefinição do entendimento do político, com a politização do cotidiano, como aponta Maria Izilda Matos:

Nos âmbitos dos bairros, creches, escolas e principalmente nas igrejas, a presença feminina foi marcante' reivindicando condições de saúde, educação, saneamento básico, habitação, além da luta pela anistia. Assim, na década de 70, as mulheres "entraram em cena" e se tornaram visíveis na sociedade e na academia, onde os estudos sobre a mulher se encontravam marginalizados da maior parte da produção e da documentação oficial. Isso instigou os interessados na reconstrução das experiências, vidas e expectativas das mulheres nas sociedades passadas, descobrindo-as como objeto de estudo. As novas tendências de abordagem histórica emergentes nesse momento possibilitavam uma abertura para os estudos sobre a mulher, ao ampliarem áreas de investigação e ao renovarem a metodologia e os marcos conceituais tradicionais, apontando para o caráter dinâmico das relações sociais e modificando os paradigmas históricos (MATOS, 1997, p. 88-89).

Contudo, na atualidade, apesar dos avanços e conquistas ilustrados pela existência de núcleos e linhas de pesquisa presentes em algumas universidades²¹, além de publicações periódicas de relevo²², estamos longe de ver a problemática da mulher, seja em termos da História das Mulheres, seja das relações de gênero, como uma discussão muito presente nos diferentes espaços acadêmicos do país, ficando sua visibilidade restrita a algumas regiões e estados. Essa situação revela que, embora muito já tenha sido percorrido, há muito por ser trilhado nesse sentido. A ausência dos debates em torno da História das Mulheres e das relações de gênero são exemplos que ilustram essa realidade em grande parte dos espaços acadêmicos que são, em tese, locais privilegiados para esta discussão. (DEL PRIORI, 2000). Esse silêncio, que ainda hoje se faz presente nas universidades, pode ser comparado ao silêncio das mulheres na história durante séculos (PERROT, 2000, 2007)²³

Como já destaquei, este trabalho é parte de minhas preocupações com a experiência, processos educativos e construção de sociabilidades existentes nos Grupos de Mulheres de Ipatinga, que desenvolvem, de forma explícita ou não, práticas sociais referendadas pelas relações de gênero. Desse modo, não há como não mencionar nessa discussão e neste trabalho de tese, a importância que adquirem hoje, os estudos relativos ao gênero. As participantes daqueles Grupos de Mulheres são mães, esposas, filhas, irmãs e convivem, entre si, com outros sujeitos sociais em uma realidade social específica. Por isso, as relações vividas por elas são sempre permeadas direta ou indiretamente pelas relações de gênero. Por conseguinte, parece-me relevante apresentar neste estudo algumas considerações nessa produção sobre gênero, como categoria de análise, embora ele esteja situado, basicamente, nos marcos da História das Mulheres, conforme dito acima.

²¹ Entre os núcleos estão: Núcleo de Estudos de Gênero (Pagu - UNICAMP); - Núcleo [de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher](#) (NEIM - UFBA); Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NEPEM/UFMG); Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (UFSC); Núcleo de Estudos da Mulher e Relações Sociais de Gênero (NEMGE - USP); - Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher e gênero (NEM – UFRS).

²² A esse respeito destaco dois periódicos de circulação nacional nesta área: Cadernos Pagu (Universidade de Campinas) e Revista de Estudos Feministas (Universidade Federal de Santa Catarina)

²³ Quanto a isso entendo que projetos e ações não devem partir apenas dos/das pesquisadoras que trabalham com as questões pertinentes às histórias das mulheres devendo passar também pelas discussões sobre as relações de gênero. Além disso, padrões culturais, valores e concepções acerca dessa temática precisam ser encampados pelas políticas públicas que tenham por objetivo fazer com que o silêncio sobre as relações diversas que envolvem homens e mulheres, meninos e meninas seja rompido nos diferentes espaços, entre os diversos segmentos e sejam realizados sob vários enfoques que podem assumir.

Associada à discussão da temática das mulheres, mas não apenas delas, no final década de 1970, quando de sua expansão e consolidação nas pesquisas e trabalhos, o gênero foi inicialmente interpretado como divisão natural entre os sexos. Naquele momento, as discussões sobre gênero apresentavam-se com conotações aparentemente neutras, ampliando a distância já existentes entre os trabalhos provenientes da academia e do Movimento Feminista, que reiterava a dimensão política e as posições parciais presentes nas relações de gênero (SCOTT, 1994).

Entretanto, mesmo que inicialmente utilizada para designar a divisão entre os sexos, a introdução da categoria gênero teve por objetivo ultrapassar a concepção natural de sexo, buscando enfatizar a questão dos papéis sociais e teorizar a diferença sexual. Dessa forma, a ampliação de seu entendimento ocorreu a partir das relações socioculturais construídas e vividas, decorrentes das diferenças entre os sexos.

Diante de seu caráter eminentemente sociocultural, a utilização da categoria gênero colocava em xeque as interpretações e distinções baseadas na diferença sexual pautada pelo determinismo biológico. Isso obrigou também uma revisão crítica quanto às premissas utilizadas na produção da História das Mulheres (SOIHET, 1997b).

Outro aspecto de destaque nesse processo de amadurecimento e aprofundamento teórico quanto à utilização do gênero nos estudos produzidos nas duas últimas décadas do século XX, pertinente também à História das Mulheres, diz respeito à constatação das diferenças dentro da diferença. Constatava-se, assim, a inexistência da idéia universal de mulheres diante das diferenças políticas e ideológicas que se materializavam, articuladas às diferenças de raça/etnia e sexualidade, tornando claro o entendimento sobre as múltiplas identidades femininas.

A ampliação do entendimento dessa categoria possibilitou a superação de enfoques presos a uma oposição binária e maniqueísta. Possibilitou, ainda, a expansão de estudos antes limitados às discussões conduzidas sob o prisma do determinismo biológico, evidenciado pela diferença sexual. Tais enfoques apresentavam a questão da mulher na sociedade, ora sob o ângulo da vítima, ora sob sua superioridade associada ao sucesso feminino em sua eterna luta contra o sexo oposto.

No entanto, a gradativa dissociação entre História das Mulheres e as questões de gênero como categoria de análise se evidencia à medida que se torna clara a sua associação com as construções socioculturais do *ser mulher* ou *ser homem*. Daí, definem-se significados e especificidades atribuídas ao masculino e ao feminino no que diz respeito à educação, costumes, crenças, valores e papéis sociais.

Diante do exposto, parece-me ser possível afirmar que as concepções acerca das relações de gênero definem-se e ampliam-se à medida que se entende que as relações generificadas são influenciadas pelas diferentes formas de análise da vida e das práticas sociais e são atravessadas por relações de poder, tensões, consentimentos e por não consentimentos que marcaram e marcam as experiências cotidianas nos diferentes contextos sociohistóricos.

Ainda sobre a utilização de gênero entre os cientistas sociais e principalmente entre os historiadores/as, saliento as contribuições de Scott (1992,1994), que trouxe para o centro da discussão a problemática das relações de poder de gênero, além de destacar o caráter sociocultural dessas relações ao afirmar que

Gênero é um campo primeiro por meio do qual o poder é articulado. É um meio recorrente de tornar eficaz a significação do poder no ocidente nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (SCOTT, 1994, p 10)

Motivada pelas limitações presentes na História das Mulheres, que resultava no caráter suplementar e marginal a ela atribuído pela história oficial, Scott buscou na teorização de gênero, que incluía *análises sob um novo ângulo*, elementos que pudessem fornecer respostas para a origem das desigualdades entre homens e mulheres para, a partir delas, apresentar a chave para a sua desconstrução. Assim, ao concluir que gênero significava o saber que *se estabelece para as diferenças sexuais* entendia esse saber como algo relativo, sob uma perspectiva foucaultiana e por isso explica:

Seus usos e significados nascem de uma disputa política e são os meios pelos quais as relações de poder – dominação e subordinação – são construídas. O saber não se refere apenas a idéias, mas a instituições e estruturas, práticas cotidianas e rituais específicos já que todos constituem relações sociais. (SCOTT, 1994, p.12)

Sobre algumas das considerações e postulados da autora saliento, ainda, a importância por ela atribuída aos estudos pós-estruturalistas e a defesa da criação de uma teoria da História das Mulheres mais radical, por entender que a forma como ela é escrita “acabou por reforçar as idéias de uma diferença sexual inalterável, que são usadas para justificar a discriminação” (SCOTT, 1994, p.16). Além de se tornar responsável pela avanço nos estudos relativos ao gênero, a autora apóia-se nos pós-estruturalistas, Foucault e Derrida que questionaram a ideia de uma estrutura fixa e objetiva de significado ou relações sociais.

Em síntese, Scott propõe uma análise sobre *como as hierarquias de gênero* são construídas, legitimadas e mantidas. Defende a utilização de uma epistemologia que possa questionar as atuais bases teóricas que sustentam a História das Mulheres e supere os limites presentes na História Social. Esta, para ela, é marcada pelo determinismo histórico. A defesa da construção de outra história a partir dos referenciais pós-estruturalistas continua sendo uma questão polêmica, marcada pela posição assumida por outras historiadoras²⁴.

No Brasil, ao contrário de alguns países europeus, como a França que se apropria dessa categoria com maior reticência, os estudos das relações de gênero foram recebidos na academia como forma de equacionar os impasses da produção historiográfica das mulheres, segundo a análise de alguns historiadores. (COSTA, 2000) Ressalto, ainda, que na França os trabalhos relativos à História das Mulheres se reportaram à história das relações entre homens e mulheres, sem ser exclusivamente uma história do feminino. (DEL PRIORI, 2000)

O interesse pelo estudo das relações de gênero no Brasil tem levado à uma fecunda produção, cujas abordagens se inserem no campo da interdisciplinaridade, num diálogo cada vez mais promissor entre as diferentes Ciências Humanas e Sociais, e nelas a Educação.²⁵

²⁴ A respeito das discussões teóricas suscitadas diante do posicionamento de Scott, ver Tilli (1994) e Varikas (1994). Embora ambas não acreditem que o pós-estruturalismo consiga superar as limitações presentes na História Social e nela, a História das Mulheres, elas assumem posições diferenciadas quanto a outros aspectos defendidos por Scott sobre o que ela nomeia uma epistemologia radical na discussão das questões de gênero.

²⁵ Outras produções extrapolam o campo da historiografia, a exemplo de obras publicadas por pesquisadoras como Guacira Louro (1997, 2001), Costa e Bruschini (1992), Márcia Moraes (2002), Catani (1997) e (1998), Chamon (2005).

De outra parte, o aprofundamento dos estudos sobre questões como diversidade, identidade e alteridade contribuem para que as pesquisas e produções sobre a História das Mulheres e as relações de gênero incorporem a perspectiva da multiplicidade, da especificidade e heterogeneidade, constituindo de forma cada vez mais ampliada, um campo de estudos. Ressalto, também, sobre esse aspecto, o papel atribuído por Michele Perrot às demais Ciências Sociais, no que diz respeito a complexidade e a abrangência das produções nas últimas décadas do século XX.

O assunto mulher é plural e interdisciplinar. É necessário, portanto, recorrer a todos os tipos de abordagem: da Antropologia à Psicanálise, da História das Ciências à História das Artes. [...] esse é um dos principais benefícios desse campo de estudos. Não se pode procurar escrever, falar sobre as mulheres mantendo-se encerrado em uma disciplina²⁶.

Enfim, se por um lado a diversidade de produções revela a riqueza desse campo de estudos, por outro, noto que, apesar dos avanços teóricos e metodológicos ocorridos nas últimas décadas sobre esse tema²⁷, existem, ainda, trabalhos que acabam por associar gênero às mulheres como palavras que se explicam mutuamente. Esse fato demonstra que, ainda nos espaços entendidos como privilegiados, como a academia, a compreensão e a distinção de ambas as categorias se dão em tempos, momentos e ritmos distintos, resultantes de estudos, descobertas e de um processo de amadurecimento por parte dos autores/as. Tais enganos se devem, entre outros fatores, à amplitude que o termo assume por ser utilizado não apenas nas Ciências Sociais, mas também em outros campos de conhecimento. Também a associação entre gênero e outras questões (gênero e movimento sociais, gênero e sexualidade, gênero e educação) torna ainda mais ampla e complexa a discussão.

Quanto à produção historiográfica, nela a utilização da categoria gênero é também, em muitas situações, confundida e utilizada como sinônimo de História das

²⁶ Entrevista concedida por Perrot à versão multimídia da revista no site www.france.diplomate.gouv.fr/label-france Ministério des Affaires étrangères. Sobre as discussões acerca da História das Mulheres e das relações de gênero a produção nacional é rica e diversa. Entre as diversas produções na área estão os trabalhos de Soihet e Maria Pedro (2007), que apresentam um estudo sobre a trajetória da formação das categorias mulher e relação de gênero como campo historiográfico. Também a pesquisa de Amorim (2003), entre outras, é relevante por mapear as publicações sobre o tema, realizadas nos Programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

²⁷ Ao lado das obras de Joan Scott, estão algumas publicações nacionais de autoras que abordam as questões de gênero e discutem os aspectos mais relevantes relacionados a sua utilização como Maria Pedro(2003) Matos e Soihet(2003). Entre essas publicações sobre gênero, estão, também, as produções de Luísa Heiborn (1992, 1995), Demartini (1993) e Montenegro (2003) num esforço de afastar as banalizações e simplificações, segundo ela, muito comuns nas discussões a esse respeito.

Mulheres (GONÇALVES, 2006). Historiadoras a exemplo de Del Priori entendem a existência dos equívocos na apropriação de gênero como resultado de uma indefinição epistemológica por parte dos historiadores e, por isso, sua imprecisão conceitual.

Embora considerada importante como categoria que auxilia e complementa os estudos sobre a História das Mulheres, a abordagem de gênero também é vista com algumas limitações no que diz respeito à historiografia recente, segundo Del Priori caracterizada que destaca: , em linhas gerais, por dois eixos: história social das mulheres e representações da mulher. E, ainda, segundo a autora, “a imprecisão conceitual e o desconhecimento de uma compreensão homogênea sobre o que seja gênero conduz, muitas vezes, a equívocos como a utilização do gênero em tabelas de sexo.” (DEL PRIORI, 2000, p.232).

Em outra direção, diversos trabalhos que analisei sobre as experiências coletivas de mulheres ou sobre as mulheres em coletivos, revelam a existência de uma multiplicidade de movimentos e evidenciam que muitos paradigmas vêm sendo colocados em xeque. Também a percepção sobre as mudanças resultantes das ações coletivas das mulheres em suas mais diversas atuações se fazem presentes nos estudos de forma gradativa, obedecendo ao próprio ritmo, intensidade e significado dessas atuações.

Inúmeros são os estudos, mas nesse sentido, apenas alguns como os de Pompermayer (1987), Lobo(1991), Rocha(2002), Rago (2003), Wolff (2005), Lombardi (2006), Morgade (2006), Mota (2006), Barbosa (2006), Cunha (2006), e Feitosa (2006). Todos eles analisam as mulheres em suas ações coletivas nas mais variadas formas de organização e atuação. Esses trabalhos são importantes para a compreensão das relações de gênero que se manifestam nas práticas coletivas, em seus distintos momentos. Também auxiliam na compreensão de como são construídas essas relações e de como vão sendo transformadas, em decorrência de processos de apropriação e (re)significação de concepções e valores já existentes. Como esclarece Soihet,

[...] a aceitação pelas mulheres de determinados cânones não significa, apenas, vergarem-se a uma submissão alienante, mas, igualmente, construir um recurso que lhes permita deslocar ou subverter a relação de dominação. Compreende, dessa forma, uma tática que mobiliza para seus próprios fins uma representação imposta - aceita, mas desviada contra a

ordem que a produziu. As fissuras à dominação masculina não assumem, via de regra, as formas de rupturas espetaculares, nem se expressam sempre num discurso de recusa ou rejeição. Elas nascem no interior do consentimento quando a incorporação da linguagem da dominação é reempregada para marcar uma resistência. Assim, definir os poderes femininos permitidos por uma situação de sujeição e de inferioridade significa entendê-los como uma reapropriação e um desvio dos instrumentos simbólicos que instituem a dominação masculina, contra o seu próprio dominador. A noção de resistência torna-se, dessa forma, fundamental nas abordagens sobre as mulheres (SOIHET, 1997b, p.72).

Com referência às Mulheres de Ipatinga, destaco alguns aspectos referentes à reprodução das relações de gênero. Advirto, porém, que não foi possível separar questões que dela emergem, relativas às relações sociais e culturais cotidianas de outros atores sociais, que como as mulheres também estão envolvidos em relações e práticas sociais: seus companheiros, filhos, pais, parentes, amigos. Tais relações são apropriadas e interiorizadas pelas mulheres seja em forma de aceitação e “naturalização” de seus papéis, seja mediante construção de mecanismos que lhes permitam subverter uma dada situação vivida.

Complementando essa idéia, ao examinar, neste estudo, a questão de gênero mesmo que de forma superficial, observo que as relações entre homens e mulheres manifestadas nos poucos dados obtidos se dão de forma hierárquica e assimétrica e se inscrevem em relações de poder. Embora não esteja adotando nesta pesquisa, o binômio dominação/subordinação, é preciso reconhecer que assimetrias existem sendo muitas delas originadas e justificativas pelas diferenças entre os sexos.

Desse modo, estão também presentes entre as mulheres pesquisadas, as marcas das relações generificadas, trazidas para os momentos de seus encontros no grupo. Apoiada em Michele Perrot, para quem as esferas pública e privada constituem uma unidade, e opondo-me a uma visão dicotômica entre ambas, procurei estar atenta, nas relações dessas mulheres, vividas no grupo, ao desvelamento das relações de poder manifestadas entre elas, seja na forma de reprodução das múltiplas relações hierárquicas e desiguais manifestas, seja através dos contra-poderes que também se evidenciam entre elas. O trecho de Costa esclarece essa questão:

Além das relações entre sexos opostos, o conceito de gênero inclui a noção de que os sistemas de poder e subordinação se estabelecem também entre pessoas do mesmo sexo, de mesma classe, de mesma etnia etc. Assim, tais

relações se travam entre mulheres, como já indicado, entre homens, que, por sua vez, podem ser jovens, velhos(as), negros(as) e brancos(as), e de raças/etnias diversas, ricos(as) e pobres, enfim, seres humanos em sua diversidade, portanto, plurais, imersos em tantas e tantas contingências históricas. A noção de gênero, por esse entendimento, des-oculta uma gama de relações sociais escondida pela outrora noção universal, única, de homem e de mulher, em geral empregada nos estudos iniciais sobre as mulheres. Tal pluralidade de experiências indicaria que as práticas sociais presentes nos sistemas de poder e subordinação e as desigualdades sociais podem conter outras, de complementaridades e de consentimentos, situações transversas, o tempo todo de mão dupla, dialéticas, enfim. (COSTA, 2003, p.196-197, grifos da autora)

Além das considerações acima, aparece na problemática do gênero, outro desafio na atualidade: tanto os movimentos feministas de diversos países quanto os estudiosos da História das Mulheres contam com a adesão de poucas mulheres. E enquanto o primeiro é ainda cercado por estereótipos e caricaturas que o associam à permanente guerra entre os sexos, vista de forma preconceituosa por vários segmentos sociais e pelas próprias mulheres, a História das Mulheres, por sua vez, não conseguiu atingir um público mais expressivo, que ultrapasse os círculos acadêmicos e feministas (PERROT, 2007)²⁸. Neste sentido, as diversas produções que, na atualidade, se reportam à História das Mulheres servem como exemplo aos grupos de mulheres na construção de suas histórias, uma vez que escrever a História das Mulheres é também escrever a própria história.

2.4 O caminho metodológico

A interdisciplinaridade que envolve o tema mulheres proporcionou à pesquisa maior enriquecimento por não limitar-se a uma única área do conhecimento como a História por exemplo. Esse aspecto possibilitou-me incursões em outras áreas do conhecimento como a Educação, a Sociologia e a Antropologia, principalmente. Optei por esse aporte teórico envolvendo diferentes, mas complementares campos disciplinares, por pretender desenvolver um estudo que não se restringisse, exclusivamente a um, mas a diferentes enfoques, para melhor compreender as questões que envolvem as mulheres, suas histórias, relações e experiências.

²⁸ Em entrevista publicada no jornal O Estado de São Paulo, Caderno Aliás, em 04/03/2007, Michele Perrot aponta a existência de dois tipos diferentes de feminismos: o da diferença, que defende a alteridade das mulheres e ligado à questão do corpo e o universalista, voltado para as possibilidades da democracia. Atualmente, a autora se coloca como defensora do que considera a terceira via do feminismo: o da reconciliação, que é, ao mesmo tempo, universal e alternativo.

Mais especificamente, em termos metodológicos desenvolvi a pesquisa mediante os referenciais dos estudos qualitativos, tendo em vista a natureza e os propósitos da investigação. Nesta direção, para a recolha do material empírico, adotei os procedimentos da observação direta, da entrevista estruturada e da entrevista semi-estruturada, complementadas com o levantamento documental. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas inicialmente com participantes de diferentes Grupos de Mulheres de Ipatinga. Posteriormente, durante o estudo do caso da Associação das Mulheres do Bethânia, realizei as respectivas entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, sendo estas gravadas e na modalidade dos relatos orais de vida.

Os dados obtidos, seja por meio da observação de campo, seja através de documentos ou ainda mediante as entrevistas foram sistematizados e estudados na tentativa de interpretá-los conforme meus referenciais teóricos e o diálogo com outras pesquisas semelhantes. As reflexões teóricas foram fundamentais não somente para a elaboração da análise quanto para a realização do levantamento empírico, tanto no que diz respeito ao levantamento da história do Movimento quanto diretamente com o grupo da Associação do Bethânia, visto que serviram de balizadores para o próprio contato com a realidade.

De posse do material recolhido, procurei os estudei e categorizei, sempre procurando entrelaçá-los com os referenciais teóricos do estudo. Dessa forma, além das leituras relativas às categorias trabalhadas como experiência e processos educativos, no decorrer de toda a pesquisa, fui lançando mão da produção acadêmica sobre a temática investigada, provenientes dos trabalhos apresentados em congressos nacionais e internacionais, em periódicos, bem como de dissertações e teses defendidas.

Inicialmente pretendia analisar o universo do Movimento de Mulheres de Ipatinga, que desde 2005 possui, teoricamente, a participação de mais de seiscentas mulheres, distribuídas em trinta e sete grupos. Contudo, do total de grupos registrados, muitos não mais funcionavam e outros novos foram surgindo desde então, sem o controle efetivo por parte da própria entidade que nomeava ou constituía o grupo ou do Poder Público Municipal. Assim, entre outros problemas, era difícil saber o número exato de grupos em atividade.

Ao iniciar o trabalho de campo e ampliar o conhecimento sobre as histórias dos Grupos de Mulheres de Ipatinga e do próprio Movimento, constatei que, embora esses grupos configurassem uma entidade única, a dinâmica de cada um e seu cotidiano transcorriam de forma independente e autônoma em relação ao Movimento. Daí a riqueza e fluidez das histórias dessas diversas coletividades femininas e de suas participantes.

Desse modo, tomei como ponto de partida do trabalho, a reconstituição da história desse Movimento, buscando analisar, nesse processo, o papel das experiências vividas por suas integrantes. Concluída a reconstituição histórica e a contextualização do Movimento, parti para outra etapa da pesquisa: a investigação e o contato mais próximo com um dos grupos de mulheres durante um período de três meses, no primeiro semestre de 2008: a Associação de Mulheres do Bairro Bethânia. Assim procedi pelas dificuldades de realizar a pesquisa no período de tempo do doutorado, como todo o Movimento de Mulheres de Ipatinga, tal como inicialmente pretendia. Além disso, este Movimento só existia em função dos grupos, que possuem sua história, especificidade e dinâmica próprias, como mencionado.

Para a escolha do grupo para uma análise mais verticalizada adotei o recorte socioeconômico, ou seja, o grupo cujas participantes fossem mulheres das camadas populares apresentando, entre si, perfil semelhante. A localização de classe foi feita mediante as características dos bairros onde se situavam os grupos. Também levei em conta, para selecionar esse grupo - a Associação de Mulheres do Bairro Bethânia – o fato de ser ele o mais antigo do conjunto dos grupos de mulheres existentes no município de Ipatinga, dispondo de certa organização institucional, fontes documentais que poderiam ser exploradas e apresentando regularidade de funcionamento.

A primeira etapa da pesquisa empírica teve início em 2006 e se caracterizou pela aproximação ao campo, quando realizei os primeiros contatos com as profissionais, funcionárias da Prefeitura Municipal de Ipatinga (PMI). Precisava realizar o levantamento inicial dos Grupos de Mulheres de Ipatinga, obter informações sobre a história daqueles grupos e do próprio Movimento de Mulheres de Ipatinga, seja através de fontes orais, seja através de fontes escritas. Assim, em contato com as assistentes sociais, funcionárias da Secretaria de Ação Social, que trabalhavam com estes grupos,

tive acesso a alguns documentos existentes nos arquivos da administração municipal: listas de presença, relatórios, correspondências, algumas poucas atas manuscritas, e recortes de jornais sobre os mesmos e pude estabelecer contato com algumas mulheres ligadas aos grupos, além das profissionais do Serviço Social da Prefeitura.

Vencida essa etapa inicial, iniciei a pesquisa de campo fazendo o levantamento documental das fontes encontradas. O *corpus documental* foi constituído pelas fontes manuscritas, em apenas poucas atas e alguns registros escritos encontrados, produzidos nas reuniões mensais realizadas na PM como já apontado: relatórios, atas das reuniões, listas de presença, correspondências às representantes dos grupos existentes no município que datam até o ano de 2003.

O material relativo aos anos de 2003 e 2004, elaborado pelas representantes dos Grupos de Mulheres de Ipatinga e as assistentes sociais da administração municipal - as atas – foi repassado para a presidente do Movimento assim que ele passou a ter vida própria, como entidade pública e não consegui ter acesso ao mesmo.

O Movimento de Mulheres de Ipatinga teve início em 2005, constituindo-se como entidade representativa dos grupos. O acesso para análise mais geral dos documentos escritos sobre os Grupos de Mulheres e o Movimento que ficaram sob a posse da Prefeitura Municipal de Ipatinga - PMI - só foi possível graças a disponibilidade das funcionárias da Secretaria de Ação Social da Administração Pública Municipal.

Embora existissem muitas informações sobre as diferentes atividades realizadas pelos Grupos de Mulheres do município, em reuniões periódicas como palestras, eventos e cursos, grande parte dos documentos escritos a respeito estavam incompletos, perdidos e fragmentados. Essas lacunas e limitações impediram-me precisar os números de grupos e participantes existentes e dificultaram a reconstituição de suas histórias e o processo de surgimento do Movimento de Mulheres de Ipatinga de forma mais completa. Por isso, tive, primeiramente, que organizar e catalogar todos os documentos. Esse material foi devolvido às funcionárias de forma organizada, facilitando a obtenção de futuras informações sobre esse tema na administração pública ou pelos interessados de um modo geral.

Como forma alternativa e para complementar as informações obtidas dos documentos escritos sobre os Grupos de Mulheres, realizei entrevistas com algumas mulheres que receberam o nome de informantes privilegiadas²⁹. Essas mulheres, com papéis e funções diversas frente aos grupos, deles participaram direta e indiretamente em seus transcurso ao longo de décadas. Qual seja, desde o surgimento dos primeiros Clubes de Mães, dos Grupos de Mulheres, das Associações. Posteriormente, ocorreu a constituição e institucionalização do Conselho Municipal de Mulheres, em 2004 e do Movimento de Mulheres de Ipatinga, em 2005.

Optei por realizar essas e outras entrevistas, na perspectiva da história oral, dada a sua importância como metodologia de pesquisa, no acesso aos sujeitos e aos processos vividos e a forma como eles os interpretam e significam. Em outros termos, essa metodologia, ao lado da observação de campo, tornou-se essencial neste trabalho, pois me possibilitou resgatar e interpretar os aspectos subjetivos presentes nas narrativas e nos relatos das entrevistadas, trazendo à tona a experiência vivida naquela história de mulheres que procurava interrogar, compreender, registrar.

Além da importância que se evidenciava ao escrever a história que foi se delineando a partir dos relatos, das profissionais da prefeitura, de mulheres que participaram dos grupos, e das atuais integrantes da AMBB, constatei, ainda, um outro significado nessas narrativas. Até poucas décadas atrás, suas falas não eram reconhecidas nem tampouco exploradas como produtoras de um discurso histórico próprio. Ao verbalizar suas experiências coletivas vivenciadas, sua participação e envolvimento nessa história, elas possibilitavam o registro de uma parte da história.

Em outras palavras, a reconstituição dessas narrativas, ao mesmo tempo em que fornecia as informações sobre o que se passara possibilitou, posteriormente, o confronto com outros tipos de fontes e registros. Pude, então, trabalhar a matéria

²⁹ Como o termo indica, essas entrevistadas receberam esse nome por serem as testemunhas e, ao mesmo tempo, participantes ativas da constituição dos grupos de mulheres no município durante o período mencionado. Entre julho de 2006 e fevereiro de 2007, foram realizadas entrevistas com a atual presidente do Movimento de Mulheres de Ipatinga, a ex vice-presidente do Movimento, com duas funcionárias da administração pública municipal, que, no período compreendido entre 1999 e 2001, estiveram à frente da coordenação dos grupos e com uma ex-religiosa, participante ativa das ações sociais realizadas pela Igreja Católica no final da década de 1970, quando auxiliou na formação desses grupos. As entrevistas tiveram por objetivo obter informações mais detalhadas sobre a história e a dinâmica dos grupos.

contida nos documentos e mais do que isso, pois as entrevistas continham outros elementos e fragmentos daquela história, que escapava aos documentos, inclusive o que significara o envolvimento e a participação das informantes naqueles percursos de mulheres.

Mais do que possibilitar relatos de experiências vividas, pude detectar não apenas nas falas, mas também nos gestos, nas expressões faciais e corporais, nos silêncios, nos sorrisos e risos algo dos sentidos e sentimentos que perpassam essa história. Tudo isso foi gradativamente revelado naquelas conversações e contatos e, sobretudo, nas entrevistas que se transformaram em verdadeiros encontros, sustentados pela confiança e pelo compromisso estabelecidos entre ambas as partes. Do meu lado, como pesquisadora e do lado das entrevistadas, como colaboradoras na recomposição daquela história, ainda que em partes. Travamos, por certo, um processo dialógico entre quem narra e quem escuta.

Desta forma, o trabalho com a história oral possibilitou a mim como pesquisadora³⁰ e a cada uma das entrevistadas, sujeitos da pesquisa ficarmos frente a frente uma com a outra, ultrapassando uma postura formal, para configurar um encontro. O termo encontro aqui utilizado ultrapassa o significado do estar junto, frente a frente, e assume outras conotações mais subjetivas que dizem respeito às descobertas que vão surgindo, resultantes da interação entre quem narra e quem escuta, ambas envolvidas em um clima e disposição de entendimento e busca.

Assim, de um lado, por parte de quem narrava, instaurava-se o processo de (re)significação do vivido a partir das lembranças que iam sendo selecionadas pela memória. De outro, por minha parte, o exercício de uma escuta que utilizava os sentidos e a sensibilidade para dar conta não apenas da responsabilidade de tornar pública uma história de um grupo de mulheres, mas também de apreender e traduzir as subjetividades individuais que afluíam em cada experiência individual. Assim, aqueles encontros assumiram outras dimensões, traduzidas em percepções e sensações só possíveis quando há comprometimento e intencionalidade comuns de ambas as partes.

³⁰ As observações e constatações sobre este aspecto são registradas nas Considerações Finais desta produção.

Em outros termos, as entrevistas eram, também, um compromisso que foi sendo concretizado no decorrer da realização dos encontros ocorridos com cada uma delas, nossas informantes especiais e adiante, as mulheres da Associação do Bethânia. Afinal, por mais que estivessem dispostas a ajudar-me a reconstituir essa história, narrando as situações vividas, cada uma daquelas mulheres se revelava ali, estava ali, ao narrar um pouco de si e de suas histórias presentes na confluência com as histórias do Movimento, dos Grupos de Mulheres, sendo mulheres elas próprias.

Portanto, na reconstituição de parte da história dos Grupos de Mulheres de Ipatinga, e da AMBB em especial, contei também com as informações iniciais obtidas pelas informantes privilegiadas, já apontadas anteriormente, qual seja, ouvi através de entrevistas, duas assistentes sociais, funcionárias da administração pública municipal de Ipatinga, que em vários períodos da história dos grupos, atuaram diretamente com eles. Entrevistei, também, representantes de dois outros Grupos de Mulheres, diferentes da Associação do Bethânia.

Além disso, entrevistei uma ex-religiosa, que, no início dos anos 1980, trabalhou nos Grupos de Mulheres, como participante das CEB's no município. O seu relato, bem como os das demais mulheres apresentadas acima, que participaram, à época do surgimento e expansão dos grupos, seja ao lado da Igreja Católica, seja como funcionárias da PMI, e seja ainda, como membros de dois dos vários grupos existentes no município foram de fundamental importância para a reconstituição dos percursos vividos e construídos. Seus relatos permitiram que as informações obtidas através da análise dos documentos junto à Secretaria da Ação Social da PMI pudessem ser confrontadas, complementadas e reelaboradas.

Analisados os registros das entrevistas realizadas com essas informantes privilegiadas, direcionei a pesquisa ao mais antigo Clube de Mães ainda em funcionamento. Trata-se da história e trajetória da Associação de Mulheres do Bairro Bethânia, o primeiro grupo a ser criado no município em 1978, ainda como Clube de Mães, com 30 anos de existência comemorados em junho de 2008. O contato, direto nos encontros semanais, com as participantes desse grupo trouxe rica possibilidade de obtenção de informações e desvelamento gradativo sobre as questões levantadas no início da pesquisa.

Ao optar pela observação de campo nesse grupo, tive por objetivo realizar um estudo mais detalhado e uma análise mais aprofundada sobre as relações estabelecidas na convivência semanal daquele coletivo de mulheres. Deter-me em um grupo específico foi possível, pois cada grupo desenvolveu e desenvolve a sua história com uma dinâmica própria, o que por si só já significa um importante objeto de pesquisa. Assim, não pude ampliar os contatos com os demais Grupos de Mulheres existentes em Ipatinga como inicialmente planejado.

Em suma, centrando, então, nas informações iniciais sobre a história da Associação de Mulheres do bairro Bethânia – AMBB - obtive-as inicialmente, nos documentos existentes na Secretaria de Ação Social da Prefeitura de Ipatinga e nos relatos das assistentes sociais, funcionárias, que, na última década, trabalharam com este e os demais grupos do município. Outras, obtidas um segundo momento, erigiram-se do meu contato semanal com o grupo, quando participei das reuniões por um período de três meses³¹, das entrevistas e levantamento documental.

No que se refere à etapa da pesquisa relativa ao estudo de caso da Associação de Mulheres de Ipatinga, um segundo momento da pesquisa, a medida que em que lá estive e que a pesquisa foi se desenvolvendo, levantando um conjunto de dados, de material e de elementos empíricos muito significativos, parte deles apresentados e sistematizados neste texto. Detalhando um pouco mais meus procedimentos metodológicos no estudo da AMBB foram:

a) observação direta, semanal, das atividades e funcionamento da Associação, qual seja, observação dos encontros semanais do grupo de mulheres às quartas-feiras à tarde durante três meses. Esta minha presença semanal, regular, no grupo se deu entre 26/03/2008 a 25/06/2008. Nesta última data foi comemorado os 30 anos de existência do grupo com uma festa e presença de representantes de outros grupos, entidades e do Poder Público Municipal.

³¹ Minha presença semanal, regular, no grupo se deu entre 26/03/2008 a 25/06/2008. Nesta última data, foi comemorado os 30 anos de existência do grupo com uma festa e presença de representantes de outros grupos e entidades e do Poder Público Municipal. Contudo, estive em contato freqüente com a Associação de forma mais intensa durante todo segundo semestre de 2008 e mais espaçadamente, durante o primeiro semestre de 2009.

b) contatos e visitas esporádicas ao grupo, realizadas espaçadamente, a cada dois meses, aproximadamente, durante o segundo semestre de 2008 e o primeiro de 2009;

c) realização de 18 entrevistas estruturadas, registradas através de anotações escritas com as mulheres que integravam a Associação na época da pesquisa, do total de suas 23 associadas/participantes;

d) realização de entrevistas semi-estruturadas, individuais, gravadas, com 10 das 23 mulheres associadas, girando em torno de 90 minutos cada uma delas;

e) levantamento e análise de documentos da Associação das Mulheres do Bairro Bethânia.

Quanto a esses documentos da AMBB especificamente, levantei e analisei, Cadernos de Chamada, o Movimento do Caixa³² e Atas das reuniões. Ainda como parte de análise do corpus documental, outros documentos escritos como o Estatuto da Associação, o convênio realizado entre a entidade e a administração municipal firmado no ano de 1996, constituíram fontes de investigação deste estudo. Conte também com um acervo significativo de fotos, recortes de jornal com registros de alguns dos eventos dos quais o grupo participara, material esse, disponibilizado pela representante e coordenadora do grupo.

Sobre o levantamento documental realizado na Associação do Bethânia, cabe destacar, também, que concluído o trabalho de campo, o acervo histórico documental por mim trabalhado e organizado, foi restaurado e entregue às participantes. O objetivo ao organizar os documentos utilizados, foi garantir o registro e consolidação dessa história por mais tempo. Entreguei ainda ao grupo, juntamente com esse material documental, um levantamento feito sobre as diretorias até então existentes e outro, sobre as mulheres associadas que passaram pela AMBB no decorrer dos seus trinta anos de existência.

³² Nos *Cadernos de Chamada* estão descritos os nomes das participantes e registradas a presença ou ausência em cada reunião ocorrida desde o ano de 1978. Nas anotações de *Movimento do Caixa* foram registrados todos os gastos, despesas e receitas financeiras, provenientes de mensalidades das associadas, bingos, rifas, festas beneficentes entre outros.

Extraí essas informações dos cadernos de atas e dos cadernos de chamadas respectivamente. Ao final de minha permanência na Associação de Mulheres do Bethânia, apresentei ainda um blog, criado sobre elas e para elas. A organização e a entrega desse acervo às associadas tiveram por objetivo possibilitar-lhes melhor visibilidade sobre a dinâmica que as envolve, os avanços e conquistas já ocorridos nesse percurso, bem como apontar as limitações e possibilidades dessa caminhada, além de constituir um acervo memorialístico com um mínimo de qualidade e organização.

Quanto às entrevistas supramencionadas, durante o período de convivência com as Mulheres do Bethânia, antecedendo a realização das entrevistas realizadas com dez das integrantes, apliquei uma entrevista estruturada³³ com cada uma. Entre as vinte e três mulheres que constavam no atual caderno de chamada da Associação, cinco não quiseram responder, logo, só dezoito participaram dessa entrevista.

Os registros das entrevistas estruturadas foram feitos por escrito, durante a própria conversa. Este procedimento buscava conhecer de modo mais sistematizado e em termos mais objetivos quem eram aquelas mulheres, atuais integrantes do grupo da AMBB e como vivem. Deseja, ainda, proceder à escolha e verificar aquelas que estariam se dispondo a realizar a entrevista semi-estruturada, em momento posterior, pois esta outra modalidade de entrevista também fazia parte de meus caminhos investigativos. Mais especificamente, as perguntas da entrevista estruturada versavam sobre o perfil socioeconômico, as atividades desenvolvidas no grupo e fora dele, a participação e o envolvimento de cada uma nas relações vividas no interior do grupo.

Os registros escritos provenientes das observações de campo, por sua vez, buscaram apontar especificidades e singularidades das questões que perpassavam e constituíam as reuniões, as interações, os encontros, as atividades, rituais e práticas da rotina de funcionamento do grupo, observados através das falas, da gestualidade, das condutas, das manifestações ditas e não ditas: olhares, sorrisos e silêncios entre as

³³Uma ficha foi elaborada com o objetivo de obter informações básicas sobre cada uma individualmente e no conjunto, traçar um perfil das participantes da Associação. Nela havia questões sobre: a identificação pessoal, o núcleo familiar, os percursos no mundo do trabalho, as redes de sociabilidade, os gostos e preferências e a participação no grupo. As questões respondidas por cada uma foram preenchidas por mim durante as reuniões entre os meses de abril e maio de 2008

integrantes do grupo. Tudo o que ali se passava, tudo o que ali havia e que ali se fazia naquelas tardes das quartas-feiras, dos mínimos detalhes aos grande elementos, era de meu interesse, pois poderia conter indícios e indicações de algo importante, de algo que poderia contribuir para a discussão das questões em pauta na pesquisa.

Tudo foi registrado no Diário de Campo, não apenas como relatos de fatos ocorridos, mas explorados segundo seus possíveis significados. Minha intenção era dar profundidade ao estudo realizado. Portanto, procurei investigar, detidamente, as possibilidades que as experiências vividas continham, o que expressavam, traduziam, significavam para aquelas mulheres individualmente e para grupo. (GEERTZ,1989).

Procurei também estar atenta aos riscos que poderiam surgir decorrentes dessa aproximação maior com as participantes, sujeitos desta pesquisa. Meu envolvimento afetivo e emocional resultantes da convivência com o grupo tornou-se uma realidade incontestável. Por isso, preocupei-me em buscar maior acuidade em relação ao meu olhar como pesquisadora /investigadora daquelas situações, para então, captar e analisar o vivido e tecido entre aquelas mulheres, atenta para que minha presença e envolvimento no grupo não comprometer a espontaneidade do que nele se passava e, posteriormente, as análises a serem realizadas.

CAPÍTULO 3 - MULHERES DE IPATINGA: CLUBES, GRUPOS,

MOVIMENTOS

3.1. Ipatinga: o cenário

Ipatinga é uma cidade situada no leste de Minas Gerais, localizada a 217 km da capital mineira, conhecida como Vale do Aço.³⁴ A explicação para o significado da palavra Ipatinga tem duas versões: uma indígena e outra, proveniente da lingüística.³⁵

³⁴ Como já apresentado na introdução deste trabalho, Ipatinga situa-se na região denominada Região do Vale do Aço, está localizada na bacia do Rio Doce entre as regiões central e leste de Minas Gerais e tem seu histórico de ocupação e desenvolvimento econômico intimamente ligado ao desenvolvimento da siderurgia. O município de Ipatinga, junto com os municípios de Coronel Fabriciano, Timóteo e Santana do Paraíso, constitui a região Metropolitana do Vale do Aço (RMVA). Em seu entorno, 22 municípios integram o colar metropolitano. O município de Ipatinga se localiza às margens do Rio Piracicaba e Ribeirão Ipanema, pertencendo à Bacia do Rio Doce. Tem, como municípios vizinhos, Santana do Paraíso e Caratinga à leste, Coronel Fabriciano à oeste; Timóteo, ao sul, e ao norte, os municípios de Mesquita e Joanésia.

³⁵ Segundo o livro *Nomes indígenas na geografia de Minas*, a palavra vem de YPÀ – lagoa clara, de águas claras e TINGA – branco, alvo, claro. Outra explicação para o significado da palavra também pode estar na língua tupi, *pouso de água limpa* (I+PA+TINGA). O nome também é explicado na obra *Toponímia de Minas Gerais* como YPÈ –

Sua existência como município se insere no contexto do novo modo de acumulação capitalista de modernização industrial brasileira ocorrida a partir da década de cinquenta do século XX.



Figura 1 – Localização de Ipatinga. Fonte: PORTAL DO CIDADÃO: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Disponível em <http://www.ipatinga.mg.gov.br>

A origem da Vila de Ipatinga, como era conhecida no início do século XX, está ligada à criação da Estação Ferroviária intermediária, que ligava Itabira a Vitória, inaugurada em 1922 e instalada às margens do Rio Piracicaba. Entre 1930 a 1954, a área esteve sob a posse de particulares que desenvolveram nela pequenas atividades agropecuárias e extrativas. Ainda nesse período, essa área foi adquirida, em parte, pela Companhia Belgo-Mineira, com o objetivo de aumentar a produção de carvão vegetal e abastecer as usinas em João Monlevade e Sabará, provocando novas mudanças na vila como registra este trecho:

As atividades da Belgo-Mineira na região, modificaram sobremaneira a vida dos moradores, principalmente os posseiros, que foram aos poucos tendo suas terras apropriadas pela companhia por meio da grilagem, já que não possuíam o título de posse. Banidos de suas terras, muitos acabaram por oferecer serviços à própria siderúrgica, nas carvoarias. Por estas considerações, percebe-se o tipo de população que se fixou na futura Ipatinga. Foram desbravadores, que abriram caminhos, derrubaram matas, queimaram a madeira, para que servisse de combustível para os fornos da siderúrgica. (SÁ, 2006, p.80).

O povoado de Vila Ipatinga, que pertencia ao município de Antônio Dias, tornou-se, em 1953, distrito de Coronel Fabriciano. Em 1956, o local foi escolhido para ser a sede de um complexo siderúrgico: a Usina Intendente Câmara posteriormente conhecida como Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais – USIMINAS. A então Usina Intendente Câmara teve o início de sua construção em 1958, ainda sob o signo do *plano de metas*, de Juscelino Kubitschek e inaugurada pelo presidente João Goulart em 1962.

Com a construção e instalação da indústria siderúrgica em Ipatinga, os rumos de sua história foram alterados.³⁶ Todo o planejamento urbano teve como objetivo principal o atendimento das demandas de infraestrutura urbana que com ela surgiram, para abrigar todos os envolvidos na construção da usina e os que viriam morar na cidade. O centro da cidade de Ipatinga, parte antiga da cidade que, já vinha sendo povoado, não mereceu um planejamento urbano, ao contrário da área que ficara sob os cuidados da empresa. Nessa parte antiga da cidade, não havia água, rede de esgoto, rede pluvial e rede elétrica. Tudo isso só ocorreu em 1962, após a emancipação do município.

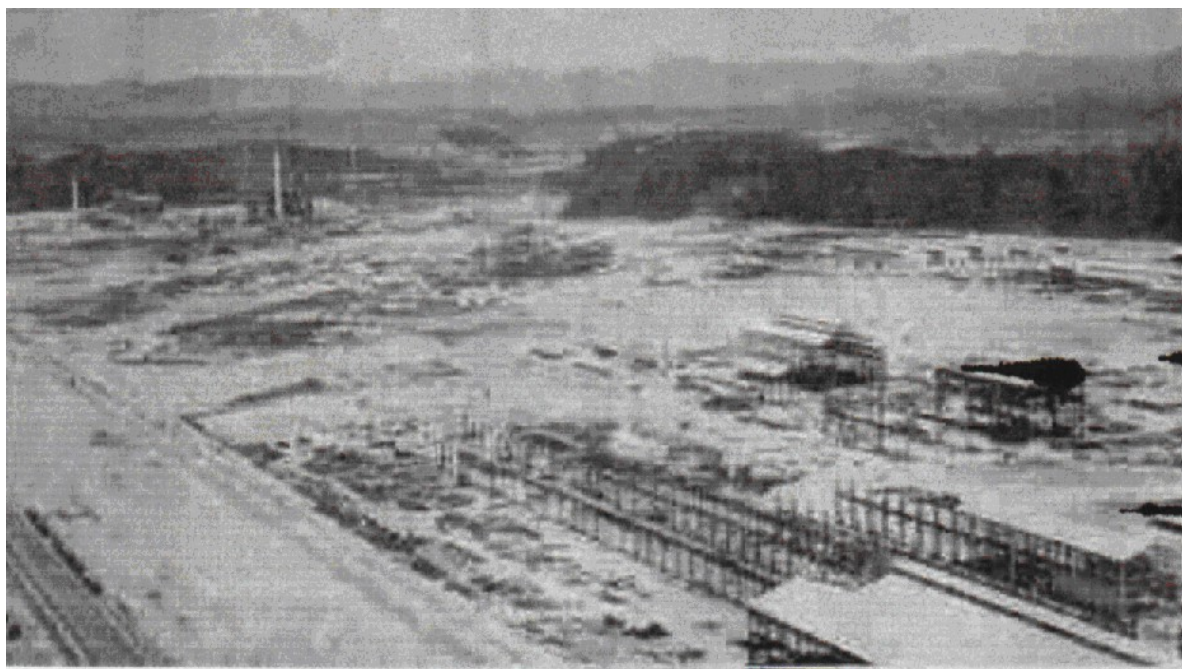


Figura 02 – Canteiro de Obras da Usiminas 1960. Observa-se no fundo, o limite natural que separa a empresa dos bairros. Fonte: Ipatinga: Com você. Por você. Revista informativa da Prefeitura do Município de Ipatinga junho de 2004. p.30.

³⁶ As informações sobre a história de Ipatinga, bem como as características físicas e sócioeconômicas do município foram retiradas dos documentos oficiais disponibilizados no portal do cidadão (PMI), fruto das informações obtidas pelos relatórios do IBGE e da Secretária de Desenvolvimento Urbano de Minas Gerais (SEDRU - MG). Foram também analisadas as dissertações produzidas sobre o município e a região do Vale do Aço. A esse respeito, ver Garcia (1998), Coelho (2005), Sá (2006) e Duarte (2007).



Figura 03 – À esquerda, a BR 381, ao lado da malha ferroviária, no centro, a Usina. À direita, no alto, parte do Parque Florestal e Rio Doce, ao fundo, o centro da cidade.
Fonte: Ipatinga: Com você. Por você. Revista informativa da Prefeitura do Município de Ipatinga junho de 2004. p.30.

Paralelo ao loteamento dos primeiros bairros, realizado por uma empresa particular, a empresa Usiminas projetava a construção de bairros que seriam habitados por seus funcionários em terras de sua propriedade. A ocupação desses bairros correspondia à função ocupada pelos trabalhadores na empresa e, dessa forma, os bairros da siderúrgica demonstravam, na prática, a estratificação social proporcionada com a sua instalação, tornando-se, assim, uma extensão da hierarquização do ambiente de trabalho, como descrito a seguir:

No que tange à hierarquização do espaço e reprodução do organograma interno da Usina, compete descrever essa hierarquia e os nomes das respectivas ruas que obedecem a essa divisão espacial/social. Logo, Diretores, Chefes de Departamentos e de Divisão ficaram no sugestivo bairro Castelo. Os nomes das respectivas ruas que cortam o bairro, foram uma reverência aos planetas do sistema solar; Chefes de seção e alguns Engenheiros em um bairro logo abaixo — bairro Cariru — onde se constata uma predominância de nomes de ruas relacionados aos países da Europa; Supervisores no bairro Imbaúbas e, percorrendo suas ruas, depara-se com uma verdadeira tabela periódica e todos os elementos químicos, estampados nas placas de suas ruas. Assim, engenheiros em um bairro, Supervisores e Técnicos reunidos em um mesmo lugar e os Operários do outro lado da cidade, em um bairro com o sugestivo nome de Ideal. Esse planejamento reproduzirá o ambiente interno de trabalho nas suas divisões, nas suas tensões, na sua hierarquização [...] (DUARTE, 2007, p.60).

Se por um lado, alguns bairros foram construídos por meio de um planejamento realizado pela siderúrgica, com vistas a manter, sob controle, os seus empregados, por outro lado, bairros já existentes na parte mais antiga da cidade ou que cresceram sem planejamento se expandiram desenvolvendo certa autonomia. Exemplo disso é a presença de centros comerciais em cada um, completamente afastados do centro da cidade e da área onde foram construídos os bairros pela USIMINAS.

Essa realidade evidenciava a existência de duas partes distintas de uma mesma cidade: uma planejada e cuidada para que pudesse se desenvolver segundo a lógica e os interesses da empresa e atender seus funcionários, e outra, mais antiga, desprovida, durante muito tempo, de infra-estrutura e recursos que atendessem, de forma satisfatória, seus moradores, em sua maioria, também empregados da empresa.

Nessa outra parte da cidade, moravam os habitantes mais antigos e os piões, como eram chamados os migrantes e empregados de baixa qualificação da siderúrgica e das empreiteiras, responsáveis pela construção da obra. Formava-se assim, as camadas populares e, sob esse aspecto, “pode-se entender a criação de uma cidade para o trabalho. Uma cidade como uma empresa, para uma empresa e pela empresa.” (GARCIA, 1998, p.68)

Durante décadas, a imagem de Ipatinga como cidade moderna, planejada e rica conseguiu mascarar os conflitos sociais inevitáveis, provenientes de uma divisão marcada pela hierarquização e desigualdades sociais. Outro aspecto a ser destacado diz respeito às subcondições de trabalho e de vida para essa parcela mais pobre da cidade. Também durante décadas, a expressão lei do silêncio tornou-se conhecida na cidade, principalmente para designar o comportamento de grande parte dos empregados da empresa, que evitavam participar de atividades e eventos que não eram bem vistos pela siderúrgica (SÁ, 2006; GARCIA, 1998; DUARTE, 2007).

Além do impacto demográfico e econômico, Ipatinga sofreu o impacto cultural, uma vez que recebeu pessoas de muitas regiões do Brasil, como imigrantes em busca de trabalho e ascensão econômica. Esse fato fez com que, ao longo dos anos, significativa parcela da população fosse crescendo e distanciava-se do controle direto e permanente

da empresa. Além disso, questões inerentes ao próprio planejamento e ocupação da cidade possibilitaram a evidência de outros atores sociais ao ocuparem outras posições na dinâmica social.

Nesse sentido, merecem destaque as atividades coletivas, organizadas pelas assistentes sociais, funcionárias da Usiminas. Elas eram encarregadas da condução dos grupos das mulheres de um quadro distinto de funcionários que ocupavam uma posição hierarquicamente favorável na empresa. Eram as mulheres desses funcionários que se reuniam periodicamente, para atividades diversas e, entre elas, a realização de trabalhos manuais.

Embora esses grupos não constituam parte dessa pesquisa por seu perfil socioeconômico diferenciado daquele que é nossa preocupação, é interessante mencionar, que tais atividades desenvolvidas por aquelas mulheres proporcionavam-lhes as mesmas oportunidades de aprendizado dos demais grupos existentes, independente do universo sociocultural das participantes. Sobre as reuniões ocorridas com mulheres dos funcionários mais graduados da empresa, quando eram desenvolvidos os trabalhos manuais, a assistente responsável tece o seguinte comentário:

[...] a gente conversava, porque o que acontece é o seguinte: você não sabe o quanto uma atividade manual leva as pessoas a falarem de suas dificuldades. As pessoas fazendo bordados, fazendo tricô fazendo um prato, alguma coisa... (GARCIA, 1998, p. 86).

Em última instância, cabe destacar que embora a Usiminas tenha planejado uma cidade com infraestrutura e benefícios para receber seus operários, inevitavelmente, a cidade cresceu para além do planejamento da empresa. Ao longo dos anos, a cidade inicialmente planejada para o predomínio das atividades profissionais derivadas do aço, assumia dimensões maiores. Gradativamente, ações e atividades deixaram de ser exclusivamente voltadas para o trabalho masculino. Escolas, comércio, novas atividades culturais e de prestação de serviços foram se espalhando junto ao traçado urbano, principalmente ao longo das duas últimas décadas como é mostrado neste texto:

[...] as pessoas que faziam parte do corpo de funcionários da siderúrgica, se acomodavam, na maioria, nos bairros construídos por ela, e em torno da indústria. Os que foram chegando para se dedicar a outras atividades fixaram-se nos loteamentos feitos independentes da empresa. Os poucos

fazendeiros que existiam, lotearam suas propriedades, que estavam localizadas mais afastadas do centro [...]. Somente em 1980 é que um grande projeto urbanístico começou a ser executado, com o objetivo de atender às novas demandas. Por essa época, a cidade já sofria com a falta de saneamento básico, o hospital já não era suficiente para atender a demanda, e as escolas já não davam conta de atender as necessidades desta crescente população. Ao longo dos anos, foram se formando bolsões de excluídos na periferia e muitos bairros e favelas possuíam condições precárias de saneamento. Ao mesmo tempo o crescimento da população provocou o aumento do número de veículos e as próprias necessidades impostas pelo desenvolvimento econômico, como o escoamento de produção, exigia melhorias no sistema viário e uma redefinição da malha de transporte. As obras dessa época foram as que definiram grande parte do atual traçado do sistema viário e paisagístico da cidade. Ao longo de quatro décadas de existência a cidade foi se estruturando em função da siderúrgica. Os problemas, tanto físicos quanto sociais gerados em sua formação foram, aos poucos, sendo sanados. Mas para um observador mais atento, os problemas sociais, que tiveram origem no processo de formação da cidade, permaneceram (SÁ, 2006, p.87).

Os anos 1980 foram também muito influenciados pelo contexto sócio-histórico, caracterizados pela redemocratização do país. Desse modo, tornaram-se, cada vez mais presentes, nos diversos bairros, as organizações e agrupamentos coletivos em prol de demandas específicas como de associações, pastorais, clubes de mães e, assim, formam-se os diversos grupos nessa época. Desse modo, ao longo das décadas, outras manifestações ocorreram por parte de seus habitantes então distantes do *silêncio* de anos anteriores que predominava sobre parcela significativa dos trabalhadores, *quando práticas e assuntos* não eram vistos com bons olhos pela direção da empresa. O trecho a seguir evidencia a força e o autoritarismo impostos no cotidiano aos trabalhadores:

É interessante observar que a empresa ocupa o lugar do antigo coronel, figura de destaque do arcaico comando político dos sertões e que ainda impera como poder local pelo interior das Minas Gerais. Ela incorpora, com ares de modernidade um novo mandonismo econômico; porém, esse mando foi pautado pela racionalidade de toda uma estrutura burocrática, hierárquica, autoritária, superando em muito o poder dos velhos chefes locais. Ao se relatar a postura autoritária da empresa, torna-se necessária uma reconstrução histórica de todo um passado arbitrário, buscando, quando possível, as origens de tal comportamento. [...] Uma outra materialização deste autoritarismo ficou evidenciado na demissão sumária de todos os componentes e supostos colaboradores da Chapa Ferramenta, tanto no ano de 1985 como em 1988, por ousarem concorrer às eleições sindicais, filiados à chapa de oposição. As sucessivas demissões de todos os componentes de chapas sindicais por anos seguidos, mesmo após o advento da Constituição democrática de 1988, levam a uma série de indagações sobre a origem de tanto despotismo por parte da Empresa. (DUARTE, 2007, p.60).

No final da década de 1990 foi criada a região metropolitana do Vale do Aço³⁷ e, segundo o documento analisado, a forma de organização dessa região é considerada moderna e democrática, respeitando a autonomia de todos os municípios participantes.

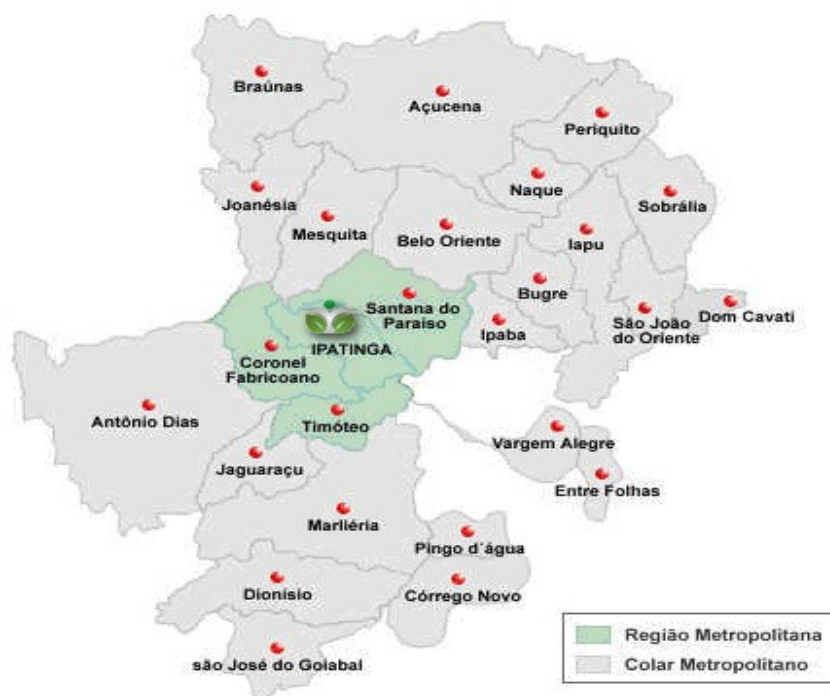


Figura 04 - Região Metropolitana de Ipatinga. Fonte: PORTAL DO CIDADÃO: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Disponível em <http://www.ipatinga.mg.gov.br>

Constata-se que a economia dessa região se caracteriza pela atividade industrial, fortemente marcada pela siderurgia e concentrada nos municípios sedes da Usiminas (Ipatinga) e da Acesita (Timóteo). Quais as tendências atuais em relação à economia do Vale do Aço? Há algum indício de diversificação? Os dados de emprego da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) para 1986 revelam que, enquanto 45% do emprego formal na RMVA estavam concentrados na indústria da transformação, em Minas Gerais como um todo, o percentual era de apenas 22%. O mesmo indicador para 1998 mostra uma queda para 31% na participação relativa da indústria da transformação

³⁷ Conforme o documento Portal do Cidadão, a Região Metropolitana do Vale do Aço (RMVA) foi criada pela Lei Complementar número 51/98, como um aglomerado urbano formado por quatro cidades: Coronel Fabriciano, Ipatinga, Santana do Paraíso e Timóteo. Os quatro municípios se uniram para buscar soluções inovadoras para os problemas comuns. Como já citado, no entorno da Região Metropolitana, estão 22 cidades que integram o Colar Metropolitano.

no total do emprego formal da RMVA e queda proporcional também para o Estado de Minas Gerais (17%).

A predominância da metalurgia na economia da Região Metropolitana continua evidente, uma vez que ela foi responsável por 80,67% do total da arrecadação de ICMS em 1997. Considerando individualmente os municípios, observa-se que em Ipatinga e Timóteo a indústria metalúrgica era naquele ano responsável por nada menos do que 85,65% e 83,07%, respectivamente, do total da arrecadação de ICMS local. As informações sobre Coronel Fabriciano permitem constatar que ali o comércio varejista continuava predominante, sendo responsável por 60,85% do total do ICMS municipal arrecadado em 1997. Finalmente, em Santana do Paraíso a principal atividade econômica está na indústria de transformação de produtos de minerais não-metálicos (50,53%). Trata-se, nesse caso, da produção de cimento a partir da escória derivada da produção de aço na Usiminas.

O município de Ipatinga, situado na microrregião da qual é o pólo e na macro-região do Rio Doce³⁸, considerada uma das mais carentes do Estado, apresenta desde meados do século passado, data de sua criação, elevado índice de crescimento populacional, muito embora esses índices venham declinando a cada década e praticamente se estabiliza desde 1980.

Esse crescimento é consequência da condição de pólo econômico que o município exerce desde a implantação da USIMINAS, reforçando o dinamismo da microrregião iniciado com a implantação da ACESITA, em Timóteo, por volta dos anos quarenta, configurando assim, pólo siderúrgico mais expressivo, e uma das maiores concentrações industriais do estado de Minas Gerais.

Assim sendo, o pólo econômico do Vale do Aço, como é conhecido, tem se constituído num dos mais importantes centros urbanos do Estado e, por conseguinte, apresenta uma de suas mais expressivas concentrações populacionais e econômicas

3.2 Grupos de Mulheres: gênese e crescimento

³⁸ Segundo a FIBGE, o Estado de Minas Gerais foi dividido em 67 microrregiões e a Fundação João Pinheiro, por sua vez, desagregou o espaço mineiro, para fins de planejamento, em 10 macro-regiões.

A expressão Clube de Mães tornou-se mais conhecida no Brasil, entre os anos 1970 e início dos anos 1980, quando surgem, em várias partes do país, diferentes formas de manifestações coletivas populares. Em sua maioria, esses clubes espalhados por todo o país, foram constituídos, nesse período, por mulheres pertencentes, em grande parte, às camadas populares, tendo em comum as condições socioculturais e econômicas, caracterizadas pela carência de bens e de serviços elementares. Desses, destacam-se: assistência médica, habitação, saneamento básico, educação, transporte, infraestrutura e serviços sociais. Decorridas quase três décadas desde o surgimento dos primeiros grupos, e apesar de sua expansão, as condições materiais relativas à oferta de serviços elementares de qualidade modificaram-se muito pouco para grande parcela desses grupos.

Sem dúvida, o momento histórico no qual essa e outras formas de organizações surgiram e se desenvolveram guarda relação direta com a dinâmica interna da sociedade brasileira. Trata-se de um período singular e recente da história política do país, caracterizado pelo processo de redemocratização, após duas décadas de ditadura militar. Os anos 1980 correspondem, portanto, a um período em que a sociedade civil se organiza em torno, principalmente, de projetos de redemocratização, mas associam-se a eles outros aspectos de dimensões econômicas e sociais entram em cena.

Dessa forma, embora com origem na esfera política, vários temas atingem, de forma direta e/ou indireta, os diferentes sujeitos sociais que se organizam em busca de direitos de cidadania³⁹. Esses movimentos simbolizam o retorno da mobilização de diferentes setores da sociedade civil, em torno das questões sociais mais urgentes, em situação oposta ao período de desmobilização e de repressão provocado pelo aparato do

³⁹ Sobre movimentos que surgem entre as décadas de 1970 a 1990, Gohn realiza um mapeamento seguido de interessante análise. São descritos alguns que ficaram conhecidos por sua atuação como o Movimento Contra a Carestia (1981); o Movimento dos trabalhadores para a construção das Centrais Sindicais com a realização da I Conferência Nacional das Classes Trabalhadoras (CONCLAT) realizada em Praia Grande São Paulo (1981); Movimento de Invasões de Terras na Fazenda Itupu, São Paulo(1981). Resultante de mobilizações dos trabalhadores, está a criação da confederação Geral dos trabalhadores CGT (1982); da Central Única dos Trabalhadores CUT (1989) e da Força Sindical (1993). Outros movimentos ainda se destacam como: o das Diretas Já (1984); dos Mutuários do Banco Nacional da Habitação – BNH (1984); o Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua (1985); Movimentos em Defesa da Escola Pública(1988). Também nos anos 1990 surgem movimentos com diversos propósitos como o Movimento pela Ética na Política e dos Caras Pintadas - ambos pró *impeachment* do presidente Collor (1992); a Ação da Cidadania Contra a Fome Pela Vida (1993-1995); a Central dos Movimentos Populares (1993); o Conselho da Comunidade Solidária (1995), além de inúmeras outras manifestações de reivindicações sociais.

regime militar até o final da década de 1970. (GOHN, 1995; SADER, 1988; MIRANDA, 1987).

Nesse período, muitos desses movimentos coletivos encontraram na chamada ala progressista da Igreja Católica, uma forte aliada. Nesse contexto, ela passa a desempenhar um importante papel uma vez que para ela convergem muitos desses grupos. Daí, são desenvolvidas as pastorais e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's)⁴⁰, que passam a coordenar diferentes movimentos populares em todo o país. Ao orientar e assessorar seus participantes, a Igreja Católica desempenha, também, um importante papel político, ocupando um vazio de poder então existente, considerando-se o contexto histórico em que as lideranças foram afastadas e silenciadas.

As Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) surgiram no Brasil a partir de 1956, visando suprir a carência de ministros ordenados. Com a introdução da Teologia da Libertação,⁴¹ também o trabalho das CEB's passou a ser desenvolvido, tendo por referência uma interpretação da Bíblia e do Cristianismo, cujo ponto de partida é a perspectiva dos pobres e de suas experiências. Na sociedade brasileira, a exemplo de outras sociedades, os padres que comungavam dessa concepção defendiam a existência de uma religião libertadora, que privilegiasse a discussão e a busca de alternativas para minimizar as graves dificuldades vividas pelas camadas populares evidenciadas pelas questões sociais como as desigualdades sociais resultantes da má distribuição de renda e responsável por um quadro de brutal miséria, discriminação social e racial, além do analfabetismo.

⁴⁰ Segundo o *Projeto da Comunidade São Jorge*, as Comunidades Eclesiais de Base São “Comunidades porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma Igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São **Eclesiais**, porque estão congregadas na Igreja, como núcleos básicos da comunidade de fé. São de **base**, porque são integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos, como domésticas, operários, subempregados, aposentados, trabalhadores rurais, excluídos da sociedade etc. As Comunidades Eclesiais de Base foram denominadas também em sua forma abreviada, como CEB's”.

⁴¹ Originária da América Latina, a Teologia da Libertação tem suas origens nas Conferências da Igreja Católica, realizadas em Medellín (1968) e em Puebla (1971), quando toma forma o projeto de opção preferencial pelos pobres. O ponto de partida é a análise da realidade e do lugar dos pobres em situações de injustiça no continente. Eles deixam de ser vistos pela Igreja Católica como objetos de caridade e passam a ser considerados como sujeitos potenciais de realização de transformação social. A Teologia da Libertação é uma produção teórica combinada a uma linha de ação da ala progressista da Igreja Católica. Ela utiliza as Ciências Sociais como um instrumento para a análise da sociedade e dos seus mecanismos de opressão nos países periféricos. É uma teologia que privilegia a práxis: surge das práticas, reflete sobre elas, passa a sustentá-las e a legitimá-las (GONZÁLEZ GARCIA 2006: p. 32-34).

Elas constituíram, portanto, um importante braço social da ala progressista da Igreja Católica questionando a injustiça social.⁴² Seus integrantes buscavam auxiliar as pessoas e os grupos na conquista de uma vida digna, à luz dos ensinamentos dos evangelhos, apoiada em princípios da Teologia da Libertação. Ao contrário do que comumente se imagina as CEB's nem sempre resultaram de um planejamento realizado pela Igreja Católica. Entretanto, uma vez existentes, elas passaram a contar com total apoio da Igreja através de agentes de pastoral, como relatado a seguir:

A presença dos agentes de pastoral vai ser fundamental, tanto no começo da sua formação, como na animação e acompanhamento. Esses agentes podem ser padres, leigos e, principalmente, religiosas [...]. Círculos Bíblicos, grupos de novenas, clubes de mães, grupos de catequistas e pastorais como a operária, da moradia, da saúde, das mulheres, da juventude, da terra, entre outras, formam o tecido de uma multiplicidade de relações e organizações que ligam as situações concretas do cotidiano com a política, integrando o religioso e o social. Em muitos casos, surgem lideranças que, a partir do trabalho de conscientização, darão lugar à formação de movimentos sociais, assim como a partidos e sindicatos, ou servirão de apoio às iniciativas tomadas por estas entidades (GONZÁLEZ GARCIA, 2006, p.35).

Outra característica interessante das CEB's no Brasil dos anos 1970 a 1980, contexto do regime militar, diz respeito ao papel que elas passam a ter por se configurarem em espaços nos quais as pessoas podiam se reunir com certa autonomia, ao contrário de outras entidades como associações e sindicatos, muitas vezes, fechados ou monitorados pelo Estado autoritário. (LESBAUPIN, 2003).

Desse modo, presentes em todo o Brasil, com características diversas, as CEB's tiveram um importante papel social e político por terem, em comum, a efetiva participação popular e se constituírem como espaço de discussão sobre questões da realidade. E ainda, ajudaram “a introduzir práticas sociais voltadas para a participação por meio de métodos democráticos e colaboraram também para o fortalecimento dos movimentos populares em todo o Brasil” conforme (GONZÁLEZ GARCIA, 2006, p.37).

42

O trabalho do setor progressista da Igreja Católica de apoio aos movimentos populares se verificou no município de Ipatinga e na região metropolitana do Vale do Aço, pela atuação de alguns padres. Entre eles, cito os padres José Maria De Man, José Jorge Abdala, Bertollo, Ernesto, Cícero. Este último, tido como revolucionário pelos militares da região, foi preso político do regime militar. Outra religiosa muito conhecida foi Irmã Lila, pertencente à Congregação Sagrado Coração de Jesus. Ela residiu no município de Timóteo entre os anos de 1974 a 2000, quando faleceu. Destaco, ainda, os padres franciscanos, Franco e Miranda que realizaram o seu trabalho principalmente junto à Comunidade São Jorge do Bairro Bethânia.

A realidade dos Clubes de Mães e de outros movimentos coletivos que surgem em Ipatinga a partir da década de 1970 ilustram as considerações acima. Esses movimentos estabeleceram um canal direto com a Igreja Católica, dela recebendo apoio permanente. Independentemente dos desdobramentos que essas entidades assumiram ao longo dos anos no município, a contribuição da Igreja Católica foi indiscutível, como destacou Sara.⁴³

“Mas na década de 80 eu coloco a Igreja. [...] Então a Igreja vai assumir esse papel importantíssimo, das novas ideologias políticas voltadas nessa valorização humana, nesse reconhecimento e na integração social. Esse momento da caminhada da Teologia foi muito importante para nós. Na década de 80, a Igreja trouxe muitos padres de fora do Brasil com muita experiência na área social, para orientar o trabalho que ia ser feito. O apoio que veio da Igreja se deve principalmente à participação da mulher na Igreja e nas pastorais. A mulher é maioria dentro da igreja e ela é muito importante dentro da Igreja, principalmente nas igrejas em que o trabalho estava voltado para a Teologia da Libertação, que dá uma valorização muito grande à mulher.” (Sara. Entrevista em 25/09/2007).

Mesmo que a falta de tempo seja utilizada para justificar, em parte, a ausência de maior participação masculina nas atividades eclesiais, a presença das mulheres, muitas vezes, foi e continua sendo associada a uma *natural* vocação feminina para isso. Os compromissos ligados à religião são, na cultura brasileira, papéis destinados às mulheres como constituição de parte do mundo feminino.

Dessa maneira, essas atividades extradomésticas das mulheres são bem recebidas pelas famílias, por estarem associadas, primeiro à doçura, meiguice, mansuetude, paciência à espiritualidade religiosa; e, segundo, por vincularem aos demais aspectos da sua subjetividade fruto de atributos incorporados por elas, considerados socialmente positivos e reforçados pelo discurso religioso cristão (MACHADO E MARIZ, 1997). Isso explica a maciça resposta das mulheres ao chamado da Igreja Católica, dirigido aos seus fiéis, para o enfrentamento dos problemas de pobreza e opressão para tornando-as sujeitos de sua própria história.

⁴³ Na fase inicial desta pesquisa, Sara, assistente social, foi mais uma das informantes privilegiadas. Ela trabalhou no início dos anos 1980 com os grupos de mulheres como participante das CEB's no município. Anos mais tarde, no final da década de 1990, ela atuou nas organizações coletivas existentes, como funcionária técnica da Prefeitura Municipal de Ipatinga, através da Secretaria de Ação Social, não tendo, na atualidade, qualquer vínculo empregatício com esse órgão público. Mais uma vez, lembro que todos os nomes citados são fictícios.

Assumir funções de liderança nas atividades religiosas das comunidades; participar de um trabalho intenso de formação e conscientização; participar de clubes de mães; organizar-se para reivindicar água, luz, transporte, creche, moradia, preço acessível para os produtos; apoiar greves..., todas estas ações estimularam e legitimaram outras possibilidades para as mulheres em relação ao que lhes permitia o espaço doméstico. Elas mesmas reconheceram o papel da Igreja nas mudanças que aconteceram em suas vidas. A participação *nas lutas* abriu para elas novos horizontes, permitiu novos contatos, e mesmo chegou a desestabilizar relações familiares tradicionais (MACHADO E MARIZ, 1997, p. 10).

Embora a relação entre escolhas religiosas e questões de classe e gênero seja extremamente complexa, estudos como os de Miranda (1987); Machado e Maríz, (1997); González Garcia (2006) corroboraram algumas posições que ajudaram a melhor compreender o percurso de alguns Clubes de Mães, Grupos e Associações existentes em Ipatinga que se relacionaram com a Igreja Católica. Esses estudos apontam que a motivação das mulheres lhes permite reformulações e mudanças no que diz respeito aos valores e concepções relativas à realidade que as cercam como a si mesmas.

No município de Ipatinga, como em outras cidades, a denominação Clube de Mães passou a ser dada aos grupos de mulheres que, no início da década de 1980, surgiram e desenvolveram-se nos diferentes bairros do município. Dessa forma, embora a expressão clube de mães seja usada no singular, ficou claro o surgimento de grupos nos vários bairros de Ipatinga desde então. À medida que, em um determinado bairro, as mulheres sentiam a necessidade de se organizar em torno de uma demanda, um objetivo comum passavam a realizar suas reuniões de forma sistemática, um Clube de Mães era formado.

Nesse período, além do Clube de Mães formado em cada bairro, surgiram, também, outras duas associações contando com a participação exclusiva de mulheres: o Movimento das Lavadeiras e Domésticas e o Movimento das Mulheres Marginalizadas. Sobre o primeiro, Vera, assim se expressa:

“A época o Movimento das Lavadeiras e Domésticas, liderado por uma das participantes e contando com a participação das CBs, tinha outro objetivo, que era o da consciência de classe, porque eram trabalhadoras e não tinham carteira assinada, direito a férias, a repouso remunerado. Então, o objetivo era criar uma associação de lavadeiras que desembocasse no sindicato. Também tinha a questão do sindicato a gente chamava as pessoas que tinham uma inserção maior no sindicato; a gente chamava para dar

subsídios para que elas desenvolvessem a consciência de classe. Só que isso não avançou muito não.” Vera. Ex religiosa. Entrevista em 03/ 07/2007).

Uma das integrantes do primeiro Clube de Mães, hoje Associação de Mulheres do Bethânia, D. Ruth, foi naquela época, a líder do Movimento das Lavadeiras e Domésticas e apresentou-me o seguinte relato a respeito:

“Eu era lavadeira. [...] Ela a associação foi e não foi pra frente, sabe por quê? Porque as patroas, quando elas colocavam uma doméstica, elas não tinham lavadeiras. Elas (as empregadas) tinham que fazer de tudo. Cuidar da casa, olhar menino, lavar, fazer tudo, tudo. E as domésticas não tinham carteira assinada. Hoje têm carteira assinada graças a essa associação que a gente participou, eu era a coordenadora dessa associação... e eu brigava mesmo, tá? Ela se formou com os padres, eles me ajudavam. A gente fazia reunião pra toda banda, era no Cariru (bairro), no centro, tinha o dia de Assembléia, juntava tanta gente, minha filha, você precisava ver! E aí, eles (os frades) começaram a trabalhar na comunidade. Teve um dia que eu tinha que fazer um encontro no Bom Jardim das lavadeiras e domésticas. Aí, tinha umas mulheres no ônibus e falando: “Tem uma velha aí da perna seca (eu era magrinha) que tá aí mexendo com as lavadeiras. Por que então, ela não pega essas lavadeiras empregadas e leva pra dentro de casa? Em vez de arrumar a casa dela ela fica aí, mexendo com a vida dos outros!” mas falavam, falavam. E eu dentro do ônibus e elas também. Eu ficava bem quieta, não falava nada (risos)” (Ruth. Entrevista em 18 /06/2008).⁴⁴

Esse depoimento não apenas confirma as informações da entrevistada anterior como também as enriquece evidenciando a existência das lutas de classe, que se interpõem entre as mulheres impedindo-as de aproximarem todas elas. As questões objetivas vividas por aquelas mulheres, evidenciam, de um lado, a luta pela sobrevivência, pelo fim da exploração e por melhores condições de trabalho que envolve as empregadas domésticas e lavadeiras. Por outro, por parte das patroas, a ideia da expropriação e exploração do trabalho que as impede de se perceberem também mulheres, vivendo numa mesma sociedade que discrimina e desqualifica a atuação feminina nos variados aspectos e situações presentes na realidade em que vivem.

A outra associação, formada nesse período pelas profissionais do sexo, denominada Movimento das Mulheres Marginalizadas foi, segundo os relatos de Vera⁴⁵,

⁴⁴

⁴⁵ Vera, como já mencionado anteriormente, não apenas testemunhou o surgimento de grupos, como participou, de forma direta e ativa, da constituição de alguns grupos de mulheres na região durante o período mencionado como religiosa ao lado das CEB's. Seu relato, assim como os de outras mulheres que participaram do surgimento e expansão dos grupos, seja ao lado da Igreja Católica, seja como funcionária da PMI, seja mesmo participante de um dos grupos, foi de fundamental importância para a reconstituição da história dos grupos nesse contexto vivido, uma vez que, os poucos registros existentes estavam fragmentados. Seus relatos e informações colaboraram e completaram os obtidos pela análise de documentos da Secretaria da Ação Social (PMI) e da Associação de Mulheres do Bethânia, primeiro grupo a existir no município conforme já dito.

na época muito perseguida por policiais. Eles, sob diversos pretextos, prendiam e usavam de violência contra elas. Em entrevista, fez, ainda, uma alusão a esse movimento comparando-o à atualidade:

“O movimento de mulheres marginalizadas hoje não existe mais. Existe hoje um projeto chamado Projeto Videiras, que realiza um trabalho de evangelização coordenado pela Igreja Evangélica. Tem inclusive uma sede que fica próxima ao prostíbulo na praça no centro. No início era o frei, os padres franciscanos e o padre Ernesto. Era um trabalho muito bom, porque não trabalhavam só com as mulheres marginalizadas. Trabalhavam também com as crianças, filhos que eram alfabetizados” (Vera. Entrevista em 03/07/2007).

Embora esse movimento não mais exista e o trabalho atual, realizado com as profissionais do sexo, tenha assumido um perfil mais assistencialista, considero de grande importância, registrar o relato de Sara,⁴⁶ quando entrevistada na primeira fase da pesquisa. Ela forneceu dados de informantes privilegiadas, possibilitando reconstituir a história dos grupos ao longo da década de 1980, além de destacar o papel da atuação da Igreja Católica nesse movimento:

“Fui trabalhar na creche. Em 87 eu entrei no Movimento das Mulheres marginalizadas, que foi um movimento de um ganho muito grande para minha pessoa. Lá eu me tornei mulher, capaz de definir e escolher os meus planos. Fui conhecer mulheres, passei a amar o ser da mulher, a admirá-la e poder analisar. Foi uma experiência gratificante. Eu tenho muito que agradecer a Deus por essa experiência, por este momento muito feliz. [...] Eu entrei a partir de uma necessidade, porque precisava de alguém para trabalhar com essas crianças, com as crianças das prostitutas. Esse movimento ia trabalhar diretamente com as prostitutas da Zona Boêmia na rua Araxá, onde existiam as boates. Existia em torno de 60 a 80 mulheres. [...] Nosso objetivo, do movimento, era trabalhar com essas mulheres, mas numa linha mais de conscientização, da promoção pessoal, da própria mulher, da auto-estima. Mas o trabalho foi evoluindo e elas traziam seus filhos, porque essa dependência, todos os fatores que envolvem a mulher, o ser da mulher não tinham ... [...] Quando o projeto estava a todo vapor, eu vi companheiras morrendo. Companheiras, as mulheres prostitutas, nós vimos muitas delas morrendo. Nós trabalhamos muito com elas a questão da violência nas oficinas. Nós discutimos com elas... Elas também queriam uma oficina de alfabetização, para que elas pudessem fazer contas, porque ali que elas se sentiam lesadas pelos donos de casas. Nós sofremos perseguição pelas donas de casa, nos xingavam. Era um grupo grande. Que coordenava o projeto, mas nós tínhamos o padre Ernesto, o frei Eduardo, o frei Jacy, o frei Gian. Essas pessoas eram o suporte externo que a gente tinha, fora a própria comunidade política.” (Sara. Entrevista em 25/09/2007).

⁴⁶Inicialmente, Sara participou, como voluntária, desse Movimento como crecheira. Posteriormente, já na graduação de Serviço Social, ela atuou com a assistente social das atividades como estagiária da Secretaria de Ação Social nos Grupos de Mulheres da PMI.

Esse relato, rico sob vários aspectos, pareceu-nos importante por vir de uma mulher que participou da constituição de um dos grupos que, embora com pouco tempo de existência, possibilitou a vivência de situações e experiências com forte caráter pedagógico. Seu relato mostra, ainda, a experiência vivida por seus membros, tendo contado com o apoio e assessoria de outras mulheres, também, das assessoras e voluntárias que atuaram nesse movimento. Foi o caso de Sara, que, ao se envolver com esse grupo, percebeu aspectos de suas subjetividades serem tocados e (re)significados. Em depoimento revela, ainda, a importância do papel da Igreja, através da atuação dos padres franciscanos. Mais uma vez tornou-se claro o objetivo principal desses religiosos frades: auxiliar o desenvolvimento da consciência crítica e mais politizada entre as mulheres.

O aspecto mais importante desse relato diz respeito à violência contra as mulheres, presente não apenas entre as profissionais do sexo, que por isso mesmo eram e são desrespeitadas, mas também entre muitas mulheres da sociedade brasileira e, entre elas, as mulheres participantes dos diversos grupos de Ipatinga, independentemente de suas atividades profissionais, classe social ou credo. Entretanto, mesmo já tendo se passado muitos anos, na atualidade, a violência doméstica contra as mulheres parece ser um tema tabu, uma questão sobre a qual ainda predomina o silêncio entre as mulheres.

Nos anos 1980, ao contrário dos *Clubes de Mães*, que ao longo das décadas se expandiram, essas duas organizações não se desenvolveram. Alguns participantes delas filiaram-se a outros grupos que se constituíram ao longo dos anos, à exemplo de D. Ruth, que ainda participa como membro da *Associação de Mulheres do Bairro Bethânia*. É nesse momento que a Igreja Católica através das pastorais e das Comunidades Eclesiais de Base, passou a coordenar esses diferentes movimentos populares em Ipatinga.

Assim, padres franciscanos chegavam à região do Vale do Aço e ao município de Ipatinga e, somando-se aos membros das CEB's, tinham como tarefa realizar, principalmente junto aos participantes dos grupos das camadas populares, um trabalho de engajamento político e de auxílio na construção da cidadania, à exemplo de ações adotadas por outros grupos espalhados pelo país. O papel dos franciscanos na vida dos

moradores da cidade de Ipatinga está também registrado na pesquisa realizada por Garcia como mostra este trecho que aborda a atuação deles ali:

[...] olha, os franciscanos, eles deram assim um novo impulso à luta da gente, nós que iniciamos a discussão sobre fé e política. [...] Então, nas comunidades onde eles atuavam as coisas mudaram assim totalmente. Eles tinham uma prática muito diferente de atuar da Igreja que a gente conhecia. A começar na maneira de viver, e eles moravam lá no meio da comunidade, lá numa casa simples, bem humilde, totalmente despojados de qualquer riqueza [...]. Aí, eles vieram e criaram em cada favela uma igreja. Ali fazia a celebração, tinha a escolinha, a associação dos moradores, discutia-se a questão da água, do ônibus, da escola, entendeu? Em cada comunidade

(GARCIA, 1998, p.100).

Em entrevista, Vera fornece as informações sobre o objetivo da Igreja Católica ao auxiliar os Clubes de Mães. Em seu relato, ela reforçou a importância do papel da Igreja e o das CEB's, nas comunidades em que atuavam, em concordância com os dados obtidos na pesquisa realizada por Garcia.

“O Movimento das Mulheres de Ipatinga tem a raiz em outros grupos que existiam inicialmente, nos primeiros anos da década de 80; O Movimento das Lavadeiras e Domésticas e os Clubes de Mães. Estes grupos foram coordenados pelos frades ligados às CEB's. Através delas, a Igreja encontrou uma forma de organizar as mulheres um dia da semana, levava para o salão da igreja ou às vezes, para a casa de uma das mulheres, quando não tinha o salão da igreja. Ela tinha como objetivo tirar a mulher de dentro de casa e fazê-la entender que ela tinha possibilidades maiores no mundo do que simplesmente ser dona de casa. De tomar consciência do seu papel na história.” (Vera. Entrevista em 03/07/2007)

Tendo por referência os evangelhos, os padres franciscanos participavam das reuniões das mulheres em Ipatinga em algumas comunidades e faziam reflexões com objetivo de auxiliá-las a melhor entenderem a realidade em que viviam e nela se perceberem como sujeitos históricos. Eles também intencionavam mostrar-lhes outras possibilidades de atuação, que iam além do espaço privado, da exclusividade do ambiente doméstico e do desempenho de seu papel como donas de casa. Nessas reuniões, eram ensinadas e desenvolvidas atividades artesanais como bordado, crochê, pintura e tricô.

Os momentos e situações em que os encontros ocorriam traduziam-se ainda, em oportunidades para suas participantes, caso quisessem falar de si, discutir questões da vida, do cotidiano, desabafar, tratar das questões da vida privada, dos problemas que as

afligissem na convivência com seus companheiros ou em relação à educação dos filhos. Assim, trocariam experiências, como lembra Vânia, uma das integrantes de um grupo de mulheres quando, pela primeira vez, visitou o grupo do qual, posteriormente, veio participar e liderar.

“Ai, eu cheguei no grupo, toda ressabiada. Pensei: ‘esse pessoal está vendo o meu sofrimento, está sabendo o que está passando na minha casa’. Eles reuniam toda terça feira às 15h. Eu ficava no meu cantinho, sem olhar para ninguém, sem graça. Me deram um paninho para bordar, Mas, também, uma senhora sentou perto de mim e começou a conversar comigo, passando a mão pelo meu cabelo. Perguntou de onde eu vim, quantos filhos eu tinha e começou a se preocupar comigo, indagando a minha vida, como diria minha mãe. Eu comecei a contar para ela, mais por alto, sem entrar em detalhes. E ela perguntou se eu havia gostado da reunião. Então eu disse que sim. Aí, ela disse que todas eram amigas, que tinham o mesmo problema que eu (bebida na família), inclusive ela. Disse ainda, que ali, naquele encontro, era o momento de estarmos juntas para falar da nossa vida e uma ajudar a outra” (Vânia. Entrevista em 13/11/2007).

Além da participação nos Clubes de Mães, a Igreja, através dos seus religiosos, estimulava o encontro das mulheres em atividades tanto na igreja como em outros locais. Foi assim que aconteceu com Vânia, quando convidada por uma amiga, que a levou ao grupo:

“Olha, vou falar uma coisa para você, tem também a igreja aqui embaixo, a Igreja Católica, a gente reúne todo Domingo para missa às 7h da noite. Por que você não vem participar aqui com a gente? Você vai ver, sou eu, Joana, a Lena, aqui do grupo. É nós que celebramos, nós que preparamos a leitura, as músicas, são as mesmas pessoas.” Eu tinha medo dos outros, vergonha das pessoas. Eu fui também e gostei. Aí eu comecei a ir, a participar da igreja, do grupo de mães, entrei para uma pastoral, que era a pastoral da família e comecei a encontrar os caminhos. E meu marido percebeu que eu estava saindo de casa, não estava mais em casa e não era a mesma pessoa. (Vânia. Entrevista em 13/11/2007)

Sobre esses momentos, cabe ressaltar que os estudos de Mariz e Machado, já citados abordam situações semelhantes às aqui ocorridas. Essas situações apresentadas poderiam servir como estímulo para que se estabelecesse maior aproximação entre suas integrantes e desenvolvesse certa cumplicidade por perceberem-se personagens de experiências comuns. Também as mudanças individuais mexiam com a subjetividade e comportamentos como ocorreu com Vânia, como mostrado acima.

Mesmo se tratando do relato de apenas uma participante entre dezenas de grupos existentes, percebe-se que as experiências ali vivenciadas proporcionavam àquelas

mulheres as possibilidades de aprendizado e mudanças, seja nos grupos, seja em outras atividades que eram potencialmente múltiplas e ricas. Entretanto, como assegura Larrosa (2004), só se transforma em experiências significativas e em processos educativos quando há, por parte de quem as vive, como demonstra Vânia, um processo de aceitação de novas ideias, concepções, modos de ver e de sentir, ultrapassando as barreiras e os preconceitos presentes que impedem que transformações internas se processem.

Embora a Igreja Católica, por meio dos padres franciscanos e das CEB's tomasse para si a responsabilidade da condução dos grupos, era uma das participantes que coordenava o grupo. Agindo dessa maneira, a Igreja pretendia mostrar às mulheres o valor que cada uma possuía e, ainda, criar oportunidades para que, na prática, elas se percebessem como alguém em condições de coordenar um grupo, atividade essa que ultrapassava a realização das tarefas domésticas, como afirmado por Vera:

“No trabalho com os grupos de mães basicamente eram desenvolvidas e ensinadas atividades artesanais como bordado, crochê, pintura, tricô. Quem estava por traz eram os padres franciscanos e a tarefa de coordenar o Clube de Mães era de uma das participantes. O fato já era um demonstrativo de que além de saber fazer comida, arrumar casa e lavar roupa ela tinha condição de coordenar um grupo, valorizando a mulher” (Vera. Entrevista em 03/07/2007).

Posto isso, ao longo das décadas, aqueles grupos foram se constituindo de acordo com interesses e demandas de cada bairro, conforme relata membro de um dos grupos de mulheres:

“No Bethânia⁴⁷ (bairro), a gente via que tinha que formar um grupo de mulheres. Eu fui para a Igreja também e nela, eu encontrei mulheres com depressão, mulheres carentes, que apanhavam de marido, que viviam pelos cantos chorando. Tínhamos que formar um grupo de mulheres ali. E aí, eu já fui me encorajando, sabe? Eu tinha uma revolta de ver mulheres sofrendo, falando que tinham apanhado do marido, [...] que estavam sofrendo. E aí, formamos um grupo lá no morro do São Francisco. Nós começamos com doze mulheres; hoje somos trinta e cinco. Eu já tinha uma experiência do Canaãzinho (bairro) e até mesmo da minha vida lá. A gente começou a trabalhar em conjunto. Então, nós descobrimos que todas elas tinham o mesmo problema” (Vânia. 13/11/2007).

⁴⁷ Embora o bairro Bethânia seja mencionado, o fato narrado não diz respeito à Associação de Mulheres do Bairro Bethânia, mas a outro grupo que foi criado nessa mesma região.

De acordo com essa narrativa, a questão da violência doméstica, do sofrimento e da tristeza, faz parte das vidas das mulheres dessa comunidade em que ela morava. Embora ela morasse no mesmo bairro onde se situa a Associação de Mulheres do Bethânia, onde foi realizada a pesquisa de campo, não foi possível conhecer melhor essa realidade apresentada por Vânia. Entretanto, esse tema sobre a violência se fez presente também na entrevista de Sara. A propósito, é apresentado a seguir, fragmentos relativos à atuação dela como voluntária/estagiária no Movimento das Mulheres Marginalizadas que mostram os reflexos da violência em sua vida privada:

“Nós sofremos perseguição pelas donas de casa, que nos xingavam. Nós sofremos violência também. Nós não apanhamos, mas correram (os policiais quando em “batidas” na casa) atrás da gente com o pau, com mangueira... com jato de água. [...] Todas nós passamos por dificuldades familiares. Quando se fala de zona, quando se fala de prostituição, a discriminação era geral. Eu já era casada e eu e o meu marido tivemos muitos atritos, mas eu também sempre fui muito determinada. [...] E o meu marido, às vezes que a gente ia lá para casa, que fazia reunião lá em casa e terminava tarde, ele me xingava muito. Eu fui muito violentada verbalmente, ele me xingava muito, eu já ganhei muito nome. Eu superei, isso já foi conversado, já superamos, temos muito que caminhar. Nunca sofri agressão física, mas a verbal, a psicológica então, aquela assim de insinuações, essa era constante. E era em função do próprio trabalho. Os nossos vizinhos questionavam. A gente servia de chacota para eles, nos seus momentos de rodinha. Às vezes falavam para gente assim: “E aí prostituta, como vai?” E aí, como que vão as prostitutas?” “A Eliana é das mulheres.” E faziam aquelas referências maldosas, principalmente perto dos nossos maridos. E a gente levava na brincadeira e fomos vencendo.” (Sara. Entrevista em 25/09/2007).

Apesar de a dimensão física da violência contra a mulher ser geralmente a mais destacada e, para algumas pessoas, considerada, de forma errônea, como a única forma de agressão, há, ainda, outras dimensões distintas da física, como apontado por Sara, que afetam o comportamento vindas de familiares, vizinhos e do próprio companheiro. Tanto quanto a violência física, existem aquelas que se manifestam de forma dissimulada, nas brincadeiras, nas falas provocando tipos de dores e sofrimentos diferenciados. Mas com certeza, são agressões que ferem e marcam de forma idêntica à física.

A esse respeito, pode ser citado um estudo realizado por Rachel Sohiet (2003, 2004) em que analisa a zombaria e o deboche utilizados como armas significativas para coibir, ridicularizar e constranger as mulheres, que, já no século XIX, buscavam uma participação mais concreta na sociedade. Na atualidade, além de se constituírem como

formas veladas da violência, esse tipo de comportamento aparentemente inofensivo tem constituído instrumento que desencoraja e desestimula uma atuação mais propositiva das mulheres e maior aproximação umas com as outras em seus grupos e associações. Isso ocorre principalmente, quando possuem, como companhia, estima em baixa, e insegurança se sobrepondo a outros sentimentos e interferindo, de forma negativa, em suas subjetividades.

Mas, voltando aos objetivos da Igreja Católica quanto à participação das mulheres nos grupos e seus desdobramentos políticos, como já dito, ela buscava desenvolver comportamentos que evidenciavam certa politização e engajamento político em questões da esfera pública. O estudo dessa questão requer a realização de outra pesquisa mais detalhada e direcionada aos Grupos de Mulheres de Ipatinga. Contudo, destaca-se aqui, a importância da participação feminina nos grupos criados por elas, acompanhados pela Igreja durante os anos 1970 e 1980. De forma gradativa, o ingresso nos diversos clubes e grupos de mulheres existentes promoveu, de imediato, a saída delas da esfera doméstica, propiciando-lhes maior inserção na sociedade, através de contatos com outras mulheres e com diferentes realidades.

Outro aspecto relevante na atuação da Igreja Católica, nesse período, diz respeito ao fato de que não era seu objetivo atuar nas questões mais específicas relativas às mulheres, em sua dimensão mais subjetiva e, de forma mais específica, nas questões de gênero. O que ela pretendia era atingir, coletivamente, seus fiéis, homens e mulheres. Além disso, priorizava a formação política dos indivíduos, voltada para aspectos mais objetivos da realidade. Isto está claro numa pesquisa realizada sobre a relação entre classes populares e religiosas, pentecostal, CEB's e grupos carismáticos, como registrado neste trecho:

Na visão proposta pelas CEB's, no entanto, as questões da vida privada importantes são as questões materiais, cuja solução remeteria à luta política, que ocorre no espaço público. Já as questões privadas não-materiais, mas de cunho emocional e moral, não encontram espaço para debate e solução nas CEB's. [...] Evitando questões familiares não materiais, as CEB's evitam discutir os problemas mais ligados à vida e opressão da mulher (MACHADO e MARÍZ, 1997, 12).

As autoras destacam, também, os resultados *não intencionais* provenientes das ações da Igreja Católica, com a presença das mulheres nos grupos coordenados pelas

CEB's. Ao valorizar e estimular posturas mais críticas diante da realidade, ela favoreceu, entre algumas mulheres, o reconhecimento de seus direitos, a reivindicação delas pelo não cumprimento desses direitos e o aprendizado consequente do convívio coletivo. Segundo as autoras, esse exercício foi significativo por possibilitar a algumas delas, além de “uma crescente autonomia, a adoção de uma visão feminista do mundo e uma crítica do machismo em geral e do catolicismo oficial” (1997), mesmo que isso não tivesse sido planejado por aquela instituição religiosa.

Esse fato apontado pelas autoras e também presente no estudo de Couto(2002), aparece no relato de Vânia ao referir-se à sua participação no grupo, na igreja, nas pastorais e ao incômodo que esse comportamento representava para seu marido: “*E meu marido percebeu que eu estava saindo de casa, não estava mais em casa e não era a mesma pessoa.*” Também pode ser confirmado no relato de Sara apresentado abaixo. Ambas afirmaram perceber não, sem conflitos, mudanças ocorrendo em si mesmas a partir do ingresso nesses grupos e das dificuldades enfrentadas principalmente com seus companheiros.

“Eu tive muita resistência pelo meu marido e isso realmente trouxe alguns conflitos para nós. A nossa relação ficou muito rígida. Teve momentos que eu chorei muito, porque de certa forma eu não sabia se largava o trabalho, às vezes eu queria largar o trabalho, mas a vontade, o entusiasmo, o amor por aquilo ali era mais forte. Eu sabia que aquilo ali estava rendendo frutos. Era a minha história também que eu estava contando, eu também era uma mulher, eu também tinha minhas limitações enquanto mulher nessa sociedade tão machista.” (Sara. Entrevista em 25/09/2007).

Com referência à atuação da Igreja Católica nesses grupos, no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, uma divisão interna marcou a mudança de rumos das entidades a ela ligadas. O acirramento dos debates e embates relativos à Teologia da Libertação a dividiu internamente. As influências dessa divisão são perceptíveis na relação com a comunidade. O momento crítico dessa divisão é marcado pela condenação de Leonardo Boff, um dos principais expoentes da Teologia da Libertação na América Latina.

Esse fato vai interferir, a curto e médio prazo, na forma de atuação da Igreja nos movimentos populares. Assim, dos diversos movimentos e associações espalhados por

todo o país, saem de pessoas ligadas à Igreja Católica. Também, a partir dessa época, em Ipatinga, a Igreja Católica deixou de participar dos diferentes movimentos em que estava envolvida, entre eles, os Clubes de Mães e Grupos de Mulheres. A saída dos padres franciscanos da região do Vale do Aço e o fim da atuação de membros das CEB's nesses movimentos coletivos marcaram o fim de um período de intensa e direta atuação dessa entidade religiosa, principalmente nos setores populares.

No final da década de 1980, outro fato que repercutiu na dinâmica dos grupos populares e neles os grupos de mulheres, diz respeito à presença do Partido dos Trabalhadores - PT⁴⁸ na administração pública do município de Ipatinga. Com a vitória nas eleições no período que vai de 1998 ao ano de 2005, o PT administrou Ipatinga por três mandatos, logo, mais de uma década de administração petista. Nesse período, a administração municipal, através da Secretaria de Ação Social, passou a coordenar a realização dos trabalhos desses grupos, através de suas funcionárias, assistentes sociais.

Nesse cenário, a presença de uma administração que tinha, entre os seus princípios, a defesa da participação popular nas questões relativas ao município⁴⁹ e as demandas das diferentes entidades e setores organizados da sociedade civil, teve um papel importante na dinâmica dos grupos já existentes e daqueles que surgiriam posteriormente.

No período em que aqueles coletivos passaram a contar com a assessoria permanente da administração pública, as assistentes sociais, responsáveis institucionais pela condução dos Grupos de Mulheres, coordenaram as atividades dos grupos com o

⁴⁸ Francisco Carlos Delfino, conhecido por Chico Ferramenta, foi eleito para prefeito por três mandatos pelo Partido dos Trabalhadores – PT:1988-1992, 1996 -2000 e 2001-2005. Foi o primeiro prefeito eleito pelo partido, administrou a cidade com experiências inéditas na área social, e de forma estratégica na educação, saúde e planejamento urbano. Foi o primeiro político de esquerda e de origem metalúrgica a atuar na vida política da cidade. Após seu primeiro mandato foi eleito Carlos Magno, mesmo partido, para o período de 1992-1996, que, após o mandato, do colega de partido, esteve à frente da administração municipal por mais dois mandatos. É importante frisar que o PT surgiu nessa região com a colaboração do trabalho de base da ala progressista da Igreja Católica, que, ao incentivar a inserção das pessoas em sindicatos e associações, incentivou também o seu engajamento político-partidário.(Fonte: Documentos da Prefeitura Municipal de Ipatinga; entrevistas realizadas com duas funcionárias, assistentes sociais que, na época do desenvolvimento dos grupos e do surgimento do Movimento de Mulheres de Ipatinga, atuavam na Secretaria de Ação Social).

⁴⁹ Entre os diferentes exemplos que ilustram esse posicionamento político, está o orçamento participativo, que, em suas características mais importantes e como política inaugurada pelo PT, ganhou, ao longo dos anos, proporções e dimensões cada vez mais importantes, estratégia adotada, posteriormente, por outras administrações em inúmeros municípios existentes no país.

objetivo de priorizar os trabalhos artesanais ali produzidos. Também que esse trabalho resultasse em geração de renda complementar. Duas integrantes dos grupos abordaram essa questão na entrevista:

“Aí que entra o poder público. Começam a surgir cursos da prefeitura que priorizam os grupos já existentes. Quando é fundado um grupo, é registrado no Departamento de Desenvolvimento Comunitário - DEDEC, que já passa a ser considerado um grupo (Vânia. Entrevista em 13/11/2007).

“A prefeitura dá o suporte, que vem dando até hoje. No início e até pouco tempo atrás, tinha a assistente social que acompanhava esses grupos. Por isso que ele se reunia no - Departamento de Desenvolvimento Comunitário (DEDEC), porque quem acompanhava era a assistente social, com o trabalho social, dando apoio. Mas quando o grupo nasce, ele vem com a ideia da comunidade, a realidade, a necessidade saiu de lá e a prefeitura apenas dá o suporte” (Sílvia. Entrevista em 27/07/2007).

Além de o fato de o grupo ter surgido como uma ideia da comunidade, tal como salientou Sílvia, o trabalho artesanal produzido desde o surgimento dos grupos, alguns ainda conhecidos como Clubes de Mães, representava um importante papel para muitas das mulheres artesãs, em razão de sua condição socioeconômica. Para elas, esses momentos permitiram o aprendizado e a confecção de produtos além de, um auxílio financeiro. Desse modo, tais atividades passaram a ter uma importância cada vez maior no orçamento familiar de algumas, como lembra esta entrevistada:

“E tem umas que têm prazer de ajudar em casa, nas despesas e os maridos começam a incentivar para que elas participem do grupo. Tem umas que levam o trabalho para casa para fazer e ficam até meia noite, de madrugada” (Vânia. Entrevista em 13/11/2007).

Com efeito, a PMI desenvolveu seu primeiro projeto relativamente aos Grupos de Mulheres no bairro Bom Jardim⁵⁰, adotando monitoras para orientar atividade de bordado, costura reta e bordado à máquina. Trata-se de professoras cuja incumbência era ensinar e, ao mesmo tempo, a oferta daqueles produtos no mercado. O trabalho durou quase dois anos no bairro Bom Jardim e, ao final desse período, já existia outro grupo

⁵⁰ As informações sobre os grupos de mulheres no período da administração petista em Ipatinga foram obtidas nos documentos existentes na Secretaria de Ação Social tais como projetos, relatórios, convênios firmados entre a administração municipal e os grupos envolvidos. Além desses documentos analisados, foram realizadas entrevistas com duas funcionárias da Secretaria, assistentes sociais, que, à época, atuaram diretamente com os grupos de mulheres e, em especial, com alguns deles no desenvolvimento de projetos específicos, como citado nos fragmentos das entrevistas. Entrevistadas também, representantes, coordenadoras de dois grupos com o objetivo de obter informações gerais sobre eles e as relações estabelecidas entre suas representantes e as assistentes sociais, funcionárias da administração pública municipal.

mais bem estruturado, contando com uma estrutura física, além das máquinas, que eram patrimônio da prefeitura. Nesse período, foram produzidas roupas de cama para serem vendidas e as atividades acabaram por fortalecer os grupos envolvidos, como retrata este trecho:

“A primeira iniciativa de produção foi constituída lá. Eram monitoras de bordado, richelieu, costura reta e bordado à máquina. Então, as três professoras que estavam ali com a incumbência de ensinar e também pensar aquele produto no mercado. E nós conseguimos, de certa forma nesse primeiro momento, que foram quase dois anos lá no Bom Jardim. Já era um outro grupo mais bem estruturado e até hoje tem um equipamento físico, que é da Prefeitura Municipal de Timóteo, as máquinas também são patrimônio dela. E nesse momento a gente conseguiu uma produção de roupa de cama muito boa. Fortaleceu o grupo. Foram capacitadas muitas mulheres.” (Adriana. Entrevista em 18/07/2007)⁵¹.

Essa experiência mostrou às participantes e também ao Poder Público Municipal, responsável pela coordenação do projeto, que o aprendizado de um ofício, cujo resultado era comercializado, trazia dupla contribuição. De um lado, esse aprendizado ganhava ainda maior destaque, pois melhorava a renda das famílias servindo, para algumas como uma forma alternativa de geração de renda. De outro, demonstrava às mulheres participantes que elas poderiam desenvolver atividades e habilidades que ultrapassavam as tarefas domésticas, dando-lhes a oportunidade de desenvolver cada vez mais a autoestima,⁵² como aponta Adriana:

“E nesse momento a gente conseguiu uma produção de roupa de cama muito boa. Fortaleceu o grupo. Foram capacitadas muitas mulheres e mesmo quem não permaneceu no grupo, elas aprendiam aquele ofício, estavam multiplicando a renda em casa e a gente teve a oportunidade de, já naquele momento, em 1990/91 de ver por ex. mulheres que lavavam roupa, que ganhavam 20 e 30 reais, passaram para quase 90 , que era quase um salário mínimo. A gente ficava muito feliz de saber que aquele bordado estava trazendo uma contribuição, qualificando a renda daquela família.” (Adriana. Entrevista em 18/07/2007).

A participação das mulheres nas reuniões traduzia-se, dessa forma, em momentos privilegiados de novos contatos e troca de experiências e, por que não, de ampliação das relações sociais e do processo de autovalorização. Nesse mesmo período,

51

⁵² O significado atribuído ao termo autoestima é o mesmo presente no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa: “qualidade de quem se valoriza, se contenta com seu modo de ser e demonstra, conseqüentemente, confiança em seus atos e julgamentos”.

entre os anos de 1992/1993, outro núcleo de produção teve início em um dos grupos mais antigos,⁵³ como lembra Adriana:

“Elas tinham um trabalho muito aperfeiçoado e eu entrei lá até para aprender. Tinha cursos de cabeleireiro, o bordado e outros cursos que eram realizados no mesmo horário e muitas mulheres que participavam eram assíduas, já tinham aqueles eventos que já eram tradicionais de vender o produto e então foi também um momento muito rico e muito bom.” (Adriana. Entrevista em 18/07/2007).

Também segundo os relatos da entrevistada, a gestão seguinte, transcorrida entre os anos de 1993 e 1995 embora fosse um mandato petista e tendo dado continuidade às atividades desenvolvidas no governo anterior, não deu a mesma ênfase à questão da produção, como a gestão anterior. O resultado foi a fragmentação gradativa e a paralisação da produção que vinha sendo desenvolvida em alguns bairros, com qualidade. Mas, no decorrer da década de 1990, os Grupos de Mulheres e Clubes de Mães existentes em cada bairro se expandem com o ingresso de outras mulheres. Além disso, novos grupos surgem representando outros bairros do município, até então não representados.

Todavia, finalizando esta discussão, a mudança de assessoria da Igreja Católica para a administração pública representou, em termos de organização, um ganho para os grupos, pois eles passaram a contar com uma infraestrutura para subsidiar reuniões, atividades e colocar em prática projetos. Entre eles, a exposição dos trabalhos artesanais produzidos por alguns grupos, prática essa até hoje realizada por algumas participantes. Havia também as palestras, cujas temáticas procuravam se aproximar das demandas das comunidades.

Ademais, a presença do Poder Público alterou também a dinâmica das reuniões dos grupos. Os encontros, que ocorriam com a participação de representantes coordenadoras de cada bairro, tornaram-se mensais e centralizados no auditório do prédio administrativo da Prefeitura Municipal. Essas reuniões eram destinadas ao repasse das informações de interesse geral, ao conhecimento das demandas que cada grupo apresentava, às definições de pautas futuras e outras questões mais amplas.

⁵³ Nessa época, foi escolhido um dos grupos mais carentes e mais antigos, conhecido por Grupo da D. Luíza, situado em uma região da periferia da cidade, conhecida como Morro do Sossego para a realização de um “núcleo de produção” como denominada por Adriana. Esse grupo recebeu capacitação da PMI para a realização de atividades diversificadas.

As reuniões locais, em cada bairro, continuaram a existir semanalmente na comunidade ou em casa de uma de suas integrantes e nelas, as atividades artesanais eram desenvolvidas. Embora esse período tenha sido significativo não foi possível obter do Poder Público informações mais precisas quanto ao número de grupos e bairros envolvidos nessas atividades coordenadas por ele. Sobre esse período e essas atividades específicas, não havia, nos arquivos da Secretaria de Ação Social, qualquer dado que pudesse fornecer outras informações.

3.3. A institucionalização: Conselho e Movimento de Mulheres

Ao longo das duas últimas décadas, vários fatores contribuíram para que os grupos umbilicalmente ligados aos Clubes de Mães crescessem e se transformassem. A expansão dos grupos já existentes, bem como o surgimento de outros novos foi um dos principais motivos para que algumas mudanças significativas ocorressem. Nesse sentido, novas demandas foram sendo incorporadas a eles e, entre elas, a necessidade de realização de oficinas que tivessem por objetivo propiciar o aprendizado de novas atividades artesanais às participantes.

Mas, além das experiências e aprendizagens adquiridas por algumas associadas dos diferentes grupos por meio de cursos e palestras oferecidos no decorrer dos anos, também as reuniões mensais entre as representantes dos grupos e as assistentes sociais assumiram, gradativamente uma importância cada vez maior para suas associadas. Sobre isso, essas duas entrevistadas, informações relevantes tendo participado, de forma ativa, da constituição dos grupos de mulheres no município durante o período mencionado. Particularmente em relação às reuniões que ocorriam mensalmente, Beth, uma das assistentes sociais, logo que iniciou o trabalho com os grupos, avaliou-os da seguinte forma:

“Sempre achei que faltava e ainda falta, um componente político nos grupos. Hoje talvez a situação esteja diferente em função de tudo ter acontecido muito rápido para os grupos e para todos até hoje. Acho que todos estão amadurecendo, mas na época, ficava muito chateada e incomodada por perceber que os grupos só pensavam em material e geração de renda. O que o grupo da prefeitura vinha fazendo nas reuniões que ocorriam mensalmente

foi introduzir outras discussões nos encontros. Quando eu cheguei em 2001, as reuniões já aconteciam mensalmente na prefeitura.” (Beth. Entrevista em 17/08/2007).

Conforme as informações dessa assistente social, as discussões, se fizeram ao longo dos anos, tornando-se cada vez mais amadurecidas, acompanhando o processo idêntico de amadurecimento pessoal por que passavam algumas daquelas participantes que se reuniam mensalmente. Além disso, segundo ela, nessas reuniões mensais também eram discutidos temas que fossem objeto de reflexão como, por exemplo, relativos à dignidade e à cidadania da mulher. Sobre essas reuniões e esse processo vivido, ela apresentou suas considerações:

“Eram muito interessantes, porque era discutido desde o problema do trabalho manual, um pontinho, até discutir questões maiores como as questões da formação do Conselho Municipal da Mulher e do Movimento das Mulheres de Ipatinga, a questão da violência, a questão da saúde. Estes encontros já existiam antes de 2001 e duraram muitos anos. Acredito ter trazido mais um componente (político), que não tinha e que ainda hoje é muito fraco. Na verdade, a maioria quer fazer é trabalho manual. Ano após ano, políticos e administrações chegavam e elas continuavam... E a gente observava que estes grupos detinham um poder neste sentido, que nenhum grupo, entidade, organização conseguiu ter. Como exemplo, o espaço de fazer as exposições periodicamente várias vezes por ano. Hoje ela é esporádica. Na época, elas interagiam muito bem. Ainda hoje, são muito bem recebidas e são organizadas pela Secretaria de Ação Social. Nas crises todas que elas já passaram, eu, na época, alertava os grupos sobre as conquistas e que se ‘fossem inteligentes iriam conseguir muito mais e ninguém iria tirar delas’.” (Beth. Entrevista em 17/08/007).

Essa última frase da assistente social foi também lembrada nos relatos de outras entrevistadas, porque era repetidamente dita às participantes e líderes durante as reuniões mensais. Alertava ela da importância das conquistas obtidas por elas até aquele momento e elogiava a inteligência das mulheres. As integrantes dos grupos eram aconselhadas, por exemplo, a manterem-se distantes de questões partidárias, para que essa aproximação não interferisse na dinâmica, na interação entre elas e na autonomia aos poucos conquistada pelos grupos.

As coordenadoras/representantes dos grupos e mesmo algumas componentes deles participavam das reuniões mensais com as assistentes sociais da PMI. Desse modo, em média, trinta e seis representantes/grupos *“se organizavam pela vontade de estarem inseridos nesse crescimento”*, como lembra Adriana, que também esteve à

frente desses encontros como uma das representantes do Poder Público Municipal da Secretaria de Ação Social.

Ela lembrou, ainda, que, naquele período, encontros e discussões eram promovidos e enriquecidos com temas específicos, relativos às diretrizes das políticas para mulheres.. Além disso, lembrou que, no ano de 2004, ocorreram as Conferências Estaduais da Mulher em Belo Horizonte e nos vários estados do país culminando com a Conferência Nacional e com a participação, pela primeira vez, de representantes desses grupos. Também nessa época, nesse mesmo ano, foi criada, no município de Ipatinga, a Delegacia da Mulher.

Na visão de Adriana, a presença dessas representantes nos respectivos congressos significava que aqueles agrupamentos se fortaleciam em termos de autonomia, pois, até então, era uma funcionária da prefeitura que se fazia presente em eventos desse gênero. Desde então, as participantes dos Grupos de Mulheres de Ipatinga começaram a se fazer representar em outros eventos cujos temas estavam diretamente ligados a elas. Na análise dessa assistente social, esses dois episódios – participação nos eventos e a criação da Delegacia da Mulher - tiveram ainda um significado importante para as mulheres de Ipatinga, não apenas por seus desdobramentos e objetivos mas também pelo seu valor simbólico. Desse modo, reforçavam a importância de suas atuações coletivas.

No decorrer desse período, as discussões culminaram, já no ano de 2004, nas questões relativas à formação do Conselho Municipal das Mulheres de Ipatinga e institucionalização do Movimento de Mulheres de Ipatinga, que efetivamente ocorreu em 2005. Conforme as profissionais que acompanharam e viveram todo o processo de crescimento e expansão dos grupos, esses episódios vieram coroar um processo de aprendizagens, decorrentes de experiências coletivas que foram sendo vividas e compartilhadas principalmente pelas mulheres, representantes dos grupos, nas reuniões mensais ao longo dos anos.

Em última análise, apesar da diversidade dos grupos e dos diferentes níveis de participação nas atividades desenvolvidas por cada um, parece indiscutível a importância que eles foram assumindo na vida de algumas de suas integrantes, em

diferentes graus. Na verdade, a vivência ali ultrapassava aquela aprendizagem dos trabalhos manuais. Isso era demonstrado pelo valor que muitas atribuíram à presença dos grupos em suas vidas. Mais que isso, as mulheres que viveram e vivem essas experiências deixaram transparecer a existência de processos educativos e de novas sociabilidades construídos no percurso daqueles encontros, momentos e situações vividos coletivamente em graus e intensidades diferenciados para cada uma delas, em vários aspectos da vida.

A primeira gestão do Conselho Municipal das Mulheres de Ipatinga ocorreu ainda no período anterior à mudança de administração petista e foi, na avaliação da primeira presidente, muito importante para os Grupos de Mulheres, pois houve grande participação de suas integrantes e muitas ocuparam os cargos da diretoria desse órgão. Para ela, que participou de perto do processo que antecedeu a criação desse conselho a atuação e o apoio de três vereadoras⁵⁴ foram decisivos, para que esse conselho efetivamente pudesse funcionar. Na visão dele, não existia, por parte da Administração Municipal, interesse, de fato, para que ele funcionasse.

Realmente, a proposta, desse conselho, mesmo aprovada na Câmara de Vereadores de Ipatinga e sancionada ficou parada aguardando a autorização do Poder Executivo para que entrasse em vigor. Além do impulso dado por três vereadoras de Ipatinga para que o projeto fosse votado pelo Poder Legislativo, havia as demandas que passaram a existir com a chegada da Delegacia de Mulheres.

Assim, a autorização para a sua implantação foi sancionada no dia 08/03/2004, sendo a primeira gestão desenvolvida no período anterior à saída da administração petista, que ocorreu no início de 2006. Essa primeira gestão foi, ainda na avaliação de sua primeira presidente, muito importante para os Grupos de Mulheres. Houve grande participação das conselheiras, em sua maioria, pertencentes aos grupos de mulheres. À época, Nesse momento, até mesmo as mulheres que estavam na função de suplentes, trabalharam e participaram das atividades em prol do envolvimento de todas. Embora os interesses fossem muito diferentes entre elas, o Conselho de Mulheres era o espaço

⁵⁴ As vereadoras que, à época, tiveram papel decisivo na institucionalização do Conselho foram: Elma Guidine, Lene Teixeira e Rosângela Reis. Esta última participa do processo eleitoral municipal para prefeitura do município.

conquistado por elas, o espaço institucional no qual todas esperavam ser valorizadas. A propósito, eis a avaliação de Beth a respeito:

“A avaliação que faço sobre o primeiro momento de existência do Conselho é que foi muito importante. Acredito que a política pública da mulher, no interior de Minas, de onde eu posso falar, é muito conservadora e por isso, não é valorizada, mas sempre utilizada. E foi nesse bojo que ela surgiu. Todos que ali estavam queriam estar lá. Entretanto, a mentalidade era muito desigual. Cada uma buscava coisas diferentes. [...] Conseguimos realizar um trabalho, fazer um plano muito interessante. Neste ano, em 2004, o Lula convocou a 1ª Conferência Nacional de Políticas para Mulheres. Fizemos a 1ª Conferência para irmos para a Estadual e Nacional. Participamos de tudo e foi muito bacana. Eu sempre discutia com algumas pessoas e, infelizmente, algumas não tinham a noção da autonomia dada à mulher, na luta para quebrar os preconceitos, a questão da desigualdade, mas estavam todas muito entusiasmadas. Quando fazíamos um evento, era aquele evento bonito, mesmo sabendo algumas, da inconsistência e que havia aquelas que queriam apenas bordar. Tinham, entretanto a compreensão que estavam caminhando.” (Beth. Entrevista em 17/08/007).

O Conselho de Mulheres foi constituído por 24 conselheiras: doze suplentes e doze efetivas, de composição paritária. No primeiro mandato foi elaborado o Plano de Ação do Conselho Municipal de Direitos da Mulher.⁵⁵ Ainda no ano 2004, ocorreu a I Conferência Nacional de Políticas para Mulheres. O Conselho foi responsável pela realização da I Conferência Municipal de Políticas para Mulheres e, como já mencionado anteriormente, duas representantes do município foram enviadas para participarem das Conferências Estadual e Nacional.

No segundo mandato do Conselho no ano de 2006, já em outra administração municipal, apenas duas conselheiras permaneceram e sua presença serviu de referência ao trabalho que já estava sendo desenvolvido. Outras mulheres da sociedade civil, não participantes dos grupos existentes, passaram a compor o quadro da diretoria mas, distantes das propostas iniciais do Conselho da Mulher quando de sua implementação. Algumas, por não conhecerem as atividades e os trabalhos realizados, deixaram gradativamente de comparecer às reuniões, esvaziando ainda mais a Entidade, que, desde então, passou a assumir outros rumos e dinâmica. No final do ano de 2007, outra diretoria foi eleita e com ela, mais uma vez, o Conselho teve nova composição.

⁵⁵ Esse plano foi elaborado tendo em vista a necessidade de planejamento e a implementação das propostas como a das políticas públicas. Nele, também foram trabalhadas as diretrizes/ deliberações produzidas na I Conferência Municipal de Políticas para as Mulheres, realizada em maio de 2004.

Em 2005 surge O Movimento de Mulheres de Ipatinga para representar os diversos Grupos de Mulheres ali existentes. Para tal, a participação de todos os grupos foi imprescindível. Assim, ele foi preparado, planejado e implementado sob a coordenação das coordenadoras/ representantes dos grupos e das assistentes sociais da PMI que respondiam pelo Departamento de Desenvolvimento Comunitário (DEDEC). Em um seminário que contou com a presença de representantes de todos os grupos sua institucionalização oficializada. Além da mudança da denominação para Movimento de Mulheres de Ipatinga, a entidade passou a se constituir como autônoma e com independência estatutária. Essa mudança se concretizou graças às iniciativas e incentivo das assistentes sociais, funcionárias da prefeitura que acompanhavam os grupos nos anos anteriores ao surgimento do Movimento.

No período da institucionalização do movimento, a entidade chegou a contar com 37 grupos e, com a participação de cerca de 600 mulheres. Se, inicialmente, nos anos 1980 existia um grupo representativo em cada bairro, em 2005, num mesmo bairro havia mais de dois grupos. Nesse sentido, há os bairros Bom Jardim, Vila Celeste, Bethânia/Vila Militar, Ideal entre outros. Outros bairros, entretanto, permaneceram com seu antigo grupo, enquanto alguns continuaram a não contar com a presença de nenhum Grupo de Mulheres. Acerca da eleição para a Diretoria do Movimento, eis o que relatou a sua presidente:

“ [...] Ai fizeram a eleição e quem sai para presidente? Eu! Chorei e disse: Vou abraçar sim, com medo. Ai, outras mulheres da diretoria falaram que eu não estava sozinha, estávamos juntas. Então, começamos a visitar os grupos, os membros da diretoria, para saber as necessidades de cada um. As reuniões no 7º andar, eu já passei a conduzi-las, sempre procurando me informar e conhecer mais e mais sobre esse movimento, sobre os grupos de mulheres.” Essa diretoria formada, tem mais ou menos dois anos. (Vânia. Primeira Presidente eleita do Movimento de Mulheres de Ipatinga. Entrevista em 13/11/2007).

Associadas às questões relativas à autonomia dos grupos já mencionadas aqui, outras demandas foram se apresentando diante da nova realidade que se instaurava com a criação desse Movimento de Mulheres de Ipatinga. Entre elas, a necessidade de um local que funcionasse como um espaço específico para a comercialização dos produtos, tornou-se fator essencial à própria continuidade e sobrevivência da nova entidade, segundo o relato de algumas entrevistadas.

Além disso, os grupos necessitavam de infraestrutura que possibilitasse às suas participantes a aquisição de verbas, principalmente para a expansão das diferentes atividades artesanais ali desenvolvidas. Uma das alternativas possíveis seria o desenvolvimento de projetos sociais. Entre as formas de obtenção e de financiamento para esses projetos, estava a possibilidade da parceria com programas e projetos do Governo Federal.

A partir dessa época, o Movimento de Mulheres de Ipatinga passou a ter uma ligação direta com o Conselho Municipal da Mulher.⁵⁶ A mudança não só de nomenclatura, mas, principalmente, de estatuto, teve importante significado para as participantes, uma vez que elas tiveram que aprender a tomar as próprias decisões, sem depender de nenhuma instituição ou órgão. A esse respeito, esta entrevistada assim se expressou:

“E até mesmo quando estávamos na administração do PT, elas (assistentes sociais) colocavam isso. Nós temos que caminhar com as nossas pernas. É bonito quando a gente tem essa visão. O poder público, nós temos parceria? Temos. Ele é nosso parceiro, mas até aqui. Depois, o resto é com a gente.”
(Vânia. Entrevista em 13/11/2007).

Além das mudanças apontadas, outras também importantes ocorreram. Nesse mesmo ano de 2005 foi aprovado pela PETROBRÁS um projeto enviado em nome do movimento, que passou a ser comumente conhecido entre as integrantes dos grupos, por Projeto do Empório da Arte. Essa denominação é, na verdade, o resultado de um projeto anterior, intitulado “Adoçando a Vida com Dignidade e Cidadania,” enviado no ano de 2004 à Petrobrás⁵⁷ e por ela aprovado.

O projeto foi construído por um grupo pequeno de participantes com as informações, documentos e fotografias arquivadas na PMI e passadas pelas suas assistentes sociais. Ele relatava a história do Movimento de Mulheres de Ipatinga, bem como as experiências do trabalho artesanal realizadas. Apresentava como proposta principal, a continuidade e ampliação das atividades executadas nas oficinas de

⁵⁶ Esse órgão tem, entre suas funções, acompanhar a execução de projetos sociais, encaminhados por entidades, como o Movimento de Mulheres.

⁵⁷ Esse projeto representou o Movimento de Mulheres de Ipatinga e concorreu com projetos de outras regiões e estados do Brasil. Antes de ser enviado, ele passou pelo Conselho Municipal da Mulher, cabendo, entretanto, a responsabilidade jurídica ao próprio Movimento.

capacitação e aperfeiçoamento profissional. As oficinas visavam à geração de emprego e renda para mulheres de famílias carentes da cidade de Ipatinga. Com a aprovação do projeto e a existência de verbas para desenvolvê-lo, foi inaugurado, ainda no ano de 2005, o Empório da Arte.⁵⁸

Inicialmente, o trabalho manual e artesanal então produzido e comercializado pelas participantes do movimento no mercado informal passou a ser comercializado no Empório da Arte. Ele passou a significar para as participantes, um espaço de convivência coletiva, além de representar a materialização de projetos e sonhos como a geração de empregos e renda para as mulheres que participavam das atividades que nele passaram a ser desenvolvidas. O trecho a seguir expressa a emoção do grupo ao realizar esse sonho:

“Agora vem o Empório, Deus toma conta de nós, vai ser um Deus nos acuda, porque elas estão numa ansiedade tão grande, porque vai ter uma loja, para poder vender seus materiais, seu trabalho vai ficar em exposição, não vai mais sacoleira. Isso vai ser muito bom, é uma benção, não é?” (Vânia. Entrevista em 13/11/2007).

O gerenciamento desse negócio e a participação nas diferentes atividades ali desenvolvidas representaram para as participantes do Movimento de Mulheres de Ipatinga, uma nova fase da história delas. Passaram a assumir a responsabilidade e a condução do movimento, a partir de então, sem a assessoria da Igreja Católica ou do Poder Público Municipal. Tomei conhecimento desse novo panorama na entrevista realizada com Vânia, como mostra este trecho:

“Que venha o poder público e ele tem que vir, porque nós somos cidadãs dessa cidade. Porém, até o limite próprio dele e o resto é o trabalho que nós desenvolvemos, nossa ação. Mas a parceria que temos com a prefeitura é muito importante para o movimento, não só com a prefeitura, mas com todos os órgãos, todas as entidades que puderem nos ajudar. Que venha a Usiminas, a CENIBRA. Então, a gente quer essa parceria, mas conscientizada dos papéis. E o que fizerem, estarão fazendo para nós, enquanto cidadãs de Ipatinga; temos nosso direito” (Vânia. Entrevista em 13/11/2007).

⁵⁸ *Empório da Arte* é o nome dado ao estabelecimento alugado pelo grupo para servir como loja, sede e oficina sendo um pouco de cada coisa. Todas as informações sobre o Empório da Arte, assim como as atividades desenvolvidas nessa fase foram retiradas dos relatos da presidente do *Movimento de Mulheres de Ipatinga*, em entrevista concedida em setembro de 2005.

Também em 2005, com a eleição de uma administração pública municipal não petista, a diretoria do Movimento das Mulheres decidiu a mudança dos encontros dos grupos que até então ocorriam no prédio da prefeitura para a sala comercial onde funcionava o empório. A parceria da PETROBRAS foi renovada no ano de 2006 para mais um ano e terminou ao final de 2007. A segunda diretoria do Movimento das Mulheres foi eleita e formada por oito mulheres, escolhidas pelos grupos representantes da entidade.

Entre as propostas de ação da nova diretoria, estavam as visitas periódicas aos grupos, de acordo com as demandas e necessidades que iam se apresentando, porém, segundo obtidas, informações elas ocorreram parcialmente. Com as coordenadoras/representantes de cada grupo, os encontros continuaram a ocorrer mensalmente, como ocorriam no prédio da Prefeitura Municipal de Ipatinga. A dinâmica das reuniões periódicas nos grupos demonstra que as atividades inerentes a cada um continuaram a existir de forma mais ou menos organizada, dependendo do nível de organização de cada um.

Mesmo com níveis diferenciados de envolvimento, a história e a expansão desse movimento desde o início, a partir da década de 1980, tiveram como base os Clubes de Mães e o papel dele na vida de muitas suas mulheres participantes, como mostra este trecho da entrevista realizada com Vânia:

“É isso aí. Hoje somos trinta e três grupos que trabalham persistentes e atuantes, mas tem uns quatro que estão um pouco dispersos. Esses trinta e três grupos, são grupos que vieram da base, da flor, do broto e que lá vai crescendo de acordo com a sua realidade. É difícil você ver dentro de um grupo, uma mulher que diz que está sofrendo por isso ou por aquilo e não conseguiu dar a volta por cima com sabedoria. Acho interessante nelas a sabedoria que elas conseguem arrancar e dar a volta. É difícil você ver também mulheres que se separaram por causa do grupo; têm mulheres que contam a mesma história que eu: ‘Eu consegui mostrar ao meu marido que eu sou mulher e que eu gosto de mim’.” (Vânia. Entrevista em 13/11/2007. Grifos da entrevistada).

Nesse relato, verifico dois aspectos importantes sobre os Grupos de Mulheres. O primeiro diz respeito ao resgate da autoestima e aos demais aspectos subjetivos que se tornaram presentes como o ingresso e participação nos grupos. Esses aspectos foram interferindo na constituição das subjetividades daquelas mulheres, fortalecendo-as e dando a elas a *Sabedoria* necessária como narrado acima. O segundo ponto é que, diante

desse sentimento de fortalecimento, algumas mulheres passaram a se relacionar de forma diferenciada. Essa relação parece transparecer mudança também quanto às questões de gênero, mas a falta de outros dados não me permite fazer outras inferências.

Considerando a existência do número de mulheres no Movimento das Mulheres de Ipatinga, diferentes graduações de envolvimento e formas de participação ocorreram nos grupos, do mesmo modo que as experiências são diferenciadas. O tempo de participação, a confecção do artesanato por algumas delas, a presença nas oficinas, a frequência nas reuniões, nas palestras e eventos são fatores que determinam e caracterizam a forma de envolvimento de cada integrante.

No que concerne ao aprendizado das experiências coletivas, parece-me interessante destacar como elas desenvolviam as relações entre suas integrantes. Diante do número elevado de participantes e da existência de uma Diretoria do Movimento, algumas decisões referentes ao coletivo que precisavam ser tomadas. Assim, a tomada de decisões, e a gestão do movimento podem assumir dois aspectos distintos. As experiências vividas podem tanto proporcionar formas mais democráticas, incentivar e potencializar o desenvolvimento da autonomia entre elas, como, em sentido oposto, possibilitar também relações de caráter autoritário, mesmo que sob um discurso do exercício de experiências democráticas no seu interior.

No caso em foco, parece que os acontecimentos mais recentes relativos ao Movimento das Mulheres indicam não existir, por parte de muitos grupos, um grau de satisfação. Tal fato, por sua vez, pode ser atribuído a vários fatores, por exemplo, ao não exercício de formas mais democráticas de atuação ou mesmo a não existência de projetos próprios.

De fato, a segunda eleição da Diretoria do Movimento, que ocorreu no ano 2006, a unidade defendida inicialmente pelas integrantes dos grupos tem sido colocada à prova com o afastamento de algumas antigas integrantes, membros da diretoria. Na avaliação de algumas associadas dos Grupos de Mulheres, a mudança das reuniões do prédio da PMI para o local onde funciona o Empório foi um erro em vários sentidos: os grupos foram perdendo a coesão e o Movimento das Mulheres, a sua força inicial.

Mas na avaliação da coordenadora Beth, o enfraquecimento e desarticulação de alguns grupos, eles se devem à excessiva preocupação dos grupos com o Empório. Para ela, a prioridade dada a ele, contribuiu para atrapalhar a organização de várias entidades que passaram a valorizar mais as atividades e reuniões naquele espaço, considerado sede do Movimento das Mulheres de Ipatinga, deixando desfalcadas e desestruturadas as reuniões e encontros nos grupos menores nos bairros.

Por sua vez, as assistentes sociais participantes dos diversos grupos e mesmo mulheres não envolvidas diretamente com os grupos mas que conheceram e viveram, de perto a história desse movimento consideram que tanto o Movimento de Mulheres como o próprio Empório têm sido utilizados segundo interesses político-partidários. Aliás essa percepção de que algumas lideranças passaram a ser manipuladas por esses interesses, com fins eleitoreiros está presente em todas as entrevistas tratando-se desse momento, como ilustra esta narrativa de Beth:

“Quando do surgimento da inauguração do Empório da reunião que antecedeu a inauguração, nessa reunião ficou claro para mim, que o Empório tinha um dono e que a inauguração se tornaria um palanque para esse dono. Desde então, nunca mais voltei” (Beth. Entrevista em 17/08/2007).

Na visão desta entrevistada, a contradição tornou-se clara desde a inauguração. E, assim, Movimento das Mulheres de Ipatinga que até então representava, para suas integrantes, um espaço privilegiado de troca de experiências e de aprendizagens, deixou de cumprir essa função para muitas associadas dos diferentes grupos. Embora no processo de constituição dele, nos anos anteriores à sua institucionalização, a defesa e os constantes avisos dados pelas assistentes sociais às participantes, sobre o cuidado que deveriam ter com as questões partidárias, a preocupação em fazer prevalecer a identidade, a autonomia, a integralidade do Movimento de Mulheres de Ipatinga não ocorreu.

Outros motivos de insatisfação com os rumos do Movimento, apontados por algumas integrantes foram: prestação de contas, não aprovação do regimento interno de forma democrática com a representação dos grupos, perda de materiais enviados para o Empório. Também a mudança/alteração no estatuto para eleições da Diretoria do

Movimento ajudou a dividir os grupos. Na opinião das entrevistadas, a alteração serviu para dificultar e desanimar outras mulheres de se candidatarem para a presidência e cargos de direção. Até 2008, as reuniões continuavam a ocorrer às quintas-feiras no Empório, mas a presença de uma participante de cada grupo não era mais garantida.

Diante da divisão existente, para algumas participantes, um outro movimento deveria ser criado. Já outras defenderam que a discussão sobre o papel do Movimento para os grupos de mulheres deveria ser retomada, do mesmo modo que deveria estar claro para as participantes o espaço que queriam ocupar e como queriam ocupar, independentemente de questões político-partidárias. Essas questões, segundo algumas, deveriam ser de ordem individual e não coletiva. Logo, não deveriam interferir nos rumos do Movimento das Mulheres. Verifiquei, a posição daquelas que defendiam a reorganização dos grupos em torno do Movimento de Mulheres. Para essas mulheres as lideranças dos grupos, não poderiam ter vínculo com parlamentares, como ilustra a afirmativa abaixo de Sílvia:

“Deve-se parar de apontar culpados, dar mão à palmatória pelos erros já cometidos, chamar as pessoas interessadas para realizarem uma discussão sobre o que se pretende fazer pelo Movimento de Mulheres” (Sílvia. Entrevista em 27/07/2007).⁵⁹

Dessa forma algumas esperam que, a médio e longo prazo, a entidade supere crise que atravessa e possa se manter independente dos interesses político-partidários, da gestão pública ou de quaisquer outros atores sociais não pertencentes ao Movimento. Defendem que a história do Movimento não deve ser considerada propriedade particular, mas coletiva e de domínio público. Desse modo, para que possam continuar a sua trajetória coletiva, ser percebida como um instrumento que possibilite o fortalecimento das mulheres do município e possa ser divulgada e ajudar na formação de novas lideranças.

Assim, os interesses poderão ser concentrados na valorização do artesanato, ampliação das atividades, como modo de divulgar entre outras, as potencialidades presentes nos grupos. Como lembrou uma das entrevistadas, há ainda o desafio do

⁵⁹ A exemplo de Vânia e Vera, Lúcia foi outra entrevistada que participou diretamente da constituição e formação de vários grupos de mulheres assim como do Movimento de Mulheres de Ipatinga.

restabelecimento da coesão do Movimento sob outra perspectiva que segundo acredita, deve ser :

“um movimento que seja inovador e avance também no sentido de resgatar valores e comportamentos como a coerência, o respeito, a disciplina e que possa conhecer as políticas públicas da mulher” (Adriana. Entrevista em 18/07/2007).

Quanto aos grupos que já existem, não há como saber de forma precisa quais deixaram de atuar, por não existir um controle por parte da Secretaria de Ação Social da PMI, que regularize sua situação como Entidade Pública encarregada de acompanhar os grupos. Sabe-se, porém, que ainda na atualidade são poucos aqueles que têm documentação própria, embora cada um tenha a sua própria história. Foi lembrado por uma das entrevistadas que teve início um movimento de rifas para a regularização da documentação dos grupos que, no entanto, não foi à frente. Além disso, persistem as demandas que se apresentam no cotidiano desses grupos, como as realizações de oficinas para melhor capacitar as suas integrantes. Para uma das coordenadoras dos grupos existentes, o Movimento deveria ter como objetivo principal auxiliar na formação política das mulheres participantes dos grupos.

“Não é o artesanato que irá melhorar a vida de cada uma. A discussão de políticas públicas ainda não aconteceu no interior dos grupos e deve acontecer devagar e gradativamente. Defendo a autonomia das mulheres. Há a necessidade. As mulheres fogem de discussão da própria vulgaridade do sexo feminino, da vulgarização da mulher. Elas não querem saber.” (Sílvia. Entrevista em 27/07/2007).

O desejo anunciado por algumas das representantes dos grupos quando da realização das entrevistas em retornar à dinâmica das reuniões mensais que ocorriam nos anos anteriores, pode ser um indício de que apesar das dificuldades, que fazem parte do processo, os grupos que estejam amadurecendo e buscando novos caminhos de convivência como aqueles que precederam a institucionalização do Movimento de Mulheres de Ipatinga.

Há também entre algumas das integrantes dos grupos, a defesa da existência de um rodízio na eleição da Diretoria do Movimento, pois conforme os relatos, mesmo que a eleita não tenha o perfil de dinamismo e de atuação das anteriores. A possibilidade de

outras mulheres estarem à frente gerindo e coordenando os demais grupos oportunizaria a revitalização não só da entidade como a aprendizagem dessas gestoras conforme relatado, quando se insiste na permanência de uma mesma pessoa na direção por muito tempo, se instaura uma fragilidade.

Mesmo que não seja objeto de nossa pesquisa as questões relativas ao Movimento e o destaque dado à essa questão, a distância de questões partidárias apontam para um dos problemas atuais vividas na relação entre Diretoria do Movimento e os grupos existentes. Enquanto a crise percebida não é superada, os grupos vão desenvolvendo suas atividades nos micro-espços em que estão situados, buscando assim atender suas demandas mais imediatas. Na atualidade, alguns grupos não mais existem por fatores diversos, outros por sua vez, se expandiram e há ainda os novos que surgiram como algumas entrevistadas registraram mas não conseguiram precisar. O certo é que cada grupo, a seu modo, vai criando a sua dinâmica e suas alternativas próprias para os desafios que são encontrados em seu percurso.

3.4. Grupos no Movimento: diferentes histórias e um fio condutor

Como já apresentado ao longo dos últimos 30 anos, os Grupos de Mulheres de Ipatinga, foram se expandindo. Alguns mais velhos outros ainda muito recentes, outros, mesmo registrados, na prática não mais existem, enquanto há ainda aqueles que se desdobraram em dois. Neles, se configuram participações e envolvimento variados de suas associadas, porém, em comum, verifica-se o objetivo de coletivamente se apoiarem em seu direito de buscar, de desenvolver a auto-estima e as ações de cada uma em seu grupo. Nessa trajetória muitos grupos se tornaram conhecidos desde o final da década de 70 e apresentados a seguir:

Com o seu surgimento no final dos anos 70, tem-se do primeiro grupo, ainda ativo na atualidade, o Grupo de Mulheres do Bethânia. No decorrer dos anos 80, outros grupos⁶⁰ são criados como o Clube de Mães Amizade (1982), a Associação de Mulheres Amor e Paz(1982), o Clube de Mães Irmã Dulce (1985), o Grupo A Mulher na Luta

⁶⁰ Como as demais informações sobre os grupos, também essas foram retiradas dos documentos disponibilizados pela Secretaria de Ação Social da PMI, como relatórios, atas das reuniões, listas de presença, correspondências e outros documentos produzidos, por essa Secretaria.

pelos Direitos na Comunidade (1985), o Clube da Amizade Nossa Senhora da Esperança (1986).⁶¹

Na década de 90 novos coletivos são formados, além da existência e expansão dos já existentes. São eles, o Grupo Assistencial de Mulheres Maria Pereira da Silva (1990), Clube de Mães da APAE (1990), o Centro Comunitário São Francisco de Assis (1992), o Movimento da Terceira Idade(1992), o Clube de Mães Estrela Dalva (1992), a Associação de Mulheres do Bairro Bom Jardim(1992), o Grupo de Mães Sol do Amanhã (1992), a Casa das Meninas (1992), o Grupo de Mulheres Maria, Maria (1995) e o Grupo de Mulheres do Grupo de apoio aos Soropositivos, GASP(1997).

Ao longo desses anos, com o crescimento do número de participantes e o surgimento de novos agrupamentos, surgiram outras denominações junto ao Clube de Mães. Eram os Grupos de Mulheres e alguns já nasciam com seus próprios estatutos, outros, no entanto, tinham nas anotações das reuniões o único registro sobre sua história e existência. Mesmo nessa época, no decorrer dos anos 90, sob a supervisão da PMI, essas Entidades possuíam certa autonomia, como nos mostra o relato abaixo :

“A prefeitura vem apoiando, mas ela não levanta as necessidades do grupo. Quem levanta é a comunidade. Vamos dizer assim, começou esse grupo de certo, elas procuram o apoio, de acordo com a necessidade que elas enxergam para formar o grupo de mulheres.” (Vânia. Entrevista em 13/11/2007).

No final dos anos 90 muitos grupos já constituídos, passaram a se denominar *Associações* junto aos antigos Grupos de Mulheres e Clubes de Mães existentes. Embora passassem a ter desde então, diferentes denominações, em sua grande parte possuíam o mesmo perfil: Em sua maioria era formado por mulheres das camadas populares e suas reuniões se caracterizavam por momentos de aprendizagens específicas relativas às atividades artesanais.

Segundo um documento produzido pela PMI no ano de 2004, os grupos de mulheres são definidos como “entidades autônomas, não-governamentais, que trabalham para a defesa, o atendimento e assistência às mulheres. São denominados grupos, clubes,

⁶¹ Anexo A: Cronologia dos Grupos de Mulheres de Ipatinga

associações, cooperativas, entidades, movimentos, dentre outros.”⁶² A partir de 2000, verifica-se a expansão de alguns grupos já existentes, o fechamento de alguns e o registro de novos descritos a seguir:

Clube de Mães Irmã Francisca (2000), Grupo de Mulheres Mãos que Criam(2000), Marimassas(2000), Grupo de Mulheres Santa Clara de Assis (2001), Grupo de Mulheres Mais (2001), Projeto Videiras(2001), Grupo de Mulheres do Bairro Tiradentes(2001), Grupo de Mulheres Unidas para Vencer(2001), SOL - ART(2001), Associação de Apoio a Mulher, Dignidade e Cidadania - ASSAMDICI(2001), Grupo de Mulheres Fazendo Artes(2002), Grupo de Mulheres Lírios do Vale(2002), Grupo de Mulheres Despertando Artes(2002), Grupo de Mulheres Encontrar-te(2003), Grupo Se Toque(2002), Grupo de Mulheres Brilhantes(2003), Grupo de Mulheres Artes e Ideais(2003), Grupo de Mulheres Unidas Somos Mais (2003), Conselho da Mulher Empreendedora(2002), Grupo de Mulheres Artes Mais (2004). Grupo de Mulheres Alfás(2004), Grupo de Mulheres Amigas(2004).

Em um trabalho iniciado, mas não concluído com algumas integrantes dos diversos grupos, a Secretaria de Ação Social obteve respostas significativas relativas às suas experiências, até então vividas. Entre as razões pelas quais essas entidades foram criadas, destaca-se as diferentes motivações expressas nas respostas das suas participantes⁶³ na entrevista realizada. Assim, algumas chamaram a atenção para o caráter sociopolítico, religioso, econômico, assistencial entre outros, segundo as prioridades de cada um no momento de sua criação.

Obviamente um grupo não pode ser identificado apenas por uma dessas dimensões apresentados, pois várias delas estão presentes e diluídas nos grupos. Portanto, tenho consciência de que, momento específico em que foram interrogados, a

⁶² Essa definição consta no documento elaborado pelas funcionárias da administração pública municipal, em exercício na época e responsáveis pelo auxílio aos grupos através da Secretaria de Ação Social. Entre os documentos recebidos, havia um relatório sobre os grupos, proveniente, ao que parece, de um trabalho iniciado e não concluído, pois nem todos os grupos estão presentes nas questões formuladas. Foram entrevistadas as mulheres participantes de alguns dos grupos. Elas responderam em torno de treze perguntas dessa entrevista estruturada. Outra informação importante, diz respeito às questões, que não foram iguais para todos os grupos, não havendo uma padronização. Na leitura e análise desse documento, foi estabelecida certa padronização a partir do levantamento de todas as perguntas elaboradas. Dessa forma, aquelas que estiverem sem respostas se deve ao fato de a entrevistada não ter sido questionada sobre o tema. Esse e outros documentos foram disponibilizados no período da pesquisa documental, realizada entre agosto e dezembro de 2007.

⁶³ Os relatos sobre os grupos registrados a seguir foram retirados do documento citado acima, que foi disponibilizado à pesquisa. Ver as questões em anexo.

entrevistada pode ter dado uma prioridade a uma determinada dimensão e não a outra. Todavia, alguns aspectos pareceram claros nas seguintes respostas: *“Fazer doações, e creches.” “Trabalhar a gravidez precoce.” “Trabalhar as profissionais do sexo.” “Dar apoio às mulheres com câncer de mama e atuar na prevenção - ensinando a mulher a se tocar”*.

Também havia respostas que expressavam maior preocupação com o rendimento econômico, associando-o à busca do bem estar das mulheres. Por exemplo: *“Ajudar as pessoas a gerarem renda”*. *“Gerar renda e como terapia”*. *“Tirar as pessoas de dentro de casa, gerar renda. Muita gente estava doente e agora está boa”*.

Além dessa preocupação, constatou-se, também, a preocupação com o desenvolvimento da consciência política, das participantes nas seguintes afirmativas: *“Para trabalhar junto com as mulheres, “a integração política e social”*. *“Estar desenvolvendo a mulher na sociedade, tanto social como política, econômica e culturalmente.”* *“Resgatar a dignidade, a cidadania e inserir na sociedade as profissionais do sexo”*.

Ora, como se sabe, não apenas uma dimensão, mas várias estão presentes nas relações que se estabelecem entre as pessoas. Da mesma forma, verificou-se, também nos registros a diversidade de expectativas, necessidades e, principalmente, singularidades que se apresentaram para as integrantes dos grupos.

Nesse aspecto, são apontados os motivos que levaram essas mulheres a ingressarem nos seus respectivos grupos. Para tal, algumas das respostas registradas, são transcritas:

“Senti essa necessidade de conversar, relatar e queria ajudar.” “Queria doar um pouco de mim”. *“Ajuda a gente a sair da depressão, a gente passa umas horas muito alegres”*. *“Para mim é necessário. Me faz mais mulher... E também a questão de estar ajudando.”* *“O grupo é tudo para mim”*. *“É a minha vida. Está no meu sangue, na alma, faz parte da minha vida.”* *“É porque eu gosto de apresentar meus trabalhos. Gosto de estar no meio do povo.”* *“É muito bonito a gente ver a mulher ir resgatando aos poucos a integridade dela.”* *“Por que eu adoro ajudar as pessoas, mexer com o grupo, mexer com as pessoas, adoro poder ajudar as pessoas.”* (Relato das mulheres participantes dos Grupos. (Relatório da PMI, s.d.)

Variadas foram as respostas, mas, em seu conjunto, revelaram o papel que os grupos passaram a desempenhar na vida das mulheres que deles participam. Embora tais respostas tenham sido dadas por uma e não todas as participantes de cada grupo, pode-se dizer que, no seu conjunto apresentaram aspectos de grande relevância referentes à saúde não apenas física mas também mental ao referiram-se ao fim da depressão, aos momentos de alegria. Existiam esses relatos uma forte conotação evidenciando a importância da convivência com outras mulheres e as potencialidades quanto às oportunidades de aprendizado que o grupo lhes proporciona.

Associada a essas questões, percebe-se, ainda, o reforço a valores humanos como a cooperação, a solidariedade, a doação que os encontros proporcionam. Entre as respostas, ressaltou que apenas uma, se referiu ao caráter mais objetivo e concreto desses encontros. Trata-se da confecção de trabalhos manuais artesanais. E, de modo geral, nas respostas às perguntas feitas às participantes dos grupos, percebi certa satisfação que ultrapassava o nível pessoal, sendo, antes de tudo, coletivo e social.

“É muito importante para tirar aquelas meninas da rua.” “Aqui é uma casa de apoio, de acolhimento, de aprendizado.” “Significa um momento de lazer, e ao mesmo tempo a gente ajuda as pessoas. “Nós percebemos o valor que o grupo tem na comunidade através da participação, do carinho, da proteção. O reconhecimento da comunidade nos indica que eles nos dão muito valor.” “Divulgando e trabalhando na prevenção ao câncer. Acolhendo e oferecendo mais qualidade de vida a estas pessoas que nos procuram lá na casa.”
(RELATÓRIO. PREFEITURA MUNICIPAL DE IPATINGA. S.d.)

Entre as inúmeras mulheres que fizeram e fazem parte da história dos grupos e mesmo do Movimento de Mulheres, algumas desempenharam um papel singular mesmo que sua importância não seja de todo percebida por quem foi lembrada. Não se trata de exaltar as representantes/coordenadoras dos grupos ou de outras pessoas que neles e com eles trabalharam, uma vez que eles existem e a importância é dada pelas ações coletivas realizadas por todas. Isso não impede de registrar a importância da atuação que algumas mulheres tiveram em momentos específicos, em alguns casos, ou no decorrer da caminhada e em seu respectivo grupo.

Em resumo, como a própria história, esta, referente aos grupos, não é linear, não se desenvolveu sem conflitos, tensões, avanços e recuos. Entretanto, a atuação de algumas mulheres foi fundamental para que essa história pudesse ter continuidade e mantivesse presente, mesmo com oscilações, o sentido inicial de sua existência. Certo é que algumas mulheres foram lembradas mais de uma vez, em diferentes momentos e por

diferentes pessoas nas entrevistas realizadas. Dessa forma, ressalta-se o significado que determinadas atuações representaram na existência e no percurso dessa história que é coletiva. A esse respeito, uma das funcionárias lembrando o papel de algumas mulheres na constituição dos grupos, disse:

“Alguns grupos mais consolidados com mais história, outros, mais simples e menores vêm capengando a vida toda, mas não deixam de existir. São pequenos e provavelmente, assim ficarão. Existem algumas mulheres que são referência, como D. Maria, no Morro do Sossego, Roberta do Marimassas, Diva, do Grupo Mulheres M^a Pereira da Silva.” (Adriana. Entrevista em 18/07/2007).

Dessa forma, ao apontar a presença dessas mulheres repetidamente citadas, não foi intenção de destacar nomes, mas apontar o significado que determinadas atuações representaram na existência e na trajetória dos grupos. Do mesmo modo, destaca-se a atuação de algumas profissionais, assistentes sociais, que junto aos coletivos de mulheres nos diversos momentos, desde a sua fundação, foram também lembradas nas entrevistas. Uma vez apresentada a história dos Grupos de Mulheres de Ipatinga e da criação do Movimento de Mulheres de Ipatinga, os capítulos seguintes serão dedicados à análise de um grupo específico: Associação de Mulheres do bairro Bethânia.

CAPITULO 4 - UMA HISTÓRIA DE MULHERES EM IPATINGA

4.1. Bethânia: um bairro com um nome de mulher⁶⁴

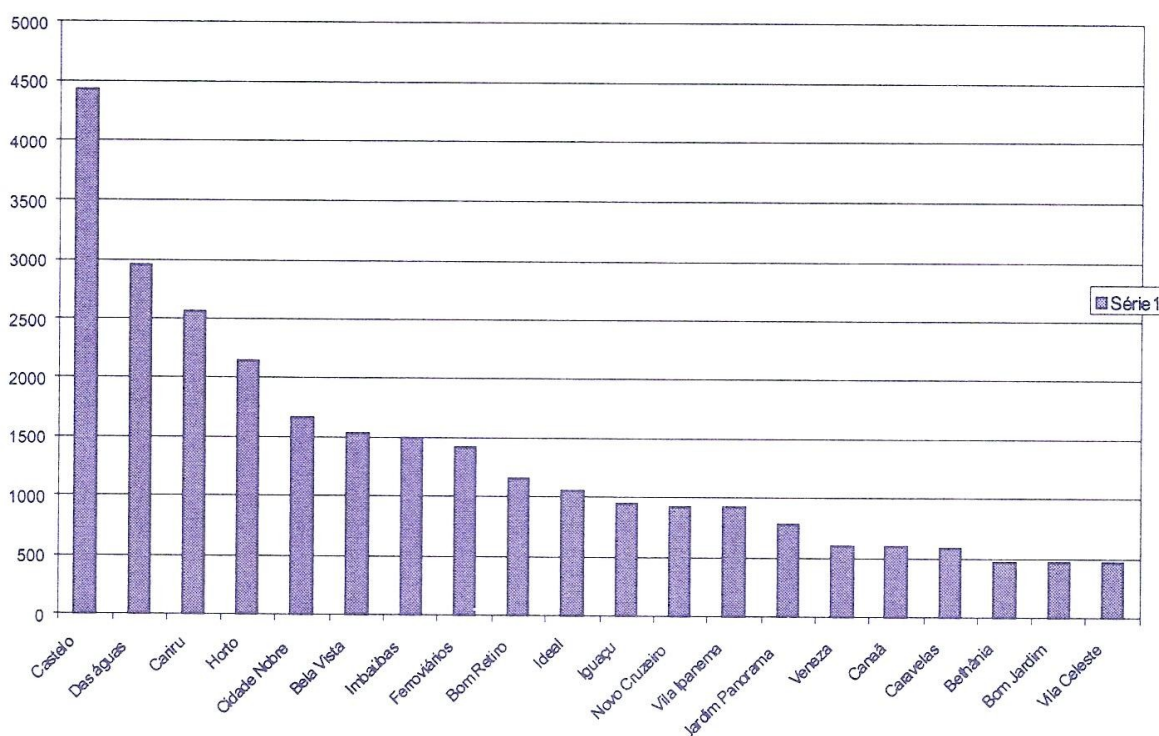
Esse capítulo se inicia com a apresentação do bairro Bethânia, onde se localiza a Associação. Ele situa-se no extremo norte da malha urbana do município de Ipatinga e abrange parte das sub-bacias dos córregos Taúbas, Vagalume e Vila-Militar. A área compreende alguns lugares físicos que se definem por diferentes formas de ocupação do espaço e principalmente pelas diversas barreiras físicas, especialmente os córregos e as declividades. Trata-se de um dos bairros mais antigos, uma vez que a sua ocupação data da década de 1950, quando surgiram os primeiros loteamentos de uma empresa particular, financiados em varias prestações no período de construção e inauguração da USIMINAS.



Figura 05 - Bairro Bethânia - Ipatinga - MG Fonte: PORTAL DO CIDADÃO: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Disponível em <http://www.ipatinga.mg.gov.br>

⁶⁴ Embora tenham sido realizadas várias investigações sobre a razão do nome do bairro, não foi possível obter uma resposta mais precisa sobre o seu significado. Foi constatado somente que além de nome de mulher, Bethânia é nome bíblico de uma cidade onde Lázaro vivia, à época da peregrinação de Cristo.

Em termos de localização territorial, o bairro Bethânia é considerado o penúltimo bairro do município existindo depois dele, o bairro Vagalume. O bairro possui uma extensão de 3,6km², sendo o segundo mais populoso⁶⁵. Sobre a população do bairro Bethânia, uma informação trazida pelo IBGE e trabalhada por Marilene Tuler (2007), diz respeito à distribuição espacial dos moradores de Ipatinga e reflete a influência exercida pela Usiminas na vida da população. Este fato é demonstrado no gráfico⁶⁶ apresentado por este Instituto sobre a renda média mensal em reais, das pessoas responsáveis pelos domicílios particulares distribuídos pelos bairros do município.



**Figura 6: Fonte: IBGE, censo de 2000
Renda média mensal em Reais - bairro de Ipatinga-200)**

Entre os vinte bairros representados no gráfico, o bairro Bethânia ocupa a anti-penúltima posição e se caracteriza por um baixo rendimento mensal. Na extremidade oposta estão bairros que foram projetados e construídos pela empresa USIMINAS e sobre eles assim é descrito:

⁶⁵ Além dos dados do IBGE, Censo de 2000, também para as informações sobre o bairro Bethânia, foram pesquisados, Tuler, 1998, 2007; PMI 2004; Diário do Aço, 2003; Revista Ipatinga, 2002. Portal do Cidadão 2004; Rueda, Nahas, 1991.

Dentre os vinte bairros com maior renda por domicílios do município de Ipatinga, segundo o Censo de 2000, destacam-se aqueles bairros projetados e construídos pela Usiminas. A partir dessa constatação, comprova-se que existe uma distribuição mais equilibrada de rendimentos dos moradores desses bairros. No caso dos bairros existentes na *Cidade livre*, a distribuição de rendimentos é mais desigual. Bairros como Cidade Nobre, Iguaçu, Jardim Panorama, Veneza, por serem bairros de crescimento espontâneo, apresentam uma maior diversificação entre seus moradores. Convivem nesses bairros pessoas de maior poder aquisitivo e moradores de baixa renda, o que faz com que haja uma queda acentuada da média de rendimentos, aspecto que não ocorre nos *bairros da usina*, pois seus moradores possuem funções semelhantes nos quadros da empresa e, conseqüentemente, salários mais equilibrados. (TULER, 2007, p. 170. Grifos da autora)

Considerado como um bairro operário no início de sua história por abrigar muitos empregados principalmente da USIMINAS, com baixa ou nenhuma qualificação, o bairro Bethânia foi, com o decorrer das décadas e crescimento dos demais setores da economia dos municípios, também se expandindo e crescendo. (Tuler, 2007), Na atualidade existe um intenso movimento de pessoas, moradores no Bethânia e que trabalham em outros bairros de Ipatinga. Muitas delas⁶⁷ são pessoas de baixa renda que exercem atividades como domésticas, diaristas, pedreiros, ajudantes, balconistas e que realizam a chamada migração pendular. Outro exemplo que mostra algumas características do bairro é descritos a seguir:

Durante muitos anos, o bairro Bethânia sofreu com ocupações irregulares de suas encostas. Nas áreas de risco, os problemas sociais se agravaram com o passar dos anos. [...] Sem acesso, sem luz, sem água e saneamento básico, a população das partes altas do bairro, que integram o bairro Bethânia vivia à margem do desenvolvimento experimentado no restante do município de Ipatinga. (DIÁRIO DO AÇO, 28/08/ 2003. CADERNO REGIONAL p. 04.)

A partir dos anos 1990, o bairro passou por um processo de urbanização com a pavimentação de ruas e canalização dos córregos. As áreas dos morros, ocupadas na década de 1980, também foram urbanizadas, com a construção de obras de contenção de encostas e de escadarias. Os trabalhos de urbanização tiveram grande impulso ao longo dessa década, sendo periodicamente atualizados, uma vez que para ele migram muitas famílias sem qualquer tipo de recurso, ocupando os morros e encostas, como ilustra fragmentos da reportagem a seguir:

⁶⁷ Também essas informações foram fornecidas pela autora, que mora no bairro sem que tenham sido publicadas. Elas dizem respeito a um estudo feito pela autora há alguns anos, sem que registrado a fonte.

Os moradores de cinco assentamentos subnormais do bairro Bethânia, um dos mais populosos de Ipatinga, começam a comemorar os primeiros resultados do Programa Viver Melhor.⁶⁸ Na região das ruas Boston, Pusco, Guimarães e Turim, já foram entregues 30 casas construídas em aço, com padrão Usiteto, da Usiminas. [...]. Com prazo de conclusão em três anos, o projeto inclui também beneficiamento do Morro São Francisco e rua Baltimore. As casas já concluídas e entregues abrigam famílias que moravam em áreas de risco. O Centro Infantil Esperança do Amanhã, creche que funciona no bairro, em casa alugada, vai ganhar uma sede própria e continua sendo administrada pelo Grupo de Mulheres Maria Pereira da Silva, em convênio com a PMI. O projeto inclui também a canalização do Córrego Taúbas e recuperação de encostas. Todo o aglomerado será transformado em área de relevante interesse ecológico e social, com a normalização das formas de ocupação e utilização do solo e a adoção de procedimentos permanentes de recuperação e preservação ambiental. [...]. Na primeira parte do programa, foram reassentadas 30 famílias que moravam em áreas de risco, além de urbanizados assentamentos subnormais (inclusive com regularização fundiária) e implantação do Parque das Montanhas, uma área de preservação ambiental que foi desocupada e está sendo transformada em parque ecológico. (JORNAL DIÁRIO DO AÇO - 28/08/2003. CADERNO REGIONAL p. 04.)

Atualmente no bairro existem associações e grupos que também trabalham em prol da comunidade, como a Associação dos Moradores do bairro do Bethânia e a Maçonaria. Outro exemplo, diz respeito às atividades desenvolvidas por um Grupo de Mulheres, o Grupo Assistencial de Mulheres Maira Pereira da Silva, que criou o Centro Infantil Esperança do Amanhã. Em parceria com a PMI, o Programa Viver Melhor/Habitar Brasil/BID conseguiu construir uma sede própria para a entidade, como publicado:

Até novembro de 2002, o Centro Infantil Esperança do Amanhã funcionava em uma casa alugada, no bairro Bethânia. Maria Arlete dos Santos Oliveira, coordenadora administrativa da creche, lembra que a construção da nova sede foi fruto de muito suor e trabalho, principalmente do Grupo Assistencial de Mulheres Maira Pereira da Silva, criado em 1992 a partir de uma iniciativa da própria comunidade. Ela conta que, para comprar o terreno onde foi construída a nova sede da creche, o grupo de mulheres teve que se organizar. Foi vendendo salgados, promovendo almoços e reuniões que elas conseguiram alcançar o objetivo. Mas faltavam recursos para a construção do prédio, o que só se tornou possível por meio do Programa Viver Melhor/Habitar Brasil/BID. A conquista permitiu ao Centro Infantil aumentar de 47 para 60 o número de crianças atendidas. Hoje, por meio de convênio, a PMI mantém educadores, orientadores pedagógicos e fornece alimentação, material didático e de limpeza pra a creche. REVISTA IPATINGA 2002, p. 24).

⁶⁸ Trata-se do Projeto Integrado do Aglomerado Bethânia, com recursos da Caixa Econômica Federal, a fundo perdido e da PMI.

Segundo ainda as informações publicadas, atualmente, existem no bairro, coleta de lixo e algumas praças foram construídas. Entre elas destaca-se a área do campo do Itamarati, que foi trabalhado para se tornar uma área ambiental e de lazer, com área gramada, alambrados, além de canteiros e vestiários do novo campo de futebol. Outra praça conhecida no bairro como *Praça da Loja Maçônica*, foi incorporada ao Parque Itamaraty, e também recebeu reformas: bancos, canteiros e passeio que já foram recuperados.

4.2. Das ruínas da sede da velha fazenda à construção do bairro⁶⁹

O início da história do bairro Bethânia se confunde com o início do povoamento de Ipatinga. Essa história se inicia com a vinda do Sr. Selim José de Salles, natural de Beirute, que veio morar na região, onde hoje se localiza o atual município de Santana do Paraíso.⁷⁰ Ele e sua família moraram ali, até março de 1950, quando o Sr. Selim, proprietário de outras fazendas, adquiriu a fazenda Barra Grande, que ficava na estrada de Santana do Paraíso, mas que pertencia ao município Coronel Fabriciano. Anos mais tarde, quando Ipatinga ainda era distrito de Coronel Fabriciano, a Fazenda Barra Grande passou a se chamar Fazenda Bethânia. Posteriormente, essa fazenda foi vendida e loteada pela Imobiliária Pedro Linhares Imóveis LTDA e seu proprietário, Pedro Linhares, outro pioneiro na região, foi o responsável pelos primeiros loteamentos de Ipatinga nesse local, como observa Marilene Tuler:

Outro pioneiro, o senhor Pedro Linhares, [...] afirmou que as terras localizadas a partir do alto da Usipa até o Ribeirão Ipanema eram pertencentes à Belgo-Mineira e que foram desapropriadas para a instalação da Usiminas. As terras localizadas à direita do Ribeirão Ipanema eram fazendas pertencentes à família Selim (onde hoje estão os bairros Canaã e Bethânia) e ao senhor Jair Gonçalves (onde hoje estão os bairros Iguazu e Cidade Nobre). O Distrito de Ipatinga foi dividido ao meio por uma cerca de arame farpado construída pela Usiminas. As terras

⁶⁹ As informações sobre a história do bairro Bethânia foram obtidas dos seguintes documentos provenientes da PMI; Diário Popular, 2008; Tuler, 1998; 2007.

⁷⁰ Nascido em 1892, o Sr. Selim casou-se no dia 24 de julho de 1913 em Itauninha, município de Ferros, com dona Canuta Rosa de Oliveira Barbosa e tiveram vinte e um filhos, mas apenas dez sobreviveram. Dentre eles seu filho, Jamill Selim de Salles, nascido em 14/12/1930 foi fazendeiro e atual prefeito de Ipatinga em três mandatos: 1967-1969; 1973-1977; e 1983-1980. Teve participação na construção do prédio da PMI na época do seu segundo mandato e na privatização do ensino público no município. O Sr. Selim, patriarca da família, faleceu em Ipatinga em 08/04/1979 e foi sepultado em Santana do Paraíso.

à esquerda eram de propriedade da empresa e as da direita eram particulares. (TULER, 2007, p.29 . grifos da autora)

Cerca de 4.800 lotes foram financiados em inúmeras parcelas e prestações baixas. Essa forma de crédito dos lotes permitiu que muitas pessoas das classes populares pudessem adquirir um terreno. Na década de 1970, a história do bairro começou a ganhar visibilidade com as mudanças que ocorriam, como relatado a seguir:

Ainda existiam as ruínas da sede da fazenda (onde hoje se localiza a Loja Maçônica). Restava o velho engenho, teimando em lembrar a todos que dali saíram rapaduras para adoçar a vida dos pioneiros de Ipatinga, ainda na época das velhas *Marias-fumaça* da Vitória-Minas. Em 1975 as primeiras casas foram sendo levantadas... Esgoto correndo a céu aberto; córrego da avenida Gerasa atravessando o bairro, inundando casas; lixão da Prefeitura atraindo urubus, ratos, insetos, doenças. Havia uma olaria pertencente ao Sr. Wilson e um depósito de material de construção, pertencente ao Sr. João – conhecido por todos como o *senhor João do Depósito*. (TULER, 2008, p. 2. Grifos da autora)

Situado na área considerada periférica do município, o bairro Bethânia não foi incluído no projeto de urbanização realizado pela USIMINAS. Naquela época, década de 1970, os aspectos relativos ao saneamento básico eram quase inexistentes: “existia um lixão próximo à Subestação da CEMIG e os moradores sofriam com a presença daquele *vizinho incômodo*.”(Diário Popular 2008). Era ali o local que a PMI transformara em um aterro sanitário. A situação só foi resolvida após a atuação de um grupo de mulheres, moradoras do bairro, que armadas de paus e pedras, permaneceram na entrada do lixão, impedindo que os caminhões da Prefeitura despejassem lixo no local, até decisão da Prefeitura pela mudança do local. Outras pessoas, chamados pioneiros⁷¹ do bairro, ficaram assim conhecidas pelo dinamismo e disposição em prol das conquistas e benfeitorias que buscavam para o bairro que carecia de todo o tipo de serviço.

⁷¹ São pessoas que nos seu cotidiano, através de suas ações e trabalho estiveram junto com as lideranças que foram surgindo no bairro nesse período. Entre aqueles que ficaram conhecidos estão: Nourival Luís dos Santos, Sebastião dos Santos, José Alvim, Avestil, Jair de Oliveira, Salvador, José Juventino, D. Lucy, D. Nana, D. Ilza, Agenor, Nico, João Noé, José Ilma, Sr. Antônio, Sr. Neca, Sr. João Ferreira, embora vários outros personagens anônimos tenham contribuído na construção da história do bairro Bethânia. São pessoas que nos seu cotidiano, através de suas ações e trabalho estiveram junto com as lideranças que foram surgindo no bairro nesse período.

Como em outras regiões do município que não podiam contar com o projeto de urbanização realizado pela USIMINAS, nas áreas circunvizinhas à empresa, o bairro Bethânia sofreu todo o tipo de dificuldade resultante da combinação entre a ausência de infraestrutura e crescimento demográfico. Este último, estimulado principalmente pela demanda de mão de obra das usinas na região, USIMINAS e ACESITA (Aços Especiais Itabira), situada no município vizinho de Timóteo e existente desde a década de 1940.

Entre outras características dessa comunidade, destaca-se o forte sentimento religioso existente a partir da década de 1980, incentivado pelos padres que vinham periodicamente à região e pelos padres franciscanos que vieram trabalhar junto à comunidade. Nesse sentido, a história da Associação de Mulheres do Bairro Bethânia, nesta época, Clube de Mães e a história do bairro começam a se cruzar, tendo em comum a atuação dos religiosos da Igreja Católica e dos moradores do bairro em prol da melhoria das condições de vida da população.

As marcas da religiosidade dessa comunidade vão sendo registradas nas ações e nos acontecimentos que vão ocorrendo no bairro, como a primeira missa celebrada em setembro de 1976, pelo padre Miranda. Na ausência de uma igreja construída, as celebrações ocorriam em um lote, para posteriormente serem realizadas em diversas residências dos moradores do bairro, que moravam num ponto mais central de fácil acesso a todos, como ilustra a reportagem publicada:

Por um longo período, elas (as celebrações) foram realizadas na esquina da Avenida Alberto Giovanini com a Rua Quebec, no lote de propriedade do Sr. João do Depósito, numa sala onde aconteciam as aulas do MOBRAL (Movimento de Alfabetização de Adultos). Mais tarde o Sebastião dos Santos cedeu a varanda de sua casa para que nela ocorressem as celebrações. Durante esse período, só eram celebradas missas nos segundos domingos de cada mês. (TULER, 2008, p2. Grifos meus)

No final dos anos 1970, algumas melhorias já haviam ocorrido, porém em um ritmo ainda lento, diante das necessidades da comunidade, que se mobilizava em torno delas. Entre elas, de grande valor para maioria católica, era a construção da Igreja Católica no bairro, pois as missas continuavam a ser celebradas em locais improvisados.

As missas eram celebradas todas as segundas-feiras, em frente à casa de Sebastião dos Santos, pelo saudoso Padre Franco. Realizavam-se festas durante o mês de maio, com várias barraquinhas, com o objetivo de conseguir recursos para a construção da Igreja... Na época, ainda não existia luz elétrica no bairro, e as lideranças faziam as festas utilizando lampiões a gás. (TULER, 2008, p2).

Ainda sobre as celebrações, vale lembrar, os versos de um morador, Sr. Nourival Luís dos Santos⁷², que participou ativamente, como membro da comunidade católica do Bairro Bethânia.

“E assim foram muitos dias/A nossa Celebração/Depois nos espalhamos/Para todo o quarteirão /Celebrando de casa em casa/Pra conhecer a região!!A Comunidade crescia/O povo se aproximava/O Sr. Geraldo e Dona Alzira/Sempre nos ajudavam/Para celebrar em sua casa /Dona Alzira convidava./ Assim foi crescendo/Cada dia um “mucadim”/Visitando o bairro inteiro/Conhecendo mais um vizinho/Nós agora vamos celebrar/No Sr. Geraldo Serafim./Saía de casa em casa/Fazendo Celebração/Percorreu todo o bairro/ Com sistema de folião/Levando a Palavra de Deus/Para toda a região!” (Sr. NOURIVAL,1998)

Nos anos 1980, foi criada a Comunidade São Jorge⁷³ no bairro e até hoje é conhecida dessa forma pelos católicos. Entre os registros sobre o bairro, está uma referência à D. Lucy, considerada pelas participantes, uma das fundadoras da Associação de Mulheres do bairro Bethânia:

Duas pessoas que merecem ter seus nomes registrados na História da comunidade são o Sr. José Chaves e a D. Lucy. Ele ainda é membro atuante, na luta pela melhoria de condições de vida da população mais carente, é um exemplo de um verdadeiro cristão que entende a opção de Cristo pelos pobres e marginalizados. Ela é a *mãe da comunidade São Jorge*, pois desde o início esteve à frente dos trabalhos, cuidando dos paramentos, buscando os folhetos das celebrações na secretaria da Paróquia Cristo-Rei, engajando nos projetos sociais, presidindo o Clube de Mães, organizando eventos. (TULER, 2008a, p 2. Grifos da autora.)

Mais uma vez, é através da Igreja Católica que se tem a maior parte das informações sobre o bairro Bethânia. Por decisão do Conselho Pastoral Comunitário (CPC), em 1998, foi tomada a iniciativa de pesquisar a História da Comunidade São

⁷² Através de seus versos o Sr. Nourival (conhecido como Sr. Walter) retrata os principais acontecimentos ligados a Igreja Católica que fizeram parte da história do bairro Bethânia,, como membro participante dessa comunidade.

⁷³ As informações sobre a criação da Comunidade São Jorge, bem como a presença da Igreja Católica nessa década no bairro Bethânia foram retiradas do documento, produzido em 1998 e disponibilizado na biblioteca pública municipal de Ipatinga.

Jorge. É também, em forma de versos, que a história desse bairro foi contada,⁷⁴ como ilustram abaixo, alguns de seus fragmentos.

“Mudei aqui pra Vila/ No ano setenta e seis/Só tinha terraplanagem/Casas só eram dezesseis/Com o movimento do povo/O progresso chegou de vez!/ No dia que aqui chegamos/ Com minha simples bagagem/Naquela gruta deserta/Só havia terra e pastagem/E as máquinas nas pistas/Trabalhando na planagem!/Gente pra baixo e pra cima/Construindo seu barraco/Uns mexendo com madeira/Outros furando buraco/Todo mundo “está” na luta/Garantindo seu taco!/E assim continuou/O povo se misturava/Homens e mulheres/Todo mundo trabalhava/Era gente igual formiga/Que no bairro transitava. /A vida era muito boa/O comércio era “massa”/Um ótimo loteamento/Lote era quase de graça/Era muito movimento/ Que você via na praça!” (SR. NOURIVAL, 1998)

Em 1983, com a chegada dos padres da Ordem Franciscana para a região do Vale do Aço e para o bairro Bethânia, teve início o trabalho na comunidade do bairro, inspirado na Teologia da Libertação na “opção preferencial pelos pobres”, da CNBB⁷⁵. A proposta implementada pelos franciscanos era de uma Igreja que se voltasse para os pobres, baseando-se na formação de Comunidades Eclesiais de Base.

No bairro Bethânia os padres foram hospedados na casa de uma das moradoras.⁷⁶ Como a comunidade já possuía certa organização tendo formado vários grupos de trabalho ligados a Igreja Católica (comissão financeira, conferências, grupos de reflexão), esses padres incentivaram os trabalhos já existentes motivando também a participação de outras pessoas. Para isso, criaram pastorais, ocorrendo, conforme o documento analisado, intensa participação dos leigos na vida da Comunidade. Também, nesse documento consta um incidente ocorrido entre os padres e o Poder Público Municipal, como descrito a seguir:

Com a chegada dos freis, começou a mobilização do povo através da sua organização nos trabalhos de base, sob a liderança atuante, dinâmica e competente dos respectivos religiosos. Um dos destaques daquela época foi o confronto entre os freis e o prefeito Jamil Lamego devido à posição de

⁷⁴Os versos escritos por Sr. Nourival dos Santos foram retirados do documento sobre a Comunidade São Jorge 1998.

⁷⁵ As informações sobre a presença dos padres franciscanos e suas atuações na Comunidade foram apresentadas no capítulo referente aos grupos de mulheres e sua relação com a igreja.

⁷⁶Segundo o documento sobre a Comunidade São Jorge produzido sobre a Comunidade São Jorge, a primeira morada dos padres no bairro Bethânia foi na casa da D. Raimunda, localizada na Av. José Assis Vasconcelos, nº 313. Registrado ainda que era “[...] uma casa simples, mas um local onde os Freis recebiam todos com muita alegria, consideração e respeito.”

solidariedade e defesa dos interesses dos favelados, adotada pela Igreja Católica tendo ocorrido diversos confrontos diretos entre as lideranças e os fiscais da PMI, que derrubavam os barracos, havendo perseguições, inclusive da Polícia Militar. (PROJETO COMUNIDADE SÃO JORGE, 1998).

Ainda de acordo com esse documento, após este incidente, a promessa do prefeito de um lote para a construção da igreja católica no bairro, não mais foi cumprida e os próprios moradores trataram de buscar meios de adquiri-lo. Também sobre o episódio da promessa do lote, os versos do Sr. Nourival, novamente se destacam:

“João Lamego prometeu/Com muita sinceridade/Que ia dar um lote/Pra nossa Comunidade/Então chegou a hora/de nossa necessidade. /Seguimos a comitiva/Com nove ou dez pessoas/Chegamos na Prefeitura/Tudo em ordem, ‘numa boa’!/Fomos barrados na portaria/Simplesmente muito à toa. /

Quero falar um pouco /Do terreno que ele doou/Lamego respondeu no ato/Este assunto já acabou/Se é isto que procuram/O assunto encerrou!/Lamego deu o terreno/Pra nossa comunidade/Na hora do documento/Foi aquela falsidade/Não cumpriu o que tratou/Destruindo a amizade!/Falando sobre o Prefeito /O assunto se agravava/Ele tinha dado o lote, /Na última hora, negava/Isto é o testemunho/Que Só João Lamego dava!

Então vamos embora/Nossa reunião deu em nada/Toda a nossa esperança/Foi totalmente cancelada/A palavra do João Lamego/Está super desmoralizada!/E assim nós voltamos/Com coragem retornamos/Vamos todos ficar juntos!/Devagar, com fé em Deus/Só assim nós venceremos!/Vamos comprar um lote/Por mais caro que ele seja/Reunir a Comunidade/Pra construção de nossa Igreja/Vamos fazer o possível/Para cumprir o que se deseja!” (SR. NOURIVAL, 1998)

Mais uma vez, as histórias do bairro e da Associação se cruzam. Nos cadernos de atas e em várias delas estão os registros sobre as festas, os bingos e a coordenação de barraquinhas para angariar recursos financeiros como auxílio à construção da igreja e do salão paroquial. Também esses acontecimentos, o Sr. Nourival (1998), transformou em verso:

“Eis aí o nosso povo/São todos gente bacana/Que ajudaram a construir/A Igreja do Bethânia/Tempo de tudo barato/Por preços de banana!/ Todos chegavam juntos/Na mais perfeita união/Fizemos as barraquinhas/Logo diante da casa do Tião/ Para vender a queimadinha, /A pipoca e o canjicão. / Festa o mês inteiro/Nas barracas do Tião,/As mulheres numa boa /Vendendo o seu quentão/O baiano no coreto/Apregoando o leilão./Era a melhor maneira /De chamar a atenção/De faturar mais dinheiro/Para a nossa construção/Vendemos doce e pastéis,/Salgadinhos e quentão!

Gente, vamos lutar/Esta obrigação é nossa/À noite nós celebramos/Com o povo humilde da roça/ Depois tem o quentão /e a tal canjica grossa. /São muitas barraquinhas/Falta gente para ajudar/D. Ruth e D. Ilza/D. Luci e Erotildes/ Também acabam de chegar!/Assim foi o movimento/Sem fazer distinção/Foi festa o mês inteiro/Na barraca do Tião/Para faturar dinheiro /para a nossa construção!

D. Ruth é alegre/Está sempre a sorrir/Nos trabalhos da Igreja, /Ela está firme sem cair/ Pra'quilo que pertence a ela/Está acordada sem dormir!/A Lídia do Joaquim /Tem muita capacidade /Trabalha sempre na Igreja/Tem força de vontade/Ela é uma coluna forte/De nossa comunidade.” (SR. NOURIVAL, 1998)

Afinal, sob a responsabilidade de uma comissão financeira, o lote foi comprado e nele inicialmente foi construído um barracão onde eram realizadas celebrações e reuniões. Também nele, por um determinado período, as crianças da Educação Infantil da Rede Pública Municipal, na época chamada de Pré-Escolar, tiveram suas aulas realizadas devido a ausência de salas disponíveis na escola municipal para esse nível de ensino.

Outro fato que o documento destaca, diz respeito à presença, às ideias e ações desses religiosos que representavam o novo jeito de ser de uma ala da Igreja Católica: uma Igreja-Povo, solidária com os excluídos. Esse comportamento e a nova forma de interpretar o papel e a função da Igreja não significaram consenso nem mesmo no interior dessa comunidade católica do bairro Bethânia. O resultado foi o afastamento de algumas lideranças atuantes que não concordavam com essa nova realidade.⁷⁷

Na década de 1990, verificou-se no interior da Igreja Católica uma crise interna, em decorrência das polarizações quanto à Teologia da Libertação e a atuação dos religiosos, que a defendiam. Desse modo, também a comunidade católica de Ipatinga acabou sendo afetada, culminando com a saída dos franciscanos dos bairros em que atuavam e, entre eles, o bairro Bethânia, como apontado no terceiro capítulo.

⁷⁷Entre os fatos ocorridos no bairro Bethânia que ilustram o estranhamento de alguns diante dessa nova posição desses religiosos está o acabamento interno da igreja São Jorge no bairro. Segundo o documento, “após intensas discussões, foi decidido que o altar deveria retratar a situação de pobreza, de miséria, de opressão do nosso povo e, ao mesmo tempo, retratar a esperança, a perseverança e a luta por uma vida mais fraterna, mais justa e mais feliz.” Ficou decidido pintar uma cruz com nomes de mártires, que deram a vida pela causa da justiça. Partindo de Cristo, foram registrados nomes de religiosos, líderes sindicais, camponeses e indígenas. São eles: Jesus Cristo, Pedro e Paulo, Margarida Alves (sindicalista rural paraibana); Frei Tito, em defesa da Liberdade e do direito à Cidadania; Santo Dias(líder metalúrgico)Padre Josimo, (vítima em defesa da terra); Padre. Ezequiel Ramim italiano morto nas terras do Mato Grosso; Índio Marsal, símbolo da luta dos índios pela posse da terra.Irmã Adelaide; D. Oscar (em defesa da Vida e da Justiça); Romero (luta pelos Direitos do Homem); Padre João Bosco Sacerdote jesuíta em defesa da Terra; Eloí Ferreira, (líder do movimento sindical rural).

Com o crescimento e expansão do bairro Bethânia ao longo das décadas e o surgimento de outros grupos e entidades, sua história continua a ser construída. Mas conta com a participação de outros atores sociais que se filiaram e vêm acompanhando as suas entidades, grupos, associações e igrejas, além da católica, com novas demandas e reivindicações. Contudo, a atuação da Igreja Católica continua a se fazer presente e a ter forte expressão junto à comunidade, sendo, inclusive, nas dependências do salão paroquial a realização das reuniões das Mulheres do Bethânia. É sobre essa Associação que passo a dedicar, iniciando com o fragmento de uma reportagem, quando três das representantes da Associação foram entrevistadas⁷⁸:

[...] Estabelecida 30 anos atrás por donas de casa de Governador Valadares que vieram residir em Ipatinga, a associação mudou seu foco de atuação no decorrer dos anos, mas passa ainda por dificuldades que a impedem de expandir suas atividades para um atendimento mais amplo. Conforme a coordenadora da entidade, atualmente cerca de 30 mulheres integram o grupo, que se reúne sempre às quartas-feiras, das 14h às 16h, no salão comunitário da igreja São Jorge. Em função de não possuírem um espaço próprio, as atividades desenvolvidas durante as reuniões sofrem restrições, uma vez que o salão é utilizado para outras atividades. "No início, muitas pessoas acreditavam que a entidade possuía vínculo com a igreja, que cedia um salão para nossas reuniões. Essa associação também era feita porque a entidade tinha o nome de 'Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida'. (...) Em algumas ocasiões ao longo de nossa história, tivemos ajuda do poder público, mas atualmente a entidade se mantém com a venda dos materiais que produz através dos trabalhos manuais. São eventos bastante esparsos e metade do que é vendido é revertido para a associação".

Aprendizado

Segundo a vice-coordenadora da entidade, no passado a associação chegou a oferecer diversas modalidades de trabalhos manuais proporcionando às suas integrantes aulas de bordados, ponto cruz, crochê, pinturas, trabalhos com barbante e couro, entre outros cursos. "Hoje, ficamos restritas às confraternizações tradicionais e às aulas de bordado, porque não dispomos de máquinas de costura e equipamentos para oferecer mais modalidades. Para que isso aconteça, é inevitável que tenhamos um local e uma estrutura para atingir mais mulheres do bairro. O nosso objetivo sempre foi permitir que as donas de casa tenham a opção de aprender a desenvolver seus talentos e evitar que elas fiquem ociosas. Também sempre trabalhamos para dar atenção ao lado emocional das integrantes, de modo que elas compartilhem seus problemas e dialoguem em grupo" (...) Na avaliação de uma das integrantes mais antigas, a influência do grupo foi essencial para o surgimento de outras entidades de mulheres em Ipatinga. Interessante é que no próprio Bethânia foram aparecendo outras entidades de mulheres das várias comunidades do bairro. "No entanto, a Associação de Mulheres do Bethânia, cuja trajetória está ligada diretamente à construção do bairro e faz parte da história de Ipatinga, ainda não obteve o reconhecimento que merecia, uma vez, que carece de mais estrutura," comenta ela. (JORNAL DIÁRIO DO AÇO. 08/03/2008)

⁷⁸ A reportagem publicada no Dia Internacional das Mulheres está na íntegra em anexo: C

Como podemos perceber, a reportagem apresenta a entidade, destacando, ainda, o papel que ela representa para outras, conforme uma das entrevistadas, como uma história a ser seguida, que tem início no fim dos anos 1970. Outras informações e análises sobre a Associação serão vistas a seguir, no próximo tópico.

4. 3. Da cabaninha de madeira ao salão paroquial: um história bordada a várias mãos

Como tudo começou? Onde tudo começou? Com quem, por que e por quem esta história começou? A história da Associação de Mulheres do Bethânia (AMBB) tem início em 1978, com a iniciativa de uma senhora que, proveniente do município próximo de Governador de Valadares/Minas Gerais, veio morar em Ipatinga, no bairro Bethânia. Juntamente com outras moradoras vizinhas, ela resolveu constituir um pequeno grupo. Suas integrantes eram em sua maioria, ligadas à Igreja Católica. No início, o grupo se reunia em um lote vago no qual suas participantes ergueram “*uma cabaninha de madeira com a ajuda dos maridos*”⁷⁹. Posteriormente, conseguiram passar para um espaço da Paróquia São Jorge, onde funcionava uma sala de alfabetização para adultos conhecida como MOBREAL⁸⁰. Poucos anos depois,⁸¹ a líder do grupo, D. Odília, retornou à sua cidade, deixando o grupo sob a liderança de outra participante, que deu continuidade às reuniões.

Vale lembrar que à época, década de 1980, o Brasil vivia um momento ímpar, com a reorganização da sociedade civil através de ampla mobilização social e do surgimento de vários grupos e movimentos sociais. Nesse contexto, a Igreja Católica se destaca mediante a atuação das CEB's, junto aos grupos e movimentos populares, a exemplo, dos Clubes de Mães do bairro Bethânia. Em Ipatinga, esses grupos foram coordenados pelos padres ligados às CEB's⁸² como registrado no capítulo anterior.

Ao apoiar e, em alguns casos, coordenar esses tipos de associações, o segmento da Igreja Católica que se dedicava a esse trabalho, tinha, entre seus objetivos, tirar a

⁷⁹ Essa expressão, a ouvi durante as entrevistas concedidas por algumas das associadas e posteriormente cruzadas com os registros dos cadernos de atas das reuniões semanais, permitiram a obtenção dessas informações sobre a Associação.

mulher da exclusividade do espaço privado da casa e ajudá-la a entender que, como ser histórico, ela tinha possibilidades de ações mais amplas na sociedade, que ultrapassavam o papel de dona de casa.⁸³ A história não foi diferente com o Clube de Mães do Bairro Bethânia, que, já nos anos iniciais de sua existência passou a ser conhecido como “*Clube das Mães Nossa Senhora Aparecida*”. Este relato de Ruth ilustra esse propósito:

“Quando eu vim pra cá, eu vim da roça. Eu era uma pessoa... eu não sabia nada, nada. Ai o frei chegou e foi na minha casa, me visitou e me perguntou se eu tinha vontade de fazer alguma coisa sem ser dentro de casa [...]. Ai eu falei que eu tinha vontade sim. Eu lembro como se fosse hoje. Eu quero, mas sozinha eu não vou não. Ai, eles passaram lá em casa para uma reunião lá na casa da D. Alzira.” (Ruth. Entrevista em 18/06/2008).

Ainda na década de 1980, nos primeiros anos de existência desse grupo, suas integrantes se reuniam para fazer o estudo bíblico, passando, em seguida, a bordar as toalhas para a igreja e a organizar as festas que ocorriam no bairro Bethânia, como a Festa Junina e a Rainha da Pipoca. A renda obtida era doada para a Igreja Católica. Também pessoas que estivessem passando por dificuldades financeiras logo recebiam doações de cestas básicas ou gêneros alimentícios, mediante a utilização do dinheiro arrecadado.

O reconhecimento da contribuição desse Clube de Mães se verifica ainda nos dias atuais em decorrência de sua existência e atuação na comunidade, conforme registrado em diferentes partes das atas das reuniões, na história do bairro e das atividades desenvolvidas pela Igreja Católica no salão paroquial. Este último, construído posteriormente, também com o auxílio de doações. Ainda durante os anos 1980, foram desenvolvidos nesse grupo, hoje AMBB, os trabalhos manuais com o aprendizado de atividades diversificadas, que iam da confecção do pano de prato, ao *biscuit*, passando pelo crochê, tricô e outros tipos de atividades artesanais.

⁸⁰ O Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) foi um projeto do governo brasileiro, criado pela Lei nº 5379, em 15/12/1967, com a finalidade alfabetizar jovens e adultos. Este Movimento foi mantido pelo Governo Federal durante o regime militar, visava alfabetização das pessoas fora da faixa escolar.

⁸¹ O Clube de Mães foi fundado em 1978 por D. Odília junto com outras moradoras do bairro Bethânia. Em 17/06/1982, foi eleita a nova presidente do grupo, Glória Maria de Castro Martins e D. Odília fez a entrega de todo o material que estava sob sua responsabilidade.

⁸² Estas informações foram obtidas através dos relatos de Vera, ex-religiosa, na época, membro da Congregação das Irmãs. Ela participou de forma direta das atividades das CEB's e das pastorais operárias na região do Vale do Aço na década de 80.

⁸³ Essa informação foi dada por Vera, uma das informantes privilegiadas.

Em 1992, quando o Clube de Mães, que passou a ser chamado de “Clube das Mães Nossa Senhora Aparecida”, Lia, a então coordenadora da AMBB, ingressou no grupo como vice-secretária. Ela tornou-se vice-diretora dois meses depois. Desde então, ela está há 16 anos, à frente da Associação, sendo reeleita pelas participantes em todas as eleições.⁸⁴ Nesse período de administração petista, os Clubes de Mães e Grupos de Mulheres do município de Ipatinga e entre eles, a AMBB, tiveram o acompanhamento do Poder Público Municipal.

Também desde os anos 1990, os trabalhos manuais confeccionados por suas participantes passaram a ser expostos e comercializados em ocasiões próximas às datas comemorativas ou eventos públicos coordenados, na maior parte das vezes, pela Prefeitura Municipal de Ipatinga. O trecho a seguir, em entrevista realizada com a coordenadora, retrata o seu ponto de vista sobre a reeleição:

“Quem começou junto com a senhora de Governador Valadares foi D. Lucy. Ela foi embora pra São Paulo e quando ela vem aqui, vai lá e visita a gente. E pede mesmo, para eu não abandonar. Aí eu falo com ela que não é assim, eu não sou eterna, tem que mudar, mas não tem jeito. Toda vez de eleição, porque assim, eu não tenho marido, eu sou livre para correr atrás das coisas. Porque eu peço mesmo, recebo muito não na cara, mas eu não estou nem aí. Aí, elas acham na cabecinha delas, que não vai ter uma pessoa que vai ficar correndo atrás de nada. Porque todo mundo tem marido, tem filhos e não tem nenhuma assim, mais livre do que eu. Aí, eu estou com elas lá, sabe? A gente fica lá toda quarta-feira de duas às quatro. Outras vezes até as cinco.” (Lia. Entrevista em 18/06/2008).

Outro fato que marca a história de AMBB foi a assinatura de um convênio com a PMI⁸⁵ em 1996, porque era um dos poucos grupos com a documentação atualizada. Através desse convênio, as associadas receberam verba para incrementar a produção de trabalhos manuais, além de contar com a assistência de uma monitora da PMI. Nesse período, o grupo chegou a receber cerca de 65 participantes, ficando vedada a

⁸⁴ Segundo o estatuto da Associação de Mulheres do Bairro Bethânia (AMBB), quando alguém que ocupa uma função na diretoria sai, o cargo deverá ser ocupado por quem hierarquicamente ocupar a função a seguir. As eleições ocorrem de dois em dois anos e o número de mandatos não é limitado pelo estatuto.

⁸⁵ Este convênio ocorreu na administração do prefeito João Magno, também do Partido dos Trabalhadores – PT, que assumiu a administração municipal de Ipatinga entre 1994 e 1998, após o segundo mandato do então prefeito do mesmo partido, Francisco Carlos Delfino, conhecido por Chico Ferramenta.

participação de novas integrantes, diante do grande número de mulheres que já participavam das atividades.

Quando novo mandato e nova administração municipal tiveram início, o convênio não foi renovado e o número de participantes, em consequência, foi reduzido. Entretanto, segundo os relatos das entrevistadas, muitas mulheres que passaram pela Associação, aprenderam um ofício nos cursos ofertados e, ao término, criaram seu próprio negócio, como cabeleireiras, costureiras, ou outro ofício aprendido.

Vale lembrar aqui, que à época dessa pesquisa, já não existia o convênio com a Prefeitura Municipal de Ipatinga e, embora suas integrantes estejam ainda ocupando o salão paroquial, a relação estabelecida entre a AMBB e a Igreja Católica não era a mesma do período inicial, quando suas participantes tinham maior proximidade com esta instituição religiosa e reuniam-se para fazer os estudos bíblicos. Além disso, na atualidade, mulheres praticantes de outras religiões também frequentam o grupo, embora o espaço esteja ligado à Igreja Católica. Para a coordenadora, esse aspecto interfere, de forma negativa, no ingresso de outras mulheres na Associação, pois aquelas que professam outras religiões que não a católica não aceitam frequentar um espaço ligado a outra igreja diferente da sua.

Ruth, uma das antigas participantes que frequentam as reuniões da AMBB há décadas, participou também da história e constituição de outro grupo: *O Movimento das Lavadeiras*, que antecedeu a própria história da referida Associação. Mesmo contando com o apoio da Igreja Católica na época, esse movimento não conseguiu ir adiante. Com mais de 70 anos de idade, Ruth participa a seu modo das reuniões semanais, juntamente com sua filha, também antiga nesse grupo. Ela relata:

“Eu cheguei aqui em 1980 e quando eu cheguei aqui, ainda não tinha igreja. Só tinha um salão que celebrava. Eu não fazia parte, ainda não. Mas eu cheguei aí, via as mulheres reunidas, conversando, ensinando, aprendendo, aí eu fiquei meia assim por fora. Eu era assim, muito de observar pra ver se eu podia participar mesmo. Aí, eu vendo o trabalho delas, eu interessei. Aí eu entrei também. [...] Ninguém me trouxe, eu cheguei em uma época que tinha muita pouca gente. Aí, eu cheguei, entrei, comecei a participar, gostei. Aí eu chamei a minha vizinha e nós trabalhávamos muito para a comunidade. O Grupo de Mães Nossa Senhora Aparecida fazia a festa da Páscoa, fazia cartaz, enfeitava o altar da festa da Páscoa. Nós fazíamos barraquinhas, nós trabalhávamos muito, apesar dos bordados. Eu sempre gostei de fazer serviço de sair, de ficar parada, eu não gosto não. Gosto de sair, estar andando, conversando com os outros.” (Ruth. Entrevista em 18/06/2008).

A existência, melhor dizendo, a sobrevivência desse grupo por três décadas, pode ser considerada por si só, motivo para a realização de uma investigação. Ela merece ser analisada dando visibilidade aos testemunhos das trajetórias de vida que construíram a história da Associação. Mesmo que nessa história não estejam participantes que a criaram, ela é (re)contada por algumas associadas mais antigas, que chegaram logo depois de sua fundação, como se a ela pertencessem desde o início.

Essas mulheres mais antigas do grupo são o testemunho privilegiado de momentos singulares vividos coletivamente. Junto das outras associadas atuais, elas também são responsáveis por ações importantes nesses anos de história dessa Entidade, do próprio município de Ipatinga e principalmente de suas próprias histórias do grupo e fora dele.

Há entre as mulheres desse grupo do Bethânia um sonho: a aquisição de uma sede própria onde elas possam atuar com maior independência e liberdade na realização das atividades. Como já mencionado, embora elas possam usar o espaço do salão da paróquia, enfrentam várias restrições. Além da proibição de transações que envolvam dinheiro, a presença de crianças nas reuniões é proibida, desde que os trabalhos de catequese afixados nas paredes do mesmo local que elas utilizam, foram destruídos. Segundo a opinião de algumas associadas, essa proibição também tem restringido o ingresso de novas mulheres no grupo, dada a dificuldade de algumas mães em obter um local para deixar seus filhos e com quem deixá-los. A coordenadora, como as demais associadas, acredita que com uma sede própria, a dinâmica das reuniões poderia ser diferente.

“Agora mesmo, não fico satisfeita. Eu ainda acho que a gente deveria ter a nossa sede. Meu sonho é assim: ter uma sala grande, não precisa ser muito grande não, e ali a gente colocava as máquinas e assim daria curso para a comunidade de corte e costura, pagaria a monitora e trabalharia a semana inteira, porque ir só na quarta o serviço não rende, né? Então elas têm que levar serviço pra casa, começa aqui, mas tem de levar pra casa. Mas a gente queria assim menina, ter uma sala” (Lia. Entrevista em 18/06/2008).

No percurso da história do grupo e de suas participantes, muitas atividades já foram aprendidas e ensinadas. O aprendizado com as companheiras e a frequência de algumas nos cursos ofertados, principalmente pela administração pública, permitiram-

lhes o conhecimento de várias técnicas no desenvolvimento das atividades manuais, como os trabalhos em couro e sisal.

Ao longo dos anos, mesmo que só por algumas horas na semana, além das atividades específicas relacionadas aos trabalhos manuais, outros tipos de aprendizagens foram se constituindo diante das oportunidades dos encontros. Pelo próprio tempo de existência e pelo contato entre algumas das participantes, a amizade e o sentimento de pertencimento ao grupo vai sendo reforçado, sendo também um traço reconhecido entre elas como pode ser percebido na afirmativa de uma delas: *“O Grupo de Mulheres já faz parte da minha vida, Eu tenho orgulho de falar que participo da associação, mesmo não sabendo fazer ponto cruz.”*

Concluindo, percebe-se nas experiências ali vividas, a importância que a Associação assume para suas participantes e o papel de cada uma em prol da continuidade do grupo. São essas experiências de suas integrantes, permeadas por aprendizagens múltiplas, experienciadas em diferentes situações, que têm permitido a continuidade dessa história.

4.4. As protagonistas no presente: as mulheres da AMBB

Quem são as mulheres que integram a Associação do Bethânia? Como vivem e o que fazem, de modo geral? Quem são as protagonistas desta história no tempo presente? A princípio, diria que se trata de um pequeno grupo de mulheres iguais e ao mesmo tempo, diferentes. Iguais na condição de mulheres, de donas de casa, de moradoras do Bairro Bethânia, como também em suas crenças e pertencimentos étnico-raciais e de classe, entre outros aspectos. E diferentes, porque cada uma tem sua própria história, trançada entre alegrias e dores, sabores e dissabores, entre a maternidade e a casa; entre o artesanato e as igrejas; vivem no mesmo bairro e na escola, pouco tempo estiveram, deve-se destacar. Algumas são mais velhas, outras um pouco mais novas. Umas têm filhos e netos, marido, outras estão separadas ou são viúvas. Enfim, são vidas marcadas por experiências e formas de ser e viver nos femininos, que foram aprendendo desde meninas.

As observei individual e coletivamente, procurando fotografá-las com o olhar, com a escuta, com o papel e caneta, registrando tudo no caderno de campo. Assim, tentarei retratar a seguir, os contornos de cada uma delas, começando pelas mais velhas até chegar às mais novas e ao grupo como um todo.

Tereza⁸⁶ é uma senhora de 86 anos, se autodenomina de cor parda e é católica. Tem um casal de filhos já casados que moram em Ipatinga. É separada, possui renda própria e mora no apartamento em cima da casa do filho. Tem uma neta. Não exerce atividades remuneradas fora de casa. Já foi costureira e atualmente cuida da casa, com o auxílio de uma auxiliar, gosta de fazer bordado e pinturas. O que mais a agrada no grupo é estar entre as companheiras fazendo algo, por isso não pretende sair, pois conforme suas palavras, *“o calor humano das pessoas a ajuda no dia-a-dia e a amizade das pessoas é muito importante.”* As situações de barulho no grupo a incomodam e ela não gosta de sair sozinha.

Dora, 72 anos de idade, se autoclassifica como branca e católica. Veio do Nordeste há muitas décadas. Mora em casa própria. É casada há 50 anos, o marido é aposentado, mas ainda trabalha em uma empreiteira e por isso viaja muito. Coursou até a 3ª série do então primário. Tem três filhos. Um deles com Síndrome de Down, morreu há 3 anos. Os demais, um casal, são casados e moram em Ipatinga e em São Paulo. Já tem um casal de netos com 19 e 22 anos. Frequenta a Associação há 6 anos. Não exerce atividade remunerada e no passado também não exerceu. Além da Associação, ela também frequenta o Grupo da Terceira Idade e a Associação dos Alcoólatras Anônimos (ALANON), uma vez por semana. Acredita muito em Deus, mas não mais nas Igrejas.

Como a colega, Ruth tem 72 anos. É viúva e viveu 60 anos com o marido, que morreu em 2007. Ela é parda, católica e participa ativamente das atividades relacionadas à igreja. Tem cinco filhas e, entre elas, duas participam da Associação. Frequenta a Associação há 26 anos é a associada mais antiga. Atualmente vive sozinha num barracão

⁸⁶ Lembro que os nomes são fictícios e que algumas apresentações ficaram incompletas devido ao fato das associadas não terem se posicionado sobre algumas questões. Todas elas assinaram ao final do trabalho, a carta de cessão dos direitos da entrevista e do uso das fotografias.

nos fundos da casa de uma das filhas. Tem um vínculo muito forte com a Igreja Católica. Em sua entrevista contou muitas histórias e *causos* e comentou que sente muitas saudades de um tempo em que ela se sentiu importante junto aos padres. Em todas as reuniões, depois da oração, Ruth se retira para fazer parte do grupo de oração na igreja e retorna ao final da reunião. Sempre que uma nova pessoa chega, ela se aproxima para dar boas vindas. Ruth considera algumas participantes da Associação “*muito paradas*” e que “*marcar muito (o bordado no pano) deixa as pessoas bobas.*” Com isso, parece defender também uma postura diferente no grupo, de maior dinamismo e de mais atividades diversificadas. Como ela mesma disse, embora ela saiba bordar, não tem paciência de ficar sentada e fazer qualquer atividade manual.

Já Anita tem 65 anos, branca, católica não praticante. Tem três filhas e mora com uma delas que é casada. Estudou até a 4ª série primária, é separada. Atualmente, não exerce atividade remunerada fora de casa se no passado, foi costureira trabalhando em casa. Frequenta a associação há mais de 3 anos, mas durante esse período, passa semanas sem freqüentar o grupo.

Mais nova que a colega, Meire tem 57 anos, se autodenomina de cor parda. Irmã de Marli, é evangélica e freqüenta a Igreja Presbiteriana participando dos cultos, segundo ela, “*como e quando pode*” Mora em apartamento próprio e é casada há 36 anos. Tem três filhas, dois netos, sendo uma casada. Duas filhas moram com ela sendo que a mais velha, de 27 anos, faz enfermagem e é enfermeira. A filha de 23 anos, solteira, tem a 2ª série e faz tratamento com psiquiatra. Dona de casa, exerce as atividades rotineiras do lar. Conheceu o grupo através da irmã Marli e da mãe Ruth. Frequenta o grupo há mais de 20 anos, mas passa períodos sem frequentá-lo, a exemplo de Anita.

Com a idade de 56 anos, Ana se diz branca e católica. Tem casa própria e é casada há 38 anos. O marido é metalúrgico aposentado e suas atividades na atualidade são voltadas para a Igreja Evangélica. Ela possui a 4ª série primária, já trabalhou como balconista antes de casar e se autodenominou artesã em atividade há 40 anos. É mãe de três filhas e todas elas trabalham. Ana frequenta a Associação há mais de 3 anos. Já frequentou a entidade em uma época anterior e voltou. A filha de 29 anos é portadora de Síndrome de Down e ela, na atualidade, trabalha na APAE. As duas outras filhas,

gêmeas, têm 26 anos estudam e trabalham. Ela sente muita dificuldade em cuidar da filha mais velha, pois nem o marido nem as filhas a auxiliam. Desde a adolescência ela tem ações violentas e, por isso, Ana disse, que passou e ainda passa por situações muito difíceis com ela.

Com a mesma idade de Ana, Lia tem 56 anos, se autocalifica branca e é católica. É separada do marido e possui cinco filhos: quatro casados; a filha separada e uma neta de 9 anos atualmente moram com ela. Ela recebe pensão do ex-marido e sustenta a família com essa renda. Não tem casa própria e é a única do grupo que mora em outro bairro, distante do Bethânia, onde já morou. Atualmente realiza trabalhos temporários em projetos do governo federal ensinando a bordar em outras comunidades. Há 16 anos está na Associação e como coordenadora está há mais de 14 anos. Ela falou que o grupo tornou-se para ela um sentido de sua existência, depois de mais de uma década como coordenadora. Já participou da diretoria do Movimento de Mulheres de Ipatinga, mas saiu no meio do primeiro mandato.

Também com 56 anos, Helena se diz de cor parda, católica. É casada, há 37 anos. Seu marido tem 58 anos. Cursou a 4ª Série e já foi costureira, confeitadeira e salgadeira, trabalhando em casa. Seu marido é aposentado. Tem três filhos e mora com um deles, em apartamento. As atividades remuneradas, ela exerceu no passado, dentro de casa. Está no grupo há aproximadamente dois meses. Não participa de outras entidades, mas gosta estar no grupo, segundo suas palavras “*ajudar os outros e fazer amizades*”.

Dirce, 56 anos, parda, frequenta a Igreja Maranata. Casada há 32 anos, cursou magistério e contabilidade. O marido é militar aposentado. Ela tem dois filhos homens, casados e quatro netos, sendo três deles, trigêmeos. Dirce tem casa própria e frequenta a Associação há 2 anos. Ela cuida de um neto ainda neném. Não tem atividade remunerada atualmente e no passado também não exerceu qualquer trabalho remunerado. Dirce diz que tem vontade de sair de casa para aprender e conhecer. Seu grande sonho é trabalhar fora para sair o dia inteiro, receber seu dinheiro, ver outras pessoas e não ter que ficar cuidando de casa ou do neto.

Outra associada é Rosa com 54 anos. Ela se considera branca e católica. É casada há 32 anos. O marido, aposentado e atualmente com problemas de pressão. Ela possui a

3ª série do primário. Mora em casa própria e tem três filhos homens, adultos e todos trabalham. Um é casado e os outros dois de 24 e 22 anos moram com ela. Frequenta o grupo há mais de 3 anos. Não tem trabalho remunerado atualmente, mas se autodeclarou artesã como Ana e Ione. No passado também não exerceu qualquer atividade remunerada.

Também com 54 anos, Soraya se considera parda e é kardecista. Tem 26 anos de casada. O marido era comerciante e atualmente é aposentado. Veio de BH para Ipatinga em 2003. Ela tem três filhos e apenas um mora com ela. Mora de aluguel e trabalha fora de casa numa instituição espírita em meio horário semanal, três dias da semana. Frequenta a Associação há 3 anos. Já teve uma pequena loja de variedades, que atualmente funciona em sua casa.

Já Marta tem 53 anos, se autodenomina de cor preta, católica e é casada há 26 anos. Seu marido é metalúrgico aposentado. Fez curso Técnico em Enfermagem, tendo já trabalhado muito tempo como enfermeira até o seu casamento. Perdeu dois filhos gêmeos quando estava grávida de oito meses, num acidente com o carro em que estava dirigindo. Tem casa própria, é dona de casa, não exercendo atividades remuneradas. Sai de casa pelo menos uma vez por semana pra visitar entidades filantrópicas.

Guiomar, 52 anos, se autodenominou de cor parda e católica. Dona de casa, ela vive com o marido há 28 anos e tem casa própria. Ela tem três filhos, todos adultos e casados não moram com ela. Possui a 3ª série primária. Nunca exerceu atividade remunerada fora de casa e frequenta a Associação há 6 anos.

Com 49 anos, Carmem é branca, católica e mora em casa própria. É casada há 25 anos. O marido é metalúrgico aposentado. Coursou até a 4ª série. Tem um casal de filhos, sendo que o filho está no Canadá há 3 anos e isso a consome, segundo suas palavras, pois se lembra dele todos os dias. Carmem passou por sérios problemas no parto e não podendo ter mais filhos adotou uma menina, que hoje tem 18 anos e mora com ela, além do irmão e da cunhada. Ela está no grupo há 12 anos e nunca exerceu qualquer trabalho remunerado. Atualmente Carmem realiza muitas atividades junto aos vicentinos e a Igreja Católica. Ela entrou para o grupo quando estava num processo de depressão muito forte.

Marli tem 48 anos, se autodenominou de cor parda e católica praticante participando das atividades da igreja. Tem casa própria e é casada há 32 anos. O marido tem 53 anos e é aposentado. Possui a 4ª série primária. Nunca exerceu atividade remunerada fora de casa. É mãe de uma filha de 12 anos. Frequenta a Associação há 26 anos como a mãe. Ela tem casa própria e um cômodo de aluguel no primeiro andar no prédio onde mora. Realiza atividades sociais não remuneradas ligadas à Igreja Católica.

Com 47 anos, Ione se diz branca e católica. O marido é mecânico-montador numa empreiteira da USIMINAS e trabalha viajando. Ione possui a 4ª série do primário e mora em casa própria. Tem um casal de filhos: um é casado e a filha de 19 anos, mora com ela, é solteira, trabalha e estuda. Atualmente Ione trabalha fazendo crochê por encomendas e no passado não exerceu qualquer atividade remunerada. Ione frequenta a associação há mais de 5 anos e atualmente ela é a tesoureira, tendo que atender aos pedidos de material, que estão sob sua responsabilidade. Seu maior incômodo quanto a isso, é que não pode estar durante as reuniões produzindo como gostaria. Foi a única que manifestou ter grande interesse no grupo pela oportunidade que ele oferecia em gerar uma renda alternativa, depois que passou a frequentá-lo.

Entre as mulheres maduras, Mara é a mais nova delas. Ela tem 42 anos, se considera branca, católica. Vive há 29 anos com o marido, que trabalha em uma siderúrgica fora de Ipatinga e nos fins de semana está em casa. Ela estudou até o 2º grau completo e tem três filhos: dois homens e uma mulher, todos solteiros. Seu filho mais velho mora em Belo Horizonte e o mais novo, de 18 anos, não completou antigo 2º grau. Ela mora em casa própria, frequenta a Associação há 9 anos. Atualmente não trabalha, mas já trabalhou como secretária até se casar. Disse que gosta de cuidar da criação e de escutar música quando está em casa.

Entre todas elas, a mais nova é Dulce com 16 anos, de cor branca, nasceu em Ipatinga. É estudante, mora em casa própria, com os pais e os irmãos. É evangélica e participa dos cultos na igreja. Frequenta o grupo há meses e não participa de outras atividades fora de casa, dedicando-se somente aos estudos. Estuda pela manhã e vai para a escola, Ao retornar, ajuda nas atividades de casa. Não fica feliz quando vai e volta das reuniões da Associação sem ter feito ou aprendido nada. Gosta de rádio e TV.

Feita essa pequena fotografia individual, observando as mulheres da Associação, alguns aspectos se destacam. Tanto no início de sua história como na atualidade a AMBB se compõe de mulheres das classes trabalhadoras, de um modo geral, como hoje se vê. Ali estão donas de casa, esposas, viúvas e separadas de trabalhadores. O nível de instrução também é baixo, como também as que já tiveram trabalhos remunerados são atividades de hierarquias ocupacionais mais baixas. Contudo, considerando a estrutura de classes e os níveis de pobreza no Brasil e na Região do Vale do Aço, não se trata de mulheres pobres, como milhares de outras brasileiras.

Elas possuem suas casas, ainda que simples, seus esposos, filhos e filhas trabalham, embora em funções mais simples e pouco valorizadas materialmente, frente a outras ocupações no mercado de trabalho. Contudo, elas também não são ricas e estão nos patamares baixos da estrutura de classe no país, basta dizer que vender sua pequena produção artesanal é muito importante para algumas delas como forma de sobrevivência familiar. A este respeito, da condição social dessas mulheres, é significativa esta consideração de Lia em sua entrevista. Segundo ela

[...]“a gente vende os trabalhos da gente. O dinheiro que a gente ganha investe todo em material, porque desce gente lá do morro do Bethânia, não desce nem com agulha e temos que por tudo na mão delas. A gente dá agulha, linha, tecido e a pessoa fazem o trabalho. O trabalho prontinho lava, engoma, etiqueta tudo direitinho e coloca nessas feirinhas que a gente vai. Vendeu é assim: metade da venda é do grupo pra comprar material e pagar aquilo que gastou e a outra metade é da pessoa !” (Lia. Entrevista em 18/06/2008).

Não se trata, portanto, que sejam em sua maioria, mulheres que passem por grandes dificuldades financeiras, embora tenham uma vida simples, de donas de casa, visto que quase todas do grupo não trabalham fora de casa. São domésticas e a renda familiar provém do salário ou da aposentadoria dos maridos que tiveram ocupações várias, como operários da Usiminas e de empreiteiras que prestam serviços para ela, além de um militar e um comerciante. Apenas duas delas são aposentadas, recebendo um salário mínimo mensal e uma separada, recebe a pensão do marido de um salário e meio. Vê-se, ainda, que embora aposentados, alguns de seus maridos possuem outra renda, proveniente de aluguel de imóvel ou outra atividade como trabalhadores de empreiteiras.

Ainda acerca da renda familiar, de acordo com algumas, o valor varia entre três e cinco salários mínimos. Não foi possível colher informação sobre a renda de todas as mulheres do grupo, pois conforme já dito, essa pergunta considerando a renda dos parentes ou não que moram junto, foi a que mais gerou desconfiança e incômodo⁸⁷ entre elas. Dessa forma, de acordo com a resposta de sete mulheres, a renda variava entre três e cinco salários mínimos. Esse valor não pode ser atribuído a todas que responderam ao formulário, já que algumas disseram não saber e /ou não terem certeza quanto à resposta dada.

Outro aspecto relativo às condições socioeconômicas reside no fato de a maioria possuir casa própria, o que lhes dá certa tranquilidade por não terem que pagar aluguel. Do total das dezoito associadas, apenas duas disseram que moram em casa alugada. Assim, mesmo sendo complexa e pouco importante aqui, pareceu-me difícil uma categorização precisa quanto ao nível sócio-econômico das integrantes da Associação de Mulheres do Bethânia. Diríamos, então, que elas pertencem às camadas populares, a um determinado segmento dos trabalhadores da Região do Vale do Aço, sem passarem em grande parte, por ausências materiais essenciais.

Quanto às idades delas, das dezoito mulheres, quatro delas estão na faixa de 69 a 72 anos; nove estão na faixa etária dos 54 anos e três possuem entre 45 e 49 anos de idade. Há também, a mais nova que entrou há apenas alguns meses na associação, assim como uma delas. Nos extremos há essa mais nova, com 16 anos e a mais velha com 82 anos. Pode-se afirmar, portanto, que este é um grupo maduro no que diz respeito ao perfil etário.

Quanto ao pertencimento étnico-racial, ou seja, quando indagadas sobre sua autoclassificação de cor, apenas uma no grupo se considerou negra, enquanto 10 mulheres se consideraram de cor pardas e 07 se autoclassificaram como brancas. È

⁸⁷ Quanto a este incômodo, de falarem sobre a renda familiar, algumas mulheres afirmaram não saber. Já outras responderam de forma evasiva e outras, ainda, queriam entender a razão da pergunta, uma vez que a pesquisa era sobre a Associação e não sobre a família. Neste aspecto preferi não insistir para não dificultar minha aproximação daquelas que não queriam falar sobre isto.

interessante notar que algumas, embora em um primeiro momento se dissessem pardas com alguma dúvida, logo em seguida, disseram que são brancas, mesmo não sendo essa a afirmativa inicial.

Ainda buscando um quadro geral do grupo, quanto à religião, quatorze delas disseram que são católicas, sendo apenas duas delas não praticantes. Outras quatro mulheres, professam e praticam outra religião, quais sejam: Evangélica, Maranata, Presbiteriana, kardecista. Entre as dez mulheres que se reconheceram como católicas praticantes, três delas declararam desenvolver atividades variadas na paróquia, além dos cultos na igreja. Quando perguntadas se praticavam mais de uma religião, respondiam com um taxativo “*não*,” dando a impressão de ser sem propósito a pergunta formulada.

O nível de instrução revela um baixo índice de escolarização do grupo, de uma forma geral. Para a maior parte daquelas mulheres, o maior nível de instrução alcançado foi a 4ª série primária, que corresponde hoje ao nível I do atual Ensino Fundamental. Apenas três das dezoito delas disseram ter cursado e concluído o que hoje corresponde ao Ensino Médio.

Em relação ao núcleo familiar, quase a totalidade delas tem seus filhos adultos e algumas possuem netos. Entre as dezoito mulheres, quatorze moram com os maridos há mais de 25 anos, sendo que entre estas, algumas ao responderem sobre seu estado civil, pronunciaram expressões de contentamento e se consideraram bem casadas. Do restante das participantes, uma delas, a mais nova no grupo é solteira e três são separadas. Em uma oportunidade de se manifestarem a respeito de experiências conjugais que não deram certo, duas delas relataram no grupo suas experiências negativas, com episódios de violência doméstica. Já Tereza com mais de 80 anos é separada e relatou que, atualmente, vai uma vez por semana visitar o ex-marido doente e lhe fazer companhia por algumas horas.

As respostas das associadas também indicaram serem os maridos os responsáveis pela renda familiar, com pouca ou nenhuma ajuda de outro membro da família. Entre eles, onze são aposentados, sem outra atividade remunerada, dois maridos trabalham em outras cidades e retornam quinzenalmente às suas casas, sendo um deles já aposentado. Elas não falaram de sua vida conjugal poucas mencionaram

qualquer tipo de atividade social que gostassem ou tivessem o costume de fazer com os maridos.⁸⁸

Ainda a respeito da vida conjugal, entre as mulheres casadas que se pronunciaram felizes com a vida conjugal, particularmente uma delas fez questão de se manifestar. Ela estava completando, no período da entrevista, 25 anos de casada. Mostrou-se muito feliz com a aproximação da data, convidou a todas para uma comemoração religiosa e confessou-me ao responder inicialmente as questões do formulário, que uma das coisas que mais gostava de fazer era *namorar*.

Indagadas sobre a sua própria profissão/ocupação, duas identificaram-se como bordadeiras, uma como artesã, três costureiras e uma técnica em enfermagem que não mais exerce a profissão, enquanto as doze restantes responderam nunca tiveram e não têm trabalho remunerado fora do lar. As participantes que responderam sobre sua ocupação/profissão atual se pronunciaram como donas de casa, sendo que duas exercem também atividades remuneradas fora de casa em meio expediente e, outras duas, atividades remuneradas com o artesanato feito em casa. Para estas, trata-se de encomendas de bordado e crochê de freguesas, que já existia antes de seu ingresso no grupo há muitos anos.

Entre aquelas que já exerceram atividades remuneradas fora de casa, apenas três se pronunciaram a respeito. Duas trabalharam no comércio e outra, como técnica em enfermagem, duas por mais de vinte anos. A primeira largou o serviço para se casar e a segunda não apresentou as razões pelas quais não mais trabalha fora de casa. Também outras três disseram já ter exercido a profissão de costureiras, porém, trabalhando em casa. No caso dessas que exerceram e exercem outra atividade remunerada em casa ou

⁸⁸ Diante desse silêncio parei um pouco para pensar nos maridos e companheiros, provocada pelas leituras de Lia Luft (1998, p.71-81) que me fizeram vê-los sob certa outra perspectiva: “Sempre os achei solitários embora não me fossem apresentados como espécimes muito confiáveis. Desde criança ouço falar pouco bem deles. Por toda parte, queixas e acusações como se fossem uns bichos alheios a nós. Talvez não se possa mudar a cabeça de nossos companheiros, mas nós, com tantos novos conceitos, como estamos criando os nossos filhos homens? [...]Falo de homens triturados por deveres: ser firme e forte, ser um sucesso, não fraquejar; depois se aposentar e mesmo assim não parar, nunca parar porque existe uma caricatura de pijama e chinelos que os atíça para que não deixem de ser atuantes, seja lá em que atividade for. Escrevo muito sobre a solidão dos homens que é também a solidão das mulheres.[...] Há os menos iluminados, os obtusos: para estes serve a criatura muda que lhes traz o chinelo ou a comida e vai lhes dando herdeiros e solidão.[...] Não precisar ter medo das palavras junto de alguém é um raro dom amoroso, mas o silêncio dividido pode ser o melhor encontro. Alguns homens hão de ansiar pela quietude ao lado de suas mulheres, que elas pudessem conter a torrente de palavras com que talvez busquem encher o fosso que as isola.”

fora de casa, verifica-se ainda uma dupla jornada de trabalho, no que diz respeito às atividades domésticas, que não são muito benquistas por muitas delas.

Aliás, várias comentaram, sobre isso entre risos e caretas, afirmando que não gostam de realizá-las e apenas uma afirmou ser auxiliada pelo marido. Enquanto uma associada conta com ajuda de uma diarista, outra de faxineira, a maioria delas não tem a ajuda de outros membros da família nas atividades domésticas cotidianas. Entre as dezoito, apenas três não fazem o serviço sozinhas, pelo fato de poderem contar com a ajuda de outra mulher que mora na mesma casa, seja ela filha, neta ou cunhada. Para aquelas que têm filhos homens, estes não foram relacionados às atividades domésticas. Elas disseram que os filhos trabalham de carteira assinada e que mesmo morando em casa, eles possuem uma vida independente, não contribuem na despesa doméstica que é assumida pelos maridos, seus pais.

Verificou-se ainda, que apesar de duas mães afirmarem ter filhas adultas que moram em casa, estas não realizavam tais atividades. Mas, posteriormente, nas entrevistas, essa ausência de colaboração também das filhas nas atividades domésticas foi esclarecida e justificada pelas entrevistadas, conforme relatou Ione:

“As pessoas falam assim: ‘Você tem uma moça você é tranquila!’ , mas eu não sou tranquila não! Ela chega e eu quase que tenho que estar com as coisas todas prontas pra ela sair. Ela trabalha na escolinha e faz faculdade a distância. Assim eu não fico exigindo dela: ‘ocê tem que fazer isso, fazer aquilo...!’ Tanto que no primeiro modulo, ela passou, porque ela tem prazo pra fazer... Ela trabalha e é apertado. Igual essa semana que ela está fazendo curso a semana inteira. Então, na hora que chega, pra ela e pra minha nora, porque as duas estudam juntas, até o lanche eu tenho que fazer. Se eu não fizer não dá tempo pra ela comer. Então é aquela correria o tempo todo.” (Ione. Entrevista em 18/06/2008).

Esse relato evidencia que, para a maioria das mulheres daquelas gerações mais antigas, existe uma associação quase que “natural” entre ser mulher, dona de casa e mãe, responsabilizando-se pelas tarefas do lar e o cuidado dos filhos. Parece como algo que se perpetua há séculos. A esse respeito Perrot (2000, 2005 e 2007) apresenta um amplo leque de situações e enredos em que às mulheres são destinadas a todos os papéis relativos à atividade doméstica: a educação, a administração do lar, o cuidado e controle dos gastos, das despesas e dos empregados, quando os tinha. Tudo deveria ser muito

bem desempenhado independente da classe social a qual a mulher pertencia. Não há dúvidas que os avanços tecnológicos ao longo dos séculos, bem como as facilidades de crédito para a aquisição de alguns eletrodomésticos, mesmo que básicos, amenizaram, de certa forma, o peso do trabalho doméstico propriamente dito.

Entretanto Perrot chama a atenção para o fato de ainda na atualidade o doméstico continuar a pesar na agenda das mulheres envolvidas com a saúde, educação e afazeres diversos dos filhos, como sendo responsabilidade exclusiva das mulheres. Além de ilustrar bem o quadro apontado pela autora, o relato acima de Ione evidencia que “há ainda uma estrutura de longa data, material e mental que desafia a história.” (PERROT 2007, p.119)

Também o trabalho realizado por Barbosa (2006) em uma realidade específica, do norte do país, mostra a questão quanto o trabalho doméstico que continua a ser um desafio. Essa autora constatou que para as mulheres pesquisadas, a atividade doméstica não é considerada apenas tarefa, mas um componente do ser mulher. À semelhança do quadro apresentado por Perrot (2007) sobre a atualidade, de modo geral e da análise de Barbosa (2006), as Mulheres do Bethânia, embora não gostem de realizar tais atividades, se reconhecem como donas de casa e para elas, essas atividades existem como uma obrigação que cabe somente a elas realizarem, conforme mostra este relato:

“Minha rotina é de uma dona de casa mesmo. De levantar de cuidar da casa, de tá fazendo as coisas mesmo. Ai meu marido aposentou e não quis ficar em casa, comprou um carro pra fazer frete e depois ele vendeu, teve problema de saúde e não agüentou... Em casa é fazer as coisas de casa lavar, passar, cozinhar... De dona de casa mesmo!” (Rosa. Entrevista em 25/06/2008).

Mas, além das atividades domésticas, também se apresentou como “tarefa” de uma delas, cuidar dos netos.

“Eu não estou tendo tempo pra fazer em casa, não. (trabalhos manuais). Eu tô tomando conta de neto. É uai! Tomando conta. A mãe trabalha, o pai trabalha. Na parte da manhã não tem quem fica, aí deixa ele lá em casa. Na parte da tarde, você já tá cansada, você vai arrumar a casa, você vai lavar a roupa... Ai é a rotineira da vida, né? Lavar banheiro, arrumar a casa, porque eu não gosto de casa bagunçada não, né? Ai, até a noite eu vou lavar o banheiro, arrumar a casa...” (Dirce. Entrevista em 04/06/2008).

Por conseguinte, ao perguntar-lhes o que gostariam de fazer diferente das atividades domésticas, o que significaria lazer e distração para elas dentro de casa e não

o faziam por motivos diversos, poucas responderam. Ler, pintar telas, estudar, namorar, fazer salgados e confeitaria foram as respostas recebidas de apenas cinco delas, porque as demais não responderam.⁸⁹ Estas associaram o lazer à ideia do encontro e da conversa com outras pessoas, além de uma outra associada manifestar o desejo de trabalhar fora, para ter o próprio dinheiro. Não surgiram, aqui, questões como viajar, ir a algum lugar específico, ver alguém, fazer um curso, ou alguma atividade que as tirasse, por completo, das atividades com as quais estão acostumadas ou precisam fazer cotidianamente e não sentem o menor prazer. Concluindo esse assunto, eis a afirmativa de Ana, uma entrevistada a esse respeito: *“Então, eu passei a tirar aquele momento pra mim. Foi através disso, que eu acabei ficando.”*

Essa frase vinha ao encontro da questão sobre como elas chegaram ao grupo pela primeira vez. Quase todas entre as dezoito participantes responderam ter vindo pelas mãos de outras mulheres, geralmente vizinhas que já frequentavam a Associação. É interessante observar, também, que muitas vezes, essas amigas que convidaram, pararam de frequentar as reuniões, enquanto elas continuam até hoje, pois o grupo tem uma relativa rotatividade. Sobre sua chegada ao grupo, Mara relata:

“Ela participava no grupo né? Aí eu tava tendo um problema com meu marido, tava quase numa depressão, mas graças a Deus não cheguei nela não, só... o início. Aí, ela pegou e me chamou! Falou assim: Ô Margareth, vão lá pro grupo! Lá você vai distrair... Mesmo se você não quiser aprender nada você fica lá, você conversa, você bate papo... e quando você assustar, você já tá entrosada lá com o pessoal” (Mara. Entrevista em 03/06/2008).

De forma diferente, outras três associadas disseram ter vindo por conta própria:

“Eu cheguei aí e vi as mulheres reunidas, conversando, outras ensinando, outras aprendendo... Aí eu fiquei assim meio por fora. [...] Aí, vendo o trabalho delas eu interessei e eu entrei também. Ninguém me trouxe. Eu cheguei sozinha. Era uma época que tinha muito pouca gente. Eu cheguei, entrei, comecei a participar, gostei... Aí eu chamei a minha vizinha e ela veio também” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008).

“No grupo eu sempre queria participar, mas ficava com vergonha de chegar lá. Eu conhecia a Mara, mas quando eu fui ela não estava presente. No meu primeiro dia, elas estavam aprendendo a fazer trancinha de crochê, mas eu já sabia fazer. Então acabei ficando à vontade e estou lá até hoje” (Dora. Entrevista em 12/06/2008).

⁸⁹ Consideramos poder existir outras explicações para esta aparente falta de opção, mas não pudemos apreendê-las. Conforme já registrado, algumas das associadas, apesar de se disponibilizarem em responder as perguntas, se mostraram impacientes quanto ao término do questionário.

“Eu comecei a vir um ano depois que minha sogra tinha falecido. [...] Eu ficava vendo ela vir. Depois eu fiquei sozinha. “Eu vou lá vou ver como que é”. Assim que eu comecei a vir, em 26 do mês de maio, parece, pra poder sair um pouco da rotina, de ficar em casa. Meus meninos cresceram e foram trabalhar” (Rosa. Entrevista em 25/06/2008).

Com efeito, vários foram os caminhos que as trouxeram ao grupo: pela mão de outras participantes, vendo o grupo e chegando por si mesmas. Os motivos para tal, são variados: sair da rotina da vida doméstica, ter uma ocupação. Os filhos já crescidos, deixando-as mais liberadas, também favoreceu o ingresso no grupo. Esse aspecto é importante e se associa à questão geracional da analisada acima. Houve, ainda, em outras de suas falas, a manifestação do desejo de aprender a pintar, de estar em companhia de outras pessoas, ou ainda, de sair de uma crise depressiva. Eis as razões apontadas para chegarem e se integrar ao grupo.

Algumas mulheres, diferentemente de outras que já participaram do grupo, desde que ali chegaram, não mais saíram dele. Esse momento do encontro semanal se tornou especial para elas, como evidencia Rosa:

“Eu não sou de sair, eu não tenho parente nenhum aqui. Eu não tenho muito aonde ir não. Estar saindo de casa e vindo aqui é bom.” (Rosa. Entrevista em 25/06/2008).

Entre as várias perguntas apresentadas, elas responderam com prazer aquelas que se relacionavam com a presença no grupo. Foram também, aquelas que mais tiveram respostas semelhantes. Afinal, o que mais lhes agradava era poder estar ali, junto de outras e se sentirem também participantes.

O estar e o pertencer ao grupo foram lembrados com palavras associadas a sentimentos sempre positivos como alegria, pertencimento, convivência, amizade, solidariedade. Aliás, isso foi repetido várias vezes por muitas. Dessa maneira, percebe-se que a presença semanal no grupo e os intercâmbios entre elas, gradativamente promovia vínculos e sentimentos de pertença, fazendo com que elas se sentissem ao mesmo tempo, diferentes das participantes dos demais grupos.

Ficou claro, portanto, que elas se sentiam unidas naquela singela, singular e única convivência, tal como se referiam à Associação de Mulheres do Bairro Bethânia. Tudo indica que ali se realizam encontros, sociabilidades e interações. Ali, naquela convivência semanal entre elas, vão sendo bordados não apenas os panos de prato,⁹⁰ os tecidos, mas também experiências de vida em comum, entre mulheres, fora dos limites da casa.

Entretanto, ali haveria também o que não lhes agradava. Enquanto algumas nada disseram a esse respeito, outras se lembraram quando faltavam às reuniões, outras ainda confessaram não gostar do barulho feito por algumas, barulho esse que extrapola o limite do tolerável. Questionadas se já pensaram em sair do grupo, três responderam de modo afirmativo, em decorrência dos mal-entendidos e discussões já ocorridos. Mas, completaram, em seguida, que eles foram superados. Posteriormente no momento da entrevista, uma delas afirmou só ter se lembrado em sair do grupo, quando já estava em meio à reunião seguinte.

Foi com as entrevistas que se verificou maior aproximação e interação com as participantes da Associação. Foram entrevistadas dez das dezoito mulheres que responderam à entrevista estruturada. Como critério para a escolha das participantes da entrevista posterior, foi levado em conta os diferentes tempos e graus de participação e vínculos com o grupo, além do interesse e a disponibilidade demonstrados pelas associadas ao responderem a essa entrevista estruturada. .

Assim sendo, foram entrevistadas integrantes que participavam das atividades artesanais relacionadas diretamente, à geração de renda, e ainda, aquelas que se vincularam ao grupo sem a preocupação de desenvolver uma atividade que trouxesse

⁹⁰ De forma geral, os tecidos que as Mulheres do Bethânia costumam realizar, são feitos para jogo americano, panos de prato, toalhas de mesa e de banho, além de passadeiras de mesa. Os tecidos variam, porém, na maior parte das vezes, elas bordam nos étamines e nas sacarias, quando não, nos tecidos das toalhas que já vêm prontas. Os trabalhos em linho, só alguma quando recebe encomenda. Entre elas, os pontos mais comuns, que costumam usar é o ponto cruz, o ponto cheio. Algumas gostam muito de fazer o ponto vagonite. Já tiveram curso e aprenderam outros pontos como o rococó, o ponto atrás, o richelieu e o hardange, mas esses não são muito usados entre elas. Algumas que recebem encomendas como Ana e Ione exercitam mais variedade de pontos. Também elas, após realizarem o seu bordado, fazem os acabamentos, na maioria das vezes, de crochê. depois do bordado pronto. Para saber o significado dos pontos, ver o glossário. Anexo D.

retorno financeiro. Quanto aos diferentes tempos de participação no grupo, foram contempladas três faixas de participação: aquelas que o frequentam desde a sua fundação ou que estão no Movimento há 15 anos ou mais; aquelas que já têm um significativo tempo de participação – entre 5 e 14 anos e aquelas que se vincularam mais recentemente, estando entre 1 ano e 4 anos de participação.

Desse modo, durante a realização da entrevista estruturada, quando era clara a receptividade da associada às respostas do questionário, especialmente com referência às questões sobre experiências no grupo, era feita a solicitação de nova entrevista. Os horários e locais das entrevistas foram combinados pessoalmente e/ou por telefone com cada uma, que escolhia o dia e o local mais apropriados. Ressalto, porém, que não foi só na primeira experiência com as respostas das mulheres que os relatos se fizeram diante da inibição de algumas. Embora a entrevista narrativa fosse pensada inicialmente, na maioria dos casos, foi utilizada a entrevista semi-estruturada de forma a possibilitar maior segurança à entrevistada.

Curioso foi que cinco entre as dez mulheres entrevistadas, preferiram que a entrevista fosse realizada no dia da reunião, antes ou no término da mesma. Essa escolha poderia significar maior comodidade para quem a desejou, mas também pode ser interpretada como um aviso, se levarmos em conta que a casa, entre outras coisas, simbolizava a privacidade, logo, deveria ser mantida longe de meus olhares e observações para não correr o risco de revelar um pouco de sua intimidade. A propósito, diz Certeau:

O território onde se desdobram e se repetem dia a dia os gestos elementares das artes de fazer é antes de tudo o espaço doméstico, a casa da gente. [...] Aqui todo visitante é um intruso, a menos que tenha sido explícita e livremente convidado a entrar. [...] Esse território privado é preciso protegê-lo dos olhares indiscretos, porque cada um sabe que o mínimo apartamento ou moradia revela a personalidade de seu ocupante. O olhar atento, reconhece imediatamente a confusão dos fragmentos do “romance familiar,” o traço de uma encenação destinada a dar uma, certa imagem de si, mas também a confissão involuntária de uma maneira mais íntima de viver e de sonhar (CERTEAU, 2000, p. 203-204).

Mesmo optando pelo encontro no local fora do horário das reuniões, no dia da entrevista, duas das cinco participantes me chamaram em meio às atividades e propuseram-me a realização da entrevista no horário da própria reunião e, assim,

fizemos. Desse modo, as entrevistas foram realizadas em uma sala disponível, ao lado da sala em que todas as participantes da Associação costumam ficar reunidas. Com as outras três, as entrevistas foram realizadas no momento anterior e posterior às reuniões, no espaço do terraço no andar superior, que não era utilizado por elas.

Quanto à pretensão de explorar as suas narrativas sem que fossem interrompidas ao longo dos seus relatos, não se concretizou. Algumas preferiram que as perguntas fossem feitas aos poucos, por mim, ao invés de se pronunciarem sobre os diversos aspectos de suas experiências no grupo. Nesse sentido, foram variados os caminhos que as entrevistas tomaram, dependendo de cada encontro e situação, predominando as entrevistas semiestruturadas e não apenas as narrativas como era o objetivo.

Embora todas elas tivessem respondido positivamente ao pedido para realização da entrevista, para algumas delas, esse pedido soou estranho. Assim, muitas simplesmente responderam: *“Mas você acabou de me entrevistar!”* Também a maioria delas, interpretou minha atitude inicial, no momento da entrevista com certa resistência. Explicando melhor o que iria ser feito sobre o que iríamos conversar e como se desenvolveria a entrevista acabou surpreendendo-as, além do incômodo inicial com o gravador. As perguntas de algumas entrevistadas revelavam esse mesmo estado de espírito: *“Se eu não quiser responder ao que você me perguntar, eu posso, né?”* *“Eu não vou falar sobre o que eu não quero, não viu?”* *“Eu não vou falar de ninguém.”* *“Eu não quero falar coisas da minha vida, não.”*

De fato, a preocupação e, de certa forma, o receio inicial de terem sua privacidade invadida, ou de terem que falar de aspectos relacionados à sua intimidade, ocorreu com quase todas elas e foi o que mais provocou incômodo. Diante da confirmação de que elas só fariam o que quisessem, e, ainda, tranquilizadas quanto ao conteúdo da entrevista, aos poucos foram ficando a vontade. Entretanto, o aviso para que não fossem feitas perguntas, que as fizessem se sentissem invadidas em sua privacidade, foi dado.

Como já apontado, para selecionar as mulheres para a entrevista, foi levado em conta os tempos diferenciados de presença na associação, entre dois e vinte e seis anos, passando ainda, por quem está no grupo há três, cinco, sete, dez, doze e dezesseis

anos. Para todos os dez relatos das participantes do Bethânia, procurei entendê-los a partir do universo sociohistórico cultural que se apresentou diante de mim, desde os momentos iniciais de minha presença na associação e o que fui aprendendo ali mesmo com o curto período de convivência. Os aspectos mais importantes que se repetiram, retirados das narrativas e que me ajudaram a conhecer esse grupo em sua singularidade e especificidade estão comentados no capítulo específico sobre essa Associação.

A opção de iniciar a entrevista com as mais desinibidas pareceu ser a mais indicada. Logo após a explicação de como ela se daria, foi pedido a elas que narrassem o que julgassem mais relevante desde o ingresso delas no grupo. Posteriormente foram discutidas as perguntas que poderiam esclarecer aspectos que ainda precisavam de maiores explicações. Já com outras, em maior número, as perguntas tiveram que ser feitas desde o início, por ser difícil para elas falarem de forma mais extrovertida. Mesmo assim, naqueles momentos iniciais, foi difícil sair do esquema de perguntas e respostas. Diante do perfil do grupo que eu já conhecia, procurei, durante esses momentos, lembrar-me dos avisos dados por algumas delas nas entrelinhas de suas falas antes de iniciar o trabalho.

Por menos que cada uma falasse, ainda assim, acreditava que seus relatos eram importantes, como mais tarde, pude comprovar. Procurei manter aguçada a minha sensibilidade para conseguir interagir com cada uma no momento de seus relatos, e, assim, elas pudessem se sentir a vontade e confiantes para relatar o que, para elas, fosse importante. De formas variadas, cada uma deu o seu relato sobre as experiências individuais e coletivas vividas no grupo, a apontar aspectos que para elas eram importantes.

Nesses momentos procurei ficar atenta para captar, além de suas falas, gestos, seus modos de dizer, o que aprenderam e sabiam acerca dos trabalhos manuais, dos cursos que fizeram e das palestras que participaram. Sobre as experiências vividas, procurei ainda estar atenta para perceber não só as aprendizagens resultantes da convivência, como também as dificuldades e limites que envolvem as relações interpessoais e nelas, os encontros e desencontros, os conflitos já vividos pelas associadas.

Tais questões serão tratadas a seguir lembrando que os nomes apresentados são fictícios. Embora seja este um grupo muito conhecido e por isso, suas personagens facilmente identificáveis na comunidade e no município por suas falas, a opção pelos nomes fictícios, serviu muito mais para as deixarem a vontade no momento da entrevista, quando iriam falar das relações interpessoais presentes entre elas. Embora não tenha sido a melhor opção, esta decisão foi comunicada a cada uma, que consentiu e demonstrou se sentir mais a vontade no momento da entrevista.

CAPÍTULO 5 – ENLACES DO ENCONTRO E DAS TROCAS: A ROTINA, OS RITUAIS, O BORDADO

5.1. A rotina, os rituais e as atividades semanais

À tarde do dia 25/0/2008 é o meu primeiro momento de participação na reunião da AMBB de Mulheres do Bairro Bethânia. Depois de agendar minha presença no grupo, ali cheguei junto com a coordenadora Lia. Nessa tarde, como nas demais, as reuniões ocorreram nas instalações da Igreja Católica do Bairro Bethânia, sempre às quartas-feiras, de 14h às 16h30 horas. E embora marcada para terminar no horário estipulado, na maioria das vezes, muitas associadas ainda ficam por lá mais tempo. Ali estão elas, o grupo de mulheres, no salão paroquial, um prédio de três andares, sendo o último, um terraço. No andar térreo, há uma secretaria, onde funciona, também, uma loja de artigos religiosos da Igreja Católica. No andar superior, onde ocorrem as reuniões da Associação, há um pequeno hall, que dá acesso aos demais cômodos: quatro salas pequenas com carteiras, um corredor mais afastado que dá acesso ao banheiro, tudo muito simples. Uma das salas, sempre a mesma, é ocupada pelas participantes. Nessa sala, as carteiras são dispostas em círculo, junto às paredes, ficando um espaço amplo para a locomoção. E apesar do calor que é frequente, os cômodos são arejados e contam com a ajuda de um ventilador de teto. Uma outra sala bem menor, distante e separada pelo corredor das demais salas, feita de divisória é o lugar onde as associadas do Bethânia guardam tudo que pertence à Associação. Nela há uma máquina de costura usada, sem o móvel, que foi doada; um grande e antigo armário de madeira que ocupa uma das paredes com muitas caixas e nelas, os mais diversos materiais: desde panos para serem cortados e trabalhados, caixas com linhas até os cadernos de atas já utilizados, gastos pelos anos já passados, assim como documentos da Associação também gastos pelo tempo. Em outro armário menor, de frente para o maior, ficam os trabalhos manuais já produzidos, que aquelas mulheres fazem e que pertencem à Associação. Ficam ali para serem vendidos, ocasião em que a Entidade consegue arrecadar algum recurso financeiro.

São 15h30 e algumas participantes já estão presentes no local, muito antes do início da reunião. Informalmente e devagar, Lia vai me apresentando às mulheres que vão chegando. Diante de sorrisos e olhares curiosos, vou cumprimentando uma a uma que chega. Pontualmente, às 14 horas, Lia dá início à reunião, com a leitura da ata. Em seguida é feita a chamada (que ocorre desde a primeira reunião, ficando os registros nos Cadernos de Chamada como são denominados) e, em seguida, ela dá os informes, passando as informações dos encontros e reuniões às representantes da Prefeitura. Sou muito bem recebida por todas e tenho o meu momento de, no coletivo, explicar minha presença no grupo: o que iria fazer durante as reuniões e o que pretendia. Falo de como havia chegado até elas, como a Associação era sempre lembrada pelas pessoas com quem mantive contato: uma referência para as demais entidades e para a comunidade de forma geral. Ressalto, ainda, a importância da história dessa Associação e do papel de cada uma delas ao dar continuidade a essa história. Peço licença para estar ali, nos momentos de encontro, e para fazer parte do grupo, mesmo que por alguns meses, sem que isso tire a dinâmica e o ritmo das atividades feitas por elas semanalmente. A seguir, todas nós levantamos para a oração, que também faz parte desse momento inicial da reunião. Por fim, têm início os trabalhos manuais. No momento da oração, D. Ruth, uma senhora com seus mais de 70 anos, associada mais antiga do grupo, pede a palavra, agradece a minha presença com pedido e votos para que eu consiga realizar bem o trabalho que estava iniciando junto delas. Em seguida, sai para rezar na igreja como é seu costume. Nesse momento, me senti acolhida, mesmo que só por impressão. Mas aquela fala espontânea, tão direta e simples e, ao mesmo tempo, feita com reverência e sentimento, teve para mim um significado especial.

Junto comigo nesse dia, chega, pela primeira vez, à Associação uma adolescente de dezesseis anos, o que é raro, uma vez que em sua maioria o grupo é mais maduro, composto por mulheres que aparentavam ter mais de quarenta anos. Ela, a novata, de forma muito tímida dizia quase num sussurro para Lia, que vinha para

aprender crochê e tricô. A coordenadora, com voz firme, contrastando com a timidez da garota, diz uma frase, que depois ouvi das demais participantes do grupo, diversas vezes: “Aqui a gente troca, minha filha. Você ensina o que sabe e aprende o que não sabe.”

Como dito por Lia, para aprender e mesmo ensinar suas atividades, o grupo troca entre si os conhecimentos, uma vez que é proibido pela igreja, qualquer tipo de comercialização, ali onde as reuniões ocorrem. Segundo Lia, o aprendizado de novas técnicas de trabalhos manuais fica comprometido, por ser difícil encontrar quem ensine às participantes sem a cobrança de um valor monetário, mesmo que simbólico. Fiquei pensando o que mais essa troca significava para elas, já que tinha por hipótese que muito mais do que isso era passado de uma para outra nesses momentos do encontro entre elas. A princípio, observo que aparentemente a relação entre elas é transparente e que falam o que pensam e sentem, embora, em sua maioria, sejam mais caladas. Percebo ainda muito respeito delas por Lia. Nesse dia, na hora das informações, ela elogia a todas pelo comportamento diante da visita de um candidato à eleição municipal. Segundo ela, souberam escutar e falar na hora certa. Seu elogio me fez lembrar uma mãe sempre atenta que cuida, com rigor, da educação e dos bons modos das filhas. Nesse dia, ainda, no momento dos informes, junto com a lembrança do dia da comemoração das associadas aniversariantes do mês, uma das participantes sugere que as comemorações das aniversariantes, feitas mensalmente, ocorram na casa de uma das participantes, para que elas possam ter um momento maior de descontração, para conversar. A secretária da Associação aproveita para falar que o grupo anda muito desanimado e da importância delas de se encontrarem. Nesse momento, outra participante se lembra, com um misto de saudosismo e contentamento, de um encontro anterior, já ocorrido no ano que passou, na casa de uma delas, quando se divertiram muito. Outra pede a palavra e sugere a realização de um chá na casa de uma das associadas, com o objetivo de maior entrosamento entre elas. Entretanto, como ninguém se manifesta mais sobre o assunto, ele fica sem uma definição, apesar das sugestões feitas. Parece, também, pelas falas, que muitas ali sentem falta de uma maior aproximação entre elas, de conversas que pudessem ir além das trocas de pontos de crochê e bordado.

Esse era o dia de comemoração, que ocorre, mensalmente, para as aniversariantes do mês. Por isso, ao final da reunião, vamos para uma sala já toda enfeitada e arrumada por Lia, sem que as demais tivessem conhecimento. Após cantarmos os Parabéns, Lia deu a palavra para quem quisesse se pronunciar. Uma delas, Mara, se manifestou. Sem qualquer constrangimento ela falou dos seus sentimentos em relação ao grupo, de como se sentia a respeito dele e da importância que ele desempenhava em sua vida, pois, conforme suas palavras, foi ele que a ajudou a sair da depressão em que se encontrava. Nesse primeiro dia, os acontecimentos serviram para melhor conhecer a Associação de Mulheres do Bairro” Bethânia, que possui uma história de décadas. (DIÁRIO DE CAMPO. 25/03/2008)

Esses trechos do meu Diário de Campo indicam que a rotina e os rituais dos encontros das mulheres da AMBB, às tardes das quartas-feiras de cada semana são simples e singelos. Aos cumprimentos e aos pequenos gestos e palavras da chegada, seguem os informes e as orações, a leitura da ata e a chamada nome a nome. Na seqüência, vem o trabalho manual: os bordados. Em datas especiais, há também as comemorações, como a dos aniversários naquela tarde e, adiante, o Dia das Mães. O horário e o local são sempre os mesmos: das 14h às 16h30, no salão paroquial. Por vezes, há novidades como as visitas que o grupo recebe, a minha de pesquisadora, inclusive. Ao final, geralmente trinta minutos antes do término da reunião, o momento do lanche e da confraternização e, logo em seguida, muitas começam a ir embora.

Buscando extrair dessa rotina ritualística, alguns elementos que a constituem, percebo certos aspectos que devem ser destacados, entre outros. O momento da oração, por exemplo, é importante e reforça a unidade do grupo, pelo significado que essa prática assume. A oração se inscreve no universo cultural mais amplo, no repertório de valores daquelas mulheres, em especial, e ali não é um ato mecânico. Além daquele grupo congrega mulheres de diferentes religiões, nas quais a oração é importante e está sempre presente, esse momento cria oportunidades para manifestações de pedidos que são feitos oral e espontaneamente seja para grupo seja para outras pessoas e situações difíceis existentes fora do grupo. Nessa ocasião, os pedidos integram, de uma forma ou outra, as Mulheres do Bethânia.

Esse momento, carregado de significados, parece também proporcionar maior humanização individual e do próprio grupo, renovando-se diante do movimento em direção ao próximo, tal como propugnado por algumas crenças e ritualísticas religiosas. De fato, parece ser também, um momento significativo por simbolizar a renovação dos laços existentes entre elas e do ideal de união e de harmonia que elas desejam que prevaleçam no grupo. Assim, se dá nesse microespaço social e nessa ocasião, o sincretismo religioso existente na sociedade brasileira. Entendida como uma das referências ao comportamento social, essa manifestação de reforço social e cultural de valores, sentimentos e comportamentos são perseguidos como ideais. (DA MATTA, 1999)

Terminada a oração, iniciam-se os trabalhos. De forma geral, as participantes não desenvolvem os trabalhos manuais propriamente, pois o tempo é curto. Ali, nos encontros, elas ensinam, aprendem, trocam pontos e tiram as dúvidas que surgem entre elas. Aos pares, elas vão se agrupando e trocando saberes, informações, desenhos, novidades. Apesar dos compromissos e atividades domésticas diárias, ou às voltas com a correria do dia a dia, àquelas horas de encontro parecem ser um momento quase que sagrado para elas, como afirmaram Dora e de Ruth:

“Às vezes, eu até penso. Eu estava lá em São Paulo e minha filha disse: Fica mais! E eu: Não posso, tenho o meu compromisso com o grupo de mulheres. Eu sinto saudades. Saudades de estar ali com elas. (Dora. Entrevista em 12/06/2008).

Por que não saio daqui? Eu amo e gosto, eu adoro esse lugar! (risos). Aqui que eu aprendi a viver e é aqui que eu vou ficar, pra mim ir aprendendo mais, e ir ensinando também o que a gente sabe, né? Eu já acostumei muito. Já tenho trinta anos quase nesse grupo. Eu vou sair daqui? De jeito nenhum! Eu fiz parte de quase toda a história desse grupo [...]. Hoje eu substituo a saída com os freis, com trabalhos na igreja. Eu sou da Conferência Vicentina [...] Eu continuo meus trabalhos, eu faço muitas visitas. Eu gosto de fazer muitas visitas e de rezar pras pessoas doentes também” (Ruth. Entrevista em 18/06/2008)

Esses relatos indicam o que a Associação e as horas semanais das mulheres ali, reunidas representam. Claro que esse significado pode variar de acordo com cada uma. Nesse sentido, algumas palavras e expressões com as quais Dora e Ruth se referiram aos encontros e à Associação são bastante expressivas: *“compromisso, saudade, amo gosto, adoro, aqui eu aprendi a viver.”* Também está presente na fala de Ruth o sentimento de quem já se acostumou com a participação no grupo. Ao que parece, há nesse compromisso, satisfação em estar presente, reforço e a (re)significação de aspectos subjetivos da vida que são indispensáveis a elas. Esse valor e importância atribuídos por aquelas mulheres à presença delas na Associação aparece também em outras pesquisas e estudos. Também neles, autores veem, nesses encontros uma dimensão subjetiva, além das atividades realizadas ou dos aspectos materiais, objetivos que podem ser observados de imediato.

Mas, esses gestos, esse tempo vivido por essas mulheres em seus encontros nas tarde das quartas-feiras que impregnam outros tempos da vida estariam revelando

experiências vividas, a experiência do encontro inscrito em reciprocidade e troca? Seriam esses encontros grávidos de significados, de sentimentos, de afetos? Tomando como premissa as proposições formuladas por Thompson (1981), Benjamin (1994) e Larrosa (2004) sobre a experiência, esses tempos e espaços vividos juntos, essa (con)vivência não seria uma experiência humana de reciprocidade e troca, por entre os fios dos bordados e das vidas ali compartilhadas?

Entendida como processo de (auto)formação e transformação, a experiência pressupõe uma forma específica de ser e estar no mundo e requer, de quem a vivencia, uma postura de abertura e receptividade diante dos fatos e situações vividos. Nessa direção, o significado das situações e fazeres compartilhados daquelas mulheres se constituem como experiências individuais e coletivas. Gradativamente, elas vão se envolvendo, implicando-se, deixando-se tocar e afetar por aquele tempo/espaço de trocas nos quais parecem estar inteiras, tecendo experiências que só se tornam possíveis se os acontecimentos e os fatos forem realmente experienciados, se eles passam por dentro de si, se eles “nos passam,” nos termos de 2004).

Nesse ponto do texto, faremos um recorte para, mais uma vez, voltar ao Diário de Campo.

Dia 14 de maio de 2008, 14 horas. Mais uma tarde na Associação das Mulheres do Bethânia transcorre normalmente. Lia chama a todas para o lanche mais cedo que de costume, insistindo pela segunda e terceira vez. Algumas olham as horas e estranham: “*Mas já?*” Sem ouvir a resposta, vão saindo da sala enquanto outras, sem relógio para conferir as horas, aos poucos vão largando seus etamines suas toalhas e panos de prato. Todas vão saindo do cômodo em que se reúnem para uma sala ao lado, destinada às atividades da paróquia e pouco usada pelo grupo. Sem muita pressa, elas vão entrando nele na porta entreaberta.

É uma sala parecida, mas bem menor do que aquela na qual as mulheres fazem suas atividades semanalmente. Embora pequena, é uma típica sala de aula: um ventilador de teto ao centro, um pequeno quadro negro que ocupa a parede da frente e dois pequenos murais feitos de cortiça nas paredes laterais. Na sala, estão cerca de 20 carteiras esverdeadas, tipo *universitárias*, como são usualmente conhecidas. Uma janela de vidro menor ocupa a parede em sentido oposto ao da porta para ajudar a ventilação. Devagar, as mulheres vão entrando e a sala vai sendo ocupada não sem a manifestação dos diferentes olhares: uns atentos, outros entre admirados e demonstrando satisfação, outros fingindo surpresa. Há ainda, alguns sorrisos que vão sendo esboçados, diante da sala enfeitada que veem. Ao entrar, as Mulheres do Bethânia se deparam com um visual diferente. As carteiras estão uma ao lado da outra, encostadas na parede. Vão contornando a sala até cada lado terminar, próxima a uma mesa de madeira retangular mais comprida, que é usada pelos professores. Toda enfeitada e bem próxima ao quadro negro, ela ocupa quase toda a parte central da sala, tendo um grande bolo confeitado e, ao centro, a felicitação: *PARABÉNS*, trabalhados com calda de chocolate. Refrigerantes, guardanapos, copos, talheres e pratos descartáveis parecem indicar que todos os detalhes foram lembrados. Também está posta sobre a mesa, uma cesta com pães frescos

cortados e prontos para serem servidos, com um suculento molho de carne moída. Contornando a toalha com letras bem grandes e trabalhadas, está o nome: *Associação de Mulheres do Bairro Bethânia*.

No quadro negro, próximo à mesa, estão colados os cartões em diferentes cores, de pequenos e grandes formatos, enviados à Associação por outras entidades e representantes do Poder Público, parabenizando as mães pelo seu dia. Junto a eles, está um cartaz maior e personalizado com o nome da Associação, com efeitos gráficos contendo frases que homenageiam todas elas. Este último, segundo Lia, foi feito sob encomenda, com semanas de antecedência e enviado pelo correio. Ela explica: *“pedi a um sobrinho que mora em Pedro Leopoldo e entende de computação gráfica.”*

O cuidado e o zelo da coordenadora podem ser percebidos na mesa enfeitada, nos detalhes dos cartazes e, ainda, no botão de rosa vermelha que Lia deu a cada uma ao final da festa, à medida que as mulheres iam se despedindo. Quando todas já estavam na sala e acomodadas nas carteiras, Lia toma a palavra, as parabeniza pelo Dia das Mães e se desculpa, pela simplicidade da comemoração, lembrando-se de outras comemorações, anteriores, que conforme suas palavras, *“já foram melhores”*. Justifica-se diante do acúmulo de atividades, atribulações e compromissos tanto sociais como pessoais que conforme ela, a impediram de realizar algo melhor. Contudo, destaca que *“fui fazendo tudo para o grupo, pensando em cada uma das associadas com muito carinho”*. Como é seu costume, ao término de seu pronunciamento, anuncia ser aquele momento destinado às companheiras que quisessem se manifestar.

Ao contrário de situações e comemorações anteriores, em que a sala se enchia de silêncio, Marli tira do bolso um papel dobrado em várias partes com uma mensagem que trouxera para *“ler para as colegas”*. Ela lê um pequeno texto com voz clara e pausada. Em seguida, Tereza, cabelos como de algodão, com seus um metro e meio de altura se levanta e pede para declamar uma poesia que costumava fazer quando pequena na escola. Além da admiração que já provocava em todas as demais colegas pela altivez de seus mais de 80 anos, ela agora surpreende todas elas declamando sua poesia, pronunciada em tom solene e firme como se estivesse encenando uma peça de teatro. Sua apresentação comove senão a todas, a muitas ali presentes, pela simplicidade e ao mesmo tempo, beleza de sua atitude. Essa poesia, depois ela nos contou, traz guardada em sua memória *“do tempo quando era ainda estudante e recitava nas comemorações escolares”*.

Nadir também se manifesta, dizendo querer fazer uma oração em homenagem a todas ali presentes. Ao iniciar, não são frases ou orações já conhecidas que são ouvidas. Num tom de conversa mais íntima, que só é realizada com quem se tem muita afinidade, ela pronuncia palavras que vão fluindo de seu interior, carregadas de afeto e carinho, deixando prevalecer, por alguns momentos, nesse ambiente, um clima de paz e serenidade. Mais uma vez, outra atitude carregada de fortes significados provoca sensações e sentimentos não possíveis de serem vistos, mas sentidos por muitas das participantes.

Sem dar muito tempo para que as apresentações sejam assimiladas pelas convidadas, Meire, outra participante pede para fazer a sua homenagem. Embora associada há mais tempo, passava semanas sem frequentar as reuniões. Ela anuncia que homenageava as mães e de forma especial a Lia, que segundo ela *“simbolizava a mãe do grupo, por fazer por ele o que só uma mãe faz pelos filhos”*. Em seguida, com uma voz em tom grave, começa a cantar quase sussurrando, uma canção que na infância de forma geral, era ensinada nas escolas, em véspera de comemoração ao Dia das Mães. À medida que ela vai cantando, outras parecem lembrar a letra e baixinho começam a cantar em coro: *“Minha mãezinha querida, mãezinha do coração/ Te adorarei toda a vida/ com grande emoção/É tua essa valsinha/ cheia de inspiração/ canto querida mãezinha a sua canção... /Oh, minha mãe minha santa querida/És o tesouro que tenho na vida/Eu te ofereço essa linda canção/ Mãezinha do coração...”* Com a participação de outras vozes que cantam baixinho e se somando a dela, o ambiente parece se encher de emoção e, provavelmente, deixa feliz quem ali está, participando dessa comemoração.

A seguir, Guiomar lembra-se de uma canção, também aprendida em algum lugar e tempo do passado, mas que parecia fazer parte da memória coletiva, pois, mais uma vez, todas cantam juntas. Novas vozes se somam ao coro que ia se formando. Tudo sai tão bem orquestrado que parece ter sido planejado e ensaiado para aquela ocasião.

Uma e outra, após essa apresentação, se referem a esse momento como aquele mágico das festas escolares. (DIÁRIO DE CAMPO. 14/05/2008)

Essa tarde de comemoração na Associação foge um pouco à rotina do dia a dia, não a rotina dos afetos, das trocas, mas da atividade do bordado que ali vai sendo feito a cada encontro. É uma tarde especial: a comemoração do Dia das Mães, que remete aos femininos, aos tempos e histórias das mulheres: na casa, na lida com os filhos, nos demais serviços. Comemorações chamam também as lembranças, o exercício da memória, aguçado pela poesia e músicas ensinadas na escola. As lembranças tornam aquelas horas de festividade algo especial para o grupo, que mesmo por pouco tempo, pode voltar aos tempos de infância, às canções que são rememoradas, enfim, pode trazer de volta os tempos de escola e de infância, quando as crianças declamavam e cantavam para as mães nas festividades.

As canções e poesia declamadas, aprendidas, provavelmente, nos bancos escolares, nos aprendizados do catecismo da Igreja e outros espaços pretéritos trazidos por aquelas mulheres revelam, ainda, outros aspectos das histórias dessas mulheres, diferentes dos bordados e das atividades manuais, seus companheiros nas tardes no grupo. Atitudes e comportamentos até então introspectivos de algumas delas, cedem lugar a condutas de outros tipos, marcadas pela espontaneidade e desenvoltura naquele momento singular. Mas o que comemoravam e celebravam naquele 14 de maio? Elas mesmas, hoje mães? As suas próprias mães? Os tempos da infância e da escola? Ou, elas rememoravam ou criavam ali, um outro momento especial, outros tempos vividos, tendo por auxílio a memória e as lembranças? Mas, também ali, nem tudo é somente alegria.

Terminadas as apresentações e homenagens, elas vão se levantando para abraçar umas às outras. Mas, uma permanece sentada. Nos enredos de sua história de mãe, está a lembrança dos dois filhos que ela havia perdido ainda quando pequenos. Devagar, algumas se aproximam dela para lhe abraçarem. Umas só abraçam esboçando um sorriso, outras murmuram e cochicham rapidamente algo, outras ainda a abraçam e são imediatamente correspondidas. Após a comemoração, à medida que vão se despedindo e saindo, cada uma recebe de Lia um botão de rosa vermelha. E já, de volta à sala em que realizavam os seus trabalhos, naquela tarde, uma e outra ainda trocam ensinamentos acerca de um ponto diferente ou que ainda não haviam aprendido.

5.2. As interações no grupo: ditos, não ditos trocas

As situações vividas pelas Mulheres do Bethânia e o grupo que elas constituem desempenham um papel fundamental nas vidas das participantes, com diferentes significados e intensidade do que representam para umas e outras delas. Uma vez que a Associação e grupo estão imbricados, reflexões relativas à temática dos grupos, vindas da psicologia social⁹¹, podem auxiliar na compreensão dessa história que foram construindo. Embora se trate de um tema específico da psicologia no qual não pretendo aprofundar, as relações interpessoais, o processo grupal⁹² e os grupos operativos⁹³ analisados nos estudos de Pichón Riviere (1998), ajudam a melhor conhecer a dinâmica presente nas diversas situações vividas pelas Mulheres do Bethânia.

Nessa perspectiva, elementos abordados pelo autor têm sido estudados e a técnica do grupo operativo tem sido aplicada e adaptada em processos grupais vivenciados por diferentes segmentos: adolescentes, pais, pessoas da terceira idade, artistas de teatro e outros. Para isso, é preciso que seus participantes estejam centrados na tarefa a ser desempenhada (Abduch, 1999). Desse modo, é sob o viés de grupo que a AMBB será discutida.

⁹¹ Para a análise de alguns aspectos do grupo de mulheres, da AMBB, foi tomado como referência, Enrique Pichon Riviere. Segundo o autor, a vida social é, antes de tudo, um processo dialético de aprendizagem vivido pelo indivíduo, assim como os distúrbios neuróticos e psicóticos podem derivar e se constituírem manifestações de dificuldades de aprendizagem dessa realidade, social. Assim sendo, o autor desenvolve técnicas grupais mediante as quais o paciente pode assumir papel de protagonista na aprendizagem da realidade recuperando sua história, sua cultura, suas potencialidades, sua identidade. (PICHON RIVIERE, 1998; Instituto Pichon-Rivière, 1991).

⁹² Trata-se de um termo utilizado na psicologia social, criado por Enrique Pichon Riviere, que atribui à interação social e ao grupo, papel fundamental na vida do indivíduo.

⁹³ O grupo operativo (GO) é uma técnica desenvolvida por Pichon Riviere e organiza-se em torno de um coordenador e um observador, que têm conhecimento da teoria pichoneana e os demais integrantes. Estes se dispõem a atuar conjuntamente em prol de uma tarefa comum. Mesmo que eles estejam juntos, um GO não se forma de imediato. Ele resulta de um processo de convivência gradual aceito por todos e se constitui a partir das relações interpessoais que nele se desenvolvem e dos desdobramentos provenientes desse processo grupal. O vínculo e a tarefa são seus dois princípios organizadores. O vínculo diz respeito a uma estrutura psíquica complexa, com uma dimensão social e pode ser entendido como a interação entre duas pessoas na qual uma é internalizada pela outra, não havendo espaço para a indiferença e o esquecimento em relação a ambas ou ao grupo. A tarefa consiste na trajetória que o grupo percorre para atingir a meta proposta e passa, nesse percurso, por fases diferenciadas como medo, ansiedade, conflitos amadurecimento até chegar ao objetivo proposto. A idéia de transformação está no cerne de sua teoria, juntamente com o método dialético. Assim a aprendizagem na concepção pichoneana é sinônimo de mudança, de transformação na interação sujeito e realidade social.

Assim sendo, além do sentimento da pertença e de construção de uma identidade coletiva, como apontam algumas autoras que se dedicaram ao estudo de grupos de mulheres, a presença, a atuação e o comportamento presentes no grupo das Mulheres do Bethânia dizem algo mais dos sentimentos e vínculos a ele associados. Há, nessa Entidade, uma dinâmica própria e mesmo que de forma inconsciente, os papéis incorporados por suas participantes, configuram junto às suas atuações rotineiras, um processo grupal.

Nessa perspectiva, faz parte dele, uma rede de relações, de aspectos simbólicos e psicossociais que regulam a convivência coletiva e são essenciais à sua existência. Ao mesmo tempo, as experiências vividas no grupo cumprem, para as Mulheres do Bethânia, um processo mais amplo de aprendizagem da realidade social em que elas vivem (PICHÓN RIVIERE, 1998).

Isso posto, assim como os termos grupos e processos grupais podem ser atribuídos à Associação, outros, de igual forma, podem ser utilizados na análise, sem contudo, incorrer no empobrecimento dos postulados desenvolvidos por Pichon Riviere. Ao mesmo tempo, é preciso nessa análise, não fazer associações mecânicas entre as situações percebidas e as questões teóricas apresentadas por Pichón sobre grupos.

Diante do exposto, a Associação do Bethânia pode ser entendida como um grupo na acepção de Pichon Riviere uma vez que as mulheres que dele participam têm interesses semelhantes e objetivos comuns para suas vidas como sair de casa, conhecer e encontrar com outras pessoas, produzir, distrair-se aprender, entre outras expectativas criadas em torno dele. Não se trata, portanto, apenas, de um agrupamento de mulheres, mas de mulheres que estão juntas periodicamente, em um tempo e espaço específicos, em torno de propostas comuns que extrapolam a realização das atividades manuais/artesanais.

Quanto aos objetivos comuns existentes no grupo, além da rotina e rituais de funcionamento da AMBB, algumas falas de suas participantes revelaram compartilhamento, a saber⁹⁴:

⁹⁴ Essas falas, como as demais apresentadas em bloco, neste capítulo, foram aquelas inicialmente recolhidas nas entrevistas estruturadas realizadas com as mulheres da AMBB conforme no item deste trabalho, relativo à metodologia. As narrativas transcritas dizem respeito às falas registradas pelas dezoito associadas.

- “ No início devido a uma depressão, depois fiz amizade e obtive muito aprendizado que me fez crescer como pessoa,”
- “É pra ficar com minhas colegas e também pra mim é uma terapia;”
- “Porque eu tenho interesse aprender os trabalhos manuais;”
- “Para aprender a bordar e tecer;”
- “Senti necessidade de participar como terapia;”
- “Para fazer amizade (alegria e sair de casa);”
- “Porque gosto de conviver com essa turma;”
- “Porque adoro, me divirto, fico à vontade, eu me liberto;
- “Para aprender mais um pouco com as companhias e ocupar mais o tempo da gente;”
- “Porque fui convidada; vim e gostei;”
- “Eu estou aqui porque fui convidada por uma colega e eu gostei muito.”

No grupo, as Mulheres do Bethânia dividem-se entre si, desde as aprendizagens e ensinamentos trançados nas linhas dos bordados, até os sentimentos de amizade, de bem estar, de alegria por se divertir e sair de casa. Resumindo, de se libertar, na palavra de uma delas. E, embora a AMBB não corresponda a um grupo operativo, no sentido pichoneano do termo, pois as mulheres não agem com a intenção de ter uma tarefa a ser trabalhada, dado o desenvolvimento interno e comportamental do próprio grupo, nela estão presentes elementos que constituem esse tipo de associação como um grupo, entendido de modo mais geral. Portanto, ali estão elementos e processos próprios de situações grupais, entre eles, a coesão, algumas normas, liderança, um sentimento de pertencimento, entre outros aspectos indispensáveis à existência do grupo.

Dessa forma, encontram-se e reúnem-se em torno de uma atividade específica - a realização dos trabalhos manuais, principalmente o bordado – e ao se assumirem como participantes desse grupo, reconhecendo em outras colegas expectativas comuns, as associadas instituem, no grupo, a coesão. Por conseguinte, a coesão resulta da atividade e dos sentimentos comuns que as enlaçam entre si, que as recriam como um grupo. Tais sentimentos são, ao mesmo tempo, individuais e grupais, pois são percebidos e compartilhados, são coletivos, fazendo com que elas se sintam fortalecidas internamente em decorrência desses laços que vão se constituindo por meio dos sentidos e significados, de sentimentos e interesses que as unificam.

Na frequência média de dezoito mulheres, semanalmente presentes nas reuniões, uma parte delas fala pouco e, por isso, são as suas ações, gestos, olhares que vão revelando o que são e como são, suas características. Em sua maioria elas são mais

comedidas, menos expansivas e extrovertidas, demonstram pouca paciência e disposição para conversas e risadas no grupo, consideradas por algumas delas, muito altas. Uma ou outra mais extrovertida se destaca, fugindo do perfil predominante. Esse jeito mais expansivo de ser não é visto de forma positiva, por várias participantes, principalmente por aquelas que não toleram barulho. Muitas reprovam essa “expansividade,” porém, os comentários são feitos nos interditos e não no coletivo. São indiretos, ao invés de se dirigirem portadora dessa característica.

A esse respeito, ainda, segundo alguns estudiosos do assunto e conforme a teoria pichoneana, sobretudo, tarefas e regras devem regular as relações entre as pessoas num processo de comunicação, entre todos os participantes em prol de um objetivo.⁹⁵ O incômodo sentido por algumas das participantes da AMBB em relação ao barulho que alegam ser feito por algumas associadas, pode ser interpretado como uma transgressão à norma presente no grupo. Mesmo que essa norma não seja explícita é considerada essencial para a maioria que se sente incomodada com conversas altas. Risos e brincadeiras feitas em tom mais alto, para algumas delas viram alvoroço, como ilustram as falas abaixo acerca do aproveitamento do tempo quando estão juntas:

- *“Fazendo silêncio tudo fica mais fácil, porque todas trabalhando, o serviço rende muito mais e cada pessoa quer fazer algo colocar o nome e assim não falta as coisas para vender;”*
- *“Trabalhar mais e conversar menos;”*
- *“Conversar menos e prestar atenção nos avisos, para dar tempo de aprender mais coisas;”*
- *“Conversar menos com as colegas;”*
- *“Trabalhando e pensando juntas;”*
- *“Tempo vale ouro, não devemos desperdiçá-lo.”*

Essas diferentes preferências e formas de conduta indicam que, embora haja um perfil que pode ser considerado predominante entre as associadas, o grupo não é homogêneo. Trata-se de um coletivo de mulheres, com características variadas. Algumas delas têm personalidades fortes, outras são muito caladas, mas não sisudas, pois, permitem a aproximação e a conversa. Outras são mais introspectivas. Também há variação com referência a idade de 42 e os 80 anos. Esses, entre outros aspectos, diferenciam-nas no interior do grupo.

⁹⁵ A este respeito ver: Pichon Riviere,(1998); Abduch, (1999); Madalena Freire, (1998).

A propósito, particularmente uma delas, embora mais reservada foi muito considerada pelas demais, tendo sido lembrada positivamente, durante as entrevistas. Sua conduta resumia, segundo as entrevistadas, nas seguintes palavras: confiança, coleguismo, desprendimento, amizade. Quando entrevistada, ela própria revelou sentir essa reciprocidade do grupo. Entretanto, embora seja uma pessoa muito querida, sua fala demonstra que o carinho e o coleguismo não bastam para que os laços se manifestem. Isso foi percebido nos desabafos ou confidências, como nesse trecho:

“Eu escondo muito minhas emoções. Tinha vez que eu chegava lá (no grupo) eu estava engasgada. A lágrima estava aqui, na beiradinha do olho, mas não saía. Nossa! Eu acho que eu sou uma pessoa muito fechada. Eu nunca me abri assim, pra falar: Ah eu tenho uma amiga que eu me abro com ela. Eu acho que eu não tenho, não. Eu consegui resolver em mim mesma. Sem me abrir com ninguém, sem contar meus problemas” (Mara. Entrevista em 03/06/2008).

Assim como essa entrevistada, outras mulheres do grupo aparentam esse perfil de introspecção em relação às questões da vida íntima, pessoal e dos próprios sentimentos. Esse tipo de comportamento provoca alguns questionamentos: trata-se, mesmo de introspecção ou de uma prática cultural, um padrão de conduta comum na sociedade, determinando que as condutas e comportamentos associados às mulheres sejam reprimidos desde cedo? Os laços e formas de interação daquele grupo facilitariam ou dificultariam tal comportamento? Ou trata-se de imposição de regras formais e informais quanto a certos tipos de expressividade e de intimidade entre elas? Certo é que manifestar os sentimentos, as angústias, medos e expectativas, compartilhar com os demais, no caso das mulheres da AMBB, ocorre, de forma variada. Assim, algumas são mais discretas, o que mostra, uma vez mais, que questões relativas à convivência humana apresentam respostas também variadas.

No convívio rotineiro no grupo, as participantes têm oportunidade de se comunicarem a seu modo, seja através do olhar, de falas ou mesmo de silêncios, obedecendo seu jeito específico de ser. Assim, elas vão descobrindo que precisam também aprender a conviver com a alteridade, mesmo sabendo que estão ali juntas, pois no fundo têm objetivos e interesses comuns. Mas, cada mulher ali presente é única e diferente, possui sua própria identidade, sua singularidade. E, ao mesmo tempo, elas constroem, juntas uma identidade coletiva, que também é única: pertencem à Associação

de Mulheres do Bairro Bethânia. Para além de suas particularidades, das atividades que desenvolvem e dos objetivos mútuos, está a importância desse sentimento de pertencimento grupal, como ressalta Madalena Freire:

Neste exercício de diferenciação – construindo sua identidade – cada indivíduo vai introjetando o outro dentro de si. Isto significa que cada pessoa, quando longe da presença do outro, pode “chamá-lo” em pensamento, a cada um deles e a todos em conjunto. Este fato assinala o início da construção do grupo enquanto comportamento de indivíduos diferenciados. (FREIRE, 1998, p. 59)

Falas, expressões, fisionomias, olhares, brincadeiras, ressentimentos, risos e choros. Essas e outras manifestações, gestos e condutas fazem parte da convivência. E, ao mesmo tempo que incomodam, as diferenças e as dificuldades são cotidianamente trabalhadas, explicitamente ou não, de modo mais tranqüilo, harmonioso e sereno ou de forma mais tensa, mais conflitiva e desgastante na convivência em cada encontro semanal. De qualquer forma, situações agradáveis ou não, são compartilhadas e, através delas, vão sendo desenvolvidos e fortalecidos sentimentos e valores como confiança e solidariedade que permeiam a convivência e o aprendizado, sobretudo, nos momentos das trocas de saberes enquanto realizam os trabalhos manuais.

Tudo isto pode ser observado, por exemplo, naquela que se levanta de onde está e vai até o outro lado da sala, junto à outra companheira, porque sente segurança para pedir que a ajude, *”porque não consigo ir além com o ponto, que fica embolado”*. Isso, sem falar, naquela bordadeira que divide o trabalho encomendado com a colega, que faz o crochê, para juntas concluírem e poderem dividir o resultado da venda do trabalho encomendado.

Outro traço que se mostrou forte nas Mulheres do Bethânia foi ser um grupo de poucas palavras. Exceção feita a poucas participantes, parece haver entre a maioria um acordo tácito, não explícito, segundo o qual elas devam conviver e se relacionar-se sem usar muito as palavras. Assim, nas reuniões, no grupo também pouco ou quase nada falam sobre si mesmas e/ou sobre suas vidas íntimas, sobre sua privacidade. Entretanto

durante as entrevistas, algumas teceram comentários sobre si, sobre o relacionamento com uma companheira específica, por quem sentiam afinidade.⁹⁶

Quanto à dinâmica dos encontros semanais do grupo, outro aspecto que se observa no dizer de algumas delas, comodismo e passividade na resolução de questões e assuntos pertinentes ao grupo. De maneira geral, elas não são de tomar iniciativas e pouco se manifestam quando solicitadas a darem uma opinião ou decidir sobre algo. Quando isto ocorre, a maior parte fica em silêncio. Enfim, da mesma forma que criticam o barulho atribuído a algumas, esse silêncio que predomina na maior parte do tempo, e principalmente, nesses momentos em que são solicitadas a opinar, também serve de críticas no interior do grupo.

Raciocinando com Pichon, se o silêncio causa grande incômodo entre elas, de forma paradoxal, também é uma das formas de comunicação presente no grupo, desempenhando ali, um importante papel. Talvez o silêncio que predomine entre elas seja, em determinadas situações, uma das formas que algumas encontram de se comunicarem. Se outras se incomodam com ele, talvez seja porque não consigam interpretá-lo.

Por outro lado observei durante as reuniões que quando era necessária a tomada de decisão que representasse o interesse das associadas, a coordenadora delegava ao grupo a posição final fazendo a seguinte pergunta: “*O que o grupo acha?*” Quando o retorno era apresentado pelo silêncio, o que ocorria mais comumente, ela repetia a pergunta até que alguém começasse a se pronunciar. A observação a seguir demonstra o que algumas delas pensam a respeito desse tipo de comportamento:

“As pessoas parecem ser meio desligadas [...]. Sobre a paradeira de algumas no grupo, não tem jeito: Mais que já foi falado?! Acho que é o jeito delas mesmo, mas acho que é um pouco falta de responsabilidade, de não tomar iniciativa de nada” (Dora. Entrevista em 12/06/2008).

⁹⁶ Embora o período de observação e de realização das entrevistas com aquelas mulheres tenha sido rico e significativo para a pesquisa, além de minha presença estranha ao grupo, entendo que o período que ali estive ainda foi curto e limitado para apreender a complexidade da trama das falas e dos silêncios, dos ditos, dos não ditos e dos interditos. O tempo também foi curto para apreender o mais pleno sentido dos gestos e das condutas, das aproximações, das preferências e da maior ou menor proximidade entre uma e outra, entre outros aspectos inscritos na convivência e dinâmica grupais.

Ainda relacionado ao silêncio observa-se no grupo, pouca disponibilidade para maior participação nos assuntos de ordem mais burocrática. Essa postura por parte de um número significativo de associadas pode estar evidenciando, entre outras possibilidades, que tomar decisões significa igualmente assumir responsabilidades, o que muitas associadas não podem assumir, como lembrado por Ana neste seu relato:

“Ela (Lia) tem esta disponibilidade. Ela tem uma reunião na prefeitura, ela tem que correr atrás pra fazer uma compra pro grupo. Escreve uma carta, pede daqui, pede dali, corre atrás.... E eu não tenho essa disponibilidade. Então, pra você assumir a coordenação do grupo, eu não vejo uma outra com o perfil da Lia, não. Tem 16 anos que ela está ali” (Ana. Entrevista em 04/06/2008).

Embora poucas associadas se posicionem abertamente, concordando ou não com as questões em pauta, esse não é o comportamento da maior parte delas. E algumas parecem preferir falar entre si e não para todas. Ou, então, falam com a pessoa diretamente envolvida. Talvez, aquelas que se posicionam de forma mais discreta, sejam mais observadoras e atentas ao que se passa ao redor. Porém, essa possível discrição é interpretada por algumas, como passividade e apatia. Esse foi o comentário de uma das mais antigas do grupo, ao saber que houve uma atividade recreativa durante uma reunião, no momento de sua ausência:

“Foi bingo? Não? Foi bom pra elas. Tem que de vez em quando fazer alguma coisa com elas mesmo, pra elas levantarem a cabeça. Porque elas são muito paradas. Misericórdia!” (risos) (Ruth. Entrevista em 18/06/2008)

Outro exemplo associado ao que algumas denominam do desânimo do grupo, diz respeito a um dia de passeio marcado e que acabou não ocorrendo por falta de número suficiente de participantes. Tais atividades, quando marcadas fora do horário dos encontros, tornam-se motivo de frustração para muitas que querem sair e participar de atividades diferentes. Temem não encontrar disponibilidade para outros encontros fora dos horários de reuniões. O certo é que aquelas que querem participar de outros tipos de atividades demonstram insatisfação com o grupo de forma geral, como ilustram os trechos a seguir:

“Mas o problema desse grupo aqui é porque todo mundo fala assim: Eu quero! Quando chega no dia, ninguém quer! Ninguém assume! Eles arrumaram um passeio, o grupo ganhou ônibus. Na hora, todo mundo vai.

Quando chega no dia, ninguém anima a ir” (Dirce. Entrevista em 04/06/2008).

“Eu acho este pessoal tão desanimado! Assim, de fazer as coisas, sair lá fora... Eu acho que eu sou também... (risos). Até que do passeio que marcou, eu tava de pé, mas o pessoal ali não esforçou, muita gente não quis ir. Elas gostam de participar lá dos trabalhos, cada uma faz uma coisa pra exposição. Cada uma tem sua contribuição por pequena que seja, né?” (Rosa. Entrevista em 25/06/2008).

Por outro lado, para algumas, existem motivos que justificam a não participação em programas recreativos que é entendida, de forma geral, como desânimo por parte das demais. Por exemplo, Ione explica, no trecho abaixo, porque não participa de atividades de confraternização promovidas pelo grupo:

“Eu mesmo sou uma que quase não participo das coisas fora do grupo. Igual elas tava falando assim Ah, gente desanimada! Mas não é! Porque às vezes, dia de domingo, meu marido tá em casa, né? Ai eu não vou sair e largar ele em casa. Às vezes ele até pode ir, mas ele não vai. Então, eu acabo não fazendo. Tem mais de 20 dias que ele está trabalhando fora. Ai, de repente, domingo ele pode estar aqui. Eu não vou sair” (Ione. Entrevista em 18/06/2008).

Voltando à questão do silêncio, necessária neste ponto da análise, suponho que apresentadas por algumas, além de fazer parte do perfil de cada uma, esteja relacionado à presença de uma pessoa estranha ao grupo, no caso, minha presença. Assim, eu poderia provocar alguma inibição entre elas, por vários fatores. Esse silêncio e a passividade, tão comentados por algumas companheiras da Associação, têm também repercussões no não preenchimento da totalidade dos cargos da diretoria da AMBB, tal como esperado. Muitas se sentem incomodadas por isso.

Conforme o décimo segundo parágrafo do estatuto⁹⁷ da Entidade, os membros da Diretoria têm a função de atuar e auxiliar a coordenadora/diretora, dando-lhe suporte na condução das questões relativas à Associação em todas as atividades a ela pertinentes. Entretanto, os cargos de suplentes e vice quase inexistem por falta de candidatas, pois quando o assunto é desempenhar uma função nesses cargos, de forma geral, não há

⁹⁷Artigo 12º: “Compete à diretoria reunir-se semanalmente, zelar pelo patrimônio e pelas finanças da entidade, cumprir as deliberações da Assembléia Geral, resolver os cargos omissos do presente estatuto, respeitando os princípios da Associação. Os membros da diretoria responderão por atos e omissões que, por dolo ou culpa, causarem prejuízos à Associação.” Estatuto da Associação de Mulheres do bairro Bethânia, p.2 junho. 1994). O estatuto corresponde ao anexo F

quem se ofereça. Sobre essa questão, Ana lembrou-se da experiência que viveu ao entrar para a Associação, dizendo:

"Eu entrei e com um ano elas me botaram como vice-coordenadora. Eu já tinha coordenado um grupo e é muito barra pesada. Primeiro você tem que ter disponibilidade de tempo e eu não tenho. É muito pesada aquela coordenação ali. Eu fiquei como vice dois anos, porque é de dois em dois anos" (Ana. Entrevista em 04/06/2008).

Nas últimas eleições ocorridas em 2007 as associadas eleitas para as funções de secretária e tesoureira só aceitaram candidatar-se por não haver quem ocupasse o cargo. Além disso, as demais participantes da diretoria não viam o momento de terminarem o mandato. Também elas, durante as entrevistas posteriormente realizadas, se posicionaram a respeito:

"Quando teve a eleição pra diretoria eu pedi que não votassem em mim, porque eu já estava trabalhando e não tinha como assumir mais nada. Por livre e espontânea pressão, eu fui obrigada a pegar a secretaria, porque não tinha quem assumisse. Na verdade, o pessoal foge dessas responsabilidades. Foge, mas foge mesmo! Então, eu assumi por não ter quem ficasse" (Soraya. Entrevista em 12/06/2008).

"Eu sou tesoureira e Dora é vice, mas quando eu era vice tesoureira, eu não ajudei nada ela. Eu até falei com Lia que no ano que vem quando for mudar, eu quero sair, porque eu fico: senta, levanta, senta, levanta, pega uma linha, pega um pano e o trabalho daqui, eu levo pra casa" (Ione. Entrevista em 18/06/2008).

Diante da ausência de outras associadas para ocuparem os cargos da diretoria, uma delas já teve que exercer a função de secretária por mais de cinco anos. Todas as associadas sabem que os cargos da diretoria precisam ser preenchidos em sistema rotativo, mas, ninguém se oferece. Curioso observar que, mesmo sabendo da carência de novos membros para a direção há, ainda, aquelas que criticam as ausências frequentes da atual secretária que, segundo suas próprias palavras, foi empossada *"por livre e espontânea pressão"*, pelo fato de não existir ninguém a se apresentar para o cargo. Uma delas ainda lembrou-se:

"Igual teve a eleição para secretária. A mulher que foi votada não quis. Não tem nem a vice. A atual secretária está aí, mas quase não vem. Então... Eu acho que tá precisando de mais gente. Eu não entro, porque a minha letra não é boa, não" (Rosa. Entrevista em 25/06/2008).

Esse fato, da letra ruim, em outros termos, do nível de escolaridade das mulheres, como impedimento para a participação em cargos da diretoria da Associação, apareceu também no relato de outra associada. Portanto, parece ser um fator importante a considerar. A respeito. Soraya comentou:

“Por livre e espontânea pressão, eu fui obrigada a pegar a secretaria. Porque não tinha quem assumisse! Na verdade o pessoal foge dessas responsabilidades. Foge, mas foge mesmo. Então eu assumi, porque não tinha quem ficasse. Na verdade, a falta de... De estudo você, entendeu? Não deixa que elas consigam fazer uma ata. Português muito ruim e tal. Então não estavam dando conta de forma alguma. Não saia uma ata que preste. Elas quiseram abandonar o cargo. Ninguém tirou também não. Até porque o grupo não tem essa autonomia. Destituir alguém de cargo. A não ser por um motivo muito justo. Então elas saíram da secretaria porque não estavam dando conta do serviço mesmo. Aí eu assumi por esse motivo, não tinha ninguém” (Soraya. Entrevista em 12 /06/2008).

Nessas circunstâncias, Lia é coordenadora da Associação há mais de 16 anos. Embora tenha mudado sua residência há 6 anos para outro bairro, distante do Bethânia, ela não conseguiu se desvincular da Associação nem o grupo dela. A coordenadora parece ter criado um vínculo com aquele coletivo do qual nem ela e nem o próprio grupo conseguem desfazê-lo aliás, nem desejam isso, conforme esses dizeres:

“Pra mim é como ir à missa. O dia que eu não posso entrar aqui, eu passo mal. Deu a hora de vir para aqui, pode estar quem estiver lá em casa, que eu estou indo. E pela mesma forma, eu mudei para cá, mas aí ficaram: Fica, fica. Nós vamos te dar a passagem. Aí, eu fiquei e acostumei. Agora toda quarta-feira já vai eu. Tudo meu é lá. Tudo meu é no Bethânia. Tem nada aqui. Se eu vou fazer um passeio é com as mulheres do Bethânia. Se eu vou pedir pra uma pessoa fazer uma palestra é com o povo do Bethânia, tudo do Bethânia... Costume, né?” (Lia. Entrevista em 18/06/2008).

À primeira vista, a relação entre as participantes e a coordenadora é tranquila e transparente. Do mesmo modo que falar sobre esse grupo é tarefa complexa por envolver diversos ângulos de uma mesma realidade, também a relação entre as mulheres e sua coordenadora sai da aparente tranquilidade para assumir diversas formas e cores, à semelhança de um caleidoscópio ao ser manipulado.

Nesse caleidoscópio de percepções sobre experiências e sentimentos, são combinadas diferentes e múltiplas situações, com no movimento das mãos que

interferem nas imagens e cores, com reflexos os mais diversos, em constante mutação. Assim, são as relações que se estabelecem entre as mulheres da Associação e sua coordenadora. Às vezes, são até contraditórias, contendo, ao mesmo tempo, sentimentos e atitudes ambíguas, senão opostas. Entretanto, é consenso entre todas as associadas, a dedicação, o zelo, os cuidados que Lia tem com o grupo. A esse respeito, assim Carmem se manifestou:

“Às vezes, ela fala assim: Ah, vocês tem que eleger outra pessoa pra deixar aqui. Eu acho que se ela sair da coordenação, daquele grupo... Porque a Lia dá a vida dela por aquilo ali. Eu acho aquilo muito bonito e é muito importante. E às vezes nós não valorizamos o trabalho que ela faz. Já tem uns 16 anos que ela está ali.” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008).

De fato, já nos primeiros contatos com a coordenadora, ela demonstra ser uma pessoa transparente, positiva e direta. Essa primeira impressão se confirma em outros momentos, quando ela diz o que tem que dizer, embora esse jeito firme de se colocar pareça desconsertar algumas associadas. Também aquelas associadas que são mais extrovertidas e diretas se dirigem a ela e falam o que acham e sentem. Percebe-se, ainda, que a maioria das mulheres respeitam-na e muito admiram-na. Quando não conseguem, em determinada situação manifestar-se sentindo incomodadas, elas têm coragem de procurá-la e se posicionarem. Isso foi lembrado por Mara, durante a entrevista:

“Já fiquei muito chateada com certas coisas que a Lia cobra, fala, mas aquilo ali é na hora. Depois eu falo com ela e ela acaba tendo razão, porque se ela não for firme o trem acaba avacalhando, né?” (Mara. Entrevista em 03/06/2008).

Tentando compreender a relação de Lia com as associadas, fomos levadas a pensar em duas características presentes ou não no ser: autoridade e liderança. São atributos aparentemente semelhantes e ambos existem no grupo pesquisado. Tomando como referência estudos de Simmel (1983) sobre a sociabilidade, pode ser observado que a autoridade exercida por Lia corresponde, como apresenta o autor, às duas formas de sua manifestação. Sua autoridade deriva de sua condição de coordenadora de uma Associação, uma entidade que a precede. A essa função por ela exercida, corresponde um poder supra-individual, que a investe de reputação e dignidade. Articulada a essa forma de autoridade, encontra-se a sua segunda manifestação, pois Lia encarna, ao

mesmo tempo, uma autoridade que resulta, ainda, de uma construção relacional entre ela e as demais associadas a ela subordinadas.

Além de sua autoridade que se manifesta não de uma, mas das duas formas, a coordenadora a exerce com prestígio e liderança, sobre a maioria das mulheres do Bethânia. Ao se reportar ao constructo liderança, Simmel (1983) a associa ao *exercício da autoridade com personalidade*, identificando-a com um poder objetivo. Isso significa que, embora a personalidade se constitua de aspectos subjetivos, torna-se *objetiva* ao tomar forma no intelecto, assumindo formas regulares. Nesse sentido e no caso da AMBB, as questões e decisões da realidade cotidiana relativas ao grupo são assumidas e resolvidas por Lia, necessárias que são à própria sobrevivência dessa Entidade.

Contudo, nessa relação de subordinação das associadas, cabe destacar o papel ativo que aquelas mulheres desempenham. Para além de uma visão superficial, uma outra interpretação pode ser pensada quanto às relações entre Lia e as mulheres associadas. Assim, sob a aparente passividade e apatia do grupo. Percebe-se que há outros elementos não tão perceptíveis que negam e relativizam tais características, evidenciando outras dimensões dessas interações. Dessa forma, consentimento, cooperação e espontaneidade nesse caso, podem constituir-se elementos que afiançam e sustentam esse tipo de relação. Nesse aspecto, a subordinação se apresenta como resultado de um acordo tácito e voluntário entre elas, que vai sendo renovado a cada período de eleições para um novo mandato, uma vez que a coordenadora está à frente da Associação há quatro mandatos, eleita por voto secreto.

Mesmo que esse acordo possa existir entre elas, claro está que a presença de coordenadora por tantos anos a frente da Associação dificulta a existência de um processo de verdadeiro exercício da democracia e cidadania no qual outras associadas possam exercitar a liderança formalizada. Nesse sentido, elas perdem a oportunidade de crescimento e amadurecimento nos processos de grupo, ao mesmo tempo em que o exercício do autoritarismo pode se tornar uma constante e se manifestar de formas várias, inclusive, mascarando a sua existência.

Nesse ponto, estou inclinada a concordar com Barreto (1991), ao afirmar que, mais que uma prática, o autoritarismo é, em nossa sociedade, uma herança cultural.

Desse modo, ele pode estar presente tanto de forma explícita, como ao contrário em sorrisos, indefinições, chantagens que podem ilustrar a sua manifestação. Assim, ele pode estar presente também de forma sutil, velada e, por essa razão, mais do que constatar a sua existência, o grande desafio é não disfarçá-lo. Outro aspecto abordado pelo autor e que auxilia a análise do grupo em questão, diz respeito à necessidade que as pessoas sentem do autoritarismo alheio, ao permitirem que medidas sejam tomadas e posições assumidas, as quais deveriam ser enfrentadas por cada um ou pelo grupo coletivamente.

Realmente, dificuldades e adversidades geram medo e isso pode paralisar o grupo na busca de uma saída e resolução para situações difíceis, mas que o levam ao crescimento. Nesse aspecto, o papel e a posição assumidos pelo coordenador é de grande importância, pois tanto poderá incentivá-lo a enfrentar os desafios, quanto deixar que ele se detenha diante da necessidade de um processo de mudanças, que, por si só, é conflitivo e leva à imobilidade.

Todavia, aceitar a manifestação do autoritarismo, mesmo que em bases sutis, por exemplo, num coletivo como no de Mulheres do Bethânia, pode significar desconsiderar uma problema ou fingir que tudo está bem, sem levar em conta outras dificuldades existentes, mas não manifestas, esperando que tudo seja enfrentado e resolvido. Embora presente e pouco percebido, na maior parte das vezes, esse tipo de comportamento evidencia uma não caminhada do grupo, no que diz respeito ao exercício de relações mais abertas e democráticas.

No caso específico de algumas mulheres do grupo, percebo alguns aspectos que parecem influenciar a conduta autoritária entre a coordenadora e as associadas. Entre outros motivos, diria que se trata de uma prática muito difundida em nossa sociedade. Mais que uma forma de relação interpessoal, o autoritarismo assume ao longo da história da sociedade brasileira, profundos e amplos contornos, tornando-se base das relações, das classes e forças sociais. Assim sendo, seja pelas estruturas econômica e política que fundamentam interna e externamente a sociedade brasileira, seja constituindo uma matriz cultural presente nas relações assimétricas: senhor-escravo; homem-mulher; patrão-empregado, ele está sempre presente.

Em se tratando da região do Vale do Aço, em Minas Gerais, em especial, essa problemática torna-se mais aguda. Às vezes, de forma aberta ou velada, visto que a dinâmica sociohistórica e política dessa região estar imbricada nas malhas da USIMINAS, uma instituição total que circunscreve, pesa e organiza os tempos e os espaços, as práticas e as interações sociais microssociais e macrossociais daquele contexto, ainda que sejam esses processos eivados de contradições.⁹⁸

De outra parte, conforme Barreto (1991) é importante reconhecer a problemática do autoritarismo nas relações sociais ao invés de disfarçá-lo, para poder ir diluindo-o e a ele resistir. Entre autoridade e autoritarismo há uma pequena distância, que, em muitas situações é confundida e nesse aspecto, pouco se indaga sobre as ações que oscilam entre ambas.

Assim, no caso das Mulheres do Bethânia, quanto ao lugar de Lia no grupo, a questão da ausência ou da substituição da coordenação dela não é sequer cogitada, não é pensada, pelo menos até onde consegui apreender os fatos e processos do grupo. A esse respeito, é ilustrativo o comentário de Dora em sua entrevista. Ao se reportar a coordenadora, ela se lembrou de valores e características pessoais que considera imprescindíveis existir em uma líder. Ao ser indagada sobre o que não poderia deixar de existir no grupo, sem hesitar, ela respondeu:

“O que não pode mudar no grupo? A Lia sair. Se ela sair, o grupo acaba! A Lia representa, lá no grupo, a sinceridade. Ela é honesta, gosta das coisas, nada errado. Quando ela quer falar uma coisa fala, pode ficar com raiva quem for. Eu acho que a pessoa tem que aprender, mas eu não sei se elas aprendem. Eu aprendo, eu gosto. Às vezes, eu falo para Lia: Cuidado! Presta atenção com as outras pessoas no grupo.” (Dora. Entrevista em 12/06/2008).

Curioso que, por outro lado, Lia não é o tipo de pessoa que demonstra, com facilidade, doçura e meiguice em suas falas. Como muitas no grupo, ela manifesta

⁹⁸ A consideração dessas estruturas e dinâmicas mais amplas da região talvez possam auxiliar, também, o entendimento do silêncio de algumas mulheres no dia a dia da Associação. Embora esse silêncio possa ser também um silenciamento, no sentido de que elas foram e são silenciadas por processos opressivos, pode estar vinculado a outros tantos fatores. Em última instância, inclusive ao fato de serem mulheres que vivem na região do Vale do Aço, sob o signo e a hegemonia, o histórico autoritarismo, quando não totalitarismo, de uma empresa, sob o signo, sob o mando da USIMINAS, uma instituição total, nos termos de Goffmann (1974). Ou, ainda, nos termos de Foucault (2004) uma região que vive sob o panóptico de uma instituição que vigia e pune, que esquadriha e dociliza os corpos e as mentes, inclusive, pela palavra.

carinho, sobretudo com ações e gestos, mais do que com palavras. Assim, adora fazer surpresas nas datas comemorativas, sempre lembradas por ela que prepara uma bonita festa, pensando em todos os detalhes: desde a decoração da sala, com os cartazes, por exemplo, até as palavras que deverão ser ditas na ocasião. Trata as colegas de grupo, por *as meninas*. Muito embora essa expressão possa ter outras conotações, é uma das poucas que Lia utiliza demonstrando, em palavras, o carinho que sente pelas demais.

Em outros termos, embora tenha a mesma idade que muitas, Lia age como uma mãe que educa as filhas dizendo até como se comportarem diante das visitas. Exemplo disso são os elogios a todas pelo comportamento que ela considera correto, após alguma visita recebida no grupo. Da mesma forma, algumas se posicionam como filhas que acreditam que a mãe sempre tem razão, tal como assinalaram estas entrevistadas:

“Tem também a desobediência, né? Porque a Lia já pôs uma regra pra não dar confusão: se levar material pra casa, tem que anotar. Mas ela faz reunião com a diretoria e ela procura saber se nós estamos de acordo. [...] Tinha vez que as mulheres chegavam lá sem falar nada e a Lia falava: Que é isso, nem uma boa tarde? Ou então: Faça o favor, todo mundo levantar e todo mundo abraçar todo mundo! E interessante que num instante todo mundo está bem” (Mara. Entrevista em 03/06/2008).

“Chegou uma pessoa, se ela tá conversando, você não pode encostar perto. Ela chama atenção mesmo! Ela não gosta! [...] Mas a Lia é assim: qualquer coisa que você fala, se chegou alguém pra dar alguma coisa, você não pode ficar perto, porque depois, na reunião, ela chama a atenção” (Dirce. Entrevista em 04/06/2008).

“Porque está muito avacalhado. E não pode ficar daquele jeito. Lia pega a ata fala pra secretaria e ela não escuta. Eu a escutava muito, porque eu sei que ela sabe. E a pessoa que tá lá fala: Não, é desse jeito e faz o contrário” (Dora. Entrevista em 12/06/2008).

Sobre as surpresas preparadas por Lia, vale lembrar os aniversários comemorados ao final de cada mês, que, embora aguardados por todas, ela consegue fazer do arranjo da sala um elemento surpresa. Quanto às imagens e significados que ela vai recebendo, visíveis nestas e outras ocasiões, há também aquelas que talvez não a veem como uma mãezona, como dito na comemoração do Dia das Mães, mas reconhecem-na como uma líder no seu jeito firme de ser. Acreditam que ela tem que ser exatamente do jeito que é com o grupo, como Ana e Carmem afirmaram:

“O problema da coordenação de grupo, você tem que ter pulso forte. Porque do mesmo jeito que sumiu a revista, você coloca as meadas de linhas. Ali eu vou levar as meadas e faço os bordadinhos deste tamaninho e a meada fica para trás. Ai, a Lia passou a limitar os pedaços. Não é porque ela não tenha confiança. É porque aquele sujinho sujou o caminho. É o critério que ela tem que usar com todo mundo, porque se ela liberar pra mim, ela tem que liberar pra todo mundo” (Ana. Entrevista em 04/06/2008).

“Porque a Lia mesmo fala: Eu não sou dona do grupo, eu sou coordenadora. E se eu sou coordenadora é pra fazer as coisas melhorar e não deixar correr do jeito que vocês querem” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008).

Esforço, dedicação, disponibilidade, desprendimento também são outras características associadas à figura dessa coordenadora. Senão, vejamos:

“Eu acho que ela conduz muito bem o grupo, Ela se esforça, quando vai ter exposição, ela sempre está lá. Ela não pode faltar, então é uma coisa positiva pro grupo. Nunca aconteceu dela sair” (Rosa - entrevista em 25/06/2008).

Reconhecendo o esforço e dedicação da coordenadora, algumas associadas mais antigas, por confiarem, dão à Lia o respaldo necessários em que possa se apoiar, sempre que precisar. Isso foi colocado por Mara como mostra o trecho a seguir:

“Você pode ver que tem umas pessoas ali dentro do grupo que ela confia mais responsabilidade. Tem outras que estão ali, mas estão assim, afastadas. Tem umas ali que são mais antigas. Então, estas pessoas mais antigas têm mais responsabilidade com o grupo. Elas jamais vão deixar de ir ao grupo de uma hora para outra. Às vezes podem até deixar, mas antes, eu tenho certeza que vão chegar lá e falar, porque estão afastando do grupo” (Mara. Entrevista em 03/06/2008).

Entretanto, apesar de todo o reconhecimento das associadas para com Lia, ainda existem algumas críticas relativas ao seu rigor, exigências e excessos. No entanto, nada disso é expresso diretamente a ela, como mostram as narrativas a seguir:

“Sabe o que eu não gosto? De discussão no grupo. Às vezes, eu acho desagradável, porque você não sai de casa pra ficar ouvindo este tipo de coisas. É desagradável. São coisas que acontecem mesmo, né? Pessoas diferentes, opiniões diferentes... Eu acho assim: podia ser conversado pessoalmente e sozinha, sem estar no grupo. A pessoa, às vezes, fica constrangida de ser chamada a atenção no meio do pessoal. Eu acho. Conversar individualmente. Se tiver mais pessoas, pode ser falado no grupo, né? Depende da maneira de falar” (Rosa. Entrevista em 25/06/2008).

“Só que a Lia, tem horas que ela exige demais: Ah, você tem que ter letra boa, não pode ter um erro. Você faz a ata desse jeito. Então eu passei a fazer. Só que qualquer coisa, ela te exige demais! Não era pra ela estar criticando

demais da conta. Você criticar uma ou duas vezes, tudo certo. Mas tem pontos que não têm necessidade. e ela tá cobrando. Então, eu pensei: Bem, se ela tá querendo demais, então ela faça. Pra evitar certos tipos de discussão, eu dei a desculpa, que eu não vou ter tempo.” (Ana. Entrevista em 04/06/2008).

“A atual secretária falta muito. Além do mais, parece que Lia cobra muito, é muito exigente, tem que ser do jeito dela. O que agrava a situação é que a maior parte delas tem apenas a 4ª série. Antes também tinha outras pessoas que não tavam dando conta (sobre as atas). Porque também, a pessoa não sabe escrever direito e a gente joga aquela responsabilidade pra cima da pessoa e quer que ela se vire. E não é assim, né? Eu acho que tem que ensinar e elas querer aprender se tiver disponibilidade, lá no grupo mesmo. De repente, quem quisesse aprender poderia, por que não? Aprender a escrever melhor, o que é uma ata o que é ser um tesoureiro, o que é ser uma coordenadora, não é querer que a pessoa pegue o cargo sem ela saber nada não, ué!” (Mara. Entrevista em 03/06/2008).

O fato desses aspectos tratados na entrevista não referirem diretamente à Lia, sugere que as relações entre algumas associadas e a coordenadora não se verificam de forma espontânea e livre. Diria que não se trata de relações horizontais, autônomas, ou baseadas na confiança, como ocorre no convívio do grupo, de modo geral. Noto, portanto, que as relações, entre Lia e as mulheres do grupo, também se diferenciam conforme esta ou aquela companheira.

Trata-se de um coletivo de mulheres que se identificam entre si e se constitui também pela diversidade, como: diferentes níveis de escolaridade, maior ou menor domínio da escrita, entre outros. Assim, se por um lado há, ainda, algumas características da coordenadora que são considerados excesso de rigor e de cobrança por algumas, para outras é exatamente isso que falta nela, como registrado nesse trecho:

“Apesar de que no grupo as coisas poderiam resolver mais fáceis se a presidente tivesse mais autonomia. Eu acho que ela não tem pulso, para determinar: Vai ser dessa forma. Eu acho que como presidente muita coisa ela poderia definir e não. Deixar render. Quer, não quer e acabou! Por isso eu acho que eu nem posso ser uma presidente de grupo não.” (Soraya. Entrevista em 12/06/2008).

Sendo assim, os relatos revelaram que, se por um lado muitas delas apoiam o trabalho da coordenadora, são sensíveis às suas qualidades, à sua dedicação e conferem legitimidade à sua liderança no grupo, por outro lado percebem nela alguns aspectos que poderiam ser mudados. Por exemplo: diminuição do grau de exigência, maior

flexibilidade e menor rigor quanto aos aspectos burocráticos, ou seja, nas anotações das atas e na organização das reuniões semanais.

Embora reconhecidos os problemas e apontadas as lacunas, durante o período em que estive no grupo, as críticas nunca foram feitas diretamente a coordenadora, como se isso pudesse se desdobrar em outros problemas, tais como: não serem bem interpretadas por Lia; ela não querer continuar como coordenadora; ou ainda, ela querer continuar como coordenadora, mas sem perceber o apoio que o grupo lhe confere. Essa atitude, pelo que observei, está relacionada ao receio da crítica transformar-se em conflito, ali entendido como algo pejorativo e negativo e não como possibilidade de aprendizados e (re)significação de valores e posições existentes. Em outras palavras, claro está que as questões mais delicadas, como as críticas tecidas pelas entrevistadas, não são levadas diretamente por elas à coordenadora, por razões que não foram apresentadas, mas que parece estarem relacionadas a sentimentos como medo e insegurança.

5.3 Fios e bordados das relações: diferenças, silêncios e tensões

Retomando a questão da liderança, que é um dos papéis presentes no grupo, a forma como ela se manifesta ali, diz respeito às características específicas do grupo e ao processo interativo que é estabelecido entre as associadas e Lia. (Pichon Riviera, 1998; Freire, 1998; Rodrigues, 2003) Embora haja classificações teóricas quanto aos tipos de liderança – autocrática, democrática e permissiva - aquela exercida por Lia não pode ser fixada na rigidez das classificações teóricas, com o risco de incorrerem em rótulos e estereótipos que em nada contribuem para a análise desta Associação. Entretanto, o que pode ser afirmado com segurança, é que na relação mantida entre a coordenadora e as associadas, e os próprios relatos o demonstraram isso, não há espaço para que qualquer uma delas faça o que queira.

Essa discussão nos remete, mais uma vez, retomar a questão do silêncio, dos gestos e a fala como formas de comunicação. Junto com a liderança, os silenciosos

representam um dos papéis desempenhados pelos participantes do grupo⁹⁹ (PICHON RIVIERE, 1989). Dessa forma, essa perspectiva me leva a inferir que aquelas associadas do Bethânia que calam, podem *representar essa parte nossa que desejaria calar, mas não pode*. (FREIRE, 1998: 63). Também a passividade, apontada como predominante por algumas Mulheres do Bethânia, na relação entre Lia e as demais associadas, pode ter significados diversos, nas diferentes situações que se configuram no grupo:

Em algumas situações os silenciosos suscitam críticas por parte de elementos do grupo, porque estes se permitem o ocultamento. Ocultamento que poderá ser aparente, pois o uso da palavra pode também ocultar um enorme silêncio... Em outras situações este ocultamento é real, onde o produto é a omissão. [...] É necessário um exercício apurado de observação e leitura sobre o que os silenciosos falam para poder possibilitar, assim, a ruptura do papel de “ocultamento”, de omissão. A coordenação deverá estar atenta para não permitir uma relação hostil que obriga os silenciosos a falarem, pois deste modo não estará respeitando sua “fala”, mas também não cair na armadilha da marginalização: “eles nunca falam mesmo”, o que favorece a omissão. (FREIRE, 1998, p. 63)

Um olhar menos cuidadoso, de imediato reforçaria a posição assumida por algumas das participantes que associam o silêncio presente em várias situações à passividade. Por outro lado, os meses de presença, contato e interação com o grupo favorecem outro tipo de análise. Sem dúvida, como já afirmado, as relações ali presentes são complexas e reforçam ainda mais as proposições simmelianas sobre essa questão.

O silêncio das associadas pode ainda evidenciar, em situações específicas, um jogo realizado entre elas e entre elas e a coordenadora que torna a passividade um comportamento apenas aparente (SIMMEL 1983, p. 107-132). Considerar tais questões significa tentar melhor entender os elementos presentes, não visíveis nas relações entre as associadas e entre elas e a coordenadora. A fidelidade de algumas para com a coordenadora permite que ela se sinta segura e sustentada em suas ações. Eis a opinião dessa entrevistada:

“Então estas pessoas mais antigas têm mais responsabilidade com o grupo. [...] Porque a gente sabe que aquilo ali tá por conta da gente. Se a gente, se todo mundo sair acaba e nós temos mais responsabilidade, mais compromisso com o grupo. Isso aí eu sei que a Lia...Eu tenho quase certeza que ela pensa que com nós ela pode contar. Tanto que as assistentes sociais

⁹⁹ Os papéis que constituem um grupo são assim identificados: líder de mudança, líder de resistência, bode expiatório, representantes do silêncio e porta-voz.

falam, a Maria José já falou isso. “ Lia, você é uma ótima coordenadora, mas graças a Deus que você tem umas pessoas ali que te dão muito apoio” Porque não adianta nada você ser uma ótima coordenadora se você não tiver uma equipe boa.” (Mara. Entrevista em 03/06/2008).

Extrapolando o papel de Lia, a coordenadora, e voltando às relações mais gerais estabelecidas entre as mulheres do grupo, ao lado das afinidades e preferências entre elas, como já afirmado, duas associadas foram muito lembradas nas entrevistas, mas por razões opostas. Uma, dada a grande afinidade existente entre a entrevistada e a outra associada, aliás, parece que ela é bem aceita por todas. E a outra, foi lembrada em decorrência de suas ações, falas e comportamentos que repercutem negativamente entre as colegas participantes.

Nesse caso, e sobre essa associada, especificamente, foram lembrados e vinculados a ela atributos e problemas desagradáveis, envolvendo brigas, discussões, sentimentos indesejáveis relacionados a orgulho, egoísmo, interesse calculista e disputa. As impressões das entrevistadas sobre essa colega sinalizam um outro papel também presente no grupo, conforme posições teóricas utilizadas como referência: o do bode expiatório.

O papel do bode expiatório, presente na dinâmica do grupo, na concepção pichoneana, pode evidenciar situações, circunstâncias e características internas ao grupo, bem como sentimentos que, de imediato e, na maioria das vezes, o grupo não quer reconhecer e/ou enfrentar. Para sobreviver sem ter que enfrentar o problema em foco, neste caso, o grupo assume a conhecida dinâmica dos 3D: *depositante* (autor/es do que é depositado); *depositado* (característica/s que o grupo não quer assumir) e *depositário* (quem recebe o depositado).

Considerando-se tanto as características individuais da associada sempre lembrada, quanto à especificidade do grupo, não seria exagero considerar que ali podem pesar tanto os atributos pessoais que a vítima traz consigo, quanto o papel que seu comportamento assume para com as demais, uma vez que o bode expiatório é quem assume as culpas do grupo. É ele o *depositário* de conteúdos que livram o grupo do que lhe provoca medo, mal estar e outros aspectos que não quer ver em si como esclarece o trecho abaixo:

Através do mecanismo de projeção nos livramos de aspectos nossos que nos

desagradam, pois não admitimos que também fazem parte de nós. Se estou com medo, em lugar de admitir, reconhecer MEU medo, digo: *Tu me dás medo!* Ou: *Tua proposta é atemorizante!* Caso esta afirmação coincida (encontre) um sujeito a quem sempre lhe é dado esse papel (atemorizante), nosso mecanismo projetivo se verá inteiramente satisfeito. O depositário recebeu e se encarregará de “viver” meu medo. Meu medo não estará mais no meu interior e será produto, culpa daquele que me atemoriza. Poderei distanciar-me do meu medo, na medida em que me separe dessa pessoa que se encarregou deste papel “atemorizante”. (FREIRE, 1998, p. 65)

Assim analisada a questão, tanto as associadas podem estar se referindo a uma postura desagradável de uma delas no grupo, como também podem estar atribuindo a ela, questões que não querem reconhecer em si próprias. Em suma, pode-se dizer que, além dos distintos traços pessoais, as relações entre as associadas no grupo envolvem tensões e não apenas harmonia ou perfeito entendimento, e, ainda, afinidades e preferências internas, sendo colegas mais próximas entre si.

Quanto à coordenadora e suas formas de se relacionar com o grupo e de coordená-lo, também não é algo simples nem linear. Ela apresenta aspectos contraditórios e nuances que vão da amizade ao autoritarismo, da transparência à obscuridade, ao lado da franqueza, das exigências, da rigidez e da solidariedade.

Sobre a passividade e o comodismo ressaltados por algumas associadas, deixam de assumir um caráter absoluto e pejorativo e assumem outro teor, se analisados sob outras perspectivas, por exemplo, como uma forma intencional de comunicar e de agir. Destaco ainda, nessa relação interpessoal vivida pelas Mulheres do Bethânia, a função reguladora que a interação assume ao delimitar papéis que devem ser desempenhados pelo grupo, impedindo, que o que é considerado excesso, seja cometido entre as participantes e assim, pode se manter no que considera ser equilíbrio.

Vale lembrar que a AMBB é a única associação com mais de três décadas de existência, no conjunto de outras associações semelhantes com vida mais curta. Tendo por referência, de modo geral, valores e princípios como o da reciprocidade e das trocas que vieram sendo construídas ao longo dos anos, essa Associação criou bases para a continuidade de sua história e dos percursos daquelas mulheres em conjunto, mesmo enfrentando tensões e dificuldades.

São esses valores e princípios que garantem a credibilidade interna e externa do grupo, fazendo com que todas elas, líder e lideradas, se submetam a eles de forma geral. Assim, esses e que tais referenciais construídos e reconstruídos ao longo dos anos continuam norteando os caminhos que vão edificando coletivamente. Da mesma forma, são as associadas, as responsáveis primeiras pela continuidade de uma história, que deve ser permanente mente (re)construída por elas.

Lembrando Simmel (1983), reciprocidade, interação, interdependência de ambas as partes auxiliam a redimensionar a aparência negativa das situações e melhor compreender a complexidade presente nestas interações e sociabilidade, algo que não é unilateral e que evidencia um compromisso, um contrato, mesmo que não explícito compartilhado pelo grupo (SIMMEL, 1983).

Nos diversos encontros observados, outra situação conflitiva e de desentendimentos se destacou. Nesse dia, no momento dos informes, Lia dava alguns "puxões de orelha", segundo ela mesma nomeou. Embora incomodadas e pouco à vontade, as associadas, silenciosas, demonstravam aceitação, apesar do visível constrangimento de algumas delas. O assunto discutido dizia respeito a problemas havidos que envolviam organização, disciplina, pontualidade e presença nos dias de reuniões.

Outra associada, também da diretoria, reforçou a fala da coordenadora criticando a atuação de algumas associadas nas reuniões. Em contrapartida, algumas se manifestaram contra a crítica da colega. Aos poucos ficou nítida a divisão do grupo em dois lados relativos às questões da ordem, da disciplina, da organização e da presença/frequência na Associação. Um assunto aparentemente trivial, que não deveria ter assumido uma proporção maior, deixou os ânimos acirrados. Como no velho ditado popular, talvez fosse aquele momento a *hora de lavar roupa suja*. Se ela foi lavada totalmente, não ficou claro. Ao final, era possível ver algumas participantes ressentidas, outras caladas fazendo seu trabalho e outras, ainda, se posicionando quanto à contenda.

Não havia dúvidas: o ambiente ficou tenso. E no momento seguinte, Lia visivelmente aborrecida, justificou seu posicionamento argumentando que se tratava de algo que "era para o bem do grupo". Ao término da oração sempre feita no início das

reuniões, quando todas ainda estavam em círculo, veio o seu pedido: cada uma se achegasse à colega ao lado, e abraçá-la. Diante desse pedido, no lugar de uma aproximação aos pares, o que houve foram abraços em todas as direções, para todas e entre todas e o ambiente ruim foi se modificando. Ao final, todas já estavam sorrindo, procurando e oferecendo abraços.

Nessa ocasião ficou claro que o abraço foi a forma encontrada por Lia para dirimir o mal estar. Preferiu o abraço ao invés de conversar com o grupo a respeito, com calma e amplitude, até chegar ao cerne das dificuldades, enfim, trabalhar efetivamente os conflitos, as diferenças e os problemas do grupo. Optou por outra estratégia: na oração, o abraço. Essas estratégias ainda que não resolvam as questões em profundidade, dão ao grupo certo alento, certa calma para seguir adiante, mesmo que adiante as dificuldades se repitam, uma vez que não foram efetiva e coletivamente elaboradas.

Esse episódio, evidenciou importância da líder, reconhecida como tal pelas associadas e alguns de seus traços. Apesar do incômodo por ter tomado atitudes pouco agradáveis ela agiu, ao mesmo tempo, com segurança e convicção na condução da reunião. Outros traços associados a esses marcam o perfil da coordenadora. Trata-se, aqui, de certo tipo de liderança que pode ser interpretada de várias formas. Entre elas, cito duas. A ela podem ser atribuídas características como autoritária, centralizadora, entre outros, e, talvez, com essa posição, o erro e armadilha que os rótulos podem levar. Ao mesmo tempo, esses atributos e forma de conduzir o grupo podem conter esses tipos de características diante dos desafios e questões que o lugar de coordenadora atribui a quem nele se localiza.

É interessante observar que não só para as Mulheres do Bethânia, mas também em outras esferas, campos e domínios da vida social, o conflito é considerado, exclusivamente, um aspecto negativo. No Brasil, em particular, muitos princípios associados às relações sociais, herdeiros de concepções filosófico-religiosas, como a positivista e a católica, que por séculos exerceram grande influência nos comportamentos, priorizam a ordem, a harmonia, a paz e a unidade. Estas são vistas em oposição ao conflito, associando-o ao caos, à desordem, à destruição das relações. Exceção feita a algumas teorias filosóficas e sociológicas, algumas delas reforçam o caráter pejorativo do conflito.

Entre as abordagens que buscam superar essa visão negativista e seus desdobramentos está a de Simmel (1983). Ele vê o conflito como elemento essencial às relações sociais, ou seja, como um tipo de interação¹⁰⁰ essencial e indispensável à convivência. Na visão desse autor, a harmonia e a união pura, como são defendidas, não existem na realidade. Nesse sentido, a positividade presente nas produções simmelianas, bem como as análises feitas sobre elas são buscadas no intuito de reconsiderar e redimensionar o caráter negativo atribuído aos conflitos vivenciados nos grupos e, principalmente, a sua importância para a convivência coletiva. O autor argumenta contra o caráter superficial e incompleto como a palavra *unidade* é entendida, pois ela tanto pode significar soma como síntese. Destaca, ainda, a presença da contradição e do conflito precedendo a existência dessa unidade.

Existem no grupo de Mulheres do Bethânia características contrastantes como introspecção, timidez e silêncio, em oposição à extroversão e à franqueza de algumas mulheres. A ocorrência do conflito como relatado na situação acima, constitui uma forma de interação que torna possível não só a sobrevivência do grupo como também, a possibilidade de aprendizagens. Isso porque, ao se manifestar, o conflito evidencia tensões e contradições que necessitam ser resolvidas, mesmo que seus desdobramentos não sejam favoráveis a uma das partes. Nessa perspectiva, claro está que a unidade, entendida também como síntese, pode significar possibilidade de um resultado satisfatório não só para ambos os lados, como também para apenas um.

Tomando, ainda, como exemplo, a situação vivida no grupo e tendo como referencial os estudos realizados por Simmel (1983), o conflito assume ainda uma força integradora no grupo das Mulheres do Bethânia, pois permite que suas integrantes mais acanhadas e tímidas se manifestem ao menos numa relação de tensão. Além do mais, cria possibilidades de elas se rebelarem contra uma ordem de coisas que as incomoda e magoa, as quais não conseguem reagir de forma imediata, exceto nesses momentos de tensão.

¹⁰⁰ Para Simmel, a sociedade só pode ser entendida no seu vir a ser, ela só existe a partir das interações que são estabelecidas entre as pessoas por motivações e interesses diversos. E as formas puras de interação, ele as nomeia *sociação*, isto é, as relações estabelecidas entre os indivíduos, por estarem eles constantemente ligados uns aos outros, influenciam-nos e sendo influenciados.

O conflito pode ser entendido ainda, como oposição, podendo representar mais que uma reação a algo indesejado. Ao ser manifesto permite aos indivíduos perceberem, em si, forças que poderiam desconhecer em situações de aparente harmonia. Por sua vez, essa manifestação pode também criar oportunidades para os que nela estão envolvidos. Assim, no caso das Mulheres do Bethânia, elas se libertaram de uma possível condição de *vítima da situação* e assumiram uma atuação oposta: transformaram em atitude e ação, um sentimento de injustiça contra si. Nessa perspectiva, o conflito pode ser interpretado como um importante elemento aglutinador e um dos responsáveis pela continuidade e unidade da AMBB, mesmo que suas protagonistas não o compreendam dessa maneira.

Quanto a essa unidade permanentemente defendida pelas mulheres da Associação do Bethânia, parece haver outro elemento integrador do grupo. O discurso da unidade apresenta-se como mais uma estratégia de convivência coletiva construída por elas, como forma de se colocarem acima das divergências e dos conflitos internos. Entre os elementos que compõem esse discurso da unidade estão as referências e a imagem externa positiva sobre a Associação, que são atribuídas às Mulheres do Bethânia e por elas incorporadas.

Dialeticamente, à medida que é buscada e enfatizada pelo grupo, essa unidade possível vai recompondo, durante a convivência semanal, as diversidades e os impasses existentes entre elas. Por sua vez, esses aspectos resultam em conflitos em determinado momento, quando a tensão se intensifica. Daí, a manifestação de tensões, com novos desdobramentos.

De forma análoga e a partir de diferentes referenciais teóricos, Maria Dolores Mota (2006, p.449) analisa o conflito e o discurso da unidade como essenciais à existência do grupo de mulheres por ela investigado. Para ela, a unidade é “mais uma estratégia política sofridamente construída e desejada, do que uma característica ou condição interna.”

Contudo, assim como existem as situações de conflito, também ocorreram em nesse período de presença na AMBB, situações que permitiram maior entrosamento entre as participantes. Nesse caso, a interação desempenha importante papel na

continuidade do grupo. Como exemplo, pode ser citado novamente a comemoração dos aniversários do mês e a comemoração do Dia das Mães. Essas manifestações confirmam a presença das trocas e da reciprocidade presente nesse grupo. Nessa direção, vale a pena lembrar, ainda, uma brincadeira organizada pela coordenadora.

Assim sendo, numa tarde sem avisar, a coordenadora Lia propôs a seguinte brincadeira: as participantes, separadas em dois subgrupos, tinham que montar uma frase com as palavras embaralhadas e escritas em pequenos cartões. Todas as palavras referiram-se à história da Associação. A tarefa das duas equipes era montar a frase no menor tempo que conseguissem. Ao final, o grupo vencedor ganhou uma caixa de bombom, que foi repartido com todas as mulheres. Esses momentos de descontração também ocorriam nos bingos que eram realizados periodicamente, devidamente registrados em atas e lembrados por quase todas as entrevistadas.

Outra ocasião de descontração e confraternização do grupo comentada por muitas entrevistadas ocorreu na casa de uma das participantes, como lembrou Ana :

“Foi um churrasco. Foi na casa da Helena. E aquilo foi uma brincadeira... Então, foi uma comemoração de final de ano. Foi só uma confraternização. É uma coisa que marca. Igual o pessoal falou, que a gente deveria ter pelo menos uma vez no ano. Foi uma coisa muito gostosa. Cada uma deu um pedaço de carne. O grupo deu o arroz com vinagrete e comprou o carvão e tava super divertido. Todo mundo à vontade. A dinâmica que a Soraya fez, não tinha um que não ria. É uma brincadeira simples, você passa um momento ali, que foi a família. Teve gente que levou a família toda. Eu só fui eu, mas aquele que quis levar a família levou. Foi um momento de uma confraternização mesmo.” (Ana. Entrevista em 04/06/2008).

Também Ana, Carmem e Mara participaram, como representantes da Associação, de uma excursão à ExpoMinas, em Belo Horizonte, junto com representantes de outros grupos. De acordo com elas, foi uma experiência singular, mais um momento de descontração.

Ainda que atualmente o bingo não seja mais utilizado ali e mesmo que esses momentos de lazer sejam esporádicos, no período da pesquisa, essa atividade recreativa, organizada pela coordenadora repercutiu de forma positiva entre as participantes. Reinava ali, um clima agradável, revelado nos semblantes de contentamento estampados

nos rostos quando elas retornavam aos seus étamines, panos de prato, toalhas e jogos americanos.

Esses momentos de entretenimento, festivos e de confraternização favorecem o sentimento e a vivência de pertencimento ao grupo. Aproximam as mulheres e permitem que elas se conheçam e se (re)conheçam individual e coletivamente. Como outros momentos conjuntos no grupo, proporcionam a vivência de processos educativos. Consequentemente, essa maior proximidade entre elas favorece a manifestação de atitudes e comportamentos espontâneos, trazendo à tona, entre outros elementos, saberes populares únicos e específicos das participantes. Como exemplo pode ser citada a festa das mães, quando uma se apresentou para declamar, outra para cantar, estimulando a participação das demais.

Ademais, esse clima de harmonia, descontração e alegria, essa troca de experiências, tudo isso propicia novas aprendizagens, mesmo que não percebidas. Assim, ao recordar saberes de outros tempos e lugares de suas vidas, expressos nas músicas e nos poemas declamados para o grupo, as mulheres da AMBB tiveram não somente um doce retorno dos momentos significativos de suas vidas, mas também apresentaram outra linguagem e forma de comunicação, uma fruição estética. Como bem lembra Marilene Portella(2002)¹⁰¹, esses momentos e afetos criam uma motivação a mais fazendo com que todas queiram voltar não só ao passado, à memória, mas ao próprio Grupo do Bethânia.

Acredito como a autora, que, em situações como essas em que os momentos festivos e lúdicos são realçados há também espaço para outras aprendizagens que deles emergem, propiciando maior interação e processos de identificação entre as participantes. Consequentemente, as diferentes formas de ser e de conceber a realidade são manifestadas nesse espaço de fruição estética, possibilitando que outros tipos de linguagem se façam presentes, diferenças sejam evidenciadas, aceitas e respeitadas pelas demais. Assim, nesse momento, tem-se a conjugação simultânea de uma identidade que se fortalece e de diferenças que são singulares.

¹⁰¹ A autora, em sua pesquisa com grupos de terceira idade no Rio Grande do Sul, analisou também e de forma específica, os momentos de festas, de atividades recreativas, além da realização de oficinas identificando, nesses projetos alternativos dos grupos de terceira idade, a constituição de canais de aprendizagem coletiva e individual.

Como Marilene Portella em sua pesquisa, também verifica-se nesses momentos de festivos encontros do grupo das Mulheres do Bethânia, o prazer de estarem juntas realizando uma atividade lúdica. Esse clima permitiu que características e comportamentos antes existentes entre algumas como a reclusão, a tristeza e o isolamento fossem, cada vez mais preteridos ante a realidade oposta vivenciada no grupo passou a existir aí. Essa situação dá lugar a uma escolha, uma opção entre uma e outra postura, sendo que a necessidade de reencontrar e reforçar a motivação à alegria e ao prazer é geralmente a escolhida, tendo em vista os relatos apresentados e as observações de campo realizadas.

O espaço festivo, portanto, redesenha novas possibilidades de motivação para a vida, de inserção social e de sentimento de pertença. É o “estar com” seu grupo, sua família, enfim, sua comunidade. [...] Através da valorização do saber, um saber oriundo do próprio processo de viver em grupo e das novas aprendizagens, estimula-se um novo situar-se no mundo. (PORTELLA, 2002. p.81)

Nos encontros semanais, nesses tempos de sociabilidade ocorreu uma discussão de um assunto que extrapolou as atividades manuais. Referia-se diretamente à vida privada e íntima das mulheres, tema com o qual elas demonstravam não ter muito costume de lidar. Tratava-se de um informe dado pela secretária da Associação relativo a um encontro e curso do qual participara, ofertado pela Prefeitura Municipal de Ipatinga. Em meio ao relato sobre as palestras e as dinâmicas apresentadas, o tema violência doméstica contra a mulher foi exposto, dando início a um debate no grupo. Foi abordado entre elas, o caráter negativo do comportamento de algumas mulheres, que, muitas vezes, acabavam acobertando o companheiro, mesmo após terem sofrido um tipo de violência.

Essa ocasião foi outra oportunidade de conhecer melhor o grupo fora das atividades artesanais comumente desenvolvidas, por meio dos relatos de duas associadas, ainda marcadas pela tensão já vivida há anos. Em tom de desabafo, elas comentaram as experiências pessoais de violência doméstica com seus ex-maridos. Uma após outra lembraram-se daqueles momentos, segundo elas, carregados pela ausência de respeito de ambas as partes, uma vez que elas reagiram às ações de violência.

Embora os episódios já tivessem ocorrido há anos e elas já estivessem separadas, as duas falas foram emocionadas, seguidas por alguns minutos de silêncio tornando o ambiente carregado. Um silêncio que grita, que retumba no mundo. Um silêncio que pede socorro a que sucedeu. Gradativamente, retomaram os trabalhos. Naquele momento, a vida estava sendo silenciada e urdida no bordado? Que histórias eram recordadas? Que desenhos teriam sido bordados entre os fios das linhas das vidas e dos bordados daquelas mulheres, como de milhares outras mulheres bordadeiras?

Não cabia ali indagar como se sentiam as companheiras diante daqueles sofridos relatos. Ademais, alguns fragmentos das histórias individuais daquelas mulheres a que tive acesso ou de que me aproximei, reportavam as experiências conjugais que resultavam em sentimentos de solidão e frustração. No entanto, elas permaneciam em silêncio. Mais que o exercício do olhar e da escuta era necessário considerar que esses momentos de convivência e de experiências intercambiadas eram sentidos e apropriados por elas de formas diferenciadas. E mesmo que aquelas histórias fossem comuns para algumas, a forma de conviver com elas não era única.

Assim, o fato de estarem ali, reunidas na escuta, na relativa quietude do bordar, indicava a existência de um processo em curso, de maior aproximação entre elas. Esse processo traduzia-se nos vínculos que se estreitavam a partir de narrativas de vivências que as unificavam, que as identificavam, ou porque viveram algo semelhante, ou pela cumplicidade e pelo sentimento de fraternidade, de compaixão, de sensibilidade com relação ao que o outro, passara com a companheira. Esses vínculos e possibilidades, inúmeras mulheres aprenderam.

Com efeito, nessa convivência tecida a cada tarde das quartas-feiras, quando menos se espera, assuntos ou situações imprevistas vinham à tona, nas narrativas das experiências vividas com alegria e dor, com esperança e desalento, no presente e no pretérito, no silêncio e na fala, na escuta e no olhar, no gesto. Mas também desejos, expectativas e projetos afloram. Nesse tipo de encontro, em que as mulheres estão muitas vezes inteiras, trazendo suas pequenas e grandes experiências e histórias, por entre linhas e tecidos há algo muito maior do que o bordado. Há muitos outros bordados.

Semanalmente quando estão reunidas, as Mulheres do Bethânia desenvolvem as suas atividades manuais aguardando a realização de um evento para serem vendidos. E sendo assim, a Associação das Mulheres do Bairro Bethânia é conhecida externamente não só pelo capricho e beleza de seus trabalhos, como também por ser um grupo de geração de renda. Além disso, o princípio da troca de saberes entre elas suscita a questão das aprendizagens e os processos educativos presentes nessa atividade.

Sobre os aprendizados e os processos educativos não escolares, há o entendimento de que se manifestam num *continuum* e extrapolam os muros da escola. Assim, indicam os estudos dedicados a vários campos do conhecimento entre eles, dos movimentos sociais e ações coletivas. Outro enfoque dado à presença dos processos educativos que se dão fora do contexto escolar, diz respeito às experiências diretamente relacionadas às atividades do mundo do trabalho de modo geral e/ou às alternativas do trabalho assalariado, de forma mais específica.

Incluem-se, nesse caso, estudos realizados sobre a chamada economia solidária, que discutem o caráter educativo desse tipo de produção coletiva. Aqui se localizam os trabalhos de pesquisadores/as que abordam as várias dimensões e aspectos educativos presentes nessas experiências, referenciadas em princípios de produção de cunho associativista. Esses estudos têm discutido os processos de formação humana inscritos nas formas em que se desenvolvem as atividades produtivas, no processo e nas relações de trabalho. Também os saberes relativos à socialização dos conhecimentos produzidos nesse processo, em que diferentes relações sociais¹⁰² são alimentadas e enriquecidas são tratados pelos estudiosos.

Nessa direção, é possível afirmar que as atividades desenvolvidas por alguns Grupos de Mulheres de Ipatinga, em particular aqueles que se destinam à geração de renda, resultam de projetos e práticas cujo objetivo é desenvolver internamente processos e relações de trabalho e produção. Portanto, a prática desses grupos se distancia daquelas que se configuram predominantemente na sociedade, segundo a lógica capitalista de exploração da força de trabalho. Embora em muitos

¹⁰² Sobre essa questão, a publicação organizada por Iracy Picanço e Lia Tiriba, (2005) traz diferentes experiências alternativas de trabalho cooperado, associativista e sua íntima relação com os processos educativos e projetos de educação evidenciados nas oficinas de autogestão, no saber popular e saberes da experiência presentes na esfera da produção.

empreendimentos coletivos associativos espalhados por todo o país como apontam os trabalhos de Silva (2009) e de Vasconcelos (2007), sejam vários os desafios existentes no que diz respeito ao desenvolvimento de outras práticas e concepções alternativas às hegemônicas, capitalistas, presentes em nossa sociedade, é inegável que haja algo de novo nessas iniciativas, experiências e realizações.¹⁰³

Dessa maneira, mesmo que incorporada pela lógica capitalista, como retrata a pesquisa realizada por Sawaia (1981),¹⁰⁴ as atividades produtivas desenvolvidas com o bordado e outros trabalhos manuais na Associação do Bethânia são concebidas como fontes complementares de renda. Contudo, para a maioria das mulheres desse grupo, inexistente uma preocupação maior com uma forma de produção da qual dependam para sobreviver e tirar o seu sustento, embora a venda do que é produzido seja do interesse delas, inclusive, como uma complementação para seus gastos e necessidades.

Do mesmo modo, elas não têm como projeto, superar a lógica capitalista que direciona seus empreendimentos, ainda que simples realizados por elas. Pouco ou quase nada suas participantes sabem a respeito de propostas alternativas associativistas, economia solidária ou qualquer outra dimensão que envolva atividades produtivas alternativas, pois isso não é prioridade do grupo ou delas individualmente. Por esse

103

A esse respeito, além de artigo esclarecedor de Singer(2005), ver os trabalhos de Tomé(2008) e Silva(2009). Ambos realizaram suas pesquisas sobre práticas associativistas presentes na discussão sobre a Economia Solidária. A pesquisa realizada por Geruza Tomé na a Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, UNESP traz, à tona, questões polêmicas sobre o controvertido debate sobre a transição socialista nas sociedades capitalistas através de práticas associativistas como as investigadas por elas. O ponto de partida de sua pesquisa foram os pequenos empreendimentos comunitários e rurais, cooperativas e associações, caracterizados como autogestionários e solidários pela Economia Solidária. A autora analisa mais de perto os pequenos produtores rurais artesanais da cidade de Tarumã/SP, membros do Projeto Mercado Paulista Solidário, cadastrado desde 2005, no banco de dados da Secretaria Nacional de Economia Solidária. Entre outros autores, toma como referência, Paul Singer, um dos principais teóricos sobre o assunto, à época, Secretário Nacional de Economia Solidária. Já a pesquisa de Luiz Antônio Silva, realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais foi desenvolvida na região do Vale do Aço/MG e teve, por objeto de estudo, o trabalho e os processo educativos ocorridos no interior do associativismo e cooperativismo popular, no decorrer dos anos 90 do séc. XX. A investigação foi realizada numa cooperativa de trabalhadores artesãos de aço inoxidável, nos mutirões habitacionais do município de Ipatinga e evidenciou a sutil disputa por hegemonia entre os protagonistas da economia solidária ante a lógica e dinâmica mais ampla da acumulação flexível do capital. Ambos os pesquisadores tomaram como referência autores que estudam a temática do mundo do trabalho, do cooperativismo popular e da economia solidária, bem como, questões atinentes aos desafios do aprimoramento da democracia e conquista da cidadania ativa. Discutem os limites dessa prática no interior do sistema capitalista, tendo, por finalidade, promover uma reflexão sobre as atuais condições de reprodução da vida em sociedade, determinadas pela lógica de produção e acumulação do capital em larga escala e os considerados *modelos alternativos* a esta economia.

104

Trata-se da dissertação de mestrado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, intitulada *Ibitinga: suas práticas econômicas e representações sociais*. O trabalho investiga a atividade do bordado entre grupos de bordadeiras e as relações de gênero presentes nestas atividades, diante da lucratividade que essa atividade passou a desempenhar na cidade de Ibitinga e a participação masculina nesses empreendimentos.

motivo as Mulheres do Bethânia podem participar do grupo, de suas reuniões e encontros sem estar exclusivamente pensando nos resultados dos trabalhos que realizam.

Na verdade, as horas semanais compartilhadas são importantes para muitas delas, mas por outras razões, que não a da sobrevivência financeira, como se observa nas reuniões e nas entrevistas. Ali, valores, sentimentos e percepções de si manifestados na convivência coletiva vão sendo trocados, intercambiados, reavaliados, enquanto vão sendo também tecidos os pontos dos bordados, do tricô, do crochê. Talvez por perceber o valor intrínseco dessas referências e atividades, que não são mercantilizadas, elas não se preocupam tanto com a quantidade, tampouco com a rapidez dos trabalhos manuais que vão sendo confeccionados para, posteriormente, serem comercializados, sem que isso seja a preocupação principal da AMBB.

O princípio de que o aprendizado das atividades e dos diferentes tipos de trabalhos manuais é ensinado e aprendido nas trocas entre elas é uma tradição para as participantes da Associação de Mulheres do Bairro Bethânia. Diferentemente das relações de trabalho de assalariamento, sob a lógica da acumulação capitalista e da alienação, além de não existir ali a rapidez ou pressa em busca de maior produtividade correndo contra o tempo, ali também não se veem competição, disputa, individualismo.

Quem sabe como fazer um trabalho específico ensina às demais do grupo e, por sua vez, aprende outros tipos de trabalhos e atividades que não sabe fazer, com as companheiras. Mesmo vivendo em uma realidade social e contexto que estimula valores, sentimentos e comportamentos decorrentes da lógica do capital e do mercado, no grupo há outras experiências e referências. Na visão da coordenadora, o grupo, às vezes, recebe mulheres que chegam apenas querendo aprender algum tipo de trabalho manual. Esse relato mostra o papel do grupo no ensino do trabalho manual:

“Tem gente que chega lá e: Vim aqui, porque eu estou querendo aprender a costurar. Eu falo: Não é assim. Você tem que vir aqui e aprender o que você não sabe e ensinar o que você sabe. Porque essa é a troca que a gente tem que fazer. Porque a gente não pode comprar, não tem como pagar monitora, não tem convênio. O recurso que a gente tem é esse.” (Lia. Entrevista em 18/06/2008).

Se, por um lado, a geração de trabalho e renda é uma das formas pelas quais a Associação é conhecida perante a comunidade, na realidade, não é este o único e nem o

principal motivo para a presença de grande parte das associadas nas reuniões semanais. A renda parece ser um mote, mesmo que não seja percebido por elas como tal, tornando afinados os discursos sobre o perfil do grupo. Como já apresentado outras vezes nesse trabalho, embora essa atividade seja muito importante para algumas nesse sentido, o grupo é, sobretudo, espaço de construção de novas sociabilidades, *novas amizades*, na expressão de Ana, mediando o trabalho coletivo manual/artesanal.

Mas no caso daquelas que buscam, além dessa construção uma renda, como é o caso de Ana e Ione, que disseram que já possuem a freguesia, a presença no grupo e a divulgação dos trabalhos nas exposições resultam em novas encomendas que são feitas pelas pessoas interessadas neste tipo de trabalho.

“Eu fui lá pro grupo e não fui pra vender meus trabalhos. Eu faço ali o trabalho do grupo. Eu tenho a minha freguesia. Eu já fiz a minha freguesia ao longo dos anos. Então tinha muita gente ali que eu não conhecia, que mora na minha rua, porque eu ficava dentro de casa bordando e passei a fazer novas amizades. Então, aquilo ali é um prazer” (Ana. Entrevista em 04/06/2008).

Por outro lado, o resultado financeiro obtido com a renda dos bordados foi apontado como muito reduzido por aquelas que vendem seus trabalhos, não sendo satisfatório como gostariam, conforme relatou Ione:

Tem mês que eu tiro uns cento e cinqüenta reais, tem mês que é cem reais, porque às vezes eu fico um mês pra entregar o outro. Tem mês que eu não ganho nada”.

Mesmo para ela que recebe algumas encomendas de trabalhos manuais, a sua presença semanal nas reuniões parece assumir um compromisso que vai além dos interesses em uma renda complementar. Neste sentido ela acrescentou:

“É através do grupo que eu faço os meus trabalhos, eu ganho o meu. Aparecem muitas encomendas. Tem também a feira, que a gente pode estar colocando o trabalho da gente... Mas aqui é assim: o trabalho é voluntário, como você mesmo sabe. Não é pelo dinheiro que eu estou aqui. Eu já acostumei, toda quarta feira eu venho mesmo, eu não falto” (Ione. Entrevista em 18/06/2008).

No caso daquelas que visam à comercialização, de seus produtos, por sua vez, têm que trabalhar em outros horários que ultrapassem o das reuniões. Na maior parte

das vezes, todo o material produzido é exposto e comercializado apenas em épocas comemorativas, como o Dia das Mães, dos Pais, Natal, entre outros. Segundo as associadas que se manifestaram a esse respeito, o prazer maior está em participar das *feiras* como elas costumam denominar as exposições e vender seus próprios trabalhos; em participar daqueles momentos de distração e entretenimento. Isso está claro no comentário abaixo:

“Na feira eu gosto de ir, mas fico querendo dar oportunidade para outras que não vão. Na feira eu não vendo muita coisa minha, não. Mas tem gente que ganha. Eu vou pra divertir, não para vender coisas minhas, mas de todas. Só quando a pessoa encomenda. Esta semana que o meu marido viajou, eu fui os três dias na feira.” (Dora. Entrevista em 12/06/2008).

Nesse relato, além de referir, mais uma vez ao tempo da mulher condicionado ao tempo do marido, à presença dele ou não em casa, ressaltou que o resultado dessa produção fica limitado a quantidade. Os momentos das reuniões acabam sendo ocasiões para a troca de informações e aprendizado de novidades quanto às novas técnicas dos trabalhos manuais e pontos de bordado e crochê, que são trazidos pelas participantes e divulgados entre elas.

Quanto ao trabalho em organizações não governamentais, que não é o caso da AMBB, mas pode servir para melhor compreendê-la, Simião (2002) assinala que uma das razões para que os grupos dessas mulheres não se vejam efetivamente como de geração de renda, está no fato de elas não assumirem, para si, uma postura gerencial empreendedora nos negócios. Seguindo a análise desse autor, esse comportamento das Mulheres do Bethânia explicaria a ausência de um espírito empreendedor, uma vez que elas estariam juntas, conforme Simião, para “jogar conversa fora e como forma de passar o tempo desenvolvem uma atividade lúdica, que por acaso resulta em algo comercial”. (SIMIÃO, 2002, p.88)

A análise de Simião, por sua vez, pode ser problematizada, em virtude de conter implícita a ideia de que elas deveriam aproveitar ao máximo o tempo para torná-lo produtivo, sob o aspecto da quantidade e do lucro da produção. Se assim não for, o tempo e conversas jogados fora revelam a certa lógica e compreensão do mundo, do trabalho, das relações sociais impregnadas da ideia da compra e venda do tempo de trabalho. O tempo, então impregnado pela visão do tempo feito dinheiro e mais valia

que caracterizam a noção e forma de mensuração do tempo sob o paradigma da acumulação capitalista instaurado, ampliado e consolidado na modernidade.

Em outros termos, partindo de outra lógica e de outras possibilidades de modos de vida e interações sociais, ou seja, partindo da lógica em outra perspectiva, a experiência das Mulheres do Bethânia mostra-se contrária ao que o autor aponta como *jogar conversa fora*. Os relatos demonstraram não ser prioridade daquelas mulheres ganhar dinheiro e obter lucros. A convivência entre elas revela outra prioridade. O que elas querem, nesses seus momentos coletivos, é justamente e, prioritariamente, jogar fora o individualismo, a baixa-estima e trazer para as demais a presença, o prazer e a alegria que sentem por estarem ali juntas. Afinal, sentimentos e valores não são comercializados no mercado e que nem auferida a quantidade.

Nesse sentido, também a noção e a lógica do tempo assumem outra perspectiva, pois elas não estão ali preocupadas com a pressa, com a correria. Ao contrário do que existe como padrão hegemônico na modernidade e na contemporaneidade, para as associadas do Bethânia *time isn't money*, mesmo que elas compartilhem entre si a possibilidade de conhecimentos e aprendizados se materializarem em produtos que lhes tragam algum retorno financeiro. Assim, não pode existir desperdício em *jogar conversa fora* quando o tempo, um dos objetos centrais dessa questão, é utilizado e priorizado em outra dimensão: em sua intensidade e na qualidade das relações, do estarem ali juntos. Ali não se trata da noção de tempo mercantil, quantitativo, homogêneo próprio da ordem burguesa. Ali não se trata de um tempo que é exploração de trabalho, de alienação e de subsunção da quantidade à qualidade, da opressão à emancipação, da pressa à calma. Nos termos dos gregos, aqui talvez possa falar de um tempo que é kairós e não kronos.

Como já ressaltado outras vezes, para muitas delas, o interesse maior é estar presente, junto das companheiras nas reuniões, aprendendo novos pontos e possibilidades dos bordados. O mais importante é o prazer de aprender e estarem juntas. Como linhas de um mesmo bordado, o grupo se constitui pelos laços fraternos de amizade e solidariedade que se manifestam entre elas. Esses laços se evidenciam na convivência delas no grupo, no valor dado por elas aos encontros, mesmo que seja

apenas semanal. A troca, a reciprocidade, a *fratria*, poderia dizer, é a maior razão de ser de ali estarem.

Esses valores e sentimentos se revelaram também, durante a visita de uma representante da Diretoria da Associação de Moradores do Bairro Bethânia, ao indagar qual era o papel da Associação na vida delas. Uma delas, Helena, assim respondeu:

“Eu não busco condições financeiras e nunca busquei. Busco uma terapia de viver em grupo na amizade e viver com a alegria. E a gente sente isso no rostinho das pessoas aqui, que transparecem isso pra gente. E quando elas vêm buscar ajuda, também a gente tenta ajudar no que elas estão precisando: Conversar, não deixar ninguém ficar triste...Tem dia que uma chega assim, e a gente implica: “Por que você está triste? Não vai ficar tristinha entendeu? Não senhora, aqui não é lugar de ficar triste, não” (Helena. Depoimento em reunião. 06/2008)

Esse relato reforça a hipótese de que esses sentimentos e valores observados na conduta de muitas daquelas mulheres e explicitados de diferentes formas resultam das experiências ali vividas. Têm origem no encontro, nos processos de se constituírem como um grupo de companheiras que realizam juntas, trabalhos manuais/artesanais; que trocam saberes dos bordados e das suas vidas; que, nos tecidos imprimem também suas histórias e a da própria AMBB. O caráter solidário e fraterno da troca e da doação, a dádiva têm, para elas, a mesma importância que o aprendizado e a produção de um trabalho/ofício e a obtenção de uma renda, como demonstraram as entrevistadas Rosa e Carmem:

“Eu acho que as pessoas vêm aqui, não é por causa de geração de renda não. Eu acho que vem aqui, pra conversar, passar as horas aqui, que é tão rapidinho! Num instante dá quatro horas depois quatro e meia...” (Rosa. Entrevista em 25/06/2008).

“Eu não ponho as coisas pra vender, porque eu faço muita coisa pro grupo. Quando eu faço, eu faço mais pra mim, pra minha casa. Porque eu também não tenho condições de fazer muita coisa, porque eu tenho problema de coluna” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008).

Carmem também referiu-se, na entrevista, à solidariedade que permeia os encontros do grupo. Comentou que, após as exposições e a venda dos trabalhos, parte

do dinheiro que é da Associação é revertida em linhas e tecidos para novos bordados e trabalhos manuais, à semelhança dos anos iniciais. Ela lembrou ainda, que, desde aquela época o dinheiro arrecadado passou a ser utilizado para a compra de novos materiais, como agulha e linha para quem não tem como adquirir. Salientando ainda:

“No grupo a gente trabalha mais em função de ajudar as pessoas, porque sempre tá comprando material pra ajudar. Chega uma pessoa pra aprender não tem nada. Então, tem material pra ajudar, a gente trabalha mais nessa função” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008).

O relato de Carmem reforça, mais uma vez, que o grupo significa mais do que um encontro para a realização de atividades artesanais. Estão presentes nele, como pode ser percebido ao longo desse capítulo, questões relativas à construção de novas sociabilidades, às trocas, à reciprocidade entre as participantes, enfim, a tudo que dá sentido a presença das Mulheres do Bethânia, semanalmente, nas reuniões. Esses momentos, que são também carregados de significados, se desdobram em aprendizagens várias como veremos a seguir.

CAPITULO 6 - UMA PEDAGOGIA DA EXPERIÊNCIA DO ENCONTRO DE MULHERES

6.1. As figurações do encontro

Afinal, o que as Mulheres do Bethânia vêm buscar nas reuniões? O que buscam quando vão as reuniões semanais das quartas feiras? O que elas aprendem? O que ensinam? Quais os conteúdos desse aprendizado e de que forma eles interferem em suas vidas?

Nos protagonismos das Mulheres do Bethânia, que se materializam nas reuniões da Associação, estão presentes formas diferenciadas de encontro e de estar no grupo. Através da abertura para o estar junto, tal como em outros grupos de mulheres, se desenvolvem os processos educativos e a construção de novas sociabilidades e subjetividades femininas. Para aquelas mulheres, participar das reuniões é uma oportunidade de sair de casa, de conhecer e conversar com outras mulheres, de esquecer um pouco os problemas domésticos, pessoais ou de ouvi-los e pensá-los de outras maneiras. Seus encontros semanais são uma oportunidade para elas verem e compreenderem, de outra forma, aspectos de suas vidas, numa reinvenção de si e do outro, da outra.

Como já apresentado no primeiro capítulo, mais do que indicar a possibilidade de estarem fisicamente reunidas em um mesmo espaço, a palavra “encontro” aqui analisada, apresenta uma dimensão mais abrangente, que ultrapassa a dimensão física. Constitui-se em um elemento simbólico da troca e da reciprocidade, mediando aquela convivência entre mulheres, companheiras, como pares. As relações, as ações e práticas ali compartilhadas inscrita em pensamentos e sentimentos ali tecidos, por entre linhas e pontos do bordado e da vida, vão (re)constituindo e (trans)formando a história da Associação e delas mesmas, daquelas mulheres, individualmente (THOMPSON, 1981).

Lembrando a narrativa de uma das entrevistadas, na maioria das vezes e para quase todas as associadas, aquela convivência só ocorre nas reuniões semanais, pois não

há para muitas delas, o hábito de irem às casas umas das outras ou de estarem juntas em outros espaços e tempos. Isso só acontece com poucas delas e em situações muito específicas, como uma festa de confraternização realizada na casa de uma das associadas, ocorrida no passado. Pelo fato de morarem no mesmo bairro e de serem católicas em número significativo, algumas vezes, parte delas costumam também estar juntas em atividades da igreja ou durante as missas, como Rosa e Ione relatam:

“Os encontros acontecem na igreja, na feira. Mas a maioria das vezes é na igreja. O maior contato com as pessoas do grupo é lá no grupo mesmo. No bairro não conheço muita gente, pois não saio, nem converso muito com vizinhos.”(Dora - entrevista em 25/06/2008).

“Às vezes, no domingo na igreja eu vejo algumas. Eu fui à casa de uma, uma vez, porque teve um churrasco lá e aí, a gente foi. Mas a coisa mais difícil que tem é isso: eu ir a casa delas e elas irem lá em casa. Acho que é por causa do tempo mesmo. É tudo correria.” (Ione - entrevista em 18/06/2008).

As horas vividas semanalmente por aquelas mulheres assumem, portanto, um importante significado por serem momentos coletivos diferenciados de sua rotina no lar, pois ali são outras suas práticas e relações sociais. Essas situações que elas vivem e experienciam juntas nos encontros semanais contém as descobertas que essa vivência enseja e se constituem em processos existenciais e educativos que, não raro, lhes permitem sentir e pensar suas vidas e a si mesmas de uma outra forma, como nos revela uma das associadas, ainda que uma e outra delas se diferenciem nas formas como vivenciam isso. A esse respeito, Carmem observa:

“Olha, eu gosto mais de tá lá dentro do grupo. Porque você estando ali convivendo com pessoas diferentes com idéias diferentes, você esquece os seus problemas de dentro de casa, você esquece que tem um mundo que você tem pra resolver e passa momentos completamente diferentes. Mesmo que você vá ali e não faz nada, mas só de você estar ali conversando com aquelas pessoas é muito gostoso! (Carmem - entrevista em 04/06/2008).”

Tendo por suposto que existe uma pedagogia do encontro, da experiência do estar junto, bordando, conversando, tecendo relações de troca, de dádiva, de fratria, volto à discussão de Simmel (1983:164-180) sobre a sociabilidade. O autor a considera como *a forma lúdica da sociação/interação* sendo esta última constituída por todos os interesses, impulsos, propósitos, estados psíquicos, desejos, enfim, todos os conteúdos

das interações sociais que fazem com que as pessoas interajam e convivam, formando um coletivo, uma sociedade¹⁰⁵. Defende, ainda, o autor, que a sociabilidade é gestada a partir das múltiplas combinações presentes nessa interação, mas de forma muito peculiar, pois,

o impulso de sociabilidade extrai das realidades da vida social o puro processo da sociação como valor apreciado e através disso, constitui a sociabilidade no sentido estrito da palavra. [...] Na pureza de suas manifestações a sociabilidade não tem propósitos, objetivos, nem conteúdo, nem resultados exteriores, ela depende inteiramente das personalidades entre as quais ocorre. Seu alvo não é nada além do sucesso no momento sociável e, quando muito, da lembrança dele. Em consequência disso, as condições e os resultados do processo de sociabilidade são exclusivamente as pessoas que se encontram numa reunião social (SIMMEL, 1983:170)

De outra parte, as Mulheres do Bethânia, ao participarem e conviverem num ambiente em que compartilham experiências comuns se enredam em maneiras de agir socialmente aprovadas pelo grupo, de forma a interferir no convívio entre elas, dando forma à sociação/interação que vai sendo estabelecida. Trata-se de um jogo social, no qual ações, tatos sociais¹⁰⁶ e estratégias de relacionamento vão sendo disponibilizadas, permitindo que os laços entre elas sejam construídos, reforçados e ganhem vida própria. Nesse sentido, a sociabilidade diz do sentimento delas de estarem interagindo e da satisfação que essa interação proporciona às integrantes do grupo. Essa satisfação pode ser verificada, também, em algumas falas daquelas mulheres sobre mudanças percebidas, depois que ingressaram grupo. Assim elas disseram:

- “ Mudou muito, fiquei mais alegre e bonita;”
- “Conheci novas colegas;”
- “Percebi que posso fazer algo que me torna útil aos outros;”
- “ Mudou a minha maneira de ser;”
- “Minha vida teve outro sentido, em tudo fico a vontade;”
- “ Parece que me liberto quando eu estou aqui;”
- “ Gosto de participar;”
- “ Saio de casa, ocupo o tempo e em casa eu fico muito sozinha.

¹⁰⁵ Para Simmel a sociedade é um permanente vir a ser, pois só existe a partir da interação entre as pessoas. Portanto, um indivíduo só está em sociedade se está com um outro indivíduo, está para um outro indivíduo, está contra um outro indivíduo.

¹⁰⁶

Trata-se de um termo utilizado por Simmel e, como bem analisa Alcântara Junior (2005), o termo refere-se a um conjunto de maneiras, trejeitos socialmente sancionados, prestando-se à efetivação das conexões, das interações e relações sociais, que permitem aglutinar os indivíduos em torno de indeterminados interesses motivacionais. Simmel, ainda aponta que o tato social cumpre uma função reguladora quanto aos impulsos do indivíduo, impedindo-o de exibir sua singularidade e peculiaridade de forma exacerbada e de manifestar algum interesse egoísta imediato, traçando seus limites de atuação. (2003:170)

Então, vir e encontrar outras pessoas é muito bom;”

- “Antes eu era meio fechada, não gostava de sair de casa e nem sabia que tinha o dom de ensinar e liderar;”

- “O fato de ter conhecido pessoas novas, este sim, já é uma grande mudança, porque amigas não são demais, quanto mais, melhor; por isso, eu gosto do grupo.”

Além do novo e da satisfação proporcionadas pelas interações no grupo, chama a atenção nestas afirmativas, outras qualidades pessoais e sensibilidades que a presença, ali proporciona e que vão sendo vividas coletivamente e ultrapassam aquelas que se desenvolvem no âmbito das atividades manuais. Elas dizem respeito às sociabilidades que vão sendo tecidas junto com os bordados, que se remetem às maneiras de ser e estar no grupo, como mencionado: *aprender a falar, a tornar-se mais aberta, aprender a liderar, a participar*. Para, além disso, num plano mais profundo, das novas subjetividades, há quem se sinta mais alegre, mais bonita e querida. Ali estão as novas amizades. Ali está um repertório de vivências, de sentimentos, de afetos, de positivas percepções de si e da outra, aspectos constitutivos da sociabilidade¹⁰⁷ tecida entre as participantes da Associação.

Essas sociabilidades que vão se tornando uma constante no grupo exercem papel relevante na vida daquelas mulheres, não apenas por promoverem entre elas satisfações e contentamentos, mas também por se constituírem em arquétipos sociais. Seus desdobramentos desenvolvem as próprias relações sociáveis, que produzem as estruturas, que são alimentadas pelos conteúdos sociais (ALCÂNTARA JUNIOR, 2005). Desse modo, funcionam como uma referência fundamental na condução de suas vidas em outros momentos e espaços, contribuindo inclusive na formação de novas subjetividades.

Nesse processo de freqüente e regular convivência, esses desdobramentos das interações vividas por elas são constantes e ricos pelo caráter singular como se apresentam. Permite que, por vezes, diversas e novas situações sejam experimentadas.

¹⁰⁷ Outro princípio significativo na qual se assenta a socialização segundo Simmel, diz respeito ao fato de que cada indivíduo deve oferecer o máximo de valores sociais em correspondência aos valores que recebe. Daí o sentido da reciprocidade atribuído a ela. Conforme Simmel: “Aqui, ‘sociedade’ propriamente dita é o estar com um outro, para um com outro, contra um outro que através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais. As formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria liberação destes laços. É isto precisamente o fenômeno a que chamamos sociabilidade.” (SIMMEL, 1983, p.168)

Assim, tais situações propiciam a cada uma e ao grupo coletivamente, reflexões que lhes permitem analisar, comparar e redimensionar aspectos de suas vidas e de si mesmas, quanto aos valores, concepções, auto-imagens e sentimentos que trazem consigo e que estão presentes no grupo. Sobre tais aspectos, Carmem ressalta:

“Hoje eu consigo conviver com muitas pessoas que não participam de lá, através de muita coisa que eu aprendi lá dentro do grupo. Eu acho que aprender a convivência com o outro... É muito bom participar do grupo, porque as idéias.... É muito bom!” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008)

A importância da convivência das mulheres da AMBB e suas implicações na edificação de novas sociabilidades e subjetividades aparece também em outros estudos sobre grupos de mulheres. Nesses estudos são observadas mudanças significativas que ocorrem entre elas a partir da participação coletiva. Trata-se de mudanças em suas vidas, porque suas participantes passaram a se perceber individual e coletivamente de forma diferente, mediante as experiências vividas. Assim se apresentam, por exemplo, as trabalhadoras rurais do Maranhão do estudo de Mota (2006) e de Barbosa (2006); as mulheres do Paraná de um reassentamento investigado por Lombardi (2006); as afro-brasileiras pesquisadas por Cunha (2006); as mulheres do Movimento da Terceira Idade pesquisadas por Portella (2002), em Florianópolis além de outras anteriormente citadas.

Embora se trate de contextos histórico-sociais específicos e de trajetórias distintas, esses estudos evidenciam que todas as histórias abarcam inúmeras vidas de mulheres, que vão, ao seu modo, caminhando coletivamente e nessa caminhada deixam suas marcas registradas nas mudanças que vão inscrevendo em suas vidas, cada uma, a seu modo. Nessas histórias estão também as marcas dos avanços e recuos que esses percursos assinalam. Ao mesmo tempo, demonstram que aquelas mulheres estão em movimento nos diversos tempos e contextos. Esse movimento, às vezes silencioso, às vezes percebido também por outras pessoas, sinaliza que de forma individual e no passo de suas possibilidades e limitações, as mulheres continuam indo adiante.

6.2. Entre linhas, pontos e vidas: bordado¹⁰⁸

Por anos a fio, as mulheres da Associação do Bethânia bordam juntas nas tardes das quartas-feiras. Panos de prato, passadeiras, jogos de banho e toalhas de mesa¹⁰⁹ vão sendo ali trabalhados, por entre os fios não somente das linhas, mas dos encontros, de uma cumplicidade. Esse labor das mãos vai se trançando, se tramando com palavras e gestos, com afetos, com a oração, com os casos, os relatos, os pensamentos que vão tecendo não somente os panos, mas uma fratria de mulheres. Mas o que dizer do bordado, mais especificamente? O que é ele e o que ele representa em si mesmo, ainda que não seja possível separá-lo de outras linhas, pontos e panos, de outros artesanatos, a artesanaria que tece as relações sociais naquele grupo?

Além de ser uma atividade artesanal, o bordado é associado à arte e à terapia. O seu significado é atribuído ainda, ao seu valor como atividade econômica ao longo do tempo, conforme os contextos em que ele se realiza. A partir de fins do século XIX, com o avanço capitalista e tecnológico e diante das mudanças ocorridas nos processos produtivos e mercantis, mais do que um ofício, o trabalho com o bordado converteu-se em profissão. Nesse período, a invenção da máquina de bordar, posteriormente aperfeiçoada, trouxe para esse universo, a ideia de lucratividade e produtividade que passaram a fazer parte da prática social e do vocabulário de quem trabalha com o bordado como atividade produtiva.

A atividade do bordado existe há milhares de anos, mas e quanto ao início dessa prática, qual a sua origem? Mais do que registros sobre a história do bordado e sua utilização nas sociedades¹¹⁰, muitas são as informações sobre os tipos e formas de trabalhos com bordados, sobre o seu significado e as habilidades necessárias para realizá-lo. Os fragmentos de descobertas encontrados sobre essas questões,¹¹¹ na maior parte das vezes, dispersos e fragmentados dão algumas pistas, permitindo que essa

¹⁰⁸ Em anexo. Glossário sobre o Bordado

¹⁰⁹ Sobre os tipos de bordados e o trabalho realizado por elas, ver nota de rodapé no capítulo anterior

¹¹⁰ A respeito de estudos sobre o bordado e a história de suas bordadeiras, há também a história de vida de dez mulheres que fazem parte de um grupo conhecido como Mariquinhas, criado em 1995 em Belo Horizonte, Minas Gerais. Esse grupo também é mencionado na pesquisa realizada por Chagas (2007). Junto às publicações já citadas, também a pesquisa realizada por Kodja (2006) sobre as bordadeiras do Morro do São Bento foi utilizada como fonte bibliográfica nesse estudo.

história possa ser reconstruída, tomando corpo e sentido no conjunto das descobertas que são apresentadas sobre essa temática, sobre esse labor.

Uma das dificuldades de precisão quanto a sua gênese está no tipo de fonte, isto é, no tecido perecível em que eram realizados os trabalhos bordados, que desapareceram com o tempo. Daí, a necessidade de se recorrer à documentação proveniente de outras fontes iconográficas. Essas são, muitas vezes, resultantes dos trabalhos dos arqueólogos e/ou trabalhos que resistiram ao tempo, como os monumentos, pinturas e esculturas. Dos estudos realizados pelos especialistas nesse ramo, surgem as informações mais seguras sobre a atividade do bordado¹¹².

Agulhas feitas de ossos, linhas de fibras vegetais ou tripas de animais e ponto cruz são apontados como a primeira forma de realização do bordado na história humana. Dos fragmentos de linho retirados das escavações arqueológicas temos informações do uso do bordado em algumas sociedades antigas como Egito, Babilônia e China, assim como Grécia e Roma, desde antes do início da era cristã.

No ocidente e no oriente, o bordado foi utilizado segundo o contexto histórico, as circunstâncias e os costumes dessas sociedades. Na Europa desde século VII, a prática do bordado tornou-se recorrente, assim como o hábito de realizar esse trabalho nos mosteiros e nas abadias. Diferentes registros sobre o bordado informam sua existência nos diversos países europeus como Inglaterra, Itália, Portugal, Seu uso foi observado nos brasões, escudos e armas além de utilizado no vestuário e gravuras que imitavam pinturas. Na Itália da Renascença, considerada o centro das artes, o bordado recortado deu origem às rendas e passou também a ser utilizado como trabalho decorativo. Nesse período, junto ao vestuário e a outros usos que dele se fazia, as tapeçarias se tornaram

¹¹¹ Diante da dificuldade de se encontrar informações mais precisas e detalhadas sobre a história do bordado, algumas informações foram pesquisadas na internet, Trata-se de sites e blogs confiáveis e especializados. Mais que um ofício, o bordado é visto como arte e uma atividade lúdica. <http://artesanatobrasil.net>; artesanato-ponto-cruz/a-historia-do-bordado-saiba-onde-tudocomecou/; <http://www.artigonal.com/tecnologia-artigos/historia-do-bordado>; <http://www.tecendonossahistoria.org.br/> ; <http://diarionordeste.globo.com/materia>.

¹¹² Junto às informações obtidas nos estudos acadêmicos realizados sobre o bordado, nos sites e blogs especializados encontrados, grande parte das informações é proveniente do trabalho realizado por Lee Albrecht. Essa mulher, uma apaixonada com o bordado, conforme suas palavras, inaugurou em 2005 em São Paulo, um espaço dedicado ao bordado. Trata-se do “Espaço Lee Albrecht,” que funciona como museu e escola de bordado. Outras informações sobre esse museu/escola estão disponíveis em <http://www.escoladebordado.com.br/historia.htm>, <http://lecalbrecht.blogspot.com/>.

comuns na ornamentação de interiores dos palácios e outras construções arquitetônicas da época.

Nos séculos XVII e XVIII, o costume do bordado nas peças íntimas, assim como nas toalhas de mesa se generalizou em todos os sentidos. Introduzido na América pelos imigrantes europeus, ele tornou-se posteriormente conhecido por todo o mundo. Também o costume de seu uso nos enxovais de casamento e das crianças recém nascidas foi, durante séculos, um importante distintivo de status. Junto a essa prática, o hábito da encomenda desses enxovais tornou possível o ofício das bordadeiras que realizavam esse trabalho. Mas, quem eram essas mulheres, o que faziam, como viviam? Eram *bordadeiras de ofício*, mulheres do povo, camponesas, que por vezes, junto às tarefas domésticas e o cuidado dos filhos e filhas realizavam trabalhos com bordados, pois eles traziam para casa, uma ajuda financeira. Sobre essas mulheres camponesas, de famílias mais simples, Michele Perrot salienta:

A vida das camponesas era regrada pela da família e dos ritmos dos campos numa rígida divisão de papéis, tarefas e espaços. De acordo com a idade e com a posição da família, elas trabalhavam nos campos na época das colheitas de todos os tipos [...]. A camponesa é uma mulher ocupada, preocupada em vestir (ela fia) e em alimentar os seus (auto-subsistência e confecção das refeições) e, se possível, trazer para casa um suplemento monetário a partir do momento em que o campo se abriu para o mercado: mercado alimentar e têxtil. Muito cedo ela fia para fora ou faz rendas que são buscadas nas feiras por estafetas. O luxo da corte e na cidade, principalmente a partir do séc. XVII, aumentou a demanda com relação as mulheres, que assim entraram no circuito monetário. (MICHELE PERROT, 2007, p.:111. Grifos da autora).

Mas, não só as bordadeiras de ofício bordavam. A criação da máquina de bordar, assim como o seu aperfeiçoamento, provocou um declínio dessa atividade manual. Contudo, já no século XX, mesmo com as reproduções em quantidade, o bordado manual voltou a ser valorizado e visto por algumas sociedades, como símbolo de alto prestígio social. Nas famílias menos abastadas, a atividade do bordado também se tornou comum, constituindo-se parte da educação destinada às mulheres. Como um valor presente no universo feminino, a mulher deveria saber bordar e levá-lo como um dote, uma prenda para o matrimônio. Desse modo, ela mesma tornava-se a prenda. Não é por acaso que o termo *mulher prendada* era utilizado para as moças que, independente

da condição socioeconômica e da simplicidade do enxoval, sabiam trabalhar com as mãos nessa e em outras atividades, como as relativas à culinária.

No caso do Brasil, as imigrantes portuguesas são lembradas como principais responsáveis pela existência e expansão de um tipo de bordado específico em alguns estados do nordeste e em Santos, no litoral paulista.¹¹³ Nesse aspecto, não só o bordado da Ilha da Madeira, mas os demais tipos, à medida que foram sendo ensinados/aprendidos e passados de geração a geração, foram passando também por um processo de brasilidade: Através desse saber passado de mão em mão, elementos e detalhes foram sendo acrescentados, tomando contornos da identidade e cultura nacional, tendo a marca brasileira. Assim, o bordado encontrou novas formas, cores e utilizações que vem sendo exploradas das mais diversas formas, ao longo de décadas.

O universo que o bordado¹¹⁴ abrange é amplo e diversificado. O resultado dessa atividade manual é, via de regra, admirado tanto nos tecidos de linho, quanto nos de algodão, no étamine ou mesmo nas toalhas e panos de prato, como também nas peças do vestuário e, ainda, aqueles que servem de adorno.

Em se tratando dos trabalhos das Mulheres da Associação do Bethânia, há, ainda, outros tipos de bordado não muito comuns entre elas, mas conhecidos, mediante os cursos que elas puderam participar, oferecidos pela PMI. São eles, os bordados feitos nas telas e a tapeçaria de parede. Elas também aprenderam diversas técnicas utilizadas como o ponto cruz, as pedrarias, o richelieu, o barbante, o macramê entre vários outros tipos. Como já apresentado no capítulo anterior referente ao grupo, as técnicas mais utilizadas são o ponto cruz, o ponto cheio e o macramê. Já os tecidos em que as associadas costumam realizar o seu trabalho são, na maior parte das vezes, as sacarias e os jogos de toalhas de banho.

Durante muito tempo, o bordado foi associado exclusivamente às mulheres e prioritariamente às mulheres idosas. Entretanto, essa associação vai sendo

¹¹³ As bordadeiras do Morro do São Bento (Santos/SP), imigrantes da Ilha da Madeira/ Portugal, que vieram para o Brasil em meados do século XX, ficaram conhecidas por seu tradicional bordado trazido da Ilha da Madeira. Desde então, elas se reúnem periodicamente para atividades com o bordado que, segundo a autora, se tornou uma importante marca de suas identidades. Gisele Kodja realizou sua pesquisa junto desse grupo de cinco mulheres bordadeiras.

¹¹⁴ A esse respeito ver em anexo, o glossário sobre o bordado.

gradativamente desconstruída no tempo e nos espaços em que o bordado é assumido e entendido também como uma atividade lúdica e econômica. Atualmente, além do interesse de pessoas mais jovens, ele vem sendo recomendado como uma atividade terapêutica por alguns profissionais da saúde.

Embora seja ainda povoado por preconceitos de gênero e apareça raramente entre os homens, o bordado tornou-se a partir das últimas décadas do século passado, uma atividade que pode ser rendosa financeiramente. Daí a razão pela qual pode ser e é realizada por homens, principalmente nos lugares e contextos em que este trabalho é visto como uma atividade produtiva que resulta dividendos. Um dos exemplos já citados, diz respeito ao bordado produzido em Ibitinga como atividade produtiva desenvolvida também pelos homens.

Mais que uma atividade produtiva o bordado assume também centralidade diante dos desdobramentos que ele proporciona à saúde mental e emocional e assim vem sendo analisado e estudado com maior profundidade. Estudos relacionados principalmente a área da saúde apontam para os efeitos que ele produz no plano mental, ao aumentar a concentração e a observação, o poder de organização e de disciplina. De forma mais concreta, há ainda o benefício dessa atividade na expansão do córtex cerebral em função da utilização principalmente dos olhos e das mãos.

Tais considerações elaboradas pelos estudiosos ligados ao comportamento e à saúde apontam também para os aspectos emocionais relacionados ao bordar. Entre eles, a diminuição da ansiedade, o aumento da autoestima e o papel fundamental que desempenha no bem estar de quem o realiza. As atividades de bordado das mulheres da Associação do Bethânia contêm esses elementos, uma vez que elas a consideram mais do que uma simples atividade artesanal ou de retorno financeiro.

Um momento vivido coletivamente e que ilustra o valor que o bordado assume na vida daquelas mulheres, diz respeito a um dia de atividade na Associação do Bethânia. Como programado e agendado entre uma voluntária e as mulheres do grupo, foi realizada uma oficina em atendimento a uma antiga daquelas mulheres. A artesã ensinou o trabalho em cerâmica e com sucatas.

Embora tenham apresentado interesse, nem todas as associadas participaram da oficina. Algumas continuaram com seus bordados e crochês. Outras observaram e realizaram as atividades segundo as instruções da monitora. Demonstraram grande satisfação em aprender a fazer algo diferente, mostrando com orgulho as peças prontas. Contudo, após o término da oficina, lá estavam quase todas elas, novamente sentadas com seus bordados, linhas e agulhas nas mãos. Pareciam estar retornando para onde se sentiam aconchegadas, para a referência que as aproxima umas das outras: o bordado. Seja ele da toalha, do pano de prato, do jogo americano a ser trabalhado.

Como formiguinhas, elas iam fazendo um trabalho quase invisível. Teciam nos desenhados, coloriam com suas linhas as figuras, de diferentes formas, foram dando vida aos traçados palidamente riscados nos panos. De diferentes maneiras, através de seus minúsculos pontos elas teciam, elas desenhavam os tecidos com seus bordados e se aproximam mais umas das outras, como se bordassem suas vidas e a experiência do encontro no grupo.

Essa dimensão da proximidade, assim como a forma como elas vivenciam essa experiência, lhes permite não somente viver o que esse encontro tem a lhes oferecer. Ele também as envolve, fazendo com que elas se deixem afetar, se impliquem nesses fazeres, pelo que essa experiência lhes oferece por tudo isso que significa (LARROSA 2004). E assim, deixando-se implicar, se expondo ao contato, umas com as outras, ao bordarem juntas, elas vão vivendo a experiência do encontro, do estarem juntas em toda a sua profundidade e amplitude. Ainda que tal experiência seja mais plena e intensa para umas e menos para outras, posto que elas são diversas, como também são variadas as relações, suas condutas e modos de estarem e de se envolverem com o grupo e com tudo o que ali se processa lhes trazem um retorno prazeroso.

Assim estando, se dispondo e se implicando com as companheiras do bordado, elas conseguem realizar o que na atualidade tem sido um grande desafio nas relações interpessoais - um dispor-se ao outro, um implicar-se com o outro, com calma, com tempo de dedicação - uma vez que as pessoas, sob as mais diversas circunstâncias, vivem reféns de um tempo corrido e fugaz, que as impedem de realizar encontros mais profícuos (BENJAMIN, 1994). Nessa convivência transcorrida de forma mais lenta, aquelas mulheres têm a oportunidade de estabelecerem vínculos e trocas mais constantes

e sólidas durante seus encontros regulares, inscritos em processo de interação e sociabilidade, cujos contornos e retornos se costuram em laços de amizade e de reciprocidade, ou mesmo de cumplicidade.

Em outros termos, nas relações mediadas, atravessadas, inscritas no trabalho de bordar, qual seja, quando os laços e vínculos se dão no coletivo ato do bordar, mesmo após uma oficina, uma comemoração, após as despedidas, uma e outra ainda trocam ensinamentos e saberes acerca de um ponto ainda não compreendido. Estes momentos de troca no grupo são frequentes e entrecortados pelas visitas, informes e outras atividades que correm paralelas. Nessas ocasiões não é difícil observar que por parte de quem ensina há um grande prazer, expresso geralmente na atenção do olhar por cima dos óculos. E, por parte de quem aprende, vê-se uma clara satisfação no olhar, na expressão facial e gestual, quando a dúvida é esclarecida.

Tudo isso ficou nítido quando as observo nas várias tardes quando elas, as mulheres da Associação do Bethânia estavam reunidas. Ali, observo situações e momentos carregados de significados por propiciarem aprendizagens que ultrapassam a dimensão de um saber técnico e específico. E embora existam outros tipos de atividades manuais desenvolvidas entre elas, é o bordado que as envolve, seja na feitura do trabalho, seja na relação interpessoal que oportuniza uma maior aproximação nesses momentos.

Visto por outro plano, há indícios de que o bordado é o seu passaporte. Ele as autoriza a saírem do espaço doméstico, por também ser ele identificado com essa esfera da vida, o privado. Sair para bordar com outras mulheres não é sinônimo de transgressão ou mudanças radicais. O bordado está o tempo todo entre elas e elas estão todo o tempo, através dele, caminhando nas bordas, nas fronteiras. Dito de outra forma, elas não estão na exclusividade da esfera doméstica, pois como muitas delas afirmaram e como demonstra a presença semanal, elas interrompem suas atividades domésticas para passarem algumas horas nas reuniões da Associação, para elas importantes horas, significativas tardes.

Entretanto, sair do espaço doméstico para reunir-se semanalmente não implica em assumir atuações e posicionamentos politizados em torno de reivindicações em prol de direitos civis e políticos ou lutas em torno de um objetivo comum, presentes em

algumas associações e movimentos coletivos de mulheres, como demonstram alguns trabalhos pesquisados.¹¹⁵ Elas também não são responsáveis por grandes atuações e transformações no espaço público e não querem estar envolvidas neles.

Desse modo, as Mulheres do Bethânia estão nas bordas e nas fronteiras, também por não transgredirem costumes tradicionais que, por exemplo, definem os papéis que delas são esperados, como esposas, mães e donas de casa. A seu modo, elas protagonizam as suas histórias, através de ações cotidianas, em movimentos moleculares, quase que imperceptíveis, mas que fazem diferença em suas vidas.

Através da convivência proporcionada pelo bordado, elas vão tecendo outras redes de relacionamentos, de sociabilidades e de identidades. Nessa rede que vem sendo tecida individual e coletivamente ao longo dos anos, o prazer de estarem reunidas, juntas, parece tornar-se o mais importante, pois as ajuda a superar dificuldades, embaraços e mesmo, as divergências que ocorrem entre elas, tal como algumas delas afirmaram em suas entrevistas:

“Porque eu era muito encrenquinha(risos). Minha opinião tinha que prevalecer. Eu não gostava de dar o braço a torcer. E lá no grupo eu aprendi que não é assim. Então eu mudei. Mudei muito em relação a isto.” (Mara. entrevista em 03/06/2008).

“Eu tive um atrito grande com ela. Nós conseguimos conversar sobre o assunto. Eu não mudei minha posição sobre a situação, mas a gente consegue conviver bem hoje. Eu não fazia isso antes. A convivência em grupo é o que me leva a ser assim hoje, com certeza.” (Soraya. Entrevista em 12/06/2008).

Tentando compreender um pouco mais a relação daquelas mulheres com o bordado e suas relações umas com as outras, tomo como exemplo a pesquisa realizada por Gisela Kodja¹¹⁶ sobre o bordado como manifestação cultural e existencial para um grupo de mulheres. Conforme a autora,

¹¹⁵ Miranda, Filgueiras, Coser 1987; Brito, 2001; Rago, 2003; Couto, 2006; Feitosa, 2006; Kodja, 2004; Lombardi, 2006; Mota, 2006; Barbosa, 2006; Chagas, 2007.

¹¹⁶ A produção da autora é citada na nota de rodapé nº 113.

no decorrer da pesquisa, as bordadeiras refizeram o percurso de suas caminhadas extraíndo as riquezas acumuladas do prazer de bordar. Durante os relatos, esbarraram nos sentimentos de vida e morte sem se deixar abater. No final, sempre prevalece o compromisso com a beleza, com as cores e formas do bordado. Elas acreditam que é daí que extraem toda a carga de alegria, motivação e saúde necessária para continuar vivendo.. (KODJA, 2004:55)

Além de destacar algo da ordem da estética na relação com o bordado, Kodja oferece outros elementos para uma melhor compreensão dos significados do bordado e das relações das mulheres, em seu caso, de Santos (São Paulo) com o bordado. Neste sentido a autora destaca

Os relatos esboçam alguns traços que poderiam definir a relação das bordadeiras com o seu trabalho: o bordado é fonte de prazer, campo de repouso, elo com o passado, instrumento de resistência e manutenção da identidade. [...] Para elas, trabalhar e respirar são elementos vitais com a mesma dimensão. Elas retiram de um e de outro saúde, energia, alegria, liberdade e muitos outros sentimentos positivos, que as mantêm independentes. No entanto, a incapacidade de viver sem bordar vai além do que já foi dito com palavras. Refere-se à necessidade fundamental, coletiva e pessoal, de manter viva uma identidade construída com trabalho e lembranças. (KODJA, 2004: 122)

De forma semelhante, as mulheres do Bethânia ali, naquele coletivo, demonstram sentir e vivenciar nesse convívio semanal de algumas horas, o que vai se transformando em algo que suaviza a própria existência, através da troca de saberes que não se limitam à confecção dos trabalhos manuais realizados. Em doses e doces horas semanais elas têm oportunidade de experienciar e intercambiarem sentimentos, histórias, sensações e emoções que vão se constituindo habitando aquele convívio, podendo vir a redimensionar aspectos de suas vidas, de seu cotidiano, de sua intimidade e revigorá-las para outros momentos e situações, tal como dito por Ana:

“A gente não tem outros momentos de encontro. [...] Porque aquele nosso momento ali é muito pouco! Eu chego lá às 13h20, 13h30. A maior parte do grupo é pontual. Tem dia que eu chego mais cedo, mas é justamente porque eu tiro aquela parte da tarde: Esse aqui é meu! Ai você volta recarregada, você volta sorrindo. Você vê a vida de outro jeito (riso solto). Você chega assim, desestressada, pronta para agüentar o tranco que tá te esperando dentro de casa.” (risos) (Ana - entrevista em 04/06/2008).

Os encontros e a convivência daquelas mulheres que bordam juntas sintetiza um pouco do que se passa no grupo. Analisando-o de forma mais próxima e detalhada, percebe-se que o bordado é uma atividade que exige de quem o realiza muita concentração e atenção. Além disso, é um trabalho que se faz, individualmente, mesmo que em momento posterior possa ser reunido em suas partes. Mesmo assim, na Associação ele é realizado entre elas, no coletivo. Estando elas ali, uma ao lado da outra, uma diante da outra, uma com a outra.

Trata-se de um tipo de trabalho que não é feito a várias mãos, como por exemplo, uma colcha de retalhos e é uma atividade que as absorve nos minúsculos pontos e detalhes. Essa é uma das referências que as une. Ali estão gestos laboriosos que não raro exigem reclusão, concentração, dedicação e, por vezes, certo isolamento, mas que se fazem numa intensa experiência de encontro, de troca, de compartilhamento, de dádiva, nos saberes intercambiados no grupo, pelo grupo. Temos, então, a urdidura do bordado, seu visco, sua trama tecida em companheiras relações entre mulheres. Por entre panos e fios de algodão, vemos a urdidura dos bordados e das relações, a trama da natureza e da cultura, do humano, demasiadamente humano.

Essa relação única e singular com o bordado foi também observada em trabalhos com grupos de mulheres em outros tempos e contextos. Através de suas narrativas e do trabalho que realizam, tanto as mulheres que pesquisamos na AMBB quanto as observadas por Chagas (2007) e Kodja (2004) estabelecem, ainda, com o bordado, uma relação amorosa, que se corporifica em gestos, sensações e afetos: habilidade e paciência. Ali, morosidade e carinho, se renovam cada vez que elas tomam suas linhas e trançados nas mãos.

Pelas mãos de uma que ensina à outra que aprende e vice-versa, como avesso e direito de uma mesma peça, de uma mesma obra de bordado. Por tudo isso, não poderia ser diferente: elas se sentem orgulhosas ao verem concretizadas, pelas suas mãos, em suas mãos, o que antes era somente imaginação, desejo, idealização. Assim, os sentimentos tornam-se ampliados, quando essa atividade é desenvolvida em grupo. E é em nome deles, isto é, dos sentimentos que o bordar em grupo no coletivo, proporciona, que as Mulheres do Bethânia se reúnem.

Nessa trama, o bordado feito trabalho se torna, para aquelas mulheres, fonte de prazer e de liberdade, pois mesmo que apenas algumas horas, elas têm o controle desse tempo dedicado a elas, um tempo que elas tomam em suas próprias mãos. Algo diferente, por exemplo, de seus longos tempos de dedicação aos outros, seja no trabalho da casa, seja no cuidado dos filhos ou em outras tarefas do dia a dia daquelas mulheres e de milhares de outras. Talvez seja essa uma das razões pelas quais o bordado as realiza. Porque ali estando e assim fazendo, elas podem vivenciar algo possível apenas a uma minoria privilegiada da sociedade, que sob condições específicas, para além da realidade do trabalho assalariado, conseguem vivenciar o trabalho como condição de realização humana, contrapondo-se à alienação, nos termos de Marx. (1985)

Elas têm o controle sobre o tempo que vão utilizar para verem se materializar e concretizar o que mentalmente projetaram. Ao mesmo tempo, elas podem sentir que nesse processo não só (re)significam seus saberes relacionados ao trabalho produzido, mas a si mesmas: sua forma de ver o mundo, a realidade, a si próprias. Em meio as atividades manuais que desenvolvem, elas não apenas a realizam e se realizam, mas nesse processo elas descobrem que podem trocar. Além dos saberes específicos dessas atividades, elas trocam afetos e sentimentos e assim, acabam formando um elo que as aproxima. É a respeito dessas trocas presentes entre elas nos encontros semanais e de seus desdobramentos que trato também de investigar.

6.3. Na experiência do encontro,, os processos educativos

Como mencionado anteriormente, entre as Mulheres do Bethânia, a idéia de que a troca de saberes para aprenderem mais do bordado deve sempre existir é um princípio presente. Por isso, ele é sempre lembrado nas diversas situações vividas no grupo, tal como apontado nas entrevistas. Diante desse princípio e referência, algumas idéias de Marcel Mauss (2003) sobre a dádiva podem nos auxiliar¹¹⁷. Em seus estudos a respeito entre diversos povos nativos da América do Norte, da Polinésia e da Melanésia,

¹¹⁷ O Ensaio sobre a Dádiva trata de um importante estudo de Marcel Mauss sobre um comportamento comum entre diversos povos nativos da América do Norte, da Polinésia e da Melanésia considerados “não civilizados” (não dominadas ainda pelo mercado), a partir dos relatos e estudos etnográficos realizados junto a esses povos.

considerados “não civilizados”, o autor observa que a dádiva é costume presente em rituais nos quais grupos presenteavam outros grupos, estabelecendo entre eles, relações de reciprocidade. Segundo Mauss, essa dádiva envolvia três termos: dar, receber e retribuir e era um costume realizado entre os grupos e não entre os indivíduos. A dádiva envolvia, ainda, conforme o autor, além da dimensão política, a religiosa, a econômica e a moral. Ele salienta, ainda, que essa lógica estava também presente nas sociedades modernas, principalmente nas sociedades ocidentais, não sendo universal em suas características, mas na função que exercia na vida social.

Guardadas as devidas diferenças, sobretudo porque no caso das mulheres do Bethânia há uma troca entre elas, que é individual e não entre grupos, como nos estudos de Mauss, esse princípio da troca é visível entre elas e permite uma aproximação entre uma e outra associada, delas entre si não se limitando ao aspecto técnico ou cognitivo. Essa aproximação mediatizada pelo bordado, sempre presente entre elas, possibilita por um lado, o exercício da humildade diante do que não é sabido, conhecido. Por outro, o respeito e a paciência às limitações e diferenças que ainda estão presentes na colega e, repito, não se restringem apenas a um conhecimento específico, localizado.

Considerado um tema clássico da antropologia, a lógica da dádiva se tornou presente em vários estudos, sendo abordada por outros teóricos e autores¹¹⁸ que a consideram sob diversos ângulos, não sem incorrer em distorções e discrepâncias (LANNA, 2000; SABOURIN 2008).

Há um relativo consenso no sentido de que a dádiva se apresenta como um importante elemento de constituição da vida social, que se movimenta em um constante dar e receber concorrendo, assim, para a formação das sociabilidades e a comunicação mais límpida, sem ruídos, entre as pessoas. De outra parte, o princípio da dádiva não pode ser resumido em uma simples troca, mas numa troca que traz consigo o sentido de uma *“mistura entre almas e coisas, entre riquezas materiais e espirituais, permitindo que entre os homens a sociabilidade e a intersubjetividade existam como mais uma forma de comunicação.”*

118

Nesse estudo, além da obra Mauss busco também melhor entendê-la através da análise de Godelier (2007); Lanna (2000); Eric Sabourin (2008) e verificamos a presença dessa discussão em outros trabalhos, que analisam, inclusive, dimensões da dádiva não detalhadas por Marcel Mauss. Observamos, ainda, entre os estudiosos de suas proposições, diferentes interpretações, provocando vários debates. Diante dessas questões nos ateremos em apresentar nesse trabalho, a dimensão ético-moral da dádiva, observado no grupo pesquisado.

O argumento central no ensaio de Mauss sobre a dádiva, diz respeito à criação de alianças resultantes das trocas estabelecidas e praticadas em diferentes tempos e espaços da realidade social. Assim, elas assumem conforme (Lanna 2000), diferentes formas. Um dos aspectos mencionado pelo autor assume para nós, importante significado. Ele diz respeito ao caráter simbólico das trocas, ultrapassando a dimensão material e utilitária dessa prática, ao mesmo tempo em que possibilita uma compreensão mais abrangente das relações sociais.

No princípio da dádiva está contida a idéia de que ela existe e assume formas variadas em espaços e tempos diversos, não podendo ser reduzida às simples trocas, como são entendidas e praticadas, via de regra, nas sociedades mercantis modernas: intercâmbios exclusivamente materiais feitos entre os indivíduos, separados ou independentes dos aspectos espirituais. As trocas presentes nas dádivas assumem uma dimensão simbólica¹¹⁹.

A aproximação entre o comportamento entre as Associadas do Bethânia e os estudos de Marcel Mauss sobre o tema da dádiva/troca, pode ser percebida no aspecto simbólico que essa prática traz consigo, e suscita outras reflexões. Ao trazermos algumas considerações sobre o tema, temos por objetivo realizar uma análise mais consubstanciada sobre a prática da troca verificada entre as associadas, buscando relacioná-la aos aspectos simbólicos apontados pelo autor. Nesse sentido, não é intenção explorar as demais dimensões de natureza econômica, política ou religiosa presentes nessa sua análise, posto que a dimensão simbólica parece ser a que mais se destaca entre aquelas mulheres.

As horas em que aquelas companheiras estão juntas desenvolvendo suas atividades e seu bordado são momentos importantes e indispensáveis à manutenção do equilíbrio emocional, que muitas vão ali também buscar. Esse equilíbrio elas conseguem

¹¹⁹ Essa dimensão simbólica foi tratada por Mauss como valores espirituais, utilizando-se do nome de MANA: palavra ou termo atribuído ao costume presente nas sociedades dos Maori, que correspondia à propriedade espiritual do doador, que ao doar algo, doava uma parte (espiritual) de si mesmo: a dádiva de si. E porque possui um caráter inalienável, essa dádiva de si criava um laço de dependência para com o outro (donatário), que se sentia na obrigação de restituir, para não ficar na dependência do doador. Para Mauss esse terceiro elemento presente na troca entre os Maori, era uma forma de visualizar o valor moral que essa troca suscitava. Segundo Sabourin (2008) por não achar termo correspondente nas sociedades ocidentais para a força presente na coisa dada, pelo laço espiritual da retribuição da dádiva, Mauss deu-lhe o nome de MANA.

adquirir à medida que sentem que nesse encontro, elas estão por outras razões, além da atividade artesanal. Ao mesmo tempo em que levam para as companheiras e para o grupo algo de si também percebem que trazem algo mais para suas vidas após as reuniões e encontros semanais, pois como diria Mauss, *trata-se no fundo de misturas; misturam-se, as almas nas coisas, misturam-se as coisas nas almas.*

Algumas falas, gestualidades e condutas das associadas apontaram nesta direção, como pode-se observar nestes seus dizeres:

- “*Aqui tenho carinho, respeito e responsabilidade para com o próximo;*”
- “*Vejo aqui bom humor, ânimo, boa vontade, coragem e paciência;*”
- “*Nas reuniões têm muita alegria e satisfação;*”
- “*Aqui tem união, compreensão, amizade. Coisas boas;*”
- “*Achei aprendizado, curso e companheirismo;*”
- “*Muita alegria, porque no dia que estou aqui sai frustração, venho pra cá me esqueço de tudo;*”
- “*Venho porque aqui tem muita amizade. Muita coisa boa;*”
- “*A convivência com as pessoas que a gente conhece é muito bom;*”
- “*Levo comigo muitas amizades, experiências e até lição de vida;*”
- “*Daqui eu levo alegria de estar com o grupo e levo o conhecimento de tudo o que antes eu não sabia, porque quando a gente participa, a gente tem sempre algo para ensinar e algo para aprender, eu sou feliz.*”

Há também outras falas e considerações das mulheres que ilustram claramente a importância das trocas que realizam no grupo, que as fazem retornar a cada quarta-feira quando vão ao encontro umas das outras:

“Então, eu acho muito interessante, porque aqui é onde a gente traz um pouco da gente e leva também um pouco das colegas. Um pouco de amizade, de conhecimento, né? Então a gente tá aqui compartilhando os trabalhos e também os momentos do grupo. Eu acho interessante isso aí.”
(Carmem. Entrevista em 04/06/2008).

Um outro aspecto importante da análise de Mauss refere-se à superação de uma análise binária de forma a unir e não excluir o que está junto. O autor considera as ambiguidades e os paradoxos constitutivos das relações sociais. Neste sentido, ao nos referirmos à convivência, às relações, à sociabilidade entre aquelas companheiras do Grupo do Bethânia, nelas veremos não somente a dimensão simbólica da dádiva analisada por Mauss. Ali existem também, situações contraditórias e ambíguas vividas

nos encontros semanais, sendo elas intrínsecas à existência e ao convívio seja desse seja de qualquer outro grupo social. Isso é perceptível, por exemplo, em falas de algumas, ao afirmarem que já saíram com muita vontade de não mais voltar, mas que não conseguem fazê-lo, por se sentirem envolvidas no grupo e com o grupo.

Assim sendo, obrigação e espontaneidade, doação e retribuição, interesse e desinteresse e outros pares aparentemente opostos se constituem na relação existente entre elas, como elementos presentes no grupo, que se complementarem e permitirem que o grupo sobreviva por várias décadas.

O envolvimento presente entre as associadas e o grupo, corresponde aos desdobramentos que a relação entre elas produz, que diz respeito ao aprendizado da doação e da reciprocidade, do que trocam. Parte delas mesmas, de seus afetos, de suas qualidades pessoais ficam no grupo, compartilhados, numa trama em que vão recebendo e entregando algo delas.

Esse bem inalienável que diz respeito à força dessas trocas, se torna tão importante que ultrapassa as situações desagradáveis, as contrariedades, as desavenças e atritos além de servir como antídoto às tristezas e depressões que elas não querem mais sentir. Nesse convívio elas vivem situações e emoções que as fortalecem, e as fazem crescer e lapidar sua autoestima. Ali, entre pares, entre mulheres, elas conhecem e reconhecem suas habilidades, se sentem importantes por se sentirem úteis e valorizadas. Experimentam novas relações, de fora da casa, numa reinvenção de si mesmas e de suas próprias companheiras.

Nessa experiência, percepções e sentimentos são lembrados inclusive em relação aquelas que já deixaram o grupo. Além de reforçar a idéia de troca do aprendizado nos trabalhos manuais, Carmem, que está no grupo há mais tempo, lembrou-se não só das demais colegas que já ensinaram e saíram, como também do prazer que tinham ao ensinar. Ela relata:

“Teve gente pra ajudar com boa vontade, teve! O macramê, uma amiga me ensinou e, hoje, ela não está no grupo mais, porque ela saiu e fundou um grupo pra ela lá no Tiradentes. Ela me ensinou com tanto carinho e hoje ela fica super feliz de saber que eu faço o macramê de qualquer jeito. Tem o ponto cruz, que teve uma outra colega também, que me ensinou. Ela saiu por motivo de doença. Ela me ensinou a fazer perfeito e falava assim: Se você

aprender a fazer perfeito você vai ver que é muito mais fácil. Você vai fazer mais rápido. E hoje eu tô amando! Tem o vagonite, que eu aprendi com a Lia, porque tem o vagonite normal e o de frutas, flores, esse negócio...” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008).

Ela lembrou-se, também, dos cursos e trabalhos desenvolvidos nas oficinas, coordenados pela PMI. E considera ainda, que, além de aprender com outras colegas da associação, não mais presentes, esse aprendizado se deu mais nas trocas entre elas, nos momentos das reuniões, do que nas atividades realizadas na prefeitura. Ela comenta:

“Tem outras coisas que eu sei fazer, que eu aprendi com pessoas que vieram de fora para dar o curso, mas são mínimas coisas. Quase tudo que eu sei foi dentro do grupo. Eu sei decorar sabonete, eu sei fazer e aprendi lá dentro do grupo. Tem outro sabonete, que você faz trançando fita, eu sei fazer... Quando eu aprendo fora, eu tô sempre ensinando lá.” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008).

Esse tipo de experiência compartilhada entre aquelas mulheres, vai na contramão do que predomina nas sociedades atuais como o individualismo, a competição, o isolamento. Nesse sentido, o tempo para manifestações cotidianas de amizade, companheirismo, solidariedade, que exigem tempo/calma, dedicação, disposição e disponibilidade para construir esse tipo de vínculo torna-se raro, ao contrario do tempo que é vivido e que permite à maioria das Mulheres do Bethânia em suas reuniões semanais, sentirem. A este respeito, Ana observa:

“Ali tem muito companheirismo, tá! Se vê que é um grupo fiel, ali. No meio de 20 pessoas tem umas que falham, mas você sente aquele companheirismo, viu? Aquilo dali, você está sempre encontrando. Por exemplo, se aparece o trabalho pra uma... Igual tem a Ione: a vizinha dela tá com os bordados, as vaquinhas Ela que mandou pra mim. Se aparece um crochê, eu levo pra ela. Então é uma troca mesmo. Um companheirismo que você acha que não vai ter e acaba tendo. É uma amizade gostosa mesmo!” (Ana. Entrevista em 04/06/2008).

Tais valores e afetos se concretizam em atitudes, gestos, palavras e olhares nos momentos dos encontros, resultando na valorização dos mesmos, pois elas também enfrentam em sua rotina diária as exigências que a vida hodierna lhes impõe. Elas estão também submetidas a situações e relações que se caracterizam pela mercantilização da vida, das relações, dos corpos; pela pressa e rapidez; pela espetacularização e

banalização, pela corrosão do caráter, nos termos de Sennet (2005), entre outras características do paradigma hegemônico nas sociedades contemporâneas.

Nos seus encontros e convivência na Associação, aquelas mulheres parecem suspender a dinâmica da vida do dia a dia, experienciando outros tempos e possibilidades do viver: da calma do bordado e da atividade manual, da prosa, da acolhida, dos casos que vão sendo contados, da vida que vai sendo trazida e bordada junto aos panos, nos tecidos. Um tempo de troca e dádiva. Além disso, há também ali um sentimento e um valor inscrito na necessidade humana do exercício constante de doação, de sentimentos e ações que tragam de volta a sensação de bem estar deles resultantes, hoje tão escassos na maioria das situações do cotidiano.

Outro aspecto a considerar no grupo é o de seu compromisso. A este respeito Carmem contrapõe-se a uma colega dizendo:

“Igual tem uma colega nossa que fala assim: ‘Vocês estão precisando de ter mais compromisso!’ Eu não concordo, por quê? Ali, se você for ver, todas são mães de família. São todas pessoas que têm família pra cuidar e todas doam um tempo. Não fazem só ali! Trazem pra casa pra fazer, doam seu tempo, muitas fazem com seu material e levam pra lá. Então, é um compromisso muito importante! Elas estão se doando pra aquele serviço ali...” (Carmem - entrevista em 04/06/2008)

Quanto a essa necessidade e apelo de doação, embora não possam ser confundidos com caridade, podem existir interpretações apressadas que se encarreguem de fazê-la. Nessa perspectiva, lembra-nos Godelier (2003) que com o processo de laicização das sociedades contemporâneas, o apelo à caridade foi substituído pelo apelo à solidariedade, sendo a dádiva caracterizada pela ausência de cálculo. Advoga ainda o autor, que se a dádiva está presente em toda a parte, então, na atualidade ela se tornou uma forma de combater com o que temos.

Contudo, para as mulheres do Bethânia, embora o princípio da troca seja comum e presente no grupo, ele não é unânime, não é linear e tampouco homogêneo. Assim sendo, duas associadas afirmaram que nada ou quase nada aprenderam com as colegas da Associação e que não se sentiram contempladas com a troca de saberes presentes entre elas, tal como afirma uma delas:

“Na verdade eu aprendi pouca coisa, porque acho que a bagagem que eu tenho é bem maior que a maioria delas, de trabalhos manuais. Eu tenho bem mais conhecimento de trabalhos manuais que a maioria delas tem. Na verdade eu acho que há dentro do grupo um certo desinteresse em passar aprendizado. O egoísmo tá falando um pouco alto.” (Soraya - entrevista em 12/06/2008).

Para Soraya não se apresenta de forma positiva o princípio da troca. Também ela considera que não aprendeu muito no que diz respeito aos saberes específicos das atividades manuais no grupo. Entretanto, apesar dessa constatação, o peso que a convivência exerce sobre suas participantes e os processos educativos daí decorrentes parecem ser mais fortes que este tipo de constatação e impressão. Inclusive, porque adiante, a própria Soraya afirmou ter aprendido com a convivência no grupo, dizendo:

“Eu já tive dentro do grupo atritos com as pessoas por causa da chamada, com outra colega a respeito de falar muito alto... A gente acaba batendo de frente e você pensa que a pessoa vai até embora e ela tá lá de volta. Eu acho que isso é um aprendizado. Tanto eu aprendi a respeitar, como ela também aprendeu a respeitar todo grupo. Porque se o grupo necessita de menos barulho, pelo menos, ela tá criando esse hábito... Ela pode não aprender hoje, mas com a falação de todo mundo, com o tempo ela vai se educar e isso é uma troca de aprendizado.” (Soraya - entrevista em 12/06/2008).

Uma vez que os processos educativos informais estão presentes em toda a parte em que existe a convivência coletiva, na Associação eles parecem se dar nestes patamares: da troca; dos saberes compartilhados, divididos; na abertura para o convívio com o outro. E nada se passa de forma homogênea ou regular, pois um dia ou outro, para um das mulheres ou outra, esses processos são irregulares, diversos, múltiplos, como observando, estando entre elas e escutando-as.

Ao nos defrontarmos com os aprendizados que o encontro e a troca proporcionam, vê-se que eles são diversos dos que estão geralmente contidos na educação formal, entre outros aspectos, porque neles não existe de um lado quem ensina e de outro quem aprende. Nos processos educativos extra-escolares, o aprendizado não se estabelece de forma linear, não se dá em uma única direção e inexistem os lugares fixos de quem aprende e de quem ensina. Todas aquelas mulheres estão envolvidas de forma a vivenciarem o aprendizado de quem ensina e de quem aprende na troca do que

sabem sobre os trabalhos manuais que realizam e de outros aprendizados contidos na riqueza de significados que essa experiência enseja.

Os processos educativos inscritos na experiência do encontro se instauram a partir das interações entre aquelas mulheres, a partir do que vivem e fazem juntas. As aprendizagens são produto de situações que a convivência social proporciona e são processadas da forma como cada pessoa consegue estabelecer a relação com a realidade em que vive, com outras pessoas e consigo mesma.

Desse modo é fato que o alcance das experiências compartilhadas pelas Associadas do Bethânia em seus diferentes níveis de participação assume múltiplos significados, modulações e intensidade, repercutindo diferentemente em suas construções identitárias e subjetividades, em suas individualidades. Ao mesmo tempo tais processos e viveres são também coletivos, por se tratar de um grupo de mulheres que partilham além do tempo em comum, viveres e saberes que permeiam e ao mesmo tempo constituem o próprio grupo.

O encontro e as trocas e os processos educativos que instauram contém possibilidades de mudanças na forma como aquelas mulheres se vêem e se sentem, como também se desdobram em seus relacionamentos com seus familiares, com as colegas mais próximas e com participantes de outros grupos. A experiência do vivido, do convívio que elas experienciam semanalmente as forma e as transforma, nos vários aspectos de seus modos de serem. Em outras palavras, uma vez que esse aprendizado é algo da ordem da experiência, do existencial, elas aprendem não somente nos períodos e nas atividades que realizam coletivamente, mas elas se dispõem a novas condutas e aqueles aprendizados se desdobram em outras situações, tempos e espaços de suas vidas cotidianas, a exemplo desta consideração de Ione sobre o seu jeito de ser:

“Ah, eu mudei depois que passei a vir no grupo! Eu chorava demais! Qualquer coisinha eu chorava, qualquer coisa. Eu chorava por que... Até se meu marido falasse comigo, qualquer coisinha que ele falava... Aí parece que depois que peguei a vir pra cá, eu não lembro mais nem de chorar. Ele fala as coisa e eu não tô nem aí. É mesmo. Eu chorava demais! Outro dia ele falou ‘Ione, você era tão chorona, você parou rapidinho’...” (risos) (Ione - entrevista em 18/06/2008)

Conforme já citados, nos estudos nacionais e internacionais sobre os grupos de mulheres já investigados, os processos educativos vividos nas situações e momentos coletivos de trocas dizem respeito às dimensões materiais - a exemplo da confecção e venda da produção artesanal – quanto à dimensão simbólica dessas trocas, configurando novas sociabilidades femininas. Neste sentido, tais estudos revelam experiências semelhantes daquelas vividas pelas Mulheres do Bethânia, por abordarem vivências coletivas que brotam de realidades sociais historicamente situadas, que a partir de relações e vivências novas e diferentes do que aquelas mulheres possuem, provocam mudanças e transformações, possibilitando outras e novas construções de si.

De outra parte, reitero que tais processos educativos se estendem a outras relações sociais e contextos em que estas mulheres se encontram, havendo mudanças que as próprias mulheres observam e constatarem em seu modo de ser e de agir diante dos desafios que enfrentam na vida cotidiana, relacionados às relações conjugais, como relatado por Ione quanto a seu choro que diminuiu ou quanto a outras questões do espaço doméstico e familiar, tal como Carmem e Mara relatam:

“O que eu aprendi lá eu trouxe pra minha vida. Hoje até pra minha vida conjugal, ela melhorou muito, também de lá. Por quê? Antes eu vivia em função de mim. Hoje eu vivo em função dos outros. Dos outros assim, sem esquecer de mim, lógico, né? (Carmem - entrevista em 04/06/2008).

“Aprendi assim, a conviver mais em grupo e a respeitar mais a opinião do outro. Porque lá no grupo, são várias pessoas e pessoas estranhas. Então lá você tem que procurar respeitar o que o outro está falando, aquilo que o outro pode te dar, te ensinar. Aí, você chega aqui dentro de casa, mesmo sendo filho e marido... Você também tem que aceitar.” (Mara - entrevista em 03/06/2008).

Naquelas ocasiões, momentos e atividades juntas, naquelas experiências coletivas e de coletividade, de companheirismo e trocas, naquelas vidas e histórias de mulheres que vão sendo compartilhadas, trançadas por entre o trabalho das mãos, do pensamento, do gesto e da palavra ali trazidos, surgem oportunidades que aproximam aquelas mulheres que se (re)conhecem na semelhança dos relatos sobre as situações e circunstâncias em que vivem, que ali dividem umas com as outras. No grupo está a possibilidade de elas se conhecerem e reconhecerem, de comungarem desejos, sonhos, de falarem de seus problemas, de suas necessidades afetivas, trazidos às conversas. Nessa partilha questões muitas vezes relegadas em suas vidas, vão emergindo. Vão

sendo lapidadas, reelaboradas, interrogadas, (re)significadas a partir da escuta, da troca, das aproximações que vão fazendo de seus viveres e histórias individuais, uma história que se torna também a história da outra, daquela companheira que ali está. Elas se (re)conhecem, por exemplo, ao falarem dos problemas que viveram no âmbito da denominada violência doméstica contra a mulher.

De outra parte, esta escuta mútua, as vivências e sentimentos comuns podem contribuir para a ampliação das relações interpessoais no grupo e dos laços afetivos, balizados pela confiança e cumplicidade que vão sendo construídos entre elas, como alguns autores e estudos sinalizam. Embora não possa ser afirmado que esta seja uma prática presente em todos os lugares em que grupos de mulheres se organizam e se articulam, alguns estudos reiteram estas constatações e observações que registramos em relação à AMBB. Tais constatações e descobertas relativas ao grupo de mulheres da Associação do Bethânia estão também em trabalhos e publicações internacionais¹²⁰ que analisam a construção de identidades coletivas, a (re)significação da subjetividade nas diferentes experiências vividas por grupos de mulheres, como por exemplo, Silvina Buffa, ao se reportar ao estudo realizado sobre grupos de mulheres das camadas populares:

Se fortalecen y amplían los vínculos y las relaciones de confianza y ayuda mutua reflejado en la idea de que: *“ahora las otras saben mi historia”*. Además, se desarrolla la producción y circulación de saberes relativos a sus experiencias, sus trabajos y trayectorias compartidas. Esto contribuye a la conformación de una identidad colectiva producida a partir de experiencias compartidas en interacciones sociales y condiciones de vida similares (BUFFA, 2006, p.6)

De forma análoga, estudos e publicações nacionais discutem a construção de identidades coletivas a partir das experiências vivenciadas por grupos de mulheres diversos, que guardam similitude com as Mulheres do Bethânia. Em sua convivência aquelas mulheres vão forjando uma identidade coletiva que se processa em situações de estranhamento e de conflitos, que as fazem pensar, reelaborar e desconstruir verdades, preconceitos e concepções que consideravam únicos, passando a compreendê-los como algo circunscrito aos contextos histórico-sociais em que vivem.

¹²⁰ A este respeito podem ser lembrados os trabalhos de Graciela Alonso e Raul Diaz (2002); de Mirta Barbieri (2006); de Mota (2006) e de Barbosa (2006).

Assim, e apesar de suas diferenças, as mulheres desses grupos passam a se reconhecerem como próximas, com referências comuns, sem que estas suplantem as suas individualidades. Esses aspectos observados entre as mulheres do Bethânia são reiterados em pesquisas que tanto abordam as atividades manuais e o bordado, como as ações de grupos de mulheres, como o grupo de mulheres quebradeiras de coco, no norte do Brasil. Embora se trate de realidades e atividades muito diferentes, o estudo das quebradeiras, entre outros, têm similitudes em suas descobertas quando comparado ao grupo das mulheres do Bethânia, no que tange aos processos de construção de identidades coletivas e individuais. Quanto a isso, Mota salienta:

A construção da identidade desvela-se entre as trabalhadoras rurais como um processo que envolve ou articula uma experiência que é subjetivada, internalizada e sentida de modo individuado –ou individualizante –e uma outra experiência que é objetivada, projetada nas condições sociais, históricas, políticas do grupo. Embora seja uma produção coletiva, a identidade tem um aspecto de subjetivação e de objetivação que articula conflitos e heterogeneidades ao tempo em que funda uma integração e similaridades. (MOTA, 2006, p.8)

No caso das mulheres do Bethânia ressalta-se, ainda, o sentimento de orgulho por pertencer ao grupo e de fazer parte de sua construção. Este tipo de sentimento se revela, por exemplo, nas palavras de uma das associadas que assim se referiu à AMBB, dizendo que: *“O Grupo de Mulheres já faz parte da minha vida. Eu tenho orgulho de falar que participo da Associação mesmo não sabendo fazer ponto cruz!”*.

Ruth, outra associada, também foi clara e enfática quanto à importância que atribui ao grupo. Ela fala:

“Eu gosto demais desse povo, minha filha! Eu acho lindo esse povo, essas mulheres! Eu gosto demais delas, principalmente a Lia! Eu amo! Eu gosto, eu adoro esse lugar!(risos) Aqui que eu aprendi a viver e aqui que eu vou ficar pra mim ir aprendendo mais e ir ensinando também o que a gente sabe, né?” (Ruth - entrevista em 18/06/2008).

Claro está que as subjetividades daquelas mulheres da Associação do Bethânia, como das mulheres de outros grupos investigados não são um dado definitivo, fixo e acabado, mas em permanente processo de (re)elaboração. Em decorrência das apropriações contidas em suas trocas e das experiências que vivem individualmente,

cada uma a seu modo, se envolve nele e com ele. Entretanto, há algo de positivo que se sobrepõe, já que aquelas mulheres ali estão, por livre escolha e deliberação, posto que nada as obriga a tal.

Sobre esses momentos do encontro é possível observar o desenvolvimento de uma pedagogia, de um aprendizado de vida, numa direção diversa das formas do ensinar e aprender sistematizadas, próprias da educação formal, da escolarização. Tais experiências podem representar e se constituírem por certa desinstalação de saberes, de certezas, de modos de ser e de viver. E nessa pedagogia do encontro e da experiência, aquelas mulheres aprendem novas sociabilidades e novos sentimentos de si, sem que isso seja algo homogêneo ou generalizado entre todas as participantes dos grupos, conforme Alonso e Dias (2002) e Mota (2006).

Ainda sobre essa pedagogia, ela só se realiza no entendimento das mulheres sobre suas experiências que extrapolam o sentido de experimentação objetiva, empírica para alcançar a dimensão da abertura para outros sentidos: perceber, sentir, internalizar, estranhar, redimensionar verdades, preconceitos e (pre)conceitos, e, assim, se deixar (trans)formar (LARROSA, 2004). A confiança em si e no grupo estabelecida pela identificação de experiências comuns entre algumas mulheres permite que a aproximação entre elas se estreite. De forma geral, esse sentimento perpassa algumas, diante do que registraram ao se reportarem às dificuldades que sentiram e que foram superadas na convivência com o grupo:

- *“Traição no matrimônio. Depois dessa ocorrência me tornei mais forte e o grupo me ajudou demais;”*
- *“Tinha dificuldade de dizer que não consigo entender o que estão ensinando. Aos poucos estou enfrentando e me sinto melhor;”*
- *“Eu tinha muita dificuldade de falar e acho que superei;”*
- *“Consegui enfrentar as colegas;”*
- *“Saber calar, aceitar opiniões. Com certeza, quando vencemos nossas dificuldades nos sentimos bem;”*
- *“Me soltei, me libertei ao aprender a falar com as pessoas. Pedi desculpas e me senti bem;”*
- *“Sentia dificuldades em me integrar no grupo, depois que me acostumei, tudo ficou bem melhor. Hoje eu já não tenho nenhuma dificuldade. Tenho amizade com todas.”*

Da mesma forma, nas entrevistas algumas demonstraram que aprenderam a viver melhor, naquela convivência que ensina a exemplo de Ruth, ao se reportar à própria vida:

“Teve muita coisa assim que a gente aprendeu com a convivência, conversando uma com a outra. Às vezes eu achava que estava sofrendo, mas aí, conversando tem gente que tá mais sofrido do que eu. A gente leva isso pra casa, acaba pedindo a Deus pela gente e pela aquela que conversou com a gente, né?” (Ruth - entrevista em 18/06/2008).

À semelhança dessa pedagogia construída no aprendizado dos encontros, Alonso e Diaz (2002) e Mota (2006) apresentaram em seus estudos, da mesma forma que aqui apontamos, os desafios que se evidenciaram para os grupos de mulheres por eles investigados, diante de situações de imprevisibilidade decorrentes da convivência, colocando em xeque as certezas e verdades aparentemente únicas.

Seguindo adiante na tentativa de compreender os processos educativos inscritos no que denomino de pedagogia da experiência do encontro entre mulheres, os relatos de algumas daquelas associadas revelaram seu caráter dinâmico e multifacetado. Embora aqui expostos de forma organizada, não é dessa maneira que eles são vividos, sentidos e percebidos pelas mulheres. Assim, também ali os sentimentos, comportamentos e subjetividades se constituem e manifestam de forma contraditória, ambígua e confusa, para as próprias mulheres envolvidas. Isto porque, embora o que elas vão fazendo e vivendo ali, os significados e sentimentos que experienciam entram em contato, se confrontam com outras experiências pessoais já vividas pelas participantes, num fluxo dinâmico em que novos elementos, saberes e questões vão sendo agregados, internalizados e subjetivados.

Não há como perceber as mudanças de uma só vez justamente por se tratar de um processo que é ininterrupto e dinâmico e que se processa individual subjetivamente. Talvez por essa razão, os processos educativos percebidos de forma nítida por algumas associadas, não sejam percebidos e com a mesma clareza e da mesma forma por outras. Esse fato fica claro se confrontarmos as posições de algumas entrevistadas com aquelas assumidas por outra, uma associada que embora estivesse no grupo em busca de aprendizados como as demais, não conseguiu encontrá-los:

“Desde que eu vejo falar, isso aqui (trabalhos manuais) era feito na Prefeitura Municipal de Ipatinga. Antigamente, 10 anos atrás, isso aqui era bom, agora não. É só bate-papo, você não aprende nada não. [...] O aprendizado com a convivência? Eu não, não aprendi nada. Você sabe qual é o problema, eles sempre me convidam pra eu ir em reunião e eu não vou. [...] Faz falta (o grupo), toda quarta-feira. [...] O povo enjoa porque ... por causa disso mesmo. Só a mesma rotina desde quando fundou este grupo. [...] É, só pra distrair, pra passar o tempo. Vai indo você enjoa, só igreja-casa, casa-igreja, a gente fica estressada.” (Dirce. Entrevista em 11/06/2008).

No que diz respeito à convivência entre as mulheres do Bethânia, o fato de que algumas delas possuem comportamentos diferentes do que é esperado no grupo, provocando certa animosidade entre elas, algumas vezes é ultrapassado, outras vezes, esquecido. As mudanças internas que ocorrem em ritmos e intensidades diferentes para cada uma, dependem do grau de abertura e do entendimento que vão sendo assimilados diante das situações vividas. Tais questões podem ser ilustradas pelo seguinte relato de nossa entrevistada:

“Porque, às vezes, a gente fala as coisas de uma maneira, de uma forma e as pessoas traduzem aquilo de outra forma e acabam magoando a gente, entendeu? Vamos supor que eu te ofendi, mas eu te ofendi sem querer te ofender. Eu falei alguma coisa do meu jeito, da maneira que eu sou, mas você gostaria de ouvir aquilo de outra forma, mas não é de outra forma que eu sei falar. Ai você não gostou. Você dá uma resposta ofensiva e aquilo acaba magoando. Tem muita gente que custa para entender que eu não falei ofendendo. Falei por minha maneira de ser.” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008)

De forma pontual algumas entrevistadas posicionarem-se quanto ao aprendizado, não circunscrito aos trabalhos manuais, às palestras e cursos realizados. Alguns relatos foram significativos por se referirem ao aprendizado e mudanças decorrentes dos conflitos vividos, como revelado a seguir:

“Aprendi com as pessoas, né? Aprendi a conviver mais com as pessoas. Assim, talvez a pessoa... A gente pensa assim: a pessoa me deu uma rachada e aqui a gente nem considera que é uma. A gente deixa passar. Eu levo daqui pra fora só a amizade mesmo, né? Porque graças a Deus eu não tenho inimizade.” (Ione. Entrevista em 18/06/2008)

Resultantes da combinação das questões objetivas e subjetivas das práticas e relações sociais, os processos educativos se constituem como complementares no interior mesmo das experiências compartilhadas. Neste sentido, eles são processos de

construção identitária, sejam eles coletivos, ou individuais, além de poderem se desenrolar em processos que configuram novas sociabilidades.

Além da mudança de comportamento observada no interior do próprio grupo, nas relações com as colegas, também algumas mulheres do Bethânia reconheceram outros tipos de aprendizado decorrentes da convivência com as companheiras, como foi o caso de Mara. Ela e outras colegas relataram que no grupo perceberam suas limitações, tiveram que olhar para dentro de si mesmas e foram mudando seus comportamentos e suas ações em relação às colegas. O reconhecimento dos próprios limites implica uma habilidade de transcendê-los, pois só assim o reconhecimento do limite é possível. Mais uma vez a demonstração de que experiências e processos educativos se associam e se constituem mutuamente. No caso das mulheres da AMBB, num exercício pedagógico inscrito na convivência e nas práticas sociais entre mulheres, nos quais se enredam, tal como salientado por Mara:

“Minha opinião tinha que prevalecer, aliás, na minha família acho que quase todo mundo é assim. A gente não gosta de dar o braço a torcer. É isso, isso e isso. E lá no grupo eu aprendi isso que não é assim. Então eu mudei. Mudei muito em relação a isto.” (Mara. Entrevista em 03/06/2010).

A atitude de olhar para dentro de si procurando encontrar não as qualidades, mas os limites e aquela parte mais frágil, que existe que é própria da condição humana, mas que se procura esconder, negar e não se quer ver, não é exercício fácil de realizar. Nesse reconhecimento de seus próprios limites, aquelas que assim conseguem proceder, demonstram mais uma vez, e, de forma silenciosa e anônima, que são capazes de superá-los, instaurando novas formas de ser e de se relacionar com os outros. No caso da paciência de Carmem, com as outras. Ela relata:

“Tem umas senhorinhas ali que elas me adoram ‘Nossa, você tem uma paciência pra me ensinar!’ Então assim, antigamente eu não tinha paciência pra ensinar as pessoas. Eu não tinha paciência de conversar muito tempo. Hoje eu aprendi a ensinar, eu aprendi a ter paciência. Eu aprendi muita coisa. Tem muita coisa pra aprender ainda, mas...” (Carmem. Entrevista realizada em 04/06/2008).

De outra parte, na relação sujeito-experiência os processos educativos que se desenvolvem, geralmente contém a reflexividade do sujeito. Conforme Vêras,

O diálogo sujeito-experiência exige, antes de mais nada, como condição de sua potencialização, uma determinada postura do primeiro frente à segunda. Do sujeito (como pessoa-grupo) espera-se que busque uma articulação fecunda entre seu pensar e seu fazer. Trata-se essencialmente de uma postura educativa, se admitimos que o grande e fundamental desafio do processo educativo consiste em se poderem estabelecer situações de reflexão sobre os problemas que a prática coloca (VÉRAS, 2001, p. 54).

Ao associar a reflexão às suas práticas e vivências, transformando-as em experiência, uma das bases dos processos educativos, o autor acrescenta às proposições até aqui apresentadas, o lugar da subjetividade nesse processo. Isto porque é a reflexão “um pensamento diferenciado, resultante de uma necessidade que se impõe objetivamente e é assumida subjetivamente,” prossegue Vêras (2001, p.56)

Aprender a respeitar o diferente nos momentos das reuniões, reconhecer os próprios limites e mudar a conduta foram aprendizados apontados por algumas das mulheres do Bethânia como fatos significativos para elas. E, a esse respeito, é interessante ressaltar que o aprendizado da convivência possibilita diferentes tipos de posturas e atitudes que não se restringiram ao ambiente das reuniões da Associação, como já registrado, pois se amplia para outras situações e contextos das vidas dessas mulheres, como Carmem salientou:

“Eu aprendi muita coisa boa ali! Eu, às vezes não vou saber explicar, mas... Eu aprendi a calar na hora certa; eu aprendi que você nunca deve debater com o outro quando o outro está nervoso. Eu aprendi como trabalhar em conjunto, como você doar seu trabalho pra alguém; como você pode ajudar as pessoas.” (Carmem. Entrevista em 04/06/2008.)

Tais experiências, sinônimos de processos educativos inscritos nas subjetividades, tornam-se referências para outras experiências e situações vividas. As especificidades das histórias de vida anteriores e/ou atuais daquelas diferentes mulheres e as experiências no grupo estão implicadas na singularidade, na individualidade e na subjetividade de cada mulher participante. Essas particularidades influenciam nas maneiras pelas quais as situações vividas e as aprendizagens compartilhadas vão sendo apropriadas e reelaboradas, significadas e (re)significadas por cada uma delas. Interferem na conformação e na dinâmica do grupo e vice-versa.

Uma outra dimensão da aprendizagem experimentada pelas mulheres do Bethânia a partir do encontro e das relações entre elas, diz respeito à valorização de aspectos relativos à própria vida. Ana, por exemplo, vendo as dificuldades de algumas companheiras, não mais se sente vítima de situações e circunstâncias vividas, mesmo que às vezes, muito difíceis, uma vez que constata que algumas companheiras também passam por dificuldades. Ela diz:

“Você traz (da convivência do grupo) muitos aprendizados. Porque, conforme você vê uma pessoa discutindo por pouca coisa, então você aprende a valorizar um pouco mais. Você vê as pessoas reclamando daqui, reclamando dali, e tem hora que você aprende a ver que a sua vida está muito boa! (risos) É um aprendizado constante; é no seu dia a dia.” (Ana. Entrevista em 04/06/2008. Grifos meus).

Por outro lado, há também na convivência o não resolvido, talvez pelo não dito. Assim, foram lembradas, as situações pouco agradáveis já vividas, mas que de alguma forma se eternizam por não terem sido resolvidas, faladas. Esse fato pode ser ilustrado no relato de Carmem sobre imagens sobre ela existentes no grupo. Ela diz: *“Tem muita gente ali, que você vê que gosta de mim, mas tem pessoas ali, que parecem que não engole muito a gente. Não sei se é a maioria que gosta não.”* Também Ione se lembrou, durante a entrevista, de situações em que os mal entendidos relacionados a ela perduraram, pois ela os desconhecia e por isso, não pode tomar uma atitude sobre isso.

“Assim, o que já aconteceu aqui de conflito, eu pedi desculpa e pronto! Se for na hora pede na hora, se for depois pede depois porque... Às vezes, acontece uma coisa que a gente nem fica sabendo... Aí, a gente pede desculpas, né?” (Ione. Entrevista em 18/06/2008).

Diante de tais situações, em que o não resolvido se evidencia, pode ficar a falsa idéia de que os conflitos significam ameaça à coesão do grupo. Mesmo que aparentemente não produza resultados positivos ou o esperado, o conflito como já mencionado, é um elemento não só de perpetuação do grupo como está intrinsecamente presente na própria relação, conforme Simmel (1983).

Uma vez não resolvidos ou não explicitados, eles deixam nas pessoas envolvidas impressões, às vezes, sem correspondência com a realidade. Esta é uma das múltiplas dimensões presentes nos processos educativos que demonstram sua complexidade e a

forma diferenciada como cada uma das mulheres envolvidas responde às situações, segundo estrutura própria e histórias de vida. Quanto aos não ditos, há relatos das entrevistadas que o justificam, pelas imagens que se tem da pessoa, por ser ela considerada inflexível na revisão das próprias ações, palavras e atitudes, como ilustram as falas abaixo:

“Ela tinha umas brincadeiras sem graça. Às vezes quando a Lia estava falando, ela entrava brincando e umas brincadeiras sem graça, que interrompia as pessoas de falar. Ela tem desse problema ainda, mas é bem menos.” (Ana Entrevista em 04/06/2008).

“Algumas mães (colegas) reclamaram de mim. Lia disse que se alguém tiver algum problema é para falar ali mesmo, para não haver fofocas. Ela pede para falar ali na hora. Acaba ficando na mesma, porque ninguém fala.” (Dora. Entrevista em 12/06/2008. Grifos meus).

Voltando à idéia de que os processos educativos só se realizam numa atitude de abertura e de “escuta” (LARROSA 2004), pois dizem respeito às descobertas individuais e subjetivas, que ultrapassam as relações interpessoais, nos reportamos a uma descoberta feita por uma das associadas. Aparentemente quase imperceptível, a experiência que viveu foi, segundo ela, uma grande descoberta para si mesma, que a fez mudar a sua forma de se ver, tendo sido muito importante. Rosa relata:

“Acho que aprendi sim, de tá valorizando eu mesma. Não ficar lá agarrada em casa, limpando casa, né? Todo dia, limpando tirando as coisas do lugar... É, eu aprendi com a convivência, né? Você tem que sobrar um tempo pra você. Não é só a sua casa. Sua casa vai ficar lá...” (Rosa. Entrevista em 25/06/2008)

Essa fala foi de uma das associadas mais tímidas e introvertidas do grupo e é grande o seu alcance em relação à sua condição de mulher. Esse seu relato demonstra a importância e os desdobramentos de sua convivência no grupo, na qual aprendeu outras possibilidades de viver o seu dia a dia, para além da rotina de dona de casa. Ela conseguiu formular o desejo de ter um tempo para ela mesma, como um tempo que tem que sobrar, como um direito e uma necessidade. Aqui estamos diante de processos de (re)significação e de novas subjetividades, configurando uma mudança do “ser para si”, em substituição ao “ser para o outro”, nos termos de Buffa (2006, p.6)

Rosa se lembra:

“Porque às vezes eu não tirava um tempo pra fazer estas coisas. Ficava muito preocupava com roupa, com casa, né?... É claro que a gente tem que preocupar com os filhos, com a roupa que ele vai trabalhar e tudo, mas a gente tem que largar é pra lá! ‘Amanhã eu vou cuidar dessa casa, hoje eu vou fazer isso, vou cuidar de mim, vou pintar meu cabelo, vou fazer minha unha’... É isso.” (Rosa. Entrevista em 25/06/2008)

Considerados os níveis diferenciados de participação das mulheres com maior ou menor presença e envolvimento com o grupo, as reflexões que os encontros regulares entre elas propicia se evidencia ao se (re)pensar as próprias experiências vividas de uma forma mais reflexiva, conforme salientado por Vêras (2001).

Para Rosa essa reflexão trouxe à tona, um outro tipo de conduta, desvalorizada por ela mesma até então: ela passou a considerar o direito a algumas horas de sua vida cotidiana dedicadas a ela mesma, às suas questões pessoais como mulher. Essas extrapolam o exclusivo desempenho de seus papéis como mãe, esposa, dona de casa, trabalhadora. Papéis usualmente atribuídos e assumidos pelas mulheres, como inexoráveis e mais importantes que elas próprias, do que seu cuidado e dedicação a si mesmas. Rosa prossegue:

“A pessoa mais importante sou eu né? Os meninos falam assim: ‘Mãe, por que você não faz isso pra mim?’ (E ela respondendo) ‘Ah, porque eu não tive tempo’. Antes eu fazia. Eu punha eles tudo na minha frente e agora não. Agora sou eu! Eu fico na frente.”(Rosa. Entrevista em 25/06/2008. Grifos meus)

Esse pode ser considerado como um entre os vários aprendizados que o encontro daquelas mulheres lhes proporcionou, ainda que tudo se passe de forma e com diferente intensidade para uma mulher e outra associada. No caso de Rosa estar no grupo, encontrar as companheiras lhe possibilitou viver situações nas quais teve oportunidades de repensar aspectos de sua vida pessoal e cotidiana que foram sendo naturalizados, tal como a incorporação de certos papéis socialmente destinados às mulheres. Ali, ela começa a se autovalorizar, deixando de sempre valorizar e dedicar-se ao outro, priorizado em seus tempos, em sua vida, como ocorre com inúmeras mulheres.

Finalmente, compondo o quadro dos processos educativos vividos pelas associadas da AMBB, deixo para abordar em último lugar por serem mais evidentes e se limitarem aos limites da agulha e da linha, as aprendizagens específicas, provenientes do conhecimento sobre as diferentes técnicas e diversas atividades manuais/artesanais que elas realizam no grupo. Desde os mais tradicionais como o bordado, o crochê, o tricô, passando pelos trabalhos artesanais mais elaborados. Entre as atividades artesanais estão, os trabalhos em couro, corda, pintura e cerâmica aprendidos dentro e fora da Associação como ilustram os relatos de uma delas:

“Eu gosto muito de artesanato, mas artesanato mais bruto. Nossa, o grupo me favoreceu muitos cursos! Fizemos um curso de tear, está até aqui em casa. Das cinco que fizeram o curso só sobrou eu (presente na associação). Aprendi a fazer uma ata com os cursos que eu fiz, aprendi a fazer vagonite, a fazer bolsa, cinto, macramê.” (Mara. Entrevista em 03/06/2008).

Também nesse aspecto, é claro para as entrevistadas, que assim como aprenderam, já ensinaram pontos e técnicas diversas a outras companheiras. Além dos trabalhos manuais foram lembradas por algumas das entrevistadas outras atividades também realizadas, através de cursos e palestras que foram, em sua maioria, promovidos pela Prefeitura e não se restringiram aos trabalhos manuais. Mesmo quem ingressou na Associação após a década de 1990 e não participou dos cursos ofertados pela administração municipal, lembrou-se deste período como significativo:

“Quando entrei já tinha passado esta época de oficinas. O Sebastião Quintão (prefeito) já tinha assumido a prefeitura. Na época do PT tinha apoio, tinha oficinas, até maquinário a prefeitura mandava pra desenvolver algum aprendizado como couro, macramê. Mas foi antes de mim. Depois que eu cheguei, nós nos viramos mesmo.” (Soraya. Entrevista em 12/06/2008)

Ainda sobre o aprendizado relativo aos trabalhos manuais e artesanais existem entre elas, duas que embora estejam há mais de 5 anos frequentes nas reuniões, não sabem fazer quase nada, por opção, segundo suas palavras. Parece que para essas associadas sentirem-se integrantes do grupo, estarem presentes às reuniões e participarem das atividades já é o suficiente, já lhes basta, tal como Mara salienta:

“Eu não aprendi muita coisa no grupo. Eu não sei bordar (risos). Eu e a outra colega. A Lia vive falando que estou há quase 10 anos no grupo, sem fazer trabalhos. Chego lá e fico enrolando (risos). Ana marcou um punhado de vezes, de me ensinar a bordar na casa dela e eu não vou...” (Mara. E entrevista em 03/06/2008).

Esse relato de Mara demonstra que mesmo sendo considerado também como um grupo de geração de trabalho e renda e, embora as reuniões semanais ocorram para este fim, pelo menos para duas delas, outros aspectos além do aprendizado específico dos trabalhos manuais são priorizados na Associação das Mulheres do Bairro Bethânia. Nesse sentido, elas são mais um exemplo de que outros são os motivos para estarem no grupo e outras são as aprendizagens em momentos de encontro. A esse respeito, Barreto enfatiza que “a experiência resultante da convivência se traduz em um processo permanente de formação. Não é o curso que forma, embora proporcione momentos importantes de reflexão e de elaboração.” (BARRETO. 1991, p.56)

No que diz respeito às palestras e cursos realizados no grupo, conforme as entrevistadas, os temas variaram.¹²¹ Embora tivessem ocorrido palestras com temas relativos às questões e aos desafios enfrentados pelas mulheres na atualidade, como violência doméstica, depressão, auto-estima e trabalho, por exemplo, os temas mais lembrados por elas foram os relacionados à saúde. Além disso, mesmo considerando todos eles interessantes, uma mencionou certo cansaço, diante da duração e da repetição nas palestras que foram lembradas.

No repertório dos aprendizados daquelas mulheres nos seus encontros em torno da AMBB, embora elas não tenham se manifestado de forma direta sobre a questão da autoestima, a menção a esta dimensão de seus viveres no grupo sempre esteve presente em seus relatos, em seus gestos e condutas. De forma direta, mediante os depoimentos das informantes privilegiadas que ouvimos no início da pesquisa, que nos auxiliaram na reconstituição da história do Movimento de Mulheres de Ipatinga. Também de forma indireta, por meio das observações de campo, durante as reuniões do grupo da AMBB, na qual apreendi indícios de autoestima em suas atitudes, gestos e brincadeiras.

Para tanto, tomo esse termo em seu significado mais usual, que nos conduz a questões mais complexas, que se reportam aos aspectos subjetivos. No caso daquelas

¹²¹ Sobre os cursos e palestras ofertados, não foi possível encontrar nos documentos disponibilizados na PMI, um detalhamento sobre eles: quais foram, quem os ofereceu, quantos ocorreram e com que periodicidade, foram questões que não puderam ser respondidas. Também nos momentos das entrevistas com as associadas do Bethânia, elas não souberam precisar ao certo. Nos registros das atas, verificou-se os informes constantes sobre convites de cursos e palestras sob a coordenação da PMI com temas acima citados.

mulheres, relacionadas à autoconfiança e também à autovalorização de si mesmas e à segurança quanto à forma de se verem. Questões que implicam em desdobramentos.

Em outros termos, os relatos e falas das entrevistadas evidenciaram, ainda, os sentimentos e significados inscritos em suas aprendizagens. Ou mesmo, a positividade e o contentamento que atribuem ao que vivenciam na Associação, levam-me a supor que muito de seus aprendizados vividos naquela pedagogia da experiência do encontro entre mulheres é algo que lhes traz alegria e satisfação. Como exemplo, relembro a fala de Rosa ao afirmar que ali aprendeu a se colocar em primeiro lugar. Ou mesmo, de Ana, que destaca a sua sensação de bem estar após mais um dia de encontro semanal.

Há ainda a tranquilidade e a segurança percebidas em Mara e em Carmem ao relatarem, mais de uma vez, que depois de seu ingresso na Associação, elas saíram da depressão em que se encontravam. Há também o reconhecimento de Ione e Soraya ao mencionarem confiantes as mudanças que viram em si mesmas, em suas relações com as colegas do grupo. Reportam-se ainda às suas novas atitudes e condutas em outros espaços e momentos de suas vidas, quando se colocam de outra maneira diante dos fatos, das pessoas, das dificuldades. Nesta direção podemos supor, que houve uma elevação positiva da autoestima daquelas mulheres, ou de parte delas, mediante sua participação e aprendizados no grupo.

O fato daquele grupo de mulheres sair da exclusividade do espaço doméstico, não raro, marcado pela depressão e pelo isolamento social, para os momentos do encontro semanal entre elas, parece indicar que elas já começam a tomar atitudes em favor delas mesmas, em torno do proveito que aquela convivência proporciona: alegria, bem estar, satisfação diante das relações intersubjetivas mantidas e dos aprendizados vários que os encontros proporcionam.

Enfim, o reforço ou (re)descoberta de si mesmas e a elevação da autoestima é uma realidade entre algumas delas, embora a extensão e a profundidade dessa mudanças e seus desdobramentos possam estar diluídos, invisíveis, fluídos em suas vidas e modos de ser, no dia a dia de suas histórias e percursos entre a casa e a igreja, o bairro, a cidade.

Desse modo, os relatos das associadas da AMBB, assim como as observações e os registros de campo evidenciaram a existência de uma pedagogia da experiência do encontro, que é rica e fecunda por sua permanente elaboração. As trocas são efetuadas. Partem de cada uma e para cada uma retornam, assim como para o grupo como um todo, de forma renovada, ao trazer novos e diversos elementos resultantes dessas trocas que ocorrem entre elas. Elementos a princípio pouco perceptíveis, mas que no entanto, fazem toda a diferença para elas, que estão envolvidas e implicadas nessa convivência coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa em que tomo a História das Mulheres como pano de fundo espero ter conseguido reconstituir parte da história dos grupos de mulheres de Ipatinga, que foi sendo construída e pacientemente costurada por elas num contexto e espaço histórico-cultural determinado, assumindo, assim, a sua especificidade própria.

Considerei importante apresentar na reconstituição dessa história, a criação do Conselho Municipal das Mulheres e o Movimento de Mulheres de Ipatinga, frutos de suas realizações.

Privilegiando a análise das experiências vividas, pelo grupo de mulheres da Associação de Mulheres do Bairro Bethânia, as investigações permitiram confirmar a existência entre elas, de um processo de mudanças em decorrência das experiências coletivas vividas, que guardam relação de reciprocidade com suas experiências individuais. As experiências compartilhadas no grupo tiveram ao mesmo tempo, significado coletivo e individual, uma vez que é também singular, a forma como são percebidas e apropriadas por cada participante.

Os níveis diferenciados de envolvimento entre elas se verificaram, além das falas, mediante gestos, olhares, atitudes e comportamentos, revelando maior ou menor sentimento de pertencimento ao grupo. As horas semanais em que elas se encontram, se constituem em momentos que ultrapassam os saberes específicos do artesanato. Mais do que pontos do bordado, ali, elas tecem, compartilham e trocam, valores, sentimentos e afetos. Através desses pontos elas vão costurando e tecendo uma pedagogia do encontro mediada pelas trocas, que se evidencia nas relações e práticas sociais não circunscritas aos tempos e espaços reservados às reuniões semanais do grupo.

Envolvidas nesse processo, as Mulheres do Bethânia reforçam entre elas, o princípio da partilha, da dádiva, quando ensinam e aprendem, num processo que é permanente, dinâmico, cíclico. Elas doam e se doam e ao se doarem se revitalizam e se realizam. Por entre esses fios que vão sendo tecidos, essas mulheres percebem-se, encontram-se se reconhecem e se estranham. Ao ser tecida pelas mulheres que trazem consigo, suas histórias de vida, e, portanto, igualmente portadoras de determinações

históricas e socioculturais específicas, essa costura, vai se constituindo, ganhando vida e cor, sendo seu conteúdo marcado pelos conflitos, desencontros e ambigüidades

Estes elementos inerentes à própria vida, por sua vez, cumprem na pedagogia dessa experiência vivida, que é costurada a varias mãos, o papel de auxiliar, abalar, desestabilizar e desconstruir certezas, convicções e verdades tidas como absolutas. Dessa forma, trata-se de uma pedagogia que acrescenta e contribui no processo de formação humana, na (re)significação de subjetividades e construção de novas sociabilidades, num processo que se manifesta no coletivo, porém só passível de ser assimilado e apreendido individual e subjetivamente. Esse é o produto que essa pedagogia do encontro permeada pelas trocas proporciona: a caminhada pessoal e intransferível de cada mulher envolvida e implicada nesse grupo que mais que um coletivo torna-se uma fratria de mulheres.

Assim, nesse processo, elas se tornam, ao mesmo tempo, mestres e aprendizes, pois mediante as trocas, as Mulheres do Bethânia ensinam e aprendem. E assim elas se revelam. Participam, sentem, criam e re-criam aspectos subjetivos e simbólicos nelas existentes nas mais diversas dimensões. Também ali, experienciam situações nas quais vivenciam formas outras de se relacionarem e se perceberem, assim como a realidade nos microespaços em que vivem, tecem relações e sonhos.

Desse modo, elas, na convivência constroem novas sociabilidades e (re)significam suas subjetividades. Essa experiência do encontro permite a elas também experimentar reflexões que lhes permitem analisar, comparar e redimensionar aspectos de suas vidas e de si mesmas e que estão presentes no grupo.

Ainda sobre a dinâmica existente no grupo ressaltamos a complexidade dessas relações nele engendradas. Elas se evidenciadas também pelos papeis que são desempenhados no grupo, às vezes, pouco perceptíveis entre suas participantes. No entanto são importantes à existência e continuidade no grupo. Referimo-nos aos significados implícitos e, por vezes, presentes nos comportamentos e atitudes desenvolvidas entre as participantes que se evidenciam de diferentes formas: nas falas e silêncios; nas simpatias e antipatias; nas aproximações e distanciamentos; nas

confraternizações e desentendimentos que se verificam entre elas. São também nesses momentos dos encontros, mediados pelas trocas, que aprendem e também ensinam.

A produção da pesquisa além de seu valor acadêmico, trouxe a mim, como pesquisadora e mulher o sentimento da realização, mesmo com limitações e lacunas que se tornaram visíveis à medida que o texto foi sendo escrito. Contudo, o percurso da investigação constituiu-se em descobertas e aprendizagens significativas. Nem todas felizes e agradáveis, mas sem exceção, todas elas reveladoras de grande significado. A experiência, categoria central, foi se revelando simultaneamente ao longo da pesquisa empírica através daquelas mulheres de Ipatinga, como também se revelando à mim como pesquisadora e mulher nesse processo. Permitiu-me perceber não apenas o caminho que a pesquisa tomava, mas também aquele trilhado por mim ao longo desse percurso.

No processo de seu desenvolvimento, árduo e trabalhoso, mas principalmente revelador e rico, os encontros junto às mulheres informantes que relataram a história e o percurso dos Grupos de Mulheres de Ipatinga muito contribuíram para a reconstituição das histórias construídas também por elas. Do mesmo modo, junto às Mulheres do Bethânia os encontros se configuraram em novos desafios, descobertas, reelaborações não apenas para elas, mas também para mim acerca de concepções já formuladas.

De forma análoga aos processos de construção e produção acadêmicas sobre a História das Mulheres e as relações de gênero marcadas por contradições, avanços e recuos, sabemos que também a produção dessa pesquisa que envolve a História das Mulheres de Ipatinga não se fará de forma linear. Importante que ela tenha um início, se consolide na realização de outras pesquisas e possa revelar a seu papel na história da região, do município e principalmente, possa colocar em evidência o papel das inúmeras ações anônimas, coletivas e/ou individuais produzidas por essas mulheres, autoras de suas próprias histórias, que vão ajudando a escrever a História das Mulheres no Brasil.

Sei que o registro da riqueza e grandeza da realidade percebida nos momentos dos encontros mediadas pelas situações de cumplicidades, afetos, solidariedade, conflitos e estranhamentos retratam uma pequena parcela da imensidão dos sentidos que povoam

essas experiências. Entretanto, julgo importante, registrá-las mesmo assim, consciente das limitações que essa produção carrega.

Ao término fica ainda a certeza de que outros registros faltaram ser realizadas. Não se pode desconsiderar, entretanto, que nesse percurso de forma gradativa se revelou a melhor forma encontrada, mesmo que incompleta, de conseguir ser porta voz de tantas vozes.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

Cadernos de ATAS. Reuniões da Associação de Mulheres do Bairro Bethânia. Ipatinga, 1978 a 1980, 1984 a 1987, 1987 a 1991, 1992 a 2000, 2000 a 2007.

PMI: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Projeto: Resgate da história da comunidade São Jorge. Relatos dos frades e dos movimentos da comunidade. 1998

PMI: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Secretaria Municipal de Planejamento Departamento de Planejamentos. Bairros de Ipatinga. Estrutura urbana. Março de 1994

Revista Metrópole 29/01/2006 A linha que conecta as mulheres Maristela Tesseroli

ENTREVISTAS

Adriana – 18 de setembro de 2007 em Ipatinga

Beth – 17 de agosto de 2007 em Ipatinga

Silvia – 04 de junho de 2007 em Ipatinga

Vânia – 13 de novembro de 2007 em Ipatinga

Vera- – 03 de junho de 2007 em Ipatinga

Sara – 25 de novembro de 2007 em Ipatinga

Ana – 04 de junho de 2008 em Ipatinga

Carmem – 04 de junho de 2008 em Ipatinga

Dirce – 04 de junho de 2008 em Ipatinga

Dora – 12 de junho de 2008 em Ipatinga

Ione – 18 de junho de 2008 em Ipatinga

Lia – 18 de junho de 2008 em Ipatinga

Mara – 03 de junho de 2008 em Ipatinga

Rosa – 25 de junho de 2008 em Ipatinga
Ruth – 18 de junho de 2008 em Ipatinga
Soraya – 12 de junho de 2008 em Ipatinga

FONTES IMAGÉTICAS

Fotos das Mulheres da AMBB – Arquivo: Associação das Mulheres do Bairro Bethânia.

Foto do canteiro de obras da USIMINAS. PORTAL DO CIDADÃO: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Disponível em <http://www.ipatinga.mg.gov.br>

Foto da USIMINAS, Parque Florestal e Centro da cidade de Ipatinga. PORTAL DO CIDADÃO: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Disponível em <http://www.ipatinga.mg.gov.br>

Gráfico: Renda Média Mensal em Reais (bairros de Ipatinga - 2000). IBGE, Censo de 2000.

Mapas da cidade de Ipatinga – MG. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico de 2000. www.ibge.gov.br

FONTES JORNALÍSTICAS

Jornal Diário do Aço da cidade de Ipatinga: Ipatinga ano 20: 28 de abril de 1984

Jornal Diário do Aço da cidade de Ipatinga. Ipatinga transforma 23 assentamentos subnormais.1999

Jornal Diário do Aço da cidade de Ipatinga. Caderno Especial. pág. 04. 28 de agosto de 2003

Jornal Diário Popular da cidade de Ipatinga. Um século de História – 1999.

Jornal Diário Popular da cidade de Ipatinga. Coluna História, Década de setenta. Bairro Bethânia I. Artigo de 6 de janeiro de 2008.

Jornal Diário Popular da cidade de Ipatinga. Coluna História, Década de oitenta. Bairro Bethânia I. Artigo de 11 de novembro de 2008.

Jornal Diário Popular da cidade de Ipatinga. Coluna História, Década de setenta pág. 2. Bairro Bethânia I. Artigo de 24 de fevereiro de 2008.

Jornal Diário Popular da cidade de Ipatinga. Coluna História, Década de oitenta. pág. 2. Bairro Bethânia II.

O Estado de São Paulo. Caderno Aliás. 04/03/2007.

FONTES DA INTERNET

ABDUCH CHAF. Grupos Operativos com Adolescentes. Cadernos Juventude Saúde e Desenvolvimento, v. 1. Brasília, DF. 1999. Disponível em: <http://www.adolec.br/bvs/adolec/P/cadernos/capitulo/cap28/>

PERROT, Michele. História das mulheres e relações de gênero: debatendo algumas questões. Revista eletrônica. Disponível em: <http://www.comciencia.com> 1997.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo demográfico de 2000. www.ibge.gov.br

PERROT, Michele. Disponível em: www.france.diplomate.gouv.fr/label-france-2000

PORTAL DO CIDADÃO: Prefeitura Municipal de Ipatinga. Disponível em <http://www.ipatinga.mg.gov.br>

RICHELIEU: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp> (12/12/2008)

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp> (27/08/2005)

<http://artesanatobrasil.net>

artesanato-ponto-cruz/a-historia-do-bordado-saiba-onde-tudocomecou

<http://www.artigonal.com/tecnologia-artigos/historia-do-bordado>

<http://www.tecendonossahistoria.org.br>

<http://diariodonordeste.globo.com/materia>

<http://www.escoladebordado.com.br/historia.htm>

<http://leealbrecht.blogspot.com/>

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE MINAS
GERAIS – SEDRU – www.urbano.gov.mg

REVISTA

Ipatinga: Com você. Por você. Revista informativa da Prefeitura do Município de Ipatinga – junho de 2004. p.30.

Ipatinga: Vida melhor para todos: Projeto Novo Centro, Viver Melhor/Habitar Brasil/BID e Melhor Cidade são apontados como referência nacionais e proporcionam aos moradores de Ipatinga infraestrutura urbana, investimentos sociais e qualidade de vida Revista Ipatinga – 2002. p. 24.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALGRANTI Leila. Honradas e Devotas: mulheres da colônia. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/Edunb 1993.

ALONSO, Graciela e DÍAZ Raul. Hacia una pedagogía de las experiencias de las mujeres. Colección Educación, crítica & debate. Director Pablo Gentili. Editora Mino y Dávila. Argentina, junio 2002.

ALCÂNTARA JÚNIOR José O conceito de sociabilidade em Georg Simmel. Revista Ciências Humanas em Revista - São Luís, V. 3, n.2, dezembro 2005.

AMORIM, Marina Alves. Combates pela História: a guerra dos sexos, a historiografia. Cadernos Pagu, Campinas, n.20, 2003.

ARROYO, Miguel González. Pedagogias em movimento – o que temos a aprender com os movimentos sociais? Texto apresentado na ANPED, [s.d.e.]

ARROYO, Miguel Gonzáles. Educação e exclusão da cidadania. 5ed. In: BUFFA, Éster; ARROYO, Miguel; NOSELLA, Paolo (Org.). Educação e cidadania: quem educa o cidadão? São Paulo: Cortez, 1995. p. 31-80.

ARROYO, Miguel. Trabalho – Educação e teoria pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998.

BARBIERI, Mirta Ana. Trayectorias Femeninas y Testimonios de Vida. VIII Jornada de História de las mujeres e III Congreso Ibero-americano de Estudios de Género. Universidade Nacional de Córdoba. Argentina. Octubre, 2006.

BARBOSA, Viviane de Oliveira. A caminho dos babaçuais. Gênero e Imaginário no cotidiano de trabalhadores rurais no Maranhão. In: Woortmann Ellen F.

HEREDIA, Beatriz. MENASHEELLEN, Renata. (Orgs). Margarida Alves: coletânea sobre Estudos rurais e gênero. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília: 2006.

BARROS, José D'Assunção. O campo da história: Especialidades e Abordagens. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

BARRETO, José Carlos. Pichon Rivière e Paulo Freire. In: INSTITUTO PICHON-RIVIÈRE. O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière. Petrópolis: Vozes, 1991.

BELLINI, Lígia. A coisa obscura: mulher, sodomia e inquisição no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A questão política da educação popular. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. O que é Educação? 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRITO, Maria Noemi Castilho Gênero e Cidadania: referenciais analíticos. Revista Estudos Feministas, volume 09, nº. 01. Florianópolis 2001.

BRUSCHINI, Cristina e COSTA, Albertina (org.). Uma questão de Gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

BUFFA, Silvina. Encuentro con otras como experiencia de construcción de subjetividades. VIII Jornada de História de las mujeres e III Congreso Iberoamericano de Estudios de Gênero. Octubre. Universidad Nacional de Córdoba. Argentina, 2006.

BURKE, Peter. A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989. São Paulo: UNESP, 1992.

_____. O que é história cultural? Tradução: Sergio Góes Paula.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CASTRO, Hebe. História Social. In CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CATANI, Denise et al. Docência Memória e Gênero: Estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras Editora, 1997.

_____. Os homens e o magistério: as vozes masculinas nas narrativas de formação. In: BUENO, Belmira et al. (orgs). A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo : Escrituras, 1998: p.45-64.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano. Vol. 2 São Paulo: Vozes, 2000.

CHAMON, Magda. Trajetória de Feminização do Magistério: Ambigüidades e conflitos. Belo Horizonte: Autêntica/ Faculdade de Ciências Humanas FUMEC, 2005.

CHAGAS, Cláudia Regina Ribeiro Pinheiro das. Memórias bordadas nos cotidianos e nos currículos. Dissertação de Mestrado. Centro de Educação e Humanidades. Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007.

CERESANI, Viviana. DARI Nora Liliana. Genero y liderazgo en las organizaciones sociales. Centro de Derechos Humanos Emilio Mignone. Universidad Nacional de Quilmas – Argentina.

COELHO, Bruno Simões. Turismo no Brasil e suas potencialidades: uma análise exploratória do processo de integração e implicações sobre a qualidade de vida – Ipatinga, Minas Gerais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2005.

COUTO, Márcia Thereza. Na trilha do gênero: pentecostalismo e CEB's. Revista Estudos Feministas. Florianópolis : 2002, vol.10, n.2, pp. 357-369.

COUTO, Márcia Thereza. O significado da ação política feminina nos anos 90: Uma análise do grupo de mães do alto da favela. Fundação Joaquim Nabuco, Pernambuco, 2006.

COSTA, Albertina de Oliveira. BRUSCHINI, Cristina (orgs). Uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 9-14.

COSTA, Suely Gomes. História e Gênero. In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. Ensino de História.conceitos temáticas e metodologia.Rio de Janeiro: FAPERJ/Casa da Palavra.2003.

DEL PRIORI, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos César de. Historiografia brasileira em perspectiva. São Paulo: Contexto, 1998.

_____. (org.). História das Mulheres no Brasil. 2ed. São Paulo: Contexto, 2000.

Da Matta, Roberto O que faz o brasil, Brasil? Rio de Janeiro, Rocco. _1999

DEMARTINI, Zélia de Brito, ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Cortez, n°. 86, ago., 1993, p.5-14.

DUARTE, João Carlos. A Ação Política do Grupo Ferramenta na década de oitenta em Ipatinga.” Dissertação de Mestrado em História Social.. Universidade Severino Sombra. Vassouras, Rio de Janeiro: Novembro de 2007.

FEITOSA, Débora Alves. Comigo ninguém pode: um modo de compreender as relações de gênero nas classes populares. VII Seminário Fazendo Gênero. Florianópolis/Santa Catarina. Agosto 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e história social. Revista Projeto História, São Paulo: Educo, n°. quatro, jun. 1984.

FISCHER Maria Clara Bueno . ZIEBELL, Clair Ribeiro. Saberes da experiência e o protagonismo das mulheres: construindo e desconstruindo relações entre esferas da produção e da reprodução. IN: PICANÇO, Iraci e TIRIBA, Lia. (orgs.) Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

FONTANA, Josep. História: análise do passado e projeto social. Editora da Universidade do Sagrado Coração. Bauru, São Paulo, 1998.

FOUCAUT, Michel. Vigiar e Punir. 39ª ed. Petrópolis, Vozes, 2004, p. 33-61

FREIRE, Madalena. O que é o grupo? In:GROSSI, Esther Pillar; BORDIN, Jussara; FREIRE, Madalena. Paixão de aprender. 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FREIRE, Paulo. Política e Educação. Editora Cortez, 2ª edição. São Paulo, 1995.

_____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação crise do trabalho assalariado e do desenvolvimento: teorias em conflito. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998.

GARCIA, Lígia Diniz. Viver em Ipatinga: olhares de cidadãos-cidadãos se fazendo na cidade (1958 -1992). Dissertação de mestrado Faculdade de Ciências Sociais e Humanas Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: 1998.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

GODELIER, Maurice. O enigma da dádiva. Edições 70, Portugal: 2007.

GOFFMAN, Erving.“As características das instituições totais”. In: Manicômios, prisões e conventos. (Trad. Dante Moreira Leite).São Paulo: Perspectiva, 1974, p.13-108.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais e educação. 5ed. São Paulo: Cortez, 1992

_____. História dos movimentos e lutas sociais. São Paulo: Ed. Loyola, 1995.

_____. O protagonismo da sociedade civil: movimentos sociais, ONG e redes solidárias. São Paulo: Cortez, 2005.

GONÇALVES, Andréa Lisly. História e gênero Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GONZÁLEZ Garcia, Martina Maria Eudisia. *Recomposição da Vida Religiosa: Estudo das relações entre indivíduo e comunidade em congregações femininas*. Pontifícia Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado. São Paulo: 2006.

HEILBORN, Maria Luiza. Usos e Abusos da Categoria de Gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.) *Y Nosotras latinoamericanas? estudos sobre Gênero e raça*?. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 1992, p. 39-44.

HOBBSAWM, Eric. *Sobre história*. Editora Companhia das Letras. São Paulo, SP, 1998.

INSTITUTO PICHON-RIVIÈRE. *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière*. Petrópolis: Vozes, 1991.

HEILBORN, Maria Luiza. USOS E ABUSOS DA CATEGORIA DE GÊNERO. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.) *Y Nosotras latinoamericanas? Estudos sobre Gênero e raça*?. São Paulo, Fundação Memorial da América Latina, 1992, p. 39-44.

_____. GÊNERO: UMA BREVE INTRODUÇÃO. IN: *Gênero e Desenvolvimento Institucional em ONGs- Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas*, IBAM, 1995.

KODJA, Gisela. *Bordadeiras do Morro São Bento: memória, trabalho e identidade* Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de São Paulo. SÃO PAULO:2004.

LANNA, Marcos. (2000), “Nota sobre Marcel Mauss e o Ensaio sobre a dádiva”. *Revista de Sociologia Política*, nº. 14, p 173-194, Curitiba.2000

LARROSA Jorge. *Experiência e Paixão*. In: *Linguagem e Educação depois de Babel*. Belo Horizonte: Autêntica 2004. p.151-165.

LESBAUPIN, Ivo; RIBEIRO Lúcia; FIORIN Névio; RODRIGUES Solange. *Revistando as CEB's: Um estudo no Rio de Janeiro e em Minas Gerais*. ISER Assessoria religião cidadania e Democracia, 2003.

LOBO, Elizabeth. O gênero da representação: movimento de mulheres e representação política no Brasil(1980-1990). Congresso Internacional da ANPUH, 1991.

_____. A classe operária tem dois sexos. São Paulo, Brasiliense 1991.

LOMBARDI, Sheila et. al. Relações de Gênero e Movimentos Sociais: o caso da Crabi.VIII Jornada de História de lãs mujeres e III Congresso Iberoamericano de Estúdios de Gênero. Outubro.Universidade Nacional de Córdoba. Argentina, 2006

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: . Del PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto Ed. UNESP, 1997, p.443-481.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. quatro ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

LOMBARDI, Sheila et. al. Relações de Gênero e Movimentos Sociais: o caso da Crabi.VIII Jornada de História de lãs mujeres e III Congresso Iberoamericano de Estúdios de Gênero. Outubro.Universidade Nacional de Córdoba. Argentina, 2006.

LUFT, Lia . O rio do meio. São Paulo: 1998, p.71-81.

MACHADO, Maria das Dores C. e MARIZ, Cecília. Mulheres e prática religiosa nas classes populares: uma comparação entre as Igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos. in Revista Brasileira de Ciências Sociais vol. 12 nº. 34 junho/97, ps. 71-87.

MARX, Karl. "Processo de Trabalho e Processo de Valorização". Capítulo V, Vol. I, In: O Capital. Coleção Os Economistas. 2a. ed. São Paulo: ed. Nova Cultural, 1985. p. 149-163.

MATOS, Maria Izilda de. SOIETH, Rachel (org.). O corpo feminino em debate. São Paulo: Unesp, 2003.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. São Paulo, Cosac Naify, 2003.

MIRANDA, Glaura Vasques de, FILGUEIRAS, Cristina Almeida Cunha; Coser, Silvana Maria Leal. Movimento de Mulheres. In: POMPERMAYER, Malor; José. (org.)

Movimentos Sociais em Minas Gerais: Emergência e perspectivas, Inoveitose, BH: UFMG 1987.

MORAES, Márcia. Ser humana: quando a mulher está em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MORAIS FILHO. Evaristo de. Georg, Simmel . São Paulo: Ática, 1983.

MONTENEGRO, Thereza. Diferenças de gênero e desenvolvimento moral das mulheres. Revista Estudos Feministas, vol. 11, nº. 2 Florianópolis: jul./dez 2003.

MORGADE, Graciela. Hacia Una Pedagógica de Las Experiencias de Las Mujeres. VIII Jornada de História de las mujeres e III Congreso Iberoamericano de Estudios de Genero. Universidad Nacional de Córdoba. Argentina. Octubre. 2006.

MOTA, Maria Dolores de Brito. Margaridas nas ruas: as mulheres trabalhadoras rurais como categoria política. In: Woortmann Ellen F. HEREDIA, Beatriz. MENASHEELLEN, Renata. (Orgs). Margarida Alves: coletânea sobre Estudos rurais e gênero. Ministério do Desenvolvimento Agrário, Brasília: 2006. p. 339 - 353.

PEDRO, Joana Maria. Michele Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v11, nº2, 2003.

PERROT, Michele. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 3ª.edição Paz e Terra, 2001.

PERROT, Michele. As Mulheres e os Silêncios da História. Tradução: RIBEIRO, Viviane. Bauru- São Paulo: EDUSC, 2005.

PERROT, Michele. Minha História das Mulheres. Tradução CÔRREA, Ângela M.S. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Caçadora de Memórias Femininas. Entrevista publicada. Jornal “O Estado de São Paulo”. Complemento: Caderno Aliás. 4/03/2007b

PERROT, Michele & DUBY, Georges. Escrever a História das mulheres. In: História das Mulheres no Ocidente. Vol. I Tradução Alberto Couto et al. São Paulo: EBRADIL, 1990.

PIÇANÇO, Iraci e TIRIBA, Lia. (ORG.) Trabalho e Educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular solidária. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras, 2005.

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. O processo grupal. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

POMPERMAYER, Malori; José. (org.) Movimentos Sociais em Minas Gerais: Emergência e perspectivas, 1987, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais 1987.

PORTELLA Marilene Rodrigues. A Utopia do envelhecer saudável nas ações coletivas dos grupos da Terceira idade: canais de aprendizagem para a construção da cidadania. Tese Doutorado em Enfermagem. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Setembro 2002.

RAGO, Margareth. Os feminismos no Brasil: dos “anos de chumbo” a era global. Revista Estudos Feministas Florianópolis: número 3, janeiro/julho 2003.

REIS, José Carlos. A história entre a filosofia e a ciência. São Paulo: Editora Ática, 1996.

ROCHA, Maria José et al. Os movimentos sociais e seu papel educativo. In: BRZEZINSKI, Iria (org). Profissão Professor. Brasília: 2002.

RODRIGUES, Aroldo. A psicologia social dos grupos. In: RODRIGUES, Aroldo. Psicologia social para principiantes. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 142-153.

RUEDA, Lenira. NAHAS, Antônio Júnior (coords.). Homens em série: a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1992. 2V

SÁ, Ana Maria Carvalho de Miranda. Entre santos, coroas e fitas: a tradição por um fio: o congado em Ipatinga – século XIX até a atualidade. Dissertação de mestrado em

História Social. Universidade Severino Sombra. Vassouras, Rio de Janeiro: novembro de 2006.

SABOURIN Eric. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. Revista Brasileira de Ciências Sociais. vol. 23, nº66, fevereiro/2008

SADER, Eder. Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores das Grandes cidades 2ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

SAFFIOTI, Heleieth. FERRANTE Vera Da casa para a "rua": A caminhada das mulheres bóias-frias. Revista Perspectivas, São Paulo. 1985.

SAWAIA, Bader Burihan Ibitinga: suas práticas econômicas e representações sociais. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.1981

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade. n. 16s. Porto Alegre, jul./dez. 1990. p. 5-22

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: Burke, Peter (Org.). A escrita da História: novas perspectivas. 3ª reimpressão. São Paulo: UNESP, 1999. p. 63-95.

_____. Prefácio à Gender and Politics of History. Campinas: Cadernos Pagu, nº 03, 1994:11-27.

SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

SENNETT, Richard. A corrosão do caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Tradução Marcos Santarrita. – 10º edição – Rio de Janeiro: Record, 2005.

SILVA, Luiz Antonio da. Educação popular e lutas sociais no campo: Experiências Educativas entre os Assalariados Rurais no Interior Paulista nos anos oitenta. Dissertação de Mestrado Araraquara São Paulo: FCL – UNESP, 1999.

SILVA, Luiz Antonio da. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. As coisas fora do lugar: gênero e o potencial de programas de geração de emprego e renda. In: Perspectivas de Gênero: debates e questões para as ONGs. Recife: GT Gênero. Plataforma de Contrapartes Novib / SOS Corpo Gênero e Cidadania, 2002. Obra coletiva. 192p.

SIMMEL, Georg. A Sociabilidade: um exemplo de sociologia plural ou formal. In: MORAIS FILHO, Evaristo de. Georg, Simmel. São Paulo: Ática, 1983, p.165 - 189

SINGER, Paul. Economia solidária: geração de renda e alternativa ao liberalismo. In: Revista Proposta nº. 72, Rio de Janeiro: FASE, 2005.

SOIHET, Rachel. "História das Mulheres". In: CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. Enfoques feministas e a História: Desafios e perspectivas. p.. 55 : 82. In: Gênero em Debate: trajetórias e perspectivas na Historiografia contemporânea. São Paulo: Educ., 1997b

_____. Sutileza, Ironia e Zombaria: instrumentos de descrédito das lutas das Mulheres para emancipação. Revista Estudos Feministas Santa Catarina: nº. quatro, agosto/dezembro, 2003.

_____. Construindo novos espaços na sociedade: o embate das mulheres com a misoginia. [Rio de Janeiro ANPUH.org /Anais/2004](http://Rio.de.Janeiro.ANPUH.org/Anais/2004).

SOIHET, Rachel e Joana Maria Pedro. A emergência da pesquisa da história da História das Mulheres e das Relações de Gênero. Revista Brasileira de História. São Paulo: v. 27 .2008

TILLY, Louise A. Gênero história das mulheres e história social. Cadernos Pagu, Campinas: nº. 03, 1994:29-62.

TIRIBA, Lia Vargas. Economia popular e produção de uma cultura do trabalho: contradições e desafios frente à crise do trabalho assalariado. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, Edward Paul. Experiência: o termo ausente, In: A Miséria da Teoria ou um Planetário de Erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. A Árvore da Liberdade. In: A Formação da Classe Operária Inglesa. 4ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1º. Vol., 2004.

TOMÉ, Geruza de Fátima. O mito da “revolução silenciosa” - Programa Nacional de Economia Solidária: uma análise crítica das práticas de autogestão no Brasil em pequenos empreendimentos populares. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista, Unesp, Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara, São Paulo: 2008.

TORRES, Tércia Zavaglia. Práticas sociais, processos educativos e a transformação da realidade: relato de uma experiência. Universidade Paulista. 2008

TULER, Marilene. O Massacre de Ipatinga: Mitos e verdades. 2007.

TULER, Marilene. Década de setenta: Bairro Bethânia I. Jornal Diário Popular da cidade de Ipatinga. Coluna História, 24 de fevereiro de 2008.

TULER, Marilene. Década de Oitenta: Bairro Bethânia II. Jornal Diário Popular da cidade de Ipatinga. Coluna História, 11 de novembro de 2008. de 2008A.

VARIKÁS, Eleni. Gênero, experiência e subjetividade: a propósito do desacordo Tilly-Scott. Cadernos Pagu, Campinas: nº. 03, 1994:63-84.

VASCONCELOS, Maria da Conceição Almeida. Além da Geração de Trabalho e Renda: economia solidária e participação de cooperados/associados em Sergipe. Tese de Doutorado em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: 2007.

VÉRAS, Roberto. Notas sobre educação participativa em um contexto de mudança social. In: GARCIA, Regina Leite (org.). Aprendendo com os movimentos sociais. Rio de Janeiro: DP& A, 2000.

WOLFF, Cristina Scheibe et al. Escrevendo a História no Feminino. Revistas Estudos Feministas. Volume 13. nº. 3. Florianópolis. Setembro/dezembro. 2005.

ANEXO A

Cronologia do surgimento dos Grupos de Mulheres de Ipatinga

1978	Associação de Mulheres do Bairro Bethânia
1982	Clube de Mães Amizade Associação de Mulheres Amor e Paz
1985	Clube de Mães Irmã Dulce Grupo A Mulher na Luta pelos Direitos na Comunidade
1986	Clube da Amizade Nossa Senhora da Esperança
1990	Grupo Assistencial de Mulheres Maria Pereira da Silva Clube de Mães da APAE
1992	Centro Comunitário São Francisco de Assis Movimento da Terceira Idade Clube de Mães Estrela Dalva Associação de Mulheres do Bairro Bom Jardim Grupo de Mães Sol do Amanhã Casa das Meninas
1995	Grupo de Mulheres Maria, Maria
1997	Grupo de Mulheres do Grupo de apoio aos Soropositivos, GASP
2000	Cooperativa Marimassas(2000)
2000	Clube de Mães Irmã Francisca Grupo de Mulheres Mãos que Criam
2001	Associação de Apoio a Mulher, Dignidade e Cidadania – ASSAMDICI
2001	Grupo SOL – ART
2001	Grupo de Mulheres do Bairro Tiradentes
2001	Projeto Videiras Grupo de Mulheres Unidas para Vencer Grupo de Mulheres Mais Grupo de Mulheres Santa Clara de Assis
2002	Grupo de Mulheres Grupo Se Toque Conselho da Mulher Empreendedora Grupo de Mulheres Despertando Artes Grupo de Mulheres Lírios do Vale Grupo de Mulheres Fazendo Artes
2003	Grupo de Mulheres Encontrar-te Grupo de Mulheres Unidas Somos Mais Grupo de Mulheres Artes e Ideais Grupo de Mulheres Brilhantes
2004	Grupo de Mulheres Artes Mais Grupo de Mulheres Amigas Grupo de Mulheres Alfas - da Unidade de Saúde do Limoeiro

ANEXO B :
CRONOLOGIA DE IPATINGA

- 01/08/1922** **Inauguração da Estrada de Ferro Vitória**
- 25/05/1950** **Criação do Distrito de Barra Alegre.**
- 1951** **Desativada a Estação Ipatinga (atual estação Memória).**
- 12/12/1953** **Criação do Distrito de Ipatinga, pertencendo ao Município de Coronel Fabriciano, através da Lei Estadual 1.039.**
- 25/04/1956** **Constituição legal da Usiminas.**
- 1960** **Surgem os inúmeros loteamentos na cidade. A explosão**

demográfica exigia da empresa a construção de seus bairros.

- 26/10/1962 Inauguração da Usina Intendente Câmara – USIMINAS.
- 07/10/1963 Mobilização de Ipatinga. Diferenças entre os operários da Usiminas e Ipatinga Militar, que reclamavam de más condições de vida e trabalho, tendo, como saldo, vários mortos e feridos.
- 15/04/1984 Inauguração do Aterro Sanitário de Ipatinga.
- 03/03/1990 Privatização da Usiminas
- 24/10/1991 Emancipação Política
- 28/04/1964 Inauguração das obras do "Projeto Novo Centro"
- 27/04/1997 Fundação do Sindicato dos Metalúrgicos de Ipatinga – SINDIPA
- 01/05/1965 Inauguração do Shopping do Vale do Aço e do Centro Cultural
- 24/09/1998 O prefeito, Jacel Salim de Sollen, é destituído do poder e é nomeado o interventor Almir Ribeiro Tavares para administrar Ipatinga.
- 15/01/1969 Lei Complementar 51 – Institui a Região Metropolitana do Vale do Aço.
- 30/12/1998 Instalação da Associação dos Municípios do Vale do Aço – AMVA.
- 02/07/1974 Fundação do "Clube de Mães" do Bairro Bathânia
- 13/09/2003 Encontro Movimento de Mulheres de Ipatinga
- 02/02/2005 Gerardo Quintão, eleito prefeito do município de Ipatinga, toma posse
- 2005 causando prejuízos para a infra-estrutura urbana da cidade.
- 26/01/1982 Inauguração da primeira creche de Ipatinga: Creche Mãe Dolores.

Sábado, 8 de março de 2008

CIDADES

Trinta anos valorizando a mulher

ANEXO C:

DIÁRIO DO AÇO

Associação de Mulheres o bairro Bethânia busca espaço próprio

Roberto Sôlha

IPATINGA - Em Ipatinga mais de 40 entidades representam os interesses das mulheres, que assim podem recorrer as associações voltadas a diferentes propósitos. Todo esse aparato

busca o objetivo de garantir melhores condições para as mulheres se estabelecerem nas diversas esferas da sociedade de maneira igualitária. No entanto, apesar dos avanços

alcançados ao longo dos anos, alguns - problemas ainda persistem no que se refere à estrutura de grande parte dessas entidades. Recursos financeiros e materiais para ampliar dessas entidades. No contexto municipal, o exemplo da “Associação Mulheres do Bethânia”, ilustra uma situação de luta para se firmar em termos de referência para a comunidade do bairro. Estabelecida 30 anos atrás por donas de casa de Governador Valadares que vieram residir em Ipatinga, a associação mudou seu foco de atuação no decorrer dos anos, mas passa ainda por dificuldades que a impedem de expandir suas atividades para um atendimento mais amplo. Conforme a coordenadora da entidade, Zilda Teixeira Fagundes, atualmente cerca de 30 mulheres integram o grupo, que se reúne sempre às quartas-feiras, das 14h às 16h, no salão comunitário da igreja São Jorge. Em função de não possuírem um espaço o próprio, as atividades desenvolvidas durante as reuniões sofrem restrições, uma vez que o salão é utilizado para outras atividades. “No início, muitas pessoas acreditavam que a entidade possuía vínculo com a igreja, que cedia um salão para nossas reuniões. Essa associação também era feita porque a entidade tinha o nome de ‘Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida’. Em 1992 achamos melhor dar outro nome ao grupo, que passou a se chamar Associação de Mulheres do Bethânia”, conta Zilda. Em 1994, a associação foi reconhecida de utilidade pública e passou a buscar o apoio de empresários e do poder público para conseguir recursos financeiros e materiais para ampliar o seu trabalho. “No entanto, até hoje não obtivemos nenhum retorno satisfatório que atendessem a seqüência de nossos trabalhos. Em algumas ocasiões ao longo de nossa história, tivemos ajuda do poder público, mas atualmente a entidade se mantém com a venda dos materiais que produz através dos trabalhos manuais. São eventos bastante esparsos e metade do que é vendido é revertido para a associação”,

explica Zilda.

Aprendizado

Segundo a vice-coordenadora da entidade, Margareth Martins dos Santos, no passado a associação chegou a oferecer diversas modalidades de trabalhos manuais proporcionando às suas integrantes aulas de bordados, ponto cruz, crochê, pinturas, trabalhos com barbante e couro, entre outros cursos. “Hoje, ficamos restritas às confraternizações tradicionais e as aulas de bordado, porque não dispomos de máquinas de costura e equipamentos para oferecer mais modalidades”. Para que isso aconteça, é inevitável que tenhamos um local e uma estrutura para atingir mais mulheres do bairro. O nosso objetivo sempre foi permitir que as donas de casa tenham a opção de aprender a desenvolver seus talentos e evitar que elas fiquem ociosas. “Também sempre trabalhamos para dar atenção ao lado emocional das integrantes, de modo que elas compartilhem seus problemas e dialoguem em grupo”, informa Margareth. A associação sempre promove palestras com profissionais da saúde, estudantes universitários, em eventos abertos para toda a comunidade. Na avaliação de uma das integrantes mais antigas, Amélia Emília Ferreira, a influência do grupo foi essencial para o surgimento de outras entidades de mulheres em Ipatinga. Sua mãe, Minervina Leonora da Silva foi uma das fundadoras da associação e ainda hoje participa das atividades do grupo. Interessante é que no próprio Bethânia foram aparecendo outras entidades de mulheres das várias comunidades do bairro. “No entanto, a associação de Mulheres do Bethânia, cuja trajetória está ligada diretamente à construção do bairro e faz parte da história de Ipatinga, ainda não obteve o reconhecimento que merecia, uma vez, que carece de sua estrutura”, diz. Para os interessados em conhecer o trabalho ou ajudar a Associação, o telefone da entidade é 38262746

ANEXO D

GLOSSÁRIO

A jour - a expressão francesa a jour significa "claridade" ou "aquilo que deixa passar a luz". Por meio de pontos específicos, o bordado introduz aberturas e orifícios no tecido que criarão desenhos de diferentes tipos. Cada país ou região acabou por criar seus próprios desenhos surgindo, assim, o a jour americano, dinamarquês, norueguês e italiano. Alguns desenhos são tão complexos e sofisticados que acabam se aproximando da renda.

Assis - técnica que tem sua origem na cidade italiana de Assis. Muito utilizada na confecção de peças sacras, esta técnica é uma variação do ponto cruz. A diferença está no fundo do trabalho, que é preenchido e faz com que o desenho central apareça delineado pelos contornos.

Blackwork - arte embasada em formas geométricas. Foi Catarina de Aragão, mulher de Henrique VIII, quem deu ao blackwork um caráter popular e não mais sacro como aconteceu até o século XVI. Originalmente, o bordado era feito sobre um linho branco com fios de seda pretos, entremeados com fios de ouro.

Étamine: Tecido confeccionado à semelhança de uma tela, usado para bordar o ponto cruz. O linho é um tipo de tecido muito utilizado para a confecção do bordado em étamine. Borda-se pano de prato, toalha de banho, cama, jogo americano, passadeira.

Cadeinha/Ponto Corrente: O ponto cadeia, também conhecido como corrente, é um ponto bem decorativo. Meio gordinho, é ideal para se fazer linhas mais grossas em seus desenhos de bordado. Uma boa maneira de treinar este ponto (e todos os

outros) é acompanhar os desenhos de flores de um pedaço de chita! Fica lindo e te dá um bom controle em curvas!

Hardanger: Bordado feito na tela, tendo os tipos de tecidos: Popeline, Oxford, Sacaria (saco alvejado) como os mais utilizados. Elaborado com pequenos vazados, quadrados e formas geométricas, o hardanger segue a trama do tecido. É trabalhado com quatro fios, tanto na vertical quanto na horizontal. Caseado, ponto de cetim, ponto de cabo, ilhós, enchimento com fios cruzados e barras tecidas são alguns dos pontos usados nesta técnica.

Macramé: É uma técnica de [tecer fios](#) que não utiliza nenhum tipo de maquinaria ou ferramenta. É uma forma de [tecelagem manual](#). Trabalhando com os dedos, os fios vão se cruzando e ficam presos por [nós](#), formando cruzamentos geométricos, franjas e uma infinidade de formas decorativas. O macramé tem duas formas mais conhecidas de trançado: o ponto "festonê" e o ponto "nó duplo", no primeiro dois fios são usados um esticado e o outro enlaça formando nós, no segundo três fios são usados um esticado no meio e os outros dois enlaçam formando nós.

A palavra *macramé* significa "nó". Há versões que dizem que a palavra vem do árabe, outras do turco, outras ainda do francês. Mais provável é a origem do árabe *migramah*, que significa franja ornamental.

Pattern darning: Culturas de todo o mundo costumavam usar esta técnica de bordado para decorar artigos de roupa e linho de família. O ponto é simples e é conhecido entre as bordadeiras por "ponto de correr", que pode ser feito na horizontal, vertical e diagonal.

Pedrarias: Técnica de bordado que faz uso de miçangas, vidrilhos, canutilhos, paetês, lantejoulas, pérolas e cristais. Registros arqueológicos mostram que as pessoas costumavam fazer uso das pedrarias há mais de cinco mil anos.

Ponto Atrás/Rococó: O ponto atrás é usado para fazer contornos no bordado em ponto cruz, o que realça o bordado, mas também é muito útil para fazer bordados à mão livre.

Ponto Cheio: O ponto corrente básico é usado para contornos e o ponto cheio é feito com uma laçada passando sempre a linha por baixo da ponta da agulha antes de ser puxada. O segundo cobre toda a superfície do desenho com pontos largos, retos e bem juntos. Combinados, estes pontos são ideais para bordar monogramas e motivos florais em peças pequenas do vestuário.

Ponto Cruz: Bordado em tecido (étamine) feito em forma de X com agulha comum e linha específica para o bordado. Os primeiros trabalhos que mostram pontos semelhantes ao ponto cruz foram encontrados por pesquisadores na Ásia Central e datam de cerca de 850 a.C. Mas é no Renascimento que o ponto cruz toma a forma pela qual tornou-se conhecido atualmente. O mouliné é uma das linhas mais utilizadas nesta técnica.

Ponto Nó Francês: Um outro ponto comumente presente nas peças de Ponto Cruz é o Nó Francês. Este pequeno nó permite salientar pequenos pontos do trabalho (olhos, flocos de neve, etc.). No entanto, nem todas as bordadeiras o conseguem bordar corretamente.

Richelieu: Tanto é o nome de um ponto de bordado como um tipo de renda feito através desse bordado. É muito usado para fazer toalhas.

Vagonite: O "vagonite" é um tipo de bordado que se caracteriza pela perfeição dos desenhos, construídos a partir do preenchimento, com ponto cheio, dos espaços desfiados do tecido.

ANEXO E: CRONOLOGIA

Associação de Mulheres do Bairro Bethânia

- 28/06/1978** D. Odília juntamente e outras moradores realizam a primeira reunião do Clube de Mães do Bethânia recebendo o apoio da Igreja Católica - A PMI realiza cursos como os trabalhos em couro e sisal.
- Década de 80:** Apoio da Igreja Católica aos movimentos sociais/populares através das pastorais e das CEB's.
- 1983** Os padres franciscanos chegam à Comunidade e atuam junto ao Clube de Mães.
- 17/09/1980** D. Ruth, atual associada, visita pela primeira vez o grupo e passa a freqüentá-lo, desde então.
- 17/06/1981** D. Odília retorna para Governador Valadares e D. Lucy, continua como presidente.
- 17/06/1982** O Clube de Mães passa a se chamar Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida.
Eleita a nova presidente do grupo, Glória Maria de Castro Martins.
- D. Odília passa todo o material de sua responsabilidade à nova presidente.
- 1990** Os trabalhos manuais confeccionados pelas participantes da AMBB passaram a ser expostos e comercializados em ocasiões próximas às datas comemorativas ou eventos públicos coordenados, na maior parte das vezes, pela Prefeitura Municipal.
- 1992** Lia atual coordenadora da AMBB ingressa no Clube de Mães Nossa Senhora Aparecida como vice-secretária, vindo a se tornar vice-diretora dois meses depois.
- 14/09/1992** Aprovação do Estatuto do grupo, com a denominação de Associação de Mulheres do Bairro Bethânia.
- 23/06/1993** Lia é eleita presidente da Associação e desde então continua na função.
- 1993** -Convênio entre a Associação e a PMI para a realização de Cursos Profissionalizantes
- 1996** - Assinatura do Convênio com a PMI - administração do João Magno
- AMBB passa a receber uma verba para incrementar a produção de trabalhos manuais, e contar com a assistência de uma monitora da PMI.
- O grupo recebe cerca de 65 participantes, ficando vedada a participação

- de novas integrantes diante do grande número de mulheres que já participavam das atividades.
- 1997 Implantação do Projeto Cidadania/PMI.
- Visita do representante do Projeto Habitar Brasil
- Participação das associadas da AMBB na Expo-Minas.
- 1998 Tomada a iniciativa de pesquisar a História da Comunidade São Jorge – História contada em forma de versos escritos por Sr. Nourival.
- 2000 - Reunião na PMI sobre Cooperativa
- 19/04/2000 Votação para o processo de escolha dos Conselheiros Tutelares para o mandato 2000 a 2003
Inauguração do Viaduto da Comunidade
- 2002 Unificação dos grupos de mães formando a Associação de Mulheres de Ipatinga
Visita da PMI com o Projeto Habitar Brasil
- 2003 Inauguração da Delegacia de Mulheres no Iguaçú
Reuniões na PMI com representantes dos grupos de mulheres com o novo título “Movimento de Mulheres de Ipatinga”
Exposição de Artesanato
- 2004 Curso de Macramê
- 2005 Abaixo assinado em prol da aposentadoria das donas de casa.
- 2006 Palestra sobre “Alimentação Alternativa”
- 2007 Visita do representante do “Projeto Fica Vivo”
Inauguração da Loja Empório das Artes
- 2008 Associação de Mulheres do Bairro Bethânia
- 28/06/2008 Comemoração dos 30 anos da Associação

ANEXO F:

ESTATUTO DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES DO BAIRRO BETHÂNIA

CAPÍTULO I

Denominação, Sede, Duração e Fins.

Artigo 1º - A Associação de Mulheres do bairro Bethânia é uma entidade civil sem fins lucrativos, cujo objetivo maior é a formação da mulher, não fazendo distinção de nacionalidade, credo, cor, partido político ou ideologia, às

pessoas que queiram fazer parte de seus quadros.

Artigo 2º - Com sede e foro na cidade de Ipatinga - MG e tempo de duração indeterminado, a Associação atuará na região do bairro Bethânia situado neste município.

Artigo 3º - São suas finalidades:

- a) Garantir a constituição do movimento da mulher preservando sua participação na vida da comunidade;
- b) Incentivar as pessoas a trabalharem para o bem comum visando uma sociedade mais justa;
- c) Promover e realizar seminários, cursos, ciclos de debates, encontros de natureza cultural, educacional, social, política, etc.;
- d) Criar os seguintes grupos, departamentos:

Oficinas artesanais em geral, cultural e político, necessários ao atendimento da Comunidade;
- e) Estimular cursos de aperfeiçoamento profissional, objetivando uma melhor inserção no mercado de trabalho;
- f) Promover a criação de unidades de produção associadas à atividade econômica - social;
- g) Realizar convênios com organismos e entidades/públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras, necessários à execução de suas atividades.

Artigo 9º - É de competência da Assembléia eleger a Coordenação e o Conselho Fiscal, apreciar anualmente o relatório e a prestação de contas da coordenação, aceitar ou destituir membros, modificar o Estatuto, deliberar sobre extinção da Associação e o destino de seu patrimônio, de conformidade com o presente estatuto.

Artigo 10º - A Coordenação será composta por uma coordenadora e uma vice-coordenadora, uma 1ª e 2ª secretária, uma 1ª e 2ª tesoureira, três membros efetivos e três suplentes do Conselho Fiscal, com mandato de 02 anos.

Artigo 11 - É de competência da Coordenação convocar através de edital com 30 dias de antecedência a eleição da Coordenação e do Conselho Fiscal a ser realizada com no mínimo 30 dias de antecedência do término de mandato,

através do voto direto e secreto.

Parágrafo Único - Em caso de vacância de cargo da coordenação assume a sua vice. Para cargos de 1ª secretária e 1ª tesoureira assume as respectivas suplentes. Na sua impossibilidade, o preenchimento deve ser feito através de convocação de Assembléia Geral específica.

Artigo 12º - Compete à Coordenação reunir-se semanalmente, zelar pelo patrimônio e pelas finanças da entidade, cumprir as deliberações da Assembléia Geral, resolver os cargos omissos do presente estatuto, respeitando os princípios da Associação. Os membros da coordenação responderão por atos e omissões que, por dolo ou culpa, causarem prejuízos à Associação.

Artigo 13º - À Coordenadora compete convocar e presidir as reuniões ordinárias e extraordinárias da Assembléia Geral, representar ativa e passivamente, judicial ou extrajudicial a Associação, preservar para que o nome da mesma ou aplicação de quaisquer de seus recursos não se destinem a fins estranhos aos objetivos sociais da entidade.

Artigo 14º - À 1ª Secretária compete secretariar as reuniões ordinárias e extraordinárias da Assembléia Geral, redigir ofícios e comunicações, manter em ordem os arquivos, substituir a vice-coordenadora em seus impedimentos eventuais ou afastamento definitivo.

Artigo 15º - À 1ª Tesoureira compete ter sob sua responsabilidade os valores e bens da entidade, receber e efetuar pagamentos, apresentar balancete financeiro, movimentar com a coordenadora as contas bancárias abertas pela Associação.

Artigo 16º - Compete ao Conselho Fiscal supervisionar os balancetes mensais e o anual da diretoria, dando seu parecer.

Artigo 17º - A Coordenação se reunirá ordinariamente uma vez por mês com o caráter de formação cultural, informativo de discussão, deliberações de problemas comunitários, dentre outros.

CAPÍTULO IV

PATRIMÔNIO

ARTIGO 18º - O patrimônio da instituição será constituído por doações, resultados financeiros de convênios, de transferências das unidades de produção associadas, das subvenções oriundas de organismos e entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras, ajudas diversas de pessoas que se identifiquem com as suas finalidades.

Parágrafo Único - Em caso de dissolução o seu patrimônio será destinado por propostas escolhidas em Assembléia Geral.

CAPÍTULO V

FUNDO SOCIAL

Artigo 19º - A Associação tem como fonte de recursos as rendas provenientes de contribuições espontâneas, ou específicas de subvenções, produtos de campanha financeira, de atividades comerciais e industriais._

CAPÍTULO VI

DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 21º - As integrantes da Associação não respondem, nem mesmo subsidiariamente, pelas obrigações contraídas pela Coordenação.

Artigo 22º - A entidade não remunera os membros da Coordenação pelo exercício de seu cargo, nem efetua distribuições de saldos a qualquer titulo apurados.

Artigo 23º - Este estatuto poderá ser reformado em seu todo ou em parte, por decisão de cinquenta por cento mais um dos associados, mediante convocação de Assembléia Geral.

Artigo 24º - A Associação somente se extingue sob as mesmas condições do artigo 18º.

Artigo 25º - As unidades de produção associadas, a serem criadas pela Associação, não terão autonomia gerencial, administrativa e financeira e funcionarão através de regimento interno elaborado em Assembléia Geral.

Artigo 26º - Este estatuto entra em vigor na data de sua aprovação.